



Universidade Federal do Ceará

Centro de Humanidades

Programa de Pós-Graduação em Linguística

Marcas linguísticas da interpretação psicanalítica

- heterogeneidades enunciativas e construção da referência -

Mariza Angélica Paiva Brito

Fortaleza

2010

Marcas linguísticas da interpretação psicanalítica

- heterogeneidades enunciativas e construção da referência -

Mariza Angélica Paiva Brito

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de **Doutor em Linguística**.

Linha de pesquisa: Práticas Discursivas e Estratégias de Textualização.

Orientadora:

Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Brasil

Fortaleza

2010

Esta tese foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Doutor em Linguística, outorgado pela Universidade Federal do Ceará, e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca de Humanidades da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho desta tese é permitida, desde que seja feita de acordo com as normas científicas.

Tese aprovada em: 26/03/2010.

Mariza Angélica Paiva Brito

Banca Examinadora

Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante - UFC (Orientadora)

Profa. Dra. Maria Hozanete Alves de Lima – UFRN (1ª Examinadora)

Profa. Dra. Silvana Maria Calixto de Lima – UESPI/UFPI (2ª Examinadora)

Profa. Dra. Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin – UFC (3ª Examinadora)

Profa. Dra. Emília Maria Peixoto Farias – UFC (4ª Examinadora)

Profa. Dra. Maria Elias Soares – UFC (Suplente interno)

Profa. Dra. Maria Helenice Araújo Costa – UECE (Suplente externo)

Para a Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante, cúmplice.

AGRADECIMENTOS

À minha família pelo apoio incondicional.

À minha orientadora, Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante, pela competência, dedicação e principalmente pelo tempo que dedicou a esta tese.

À profa. Eulália, pela oportunidade que concedeu à Pós-Graduação de conhecer os grandes teóricos da Linguística.

À profa. Maria Elias, sempre.

À profa. Hozanete, por ter aceitado com tanto carinho e interesse participar da banca.

À profa. Silvana, pela amizade e competência.

Às profas. Margarete, Ana Célia e Emília, pela boa convivência.

À minha amiga Alena, pelas traduções e principalmente pela grande amizade.

Ao meu grande amigo Valdinar, pela generosidade.

Aos meus amigos Suelene, Antenor e Sâmia, pelo carinho inconfundível.

Ao meu amigo Franklin, pela paciência, em tudo.

Às minhas amigas Paloma, Gracy e Natália, pela convivência harmoniosa e feliz.

À minha mais nova amiga Gracinha e ao seu filho Felipe.

Às meninas e ao menino do Prottexto: Jamille, karina, Adriana, Tatiana e Júnior, pelos bons momentos no dia-a-dia.

Ao Grupo de Pesquisa Prottexto, pelas discussões sempre produtivas.

À Letícia Adriana, à Otávia, à Livinha, à Dannytza, à Mirna, minhas amigas.

Ao meu amigo Carlos Magno, único.

Ao Eduardo e à Antônia, pelo pronto atendimento nos momentos de aperreio.

À Capes e ao CNPq, pelo apoio financeiro.

“Você agiu conforme o seu desejo?”
Lacan (1988)

RESUMO

Neste trabalho, tem-se como objetivo analisar, através dos processos interpretativos, as marcas linguísticas do atravessamento do Outro no fio discursivo, tomando como critérios as heterogeneidades definidas por Authier-Revuz (1982) como *constitutiva* e *mostrada*, esta se subdividindo em *mostrada marcada* e *mostrada não-marcada*. Trava-se uma discussão em torno do esquema proposto pela autora, com vistas a repensar a discretização das modalidades de heterogeneidade constitutiva, a saber, a constitutiva, em oposição à mostrada, de modo a incluir fenômenos de natureza não estritamente formal entre os fatos de linguagem tidos como não-marcados, como é o caso do atravessamento do inconsciente no fio discursivo, ampliando, assim, o leque de marcações. Para argumentar em favor dessa “abertura” para uma outra cena discursiva, recorreu-se a processos de referenciação, que podem desempenhar o papel de eficientes marcadores discursivos, sem que, para tanto, precisem vir acompanhados de indicadores formais (como propõe AUTHIER-REVUZ, 1982), que assinalem convencionalmente essa marcação. Pretende-se, pela análise da cadeia significante, analisar não apenas a construção de significados, como afirmava Lacan (1990), mas também, e necessariamente, a elaboração de referentes. Do ponto de vista psicanalítico, sempre haverá marcas linguísticas, diversificadas que sejam, pois as “marcas” não são, ou não são apenas, as que o enunciador percebe, ou supõe perceber, mas aquelas que se destacam sob a forma de um sobressalto na fala, ou de um tropeço. Utilizou-se como exemplário a interação das novas formas de comunicação que se realizam através da mídia eletrônica, que podem ser encontradas, por exemplo, nos bate-papos virtuais, daí a importância de se analisar a evolução dos referentes, na medida em que eles se prestam à construção dos vários sentidos de um texto. Acredita-se que o referente ofereça pistas suficientemente plausíveis para, através dele, alcançar as marcas de heterogeneidades na enunciação do sujeito.

PALAVRAS-CHAVE: heterogeneidade, referenciação, inconsciente.

(205 palavras)

ABSTRACT

The main goal of this study is to analyze the linguistic marks of the Other in the discourse thread through the interpretative process. The criteria used are the heterogeneities, such as defined by Authier-Revuz (1982) as *constitutive* and *shown*. According to the author, the *shown heterogeneity* can be *marked* and *unmarked*. I discuss the scheme proposed by the author, with the aim of rethinking the discretization of the modalities of *constitutive heterogeneity*, i.e., *constitutive* in opposition to *shown heterogeneity*, including phenomena, which are not strictly formal among the facts of language taken as unmarked, as it is the case of the unconscious leaks through the discursive thread. To argue in favor of this “opening” to another discourse scene we resort to referentiation processes. Those can act as efficient discourse markers with no need of formal indicators (according to AUTHIER-REVUZ, 1982). By an analyzes of the signifying chain we intend not only to investigate the construction of meanings, as stated in LACAN (1990), but also and necessarily the construction of referents. From the psychoanalytic point of view there are always linguistic marks, even if they are diversified, because the “marks” are not, or are not just, those the utterer realizes or supposes to realize, they can also reveal themselves in a gap in the speech or in an hesitation. Interactions in the new forms of communication emerged from the electronic media, such as the *chats*, were used as a collection of examples. Hence the importance of analyzing the elaboration of referents, since they serve to construct the various meanings of a text. We argue that the referent presents clues, which are plausible enough to reach the marks of heterogeneities in the speech of the subject.

KEYWORDS: heterogeneity; referentiation; unconscious.

(284 words)

SUMÁRIO

1. Introdução.....	11
2. A Linguística da enunciação e as heterogeneidades do discurso... ..	17
2.1 A linguística da enunciação	17
2.2 As heterogeneidades.....	21
2.2.1 As primeiras rupturas: discurso direto, discurso indireto, autonomia e conotação autonomia e conotação autonímica.....	21
2.3 heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva.....	27
2.3.1 Os exteriores teóricos: polifonia e psicanálise.....	28
2.3.2 Conotação autonímica.....	34
2.4 As não-coincidências do dizer.....	37
3. A interpretação psicanalítica e a heterogeneidade <i>a posteriori</i>.....	44
3.1 O dialogismo Bakhtiano e a noção de outro.....	46
3.2 Heterogeneidade e referenciação.....	49
3.3 Uma heterogeneidade <i>a posteriori</i> na interpretação psicanalítica.....	54
3.4 Os tropeços de linguagem	66
4 A psicanálise e a influência saussuriana....	72
4.1 Lacan com Saussure	72
4.2 O signo para Saussure.....	83
4.3 O referente para o signo saussuriano.....	86
4.4 Benveniste anunciado.....	89
4.5 <i>Act of excluding</i> – o ato de exclusão do referente.....	95
4.6 Significado, denotação e referência.....	100
5. A referenciação <i>includere</i> – o ato de inclusão do referente.....	104
5.1 A referenciação.....	104
5.2 A recategorização de desejo.....	113
6. Metodologia e análise dos dados.....	120
6.1 Contexto da pesquisa.....	120
6.2 Procedimentos metodológicos.....	120

6.2.1 Etapas do trabalho	120
6.2.1.1 Contribuições para uma abordagem teórica das heterogeneidades enunciativas.....	120
6.2.1.2 Contribuições para a relação indissociável entre significante, significado e referente na cena interpretativa.....	121
6.3 Critérios de constituição do exemplário	122
6.4 Delimitação e caracterização do exemplário.....	124
6.5 Categorias de análise.....	126
6.6 As novas formas de comunicação	129
6.7 Análise dos dados.....	134
6.7.1 A voz dos outros.....	134
6.7.2 A recategorização de referentes.....	139
6.7.3 As não-coincidências do dizer.....	142
6.7.4 A negação recategorizada.....	144
7 Considerações finais. ...	206
8 Referências.....	210

1 Introdução

Sabemos que a Linguística Estrutural de Saussure escolheu, em meio à multiplicidade de objetos que podem ser estudados dentro do que ele chama de *linguística externa*, trabalhar com a *langue*, em detrimento da *parole*. Ainda que o autor reconheça o outro lado da moeda, por uma opção metodológica, descartou a língua em uso e conseqüentemente deixou de fora também de seus pressupostos o referente. Embora as controvérsias teóricas em torno da produção do mestre genebrino, no que diz respeito ao CLG, sejam polêmicas, na medida em que giram em torno de um mesmo ponto: o signo linguístico, ainda assim, a teoria saussuriana influenciou outras áreas de conhecimento e permanece como a grande referência científica na área de Humanidades.

Importantes considerações já foram feitas, por grandes teóricos da Linguística sobre a exclusão do referente, no entanto, nenhuma se preocupou, até agora, em mostrar a incidência dessa posição na abordagem de outros campos de saber que sofreram influência direta das formulações estruturalistas, como a psicanálise lacaniana. Pretendemos mostrar que, na verdade, o referente nunca foi excluído das formulações teóricas lacanianas, na medida em que a prática clínica é feita a partir do uso. Desta forma, o signo é uma construção realizada pelo falante no momento da interação, e o sentido é dado por cada sujeito de acordo com suas possibilidades inconscientes. Entendemos que, pela análise da cadeia significante, chega-se não apenas à construção de significados, como afirmava Lacan e como se repete amplamente, mas também, e necessariamente, à elaboração de referentes.

Desde as suas primeiras elaborações teóricas que Lacan (1998) reconhece na Linguística um terreno fértil para um trabalho em conjunto com sua área de atuação. Em sua releitura da psicanálise freudiana, Lacan observa que nas teorizações do grande mestre já se encontravam os primeiros indícios de aproximação entre as duas grandes teorias. Podemos verificar isto nas afirmações precisas de Freud, muito repetida entre os psicanalistas: “o inconsciente segue as leis da linguagem”; ou ainda: “devemos analisar os sonhos ao pé da letra”, etc. Seguindo as pistas deixadas pelo

descobridor do inconsciente, Lacan aproveitou as teorizações de Saussure e Jakobson, no que diz respeito, principalmente, à relação significante/significado e metáfora/metonímia, respectivamente, para sua argumentação.

E é assim que até hoje muitos psicanalistas reproduzem fielmente a proposta lacaniana, conforme constata Brito (2005), como se a Linguística toda se resumisse apenas ao estruturalismo saussuriano com o qual Lacan trabalhou, sem questionar alguns desses pressupostos linguísticos, nem avançar em direção a abordagens do texto e do discurso, que têm em conta o uso.

Nosso estudo aponta alguns caminhos que se abrem para pesquisas psicanalíticas posteriores que almejem pautar-se pelas atuais abordagens de texto, discurso e enunciação. Settineri (2001) propõe, em sua pesquisa de doutorado, realizar uma investigação linguística a partir do funcionamento da linguagem, no decorrer das intervenções do psicanalista – a mesma meta que estamos perseguindo neste trabalho, mas atendo-se aos mesmos pressupostos estruturalistas que respaldam a psicanálise lacaniana. Para tanto, o autor se vale da pontuação, da escansão e da interpretação para mostrar que essas intervenções seguem uma lógica e que procuram promover a emergência do sujeito do inconsciente, conseqüentemente introduzindo o falante na linguagem de seu próprio desejo.

Pensamos que uma das principais constatações de Settineri (2001) foi propor uma nova forma de heterogeneidade: a que se dá *a posteriori*. Segundo o autor, a heterogeneidade *a posteriori* é inferida por meio de um ato interpretativo, isto é, só entra em ação a partir de uma intervenção do psicanalista. Através do ato interpretativo, seria evidenciada *a posteriori* uma equivocidade na fala do sujeito. Essa posição equívoca pode ser encontrada nos tropeços de linguagem, especificamente nos lapsos. Neles, ocorre, geralmente, uma mudança, a troca de uma palavra por outra, que, como argumenta Settineri, foi ressignificada em função do cometimento da falha. Aproveitamos este conceito proposto pelo autor, mas buscamos redescrevê-lo de modo a salientar que, existe não apenas uma ressignificação, mas uma recategorização do significado inicialmente proferido.

Defendemos que, mais do que uma ressignificação, como assevera Settineri, ocorre, por um outro prisma, uma recategorização do referente, além de processos metonímicos de associação. Esta tese dá continuidade ao estudo que desenvolvemos, em nossa dissertação (Cf. Brito, 2005), quando demonstramos que os processos de referenciação sempre são, de algum modo, analisados numa interpretação, ainda que a literatura sobre o assunto não explore esse aspecto, e ainda que a própria teoria psicanalítica não tenha ciência desse procedimento em termos metodológicos. Um dos nossos propósitos, agora, é descrever algumas dessas marcas linguísticas, sobretudo as dos processos referenciais e as das heterogeneidades enunciativas, na interação do enunciador na mídia eletrônica. Como argumentamos na dissertação, na análise que fizemos da fala do esquizofrênico, os conceitos da Linguística de Texto auxiliam na descrição científica da escuta psicanalítica.

Paralelamente a isso, abordaremos, em nossa pesquisa, um outro estudo, o de Thá (2001), que descreveu os atos falhos a partir de um ponto de vista estritamente linguístico e formal: através da semântica de modelo teórico. Thá afirmou com Freud que existem um saber e uma verdade implicados em um ato falho. O autor argumenta que, da perspectiva semântica, um lapso “expressa uma proposição”. O que ocorre em um lapso é um déficit de saber, uma vez que o sujeito que o cometeu não tinha consciência de uma outra proposição, que se manifestou por interferência. Assim, “o lapso nada mais é do que o resultado da interferência entre essas duas proposições, que indicam posturas distintas em relação a um mesmo fato” (THÁ, 2001, p.42). Isso, de modo particular, mobilizou a atenção de Authier-Revuz, na medida em que a psicanálise também alega que, atrás da linearidade da emissão por uma única voz, faz-se ouvir uma pluralidade de vozes, o discurso sendo constitutivamente atravessado pelo discurso do O/outro. Esses tropeços assinalam a revelação de um desejo inconsciente, ao mesmo tempo em que são o atestado de um inconsciente estruturado como uma linguagem.

Também é nosso interesse, nesta pesquisa, mostrar que as formas de heterogeneidade, num entrecruzamento de vozes do inconsciente, podem ser

encontradas em qualquer fala, daí por que exemplificamos com interações do ambiente virtual, especificamente as dos *chats*. Consideramos fundamental o fato de Authier-Revuz articular seu conceito de heterogeneidade enunciativa com o de descentramento do sujeito em sua palavra, ou seja, várias vozes são sobrepostas, restando somente ao sujeito uma ilusão normal e necessária para seu funcionamento psíquico.

Analisaremos, através dos processos interpretativos, as marcas linguísticas do atravessamento do outro no fio discursivo, tomando como critérios as heterogeneidades marcadas e as não-marcadas definidas por Authier-Revuz. Igualmente, seguiremos as heterogeneidades a partir dos processos de referenciação, tendo em vista que o referente oferece pistas suficientemente plausíveis para, através dele, alcançarmos as marcas de heterogeneidades na enunciação do sujeito.

Para tanto, trabalhamos com cerca de 30 falas dos sujeitos em interação nos bate-papos virtuais. Identificamos os pontos mais reveladores, por assim dizer, do diálogo e os associamos a uma outra cena para, desta forma, proceder a uma simulação de interpretação, isto é, a uma demonstração de como tropeços do inconsciente poderiam ser identificados numa sessão psicanalítica por marcas nunca mencionadas na literatura sobre o assunto.

Tomamos como critérios de análise as marcas de heterogeneidade identificadas em uma outra cena, aquela em que podemos observar o atravessamento da voz do inconsciente, embora essas mesmas marcas possam também apontar, simultaneamente, para outros discursos e influenciar na recategorização de desejos. Recorremos, ainda, aos processos referenciais, que tomamos como critério de nossa análise, para localizar os referentes na fala do sujeito.

Na primeira parte de nossa pesquisa, especificamente, no item 2, mostramos que Authier-Revuz (1982) postula duas formas possíveis de manifestação da heterogeneidade. A primeira, constitutiva, remete à presença do Outro diluída no discurso, não como objeto, mas como presença integrada pelas palavras do outro, condição mesma do discurso. A segunda, a heterogeneidade mostrada, marca o

discurso de modo a criar um mecanismo de distanciamento entre o sujeito e aquilo que ele diz. Esta última forma de heterogeneidade pode ser ainda marcada e não-marcada. A autora se volta inteiramente para as marcas descritíveis proferidas por um sujeito que pensa ser dono de seu dizer. Para Authier-Revuz, as marcas só podem ser identificadas porque o sujeito tem plena consciência de seu ato enunciativo: ele para, olha, reflete e se distancia do seu dito. No entanto, cremos que outras marcas podem ser observadas no dizer do sujeito, por isso decidimos, nesta pesquisa, refletir sobre como essas marcas poderiam aplicar-se ao outro tipo de heterogeneidade, ligada às vozes do inconsciente.

No item subsequente, abordamos um novo tipo de heterogeneidade, a heterogeneidade *a posteriori*, esta conceituada a partir da interpretação realizada através do ato do psicanalista.

Discutimos, no item 4, os principais conceitos psicanalíticos para mostrar que através da análise da cadeia significante, chega-se não apenas à construção de significados, como afirmava Lacan e como se repete amplamente, mas também, e necessariamente, à elaboração de referentes. Para isso, lançamos mão da discussão realizada por Bouquet (s/d), De Mauro (1995), Joseph (1911) e Arrivé (1999) acerca da concepção de signo saussuriano e o ato de exclusão do referente.

Resenhamos, ainda, no item 5, os conceitos básicos da referenciação e propomos a recategorização de desejo, para mostrar que os trabalhos que se ocuparam da recategorização, até hoje, descreveram-na sempre do ponto de vista dos propósitos argumentativos do enunciador. É o que enfatiza Cavalcante (2004), quando afirma que as expressões referenciais se prestam não apenas à identificação de referentes, mas também podem exercer uma função argumentativa valiosa em certos contextos discursivos. Mostramos aqui que a seleção das expressões pode estar relacionada não só a esses propósitos, mas também a escolhas que dizem respeito a uma outra cena, que pode facilmente ser identificada a partir dessas mesmas expressões linguísticas que servem não somente à comunicação, mas também à manifestação de um desejo inconsciente que se infiltra na fala do sujeito. A isso,

demos o nome de *recategorização de desejo*, que é aquilo que o sujeito expressa, em uma outra cena, mais além da comunicação de um discurso. Para tal intento, utilizamos como exemplário as interações que se processam no ambiente virtual, especificamente nos bate-papos.

No item 6, descrevemos a metodologia e a análise dos dados. Optamos por não coletar um *corpus*, na medida em que nosso objetivo não é elencar as heterogeneidades ou ainda classificar as ocorrências referencias, mas, sim, demonstrar que é possível encontrar marcas linguísticas das heterogeneidades que não se restrinjam a estabelecer relações metaenunciativas e argumentativas, nem somente sociodiscursivas. Deste modo, entendemos que uma das contribuições teóricas de nossa tese foi demonstrar que, do ponto de vista psicanalítico e linguístico-textual, sempre haverá marcas linguísticas, diversificadas que sejam, pois as “marcas” não são, ou não são apenas, as que o enunciador percebe, ou supõe perceber, mas aquelas em que se destacam ou não sob a forma de um sobressalto na fala, ou de um tropeço.

2 A Linguística da Enunciação e as heterogeneidades do discurso

2.1 A linguística da enunciação

Authier-Revuz (1982) filia-se ao campo da Linguística da Enunciação; sua abordagem teórica se ocupa das relações entre recursos linguísticos, clivagem do sujeito, noções de tempo e de lugar. Para Teixeira (2005), as teorias da enunciação, de um modo geral, preocupam-se com o locutor, com quem é o sujeito que enuncia, com o interlocutor, para quem o discurso é produzido e com as marcas de sua presença, com a situação em que a enunciação é produzida, tais como as marcas espaço-temporais de produção do discurso e, por fim, com o referente, este entendido como aquilo de que o discurso trata. As teorias da enunciação buscam preencher as lacunas da linguística pelo argumento de que o estudo semântico dos enunciados é insuficiente quando não se leva em conta a enunciação. As ditas teorias da enunciação se referem ao conjunto de trabalhos que estudam os fatores e os atos que provocam a produção de um enunciado. Para Teixeira (2005), essas teorias buscam preencher as lacunas deixadas pela semântica no estudo da linguística, evocando o argumento de que ela exclui a enunciação de suas teorizações.

Dentre as teorias da enunciação, destacamos o trabalho de Authier-Revuz sobre heterogeneidade (que a autora refinou, depois, para as não-coincidências do dizer). A perspectiva da autora é, em algum medida, tributária da Linguística de Benveniste, que acrescenta à visão estruturalista de sua época, os estudos sobre a subjetividade na linguagem, e é também herdeira de um pressuposto de Ducrot ligado à noção de polifonia. Mas é principalmente na perspectiva do dialogismo bakhtiniano que Authier-Revuz funda parte de sua teoria das herogeneidades.

A Linguística da Enunciação toma por objeto a enunciação entendida como sendo da ordem do irrepetível, na medida em que dentro desse objeto inclui-se o sujeito, porque, sempre que a língua é enunciada, têm-se condições de tempo, espaço e pessoa singulares. Desta forma, a Linguística da Enunciação analisa na fala, no enunciado concreto e vivo, proferido por um sujeito-enunciador real, numa situação

real de interação, as marcas linguísticas observáveis que inserem na cadeia de um enunciado a subjetividade do locutor. Para Lopes (2008), o objeto da Linguística da Enunciação, a qual Flores (2001) defende, está vinculado à dicotomia saussuriana *langue* / *parole*, embora não derive nem de sua negação, nem de sua afirmação absolutas. Segundo Flores, os fenômenos estudados nas teorias da enunciação pertencem à língua, mas não se encerram nela; pertencem à fala, na medida em que só nela e por ela têm existência e questionam a existência de ambas, já que emanam tanto de uma quanto de outra. Podemos dizer, então, que para o autor a sua Linguística da Enunciação situa-se na fronteira entre a *langue* e a *parole* saussurianas. Lahud (1979, p.98) mostra exatamente isso quando entende que:

A Linguística da Enunciação visa não somente a um fenômeno que não pertence à 'fala', mas justamente a um fenômeno cuja existência compromete a própria distinção língua-fala em algumas de suas postulações. Nem da ordem da língua, nem da ordem da fala.

Flores afirma ainda que a Linguística da Enunciação toma para si não apenas o estudo das marcas formais no enunciado, mas refere-se ao processo de sua produção, ou seja, ao sujeito, ao tempo e ao espaço. No entanto, critica o fato de que a Linguística da Enunciação não se centra no estudo das representações do sujeito que enuncia e, sim, no próprio sujeito - este é objeto de outras áreas de estudo, não propriamente da linguística. Tomando de empréstimo as concepções de Flores (2001), Lopes (2008) faz eco com Fonseca (2007) quando afirma que situar-se no campo da Linguística da Enunciação é tratar o sujeito como a representação que a enunciação faz erigir em relação a ele e não tomá-lo como objeto de estudo dentro de determinada teoria.

Ora, situar-se no âmbito da enunciação implica fazer girar a roda da subjetividade com os riscos aí implicados. Dizer simplesmente que a enunciação se define como uma reflexão sobre o dizer que é produzido pelo sujeito e não exatamente sobre o dito, não encerra a questão, pelo contrário, suscita outras

reflexões. Esse dito é relevante na medida em que é por intermédio do sujeito que diz que alcançamos o dizer e, por conseguinte, a enunciação.

Teixeira (2005) é precisa ao dizer que Authier-Revuz se filia a Benveniste, é influenciada por Bakhtin e se distancia de Ducrot. Concordamos com a autora quando diz que da obra de Benveniste, Authier-Revuz se aproveita de três pontos fundamentais: o primeiro é o da propriedade reflexiva da língua, na medida em que esta se coloca em relação privilegiada entre os sistemas semióticos; o segundo é o reconhecimento de que há na língua uma ordem própria, sem com isso rejeitar o que é da ordem do discurso; e o terceiro ponto, que, para nós, interessa particularmente, é a indicação de que certas formas na língua (pronomes pessoais, performativos, tempos verbais e delocutivos) são as marcas da presença de uma exterioridade que foi excluída no ato mesmo da fundação da linguística. Milner (1982) afirma que essas formas são sinais, na língua, do que lhe é radicalmente outro. Deste modo, a autora destaca a importância da abertura à exterioridade para os estudos da linguística. Isso, por si só, já confere um diferenciamento radical entre os pressupostos da Linguística da Enunciação de Authier-Revuz e as outras. Os exteriores teóricos que a autora convoca são o dialogismo de Bakhtin e a psicanálise lacaniana. Para ela, o campo da enunciação é marcado por uma heterogeneidade teórica que reconhece como inevitável a intervenção, na descrição dos fatos da língua, de escolhas estranhas à linguística como tal, que dizem respeito ao sujeito e à sua relação com a linguagem. Isto quer dizer que a heterogeneidade, a incompletude, a clivagem, o não-um é constitutivo de toda enunciação. Segundo Authier-Revuz, um dos modos de rejeitar a heterogeneidade é o que é representado pelas teorias que diluem o objeto da linguística ou no social, ou no psicológico, ou no biológico. Outro modo de rejeição da heterogeneidade seria o do fechamento à exterioridade pela suposição da autonomia do campo da linguística, e este é o principal ponto em que ela rompe com Ducrot. Segundo Teixeira (2005), Authier-Revuz critica Ducrot exatamente pela ausência de explicitação de uma exterioridade teórica para a linguística, o que o faz

defender uma concepção intralinguística do sentido, apreendido como uma representação que um enunciado traz em si mesmo de sua enunciação:

A abordagem ducrotiana promove uma espécie de ‘proteção’ do objeto contra a ‘contaminação’ externa, um reforçamento de fronteiras, que vem restaurar a homogeneização (imaginária) de um campo que é heterogêneo na sua essência. Authier-Revuz ressalta o caráter fantasmático dessa pretensão à ‘pureza linguística’. (TEIXEIRA, 2005, p.138)

Para nossa pesquisa, é importante destacar a observação que Teixeira faz sobre a diferença entre a heterogeneidade de Authier-Revuz e a concepção de alteridade de Ducrot (1987), porque esclarece a noção de sujeito clivado com a qual trabalharemos. Ducrot concebe a alteridade como valor constitutivo do próprio enunciado, como algo interno, no âmbito da Teoria da Argumentação na Língua (TAL). Por outro lado, a heterogeneidade constitutiva da enunciação da autora, pensada a partir de seus exteriores: o dialogismo de Bakhtin e a psicanálise lacaniana, refere-se ao heterogêneo absoluto, “um Outro radical que afeta a enunciação, ao qual nenhuma representação pode atribuir papel num diálogo interno do dizer, como acontece na teoria polifônica de Ducrot” (TEIXEIRA, 2005, p.138). Desse modo, a alteridade de Ducrot, na qual o sujeito é múltiplo, desdobrado em locutores e enunciadores que “falam” dentro de qualquer enunciado, distancia-se drasticamente do sujeito dividido de Authier-Revuz. E disso a autora não abre mão, na medida em que entende que as formas de representação que os enunciadores têm de seu próprio dizer não podem ser tomadas apenas como um reflexo direto do processo enunciativo, e muito menos a linguística deve ser tomada como uma totalidade, o UM, uma ciência completa em si mesma, uma totalidade autônoma, sem outro, sem falha, sem furo, sem real.

2.2 As heterogeneidades

Authier-Revuz (1982) elege dois tipos de heterogeneidades, denominadas de *constitutiva* e *mostrada*, para designar o fenômeno de linguagem em que o distanciamento entre as enunciações, a divisão das vozes discursivas e a clivagem do sujeito-enunciador aparecem como fatos marcantes no uso da linguagem verbal. É interessante, neste momento, retomar os primeiros estudos da autora para mostrar o processo pelo qual ela passou até se dar conta da grande ilusão em que vivia ao conceber seu objeto de estudo como total e uno. A grande reviravolta implantada por Authier-Revuz, nos estudos linguísticos, foi assumir o pressuposto de que a língua é não-toda, é dividida. Fonseca (2007), baseado na autora, revela:

A linguagem falha. Esse apotegma é facilmente comprovado pelos inúmeros mal-entendidos, erros de interpretação e problemas diversos que acontecem num ato comunicativo, sem importar em qual domínio, gênero ou tipo de texto o falante se expressa. Essa falha generalizada autoriza o uso do termo “constitutivo” para caracterizar o problema, pois, sendo constitutiva, a falha do sistema linguístico é inevitável, no sentido de o sujeito-falante não ter nenhum controle sobre ela. (FONSECA, 2007, p. 17)

A constatação de que há uma falha generalizada no sistema linguístico e que, como demonstra Authier-Revuz, é constitutiva, como veremos mais adiante, já nos autoriza a buscar as marcas linguísticas dessas falhas na enunciação mesma do sujeito. Para compreendermos o percurso do pensamento da autora, comentaremos sobre as primeiras abordagens da teoria até chegar às heterogeneidades como as estudamos hoje.

2.2.1 As primeiras rupturas: discurso direto, discurso indireto, autonímia, conotação autonímia e modalização autonímica

No texto de 1978, Authier-Revuz já planeja suas primeiras rupturas com o *discurso citado*. Para Teixeira (2005), ela entende o discurso citado como um relato de atos de enunciação e não simplesmente de palavras. Authier-Revuz

exemplifica com o discurso direto e com o discurso indireto (doravante DD e DI, respectivamente) as variações morfossintáticas do fenômeno mais amplo do discurso citado. Vejamos o exemplo:

Dizer {：“...” para o DD

Dizer {：que... para o DI

Authier-Revuz diz que o *que*, no DI, atesta uma operação de tradução, ou seja, uma reutilização pelo locutor das palavras de um outro ato de enunciação, cujas palavras originais foram irremediavelmente perdidas. Teixeira (2005) aponta para o que essa análise tem de inovadora com relação à visão tradicional da gramática.¹

Em seu texto, *Palavras mantidas a distancia*², a autora aborda a questão das aspas, mas sob uma perspectiva que aponta diretamente para o surgimento do outro no discurso do sujeito. Primeiramente, ela liga ao sinal de distanciamento que o locutor pode colocar quando escreve. Vale observar aqui que, para a língua francesa principalmente, as aspas têm dois valores diferentes no seu uso: a autonomia e a conotação autonímica. Esses termos pertencem ao semiótico Rey-Debove (1978, p.144) e é dele a famosa frase: *tome um signo, fale dele e você terá uma autonomia*. É dele que Authier-Revuz se vale em suas teorizações para definir o seu objeto de estudo privilegiado, a *modalização autonímica*.

Por exemplo, em uma frase do tipo *A palavra “boneca” tem três sílabas*, a palavra “boneca” é vista como tendo sido *mencionada* pelo locutor e não *usada* por ele, o que configura um caso de autodesignação do signo, exatamente o que caracteriza a autonomia. No entanto, Authier-Revuz não se restringe a reduzir esse fenômeno a um emprego *especial* de *menção* em oposição ao seu emprego normal, ou seja, *em uso*. Para ela, o signo autonímico é um outro, que não o signo em uso e também não o signo em menção. Na passagem do signo comum ao signo autonímico, uma transformação ocorre: signo de semiótica simples a um signo de semiótica complexa, ou seja, nasce um novo signo, homônimo do primeiro.

¹ para a gramática tradicional o *que* é um mero marcador da variação morfossintática que ocorre na passagem do DD ao DI.

² Cf o texto no original em francês: *Paroles ténues à distance*, 1981.

Em outros termos, o signo autonímico é um outro signo, mas que apresenta os mesmos significantes do signo normal – em uso –, aquele que tem significante e significado, assim como o de Saussure. Assim ilustra Authier-Revuz (1995) o seu raciocínio com esses exemplos:

(a) Compor é difícil.

(b) “Compor” é uma palavra ambígua.

(c) É um “marginal”, como dizemos hoje em dia.

Em (a), podemos encontrar o emprego normal do signo. Isso porque *compor* é um signo simples cujo significante é /kõp'or/ e o significado é <compor>. No exemplo (b), é como se o signo “compor” tivesse dois andares³. Temos aí um signo autonímico cujo significante é /kõp'or/ e cujo significado, equivalente à palavra *compor*, é formado pela união do significante /kõp'or/ e do significado <compor>. É pelo fato de o significante ser parte integrante do significado do signo autonímico que lhe é atribuído um estatuto semiótico complexo.

Note-se, desde já, que as explicações de Authier-Revuz (1995), no que tange à distinção entre *uso*, *menção* e *autonímia*, recorrem à definição de signo do estruturalismo clássico, que limita o signo a duas metades: significante e significado, excluindo, pois, o referente. Esta não é a concepção de signo que adotamos em nossa pesquisa, conforme discutiremos no item 4. O signo, para nós, inclui, necessariamente, um referente, mas – ressalve-se – não um referente que corresponde às coisas do mundo em si mesmas e, sim, uma representação situacional e discursiva delas.

As aspas em (b), para Authier-Revuz, representam um corpo estranho, um objeto mostrado ao receptor, diferentemente das aspas do exemplo (c), que está se referindo⁴ a um indivíduo que se encontra à margem da sociedade para, então, a palavra “marginal” ganhar voz. Dessa forma, estamos diante de um caso em que:

³ Cf. Authier-Revuz (1995, p. 30)

⁴ Observe-se que Authier-Revuz se vale da noção de referente dentro do signo, para propor a complexidade do significado autonímico e da conotação autonímica.

A palavra torna-se objeto do dizer ao mesmo tempo em que é utilizada: fala-se da “coisa” e simultaneamente da palavra pela qual se fala da “coisa”, acumulando-se dois empregos: o uso e a menção. (...) Relativamente à semiótica denotativa que fala do “mundo” (...) e à semiótica metalinguística que fala do signo via autonímico (...), a conotação autonímica aparece como uma estrutura em que se acumulam as duas semióticas, constituindo um modo bastardo em que se emprega e se cita o signo ao mesmo tempo (...). (TEIXEIRA, p.142)

A *conotação autonímica* consiste, portanto, nesse fenômeno cumulativo de uso e menção, assim como a autonímia, mas, diferentemente desta, a conotação autonímica promove uma ressignificação e, para falar em termos de referente, uma recategorização, ou seja, uma transformação do referente, aliada a uma modificação complexa da significação.

Dessa forma é que Authier-Revuz elege para seu estudo as aspas de conotação autonímica, que se distribuem em cinco possibilidades (esta descrição constitui o alicerce para o que, em estudos posteriores, a autora chamaria de *não-coincidências do dizer*):

1. **Aspas de diferenciação** – são usadas em estrangeirismos, neologismos, palavras técnicas e familiares, para assinalar a distância entre as palavras do locutor e as dos outros:
 - (1) O “sit-in” dos estudantes defronte da embaixada...⁵
 - (2) A “giscardização” acelerada da administração superior.

2. **Aspas de condescendência** – usadas quando o locutor, assumindo uma posição paternalista, utiliza uma palavra apropriada ao universo do receptor, mas, como que a preservar a própria imagem, marca com aspas seu distanciamento em relação a esse universo:

(3) Ora, muitas vezes, essa atividade da célula se torna lenta. A pele, especialmente se for seca ou fina, “estica” e “se marca” por qualquer coisa.

⁵ Os exemplos foram retirados de Authier-Revuz (1980, 131).

É interessante destacar que a maioria dos usos das aspas está ligada a uma espécie de defesa do enunciador, numa tentativa de preservação de faces. Brown e Levinson (1987)⁶ consideram a polidez linguística como um sistema complexo de estratégias que auxiliam no distanciamento de atos ameaçadores de face, que são geradores potenciais de conflito na interação. Desta forma, baseados em Goffman (1975), os autores criam uma nova teoria, denominada teoria da polidez. Esta diz respeito às estratégias de polidez que são construídas durante a interação com o intuito de prevenir a ameaça às faces dos interlocutores. Para Leech (1983), a polidez linguística é uma estratégia de distanciamento conflitual que pode ser mensurada em termos de níveis de esforço dentro do distanciamento de uma relação conflituosa, assim como as não-coincidências do dizer. Deixaremos essa discussão para um futuro trabalho que vamos desenvolver em outro momento. Voltemos para a terceira classificação de Authier-Revuz.

3. **Aspas de proteção** – usadas quando o locutor é levado a empregar palavras que julga carregadas de um saber que não considera ter ou relacionadas a uma situação social que julga não ser a sua; como forma de proteção, opta, então, pelo aspeamento:

(4) A publicação por La Croix da entrevista de M. Beullac teve o efeito de uma “bomba”.

4. **Aspas de questionamento ofensivo** – usadas quando o locutor é obrigado a se expressar por meio de palavras que percebe como impostas pelo exterior, tomando suas próprias palavras como interdidas; o uso das aspas é utilizado como forma de defesa e demonstra “uma reação ofensiva em uma situação dominada” (AUTHIER-REVUZ, 1981, p.132):

(5) Toda criança que vem ao mundo por “acidente” pode muito bem ser, de fato, inconscientemente desejada.

⁶ Para saber mais sobre a teoria da polidez, ver: BROWN, P. & LEVINSON, S. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: University Press, 1987.

5. **Aspas de ênfase** – usadas como forma de ressaltar aquilo que realmente se quer dizer; funcionam como uma resposta à suspensão de responsabilidade própria a qualquer colocação de aspas; esse último tipo pode ser substituído por itálico ou negrito, conforme a autora:

(6) (...) LA CROIX lhe traz as informações, as precisões, os números graças aos quais você formará uma opinião (“sua” opinião) e graças aos quais você não se deixará enganar com facilidade.

Vemos no empenho de Authier-Revuz, em seu estudo sobre as aspas, e isso justifica a nossa atenção sobre ele, os primeiros passos para o que será o principal pressuposto de seu propósito investigativo, qual seja, o de colocar em evidência as rupturas enunciativas no fio do discurso do sujeito.

Interessante ressaltar a observação que Teixeira (2005, p.144) faz a respeito da importância das aspas na obra de Authier-Revuz:

- as aspas são como o *eco* em um discurso de *seu encontro com o exterior*. Dito de outro modo, elas são a manifestação, para o locutor, de uma borda colocada no exterior, mas que constitui para ele um interior, seu discurso próprio, no qual ele, somente assim, se reconhece;

- elas mantêm a ilusão, para o locutor, de que há palavras “suas”, pelo distanciamento que promovem em relação a um *exterior ao discurso*, em função do qual as palavras podem ser avaliadas em sua adequação.

A marcação das aspas indica o reconhecimento ilusório, para o locutor, de uma outra voz, não-apropriada, vinda de outro lugar. Por outro lado, segundo Teixeira (2005), as aspas atestam uma imperfeição constitutiva, pois, se a palavra com aspas está na margem de um discurso, não é no sentido de que possa ser desprezada, pois se trata de uma margem que delimita e constitui o discurso.

Desta forma, temos nesses primeiros estudos das aspas todo o germe do que Authier-Revuz desenvolverá mais tarde sobre as falhas e as rupturas enunciativas encontradas no fio do discurso, as heterogeneidades.

Ao reconhecer que a linguagem emerge num ambiente não-Um, assumimos que há, na enunciação, marcas linguísticas observáveis desse fenômeno que Authier-Revuz (1990; 1998; 2004) denominou de Heterogeneidade Enunciativa.

2.3 Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva

Authier-Revuz (1982) privilegia a dimensão do heterogêneo na enunciação sob dois planos: o dos fatos de heterogeneidade, nas realizações linguísticas, e o da heterogeneidade teórica, que afeta necessariamente o campo enunciativo. Nas palavras dela: *entendo, dessa forma, o inevitável não-fechamento do linguístico sobre ele mesmo no sentido formal, que proíbe falar de enunciação sem se apoiar – quer isso seja dito explicitamente ou não – em teorizações exteriores, particularmente sobre o sujeito.* (p.173)

Em seu artigo de 1982, a autora elabora as duas maneiras pelas quais podem ser apresentadas a alteridade no discurso: heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva. As heterogeneidades mostradas são linguisticamente descritíveis, afirma a autora; são elas: discurso indireto, aspas, glosas, etc. Elas contestam a homogeneidade do discurso, mostrando o outro em sua linearidade. Diferentemente, a heterogeneidade constitutiva, não-marcada em sua superfície, é um princípio que fundamenta a própria natureza da linguagem, ou seja, é constitutivo da língua. Isto é, a heterogeneidade constitutiva é um princípio da linguagem e não pode ser abordado diretamente, pois não há materialidade de sua existência abstrata. Fonseca (2007) afirma que isso é um pressuposto teórico assumido com tom axiomático.

Para dar sustentação à sua heterogeneidade constitutiva do sujeito e de seu discurso, Authier-Revuz lança mão de uma ancoragem exterior à linguística. Apoia-se em duas abordagens “fora” do campo da linguística, ou seja, “não-linguística” da heterogeneidade da fala e do sujeito; são elas, conforme já dissemos: o dialogismo bakhtiniano e a psicanálise lacaniana. Assim explica a autora: “sem se perder ou se

diluir, mantendo-se em seu terreno, parece-me que a linguística deve levar em conta, efetivamente, esses pontos de vista exteriores e os deslocamentos que eles operam no seu próprio campo” (p.100).

Entendemos que, ao ter apontado para fora dos muros da linguística e ter lançado as bases para uma pesquisa interdisciplinar, recorrendo a outras abordagens fora de seu campo teórico, a autora já proporcionou a legitimação dos estudos que trabalham na fronteira entre teorias distintas, como no presente estudo.

Não trataremos das heterogeneidades com o propósito principal de analisar o atravessamento das vozes do outro, em diferentes discursos, mas com a finalidade de refletir sobre o aparato teórico-metodológico que Authier-Revuz propõe, ainda que não desenvolva, para as explicações das vozes do inconsciente.

2.3.1 Os exteriores: polifonia e psicanálise

Authier-Revuz (1982), ao propor a heterogeneidade constitutiva da linguagem, articula este conceito à noção de dialogismo bakhtiniano, focalizando, de modo especial, o lugar que o autor confere ao *outro* no discurso. Segundo a autora, por trás de uma aparente linearidade, da emissão ilusória de uma só voz, outras vozes ecoam. O diferencial entre a teoria bakhtiniana e a proposta por Authier-Revuz está relacionado à incorporação, por parte desta última, da psicanálise freudo-lacaniana – a noção de inconsciente – em seu escopo teórico. Esta é a razão pela qual é a abordagem teórica da autora sobre o caráter “polifônico” ou heterogêneo da fala que se aplica melhor à nossa pesquisa, e não a concepção de dialogismo tal como descrita por Bakhtin, inteiramente voltada para o entrecruzamento de vozes representativas de diferentes ideologias. Não é, pois, o viés sociológico da análise, propiciado pela proposta de Authier-Revuz, que importa à nossa investigação, mas o viés psicanalítico que o aparato teórico da autora favorece e que ainda não foi sistematicamente explorado nos estudos situados na interface linguística e psicanálise.

Interessa a Authier-Revuz a abordagem em torno de um sujeito estruturalmente clivado pelo inconsciente, por outras vozes, diferentes das vozes do “outro de Bakhtin”:

O outro de Bakhtin, aquele dos outros discursos, o outro-interlocutor, pertence ao campo do discurso, do sentido construído, por mais contraditório que seja, em discurso, com palavras ‘carregadas de história’; o Outro do inconsciente, do imprevisto do sentido, de um sentido ‘desconstruído’ no funcionamento autônomo do significante, o Outro que abre uma outra heterogeneidade no discurso – *de uma outra natureza* – que não aquela que estrutura o campo do discurso para Bakhtin, está ausente do horizonte deste. Há aí uma radical heterogeneidade, que parece ser recusada, nessa teoria da heterogeneidade que quer ser dialogismo. (AUTHIER-REVUZ, 1982, p.43)

O apelo da autora a tais exteriores justifica-se pelo fato de que ambos, em bases diferentes, questionam radicalmente a imagem de um locutor, fonte consciente de um sentido que ele traduz nas palavras de uma linguagem, e a própria noção de linguagem como instrumento de comunicação ou como ato que se realiza no quadro das trocas verbais. Desta forma, os dois pontos de vista, tanto do dialogismo, quanto da psicanálise permitem articular uma teoria da heterogeneidade linguística a uma teoria do descentramento do sujeito.

Na teoria bakhtiniana, é dada a possibilidade da ancoragem necessária da heterogeneidade do locutor e do discurso. O dialogismo bakhtiniano faz da interação com o discurso do outro o princípio constitutivo de qualquer discurso. Authier-Revuz toma esse princípio em duas diferentes concepções: a do diálogo entre interlocutores e a do diálogo entre discursos, referidos, sob a ótica da autora, com os termos “interação e discursividade” (1982, p.140).

No primeiro modo, o dialogismo não se reduz ao diálogo face a face, pois o que Bakhtin propõe é uma teoria da dialogização interna do discurso. Na concepção do autor, a comunicação é muito mais que a transmissão de mensagens. O discurso não é nunca individual, pois, em cada enunciado, em cada palavra, ressoam duas vozes, a do eu e a do outro. Isto é, o dialogismo traz a ideia de que o discurso não se

constrói a não ser pelo atravessamento de uma variedade de discursos, as palavras sendo já “habitadas” por outras e assim *ad infinitum*. Para Bakhtin (1993), não há palavras neutras, todas as palavras estão fatalmente carregadas, atravessadas pela alteridade. Todo discurso se encontra diretamente determinado por uma resposta antecipada: “Ao se construir na atmosfera do já-dito, ele se orienta tanto para o espaço interdiscursivo como para o discurso-resposta que ainda não foi dito, mas foi solicitado a surgir, sendo já esperado” (p.89).

Teixeira (2005) diz, retomando Bakhtin, que somente um Adão mítico, abordando com sua primeira fala um mundo ainda não posto em questão, estaria em condições de ser ele próprio o produtor de um discurso isento do já-dito na fala do outro.

A segunda concepção, à qual Authier-Revuz (1982) recorre, é a de diálogo entre discursos. Para Bakhtin, o discurso não se constrói a não ser pelo atravessamento de uma variedade de discursos, as palavras sendo já habitadas por outras ressonâncias. Qualquer discurso se orienta para o já-dito, para o conhecido, para a opinião pública. Bakhtin (1993) afirma ainda que todo discurso está também imediata e diretamente determinado pela *resposta antecipada*, uma vez que, ao se constituir na esfera do já-dito, ele se orienta para o espaço interdiscursivo como para o discurso-resposta que ainda não foi dito, mas foi solicitado a surgir, sendo já esperado.

Embora Bakhtin tenha se dedicado aos estudos dos efeitos estilísticos engendrados no discurso literário, pela relação dialógica, não deixa de assinalar que o fenômeno do dialogismo, em maior ou menor grau, encontra-se manifesto em todas as esferas do discurso vivo.

Sabemos que a reflexão acerca do dialogismo extrapola o âmbito do estudo das formas e gêneros literários, tendo muito a dizer às teorias do discurso e do sentido. Consoante Authier-Revuz (1982), esse conceito faz da interação com o discurso do outro a *lei constitutiva* de todo discurso. Esse outro a que Bakhtin se refere não é

nem o duplo de uma face a face, nem o diferente, mas é aquele outro que *atravessa constitutivamente o um*, aquele que representa uma voz identificada a ideologias.

O outro de Bakhtin é eminentemente oposto ao outro impetrado pela psicanálise. A psicanálise é trazida para o escopo teórico da autora pela dupla concepção que apresenta de uma fala fundamentalmente heterogênea e de um sujeito dividido em sua estrutura. Conforme Teixeira (2005), a palavra, supostamente capaz de carregar em si uma intenção consciente que possibilita a comunicação efetiva, frequentemente erra o alvo, tropeçando, falhando, de modo a quebrar a continuidade lógica do pensamento e dos comportamentos da vida cotidiana. Essas falhas, geralmente atribuídas ao acaso, estabelecem rupturas no discurso, levando o falante a interromper o fluxo normal da conversa para pedir desculpas, tentar reformular, apagar ou diluir seus efeitos.

Esses desvios, nomeados por Freud (1905, 1909) de *atos falhos*⁷, que se apresentam sob a forma de lapsos, falsa leitura, falsa audição, perda, certos erros, etc. e ainda podem ser detectados através de certos fenômenos psíquicos, como nos sonhos, nos sintomas neuróticos e nos chistes⁸. Isso, de modo particular, mobilizou a atenção de Authier-Revuz, na medida em que a psicanálise mostra que, atrás da linearidade da emissão por uma única voz, faz-se ouvir uma pluralidade de vozes - a descontinuidade: o discurso sendo constitutivamente atravessado pelo discurso do O/outro. Esses tropeços assinalam a revelação de um desejo inconsciente, ao mesmo tempo em que são o atestado de um inconsciente estruturado como uma linguagem.

O ponto nodal desse fenômeno para Authier-Revuz (1982) é a constatação de que *sempre nas palavras outras palavras são ditas*, e é a própria estrutura material da língua que permite a escuta dessas ressonâncias – não-intencionais, saliente-se - que rompem a suposta homogeneidade do discurso. Dessa forma, a linguagem é duplicada em uma outra cena pela própria linguagem, e isso se deixa surpreender na linearidade, através de rupturas, choques e desvios. E o discurso deixa de ser apenas

⁷ Cf. exemplos de lapsos relatados por Freud no item 4 que trata da psicanálise.

⁸ Freud dedicou dois livros inteiros aos tropeços de linguagem: *A psicopatologia da vida cotidiana*, de 1901, e *Os chistes e sua relação com o inconsciente*, de 1905.

explícito, e passa a ter o peso de um Outro, que ignoramos, ou recusamos, aquele cuja presença permanente emerge sob a forma de uma falha.

Authier-Revuz (1982) diz que não há discurso próprio ao inconsciente; é na fala normal que ele incide e insiste. O trabalho do inconsciente se faz na materialidade da língua, sendo aí que a interpretação⁹ psicanalítica tem lugar:

Essa questão não pode ser tomada, estabelecendo-se uma relação de transparência, ou seja, não se trata, para o analista, de produzir uma tradução-comentário das palavras do paciente para chegar a um “sentido oculto”, mas de um trabalho de escuta que se efetua sobre a materialidade da fala. (p.127)

Compartilhamos com a autora esse mesmo ponto de vista de que o inconsciente está presente em todo e qualquer discurso e de que o trabalho de interpretação psicanalítica pode ser feito através das marcas encontradas na materialidade da fala.

A autora articula a teoria da heterogeneidade da palavra a uma teoria do sujeito *efeito de linguagem*. Para ela, a instância subjetiva não existe fora da ilusão e nem pode ocupar uma posição de exterioridade em relação à linguagem, tampouco a de centro de que emanariam, particularmente, a fala e o sentido.

A noção de outro com a qual trabalha Authier-Revuz - não como um objeto exterior de que se fala, mas como condição constitutiva do discurso - tem sua ancoragem fundada em Bakhtin e Lacan, como foi mostrado no item precedente, que concebem esta entidade de maneira diferente. Para Bakhtin, a noção de outro recobre os outros discursos constitutivos do discurso; o outro da interlocução cuja compreensão responsiva é pressuposta pelo sujeito que toma a palavra; e o superdestinatário, um terceiro invisível, situado acima de todos os participantes do diálogo. Em Lacan, temos um *Outro*, assinalado com *O* maiúsculo, que é da ordem de uma alteridade radical, o inconsciente, que se reverbera desde antes do advento do ser no mundo; e um *outro*, grafado com *o* minúsculo, definido como outro imaginário, lugar da alteridade especular.

⁹ Ver o item 4, em que discutimos a interpretação.

O que interessa à teoria da heterogeneidade enunciativa quanto aos pressupostos de Lacan (1985) é o fato de ele situar o inconsciente como lugar de um saber constituído por um material linguístico em si mesmo, desprovido de qualquer significação, como sendo a própria história do sujeito: constitutivo dele, portanto. Para o autor, o inconsciente é esse capítulo da “minha história” que é marcada por um branco ou ocupado por uma mentira: isto é, o capítulo censurado. Mas a verdade pode ser reencontrada; o mais das vezes ela já está escrita em algum lugar.

O inconsciente não é uma estrutura profunda, não revelada, de um consciente que está aí de modo evidente como uma face visível de um inconsciente oculto. Sendo assim, é a superfície mesma da língua que permite, através da linearidade de uma cadeia, a inscrição, pelo que tropeça, dessa outra cena, e não é por um simples reflexo que isso se processa.

Segundo o autor, não há verdade e significação possíveis fora do campo da linguagem. O discurso do Outro é teorizado como sendo uma cadeia de elementos discretos, que, para se fazer reconhecer, insistem de modo a interferir nos cortes oferecidos no discurso, constituindo um sintoma, o qual se resolve inteiramente numa análise de linguagem, porque ele próprio é estruturado como uma linguagem, que ele é linguagem cuja fala deve ser libertada¹⁰, conforme afirma Lacan (1985).

Para a psicanálise, a fala, principalmente o falar de seu sofrimento, de suas angústias, etc. o falar em análise, provoca o desenrolar de associações que acabam culminando em pontos críticos da vivência do paciente. Estas associações envolvem situações dolorosas e, na maioria das vezes, sintomáticas como, por exemplo, o desenvolvimento de gastrites, asma, enxaquecas e muitos outros tipos de sofrimento físico. Através de sessões clínicas, o paciente pode vir a se “libertar” de alguns de seus sintomas, todavia, isso não é uma regra e muito menos uma promessa de cura. Freud (1890), no início de seus atendimentos clínicos a histéricas, chegou a denominar a psicanálise de ‘talking cure’, ou seja, cura através da fala, demonstrando, desta forma, a importância da fala para a psicanálise.

¹⁰ Cf. o exemplo do p’tit soldats mais adiante.

Os exteriores teóricos convocados por Authier-Revuz, dialogismo e psicanálise, trazem essencialmente a ideia de que todo discurso se mostra atravessado pelos outros discursos e pelo discurso do Outro.

2.3.2 Conotação autonímica

Authier-Revuz elabora duas maneiras de a heterogeneidade se mostrar na enunciação:

1. por meio da heterogeneidade marcada mostrada e
2. por meio da heterogeneidade mostrada não-marcada.

Fonseca (2007) reconhece que a linguagem emerge num ambiente não-Um e assume que há, na enunciação, marcas linguísticas observáveis desse fenômeno que Authier-Revuz (1990) denominou de Heterogeneidade Enunciativa. Ela tratou de investigar as formas de heterogeneidade nas mais diversas configurações e nos mais diversificados níveis de análise, caracterizando o que ela chamou de *metaenunciação reflexiva*, que aparece no fio do discurso, na linearidade sintática, como um momento pontual da enunciação através da qual o sujeito se deixa revelar como dividido.

Nesses termos, a falha simplesmente ocorre, restando ao sujeito-falante somente a capacidade de tentar diminuir seus efeitos, remediando, de alguma forma, a lacuna provocada pelo fenômeno. Nas palavras de Settineri (1999), o falante procura obturar a falta que o sistema linguístico apresenta.

Vejamos agora esses dois exemplos retirados de Fonseca (2007, p.150) para a exemplificação das heterogeneidades dentro do discurso acadêmico:

7. Dessa forma, estaria afirmando que o sentido produzido pelo texto como um todo ("wholes") e os padrões ("patterns") podem ser demonstrados não através de contagens e medidas, mas por diferentes possibilidades de interpretação da multiplicidade de conotações.

(D.E.L.T.A. Texto 10)

8. As análises realizadas com base no esgoto dessa pesquisa [...]

Em 7, a enunciação é realizada em *uma língua* e, num momento pontual da enunciação, o sujeito introduz uma *outra língua*, por meio da qual evidencia-se o *outro estrangeiro*, para explicitar o termo original e, a um só tempo, proteger-se de possíveis imprecisões de sentido. O rompimento da cadeia enunciativa por meio de parênteses e a marca linguístico-formal empregada caracteriza a heterogeneidade mostrada marcada. A marca, que nesse caso são as aspas, poderia ter sido outra, como itálico ou negrito.

Já em 8, consoante a interpretação de Fonseca (2007), dá-se uma ocorrência na escrita do que seria na oralidade um lapso de língua, ou um ato-falho. Segundo Authier-Revuz (1982), casos assim não possuiriam qualquer marca formal, o que os caracterizaria como um tipo de heterogeneidade mostrada não-marcada.

Objetar-se-á que o co-texto imediato e o contexto discursivo são uma marca da heterogeneidade, no entanto, cremos firmemente que, quando Authier-Revuz aborda as heterogeneidades, reporta-se ao que é efetivamente dito, isto é, ao conteúdo enunciado e não ao que se pretendia enunciar. É evidente, pelo contexto, que a intenção do sujeito-enunciador era utilizar a palavra *escopo* e não *esgoto*, mas o que foi dito - e justamente por isso se instaura a heterogeneidade - foi *esgoto*, uma outra palavra, de um outro contexto, pretendida por outras razões, que se apresenta, como no jogo oportunista do inconsciente, o qual espera o sujeito distrair-se, num momento preciso de enunciação, para tomar-lhe a palavra. Exatamente **por ser um processo inconsciente é que não há marcas**, pois o sujeito, em princípio, não percebe que teve sua enunciação “invadida” por uma outra voz que não era a sua. (p.150, grifos nossos)

A primeira pergunta que sobrevém a essa constatação do autor, fundada em Authier-Revuz, é o que constitui, exatamente, uma *marca*, para a autora, e o que ela representa. Pelo comentário, podemos inferir que são consideradas marcas as indicações linguísticas de que o sujeito percebeu (deu-se conta de) que “teve sua enunciação invadida por outras vozes” – leia-se: uma voz que representa o posicionamento discursivo do outro.

Diferentemente da análise que realiza Fonseca, nestes exemplos, acreditamos que o advento do inconsciente se deixa revelar por marcas. Além disso, estamos propondo que o sujeito fazedor do lapso não é completamente alheio ao seu produto, pelo contrário, segundo Thá (2001), existe, além de uma verdade relativa ao desejo do sujeito, no cometimento do lapso, um saber sobre esse mesmo desejo, isto é, não há inocentes para o que é da ordem do inconsciente. Embora Authier-Revuz não trate analiticamente dessas marcas textuais, examinaremos na análise de nosso exemplário as heterogeneidades que escapam da fala do sujeito no momento de sua enunciação.

Para a autora, as formas de heterogeneidade mostrada representam uma negociação obrigatória do sujeito falante com a heterogeneidade que o constitui e que ele tem necessidade de desconhecer. E essa negociação assume a forma de uma denegação¹¹, na qual, segundo Settineri (1997), a emergência pontual do não-um é mostrada e ao mesmo tempo obturada, isto é, o sujeito movido pela ilusão, necessária, de ser o centro de sua enunciação, e ao mesmo tempo impossibilitado de escapar da heterogeneidade que o constitui, abre, em seu discurso, espaço para o não-um, por um processo que procura mostrar como homogêneo o que é heterogêneo em sua essência.

Authier-Revuz vai se deter nessa problemática da dupla heterogeneidade sob a forma das não-coincidências. O modo pelo qual se manifesta a negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva é estudado por ela através da modalização autonímica¹², que é a propriedade de flexibilidade da linguagem, a

¹¹ Para Freud a denegação consiste em um pensamento oriundo do que foi recalcado, ou seja, do que foi reprimido pelo sujeito, que ascende à consciência sob a forma de uma negação. O que está em jogo na denegação é o ato de o paciente expressar um pensamento ao mesmo tempo em que o nega veementemente. Freud observa que ao negar o paciente já está acolhendo na consciência a ideia que foi rechaçada da consciência, muito embora ele não reconheça o vínculo afetivo ligado ao pensamento negado. Por exemplo, quando o paciente, em determinado momento de sua análise, diz: “eu não odeio a minha mãe”, ao proferir a sentença na forma negativa o paciente permite que o conteúdo representacional da ideia incompatível com a consciência possa se manifestar, na medida em que o afeto foi separado de sua representação sob a forma de denegação, por isso a denegação é um mecanismo de defesa. Ao negar a afirmação, a ideia é revelada e o afeto mantido afastado da consciência. (Para saber mais sobre este assunto, conferir o artigo de Sigmund Freud *A negação*, de 1925.)

¹² Para aprofundar mais esse tema, ver a tese completa de Authier-Revuz (1995)

capacidade que ela tem de ser sua própria metalinguagem. A autora mostra que as formas da modalidade autonímica dividem a enunciação em dois territórios:

1. O do emprego *standard* das palavras, o território da coincidência;
2. O da inquietude crítica, que sente um problema e em função disso não pode deixar a palavra funcionar sozinha, o território da não-coincidência.

Para Teixeira (2005), essas formas remetem à negociação obrigatória dos enunciadores com as não-coincidências ou as heterogeneidades que, constitutivamente, atravessam o dizer, representando, então, um ponto de não-um, um ponto problemático na produção do sentido. Chegamos, assim, ao estudo de Authier-Revuz (1990) que trata das não coincidências do dizer no fio discursivo.

2.4 As não-coincidências do dizer

As não-coincidências do dizer aparecem porque existe no discurso mais de uma intenção além da de comunicar. Lacan (1959) afirma que a segunda intenção do discurso como discurso, do discurso que se interroga, que interroga as coisas em relação a si mesmo, em relação a sua situação no discurso que não é mais exclamação, interpelação, grito, é uma necessidade de nomeação, é daí o corte repentino na ordem linear do discurso para a inserção de uma não-coincidência do dizer, uma necessidade de expressão.

Podemos dizer que as não-coincidências do dizer são um tipo especial de heterogeneidade enunciativa construída a partir da modalização autonímica que realizam, na linearidade enunciativa, um movimento de laçada reflexiva, na qual o enunciado torna-se objeto da própria enunciação, cujo resultado primeiro é a opacificação¹³ enunciativa. As modalizações autonímicas são de quatro tipos e

¹³ Opacificação enunciativa é um dos efeitos provocados pela modalização autonímica que consiste em uma demonstração de que o sentido da enunciação em curso não é óbvio, isto é, não é transparente a(o) sujeito(s)-enunciador(es). Em outras palavras, tome uma enunciação e fale dela e teremos uma opacificação enunciativa. Rey-Debove (1978) apresenta esse princípio com o signo linguístico em si e diz, ao pé da letra: “tome um signo, fale dele e temos uma opacificação”.

mobilizam duas bases teóricas distintas que, rigorosamente, não se relacionam, somente se justapõem.

As bases apoiam-se no dialogismo bakhtiniano e na interdiscursividade de Pêcheux, e ainda no discurso teórico da psicanálise freudo-lacanianana. Esses tipos de enunciados possuem vários formatos linguísticos e apresentam diversas funções discursivas.

As modalizações autonímicas são descritas como fatos de não-coincidência, e a heterogeneidade é um princípio constitutivo da linguagem; desta forma, as não-coincidências do dizer constituem uma das maneiras de essa heterogeneidade se materializar. Vamos a elas:

1. Não-coincidência interlocutiva entre enunciador e destinatário, em glosas que, com estratégias bastante diversas, representam o fato de que uma palavra, uma maneira de dizer, ou um sentido não são imediatamente, ou de modo algum, partilhados – no sentido de comum a – pelos dois protagonistas da enunciação. Por exemplo, *digamos X; X, passe-me a expressão; X, compreenda...; X, se você quer; X, se você vê o que quero dizer*; etc., expressões utilizadas pelo enunciador, na tentativa de reinstaurar a unidade de co-enunciação, no ponto em que se sente ameaçado. Pode, ao contrário disso, assumir o ponto de não-coincidência: *X, assim como você ousa dizer; X, sei que você não gosta da palavra; X, como você não diz*; etc.

2. Não-coincidência do discurso com ele mesmo, em glosas que assinalam no discurso a presença estranha de palavras marcadas como pertencentes a outro discurso e que, através de um leque completo de relações com o outro, desenham no discurso o traçado que depende de uma “interdiscursividade mostrada”, de uma fronteira interior / exterior. Por exemplo, quando se diz: *X, como diz fulano; para retomar as palavras de X; X, no sentido que fulano emprega; X, no sentido de tal discurso*; etc.

3. Não-coincidência entre as palavras e as coisas, posta em jogo em glosas que representam as pesquisas, hesitações, fracassos, êxitos, na produção da “palavra certa”, plenamente adequada à coisa. Por exemplo, em: *X, por assim dizer; X, maneira de dizer; como eu diria? X; X, melhor dizendo, Y; X, não, mas eu não encontro palavra; X, é essa a palavra; não há palavra; X, não existe outra palavra; etc.*

4. Não-coincidência das palavras com elas mesmas, em glosas que designam, como uma recusa (por especificação de um sentido), ou ao contrário da aceitação (por sua integração ao sentido) dos fatos de polissemia, de homonímia, de trocadilho, etc., como em: *X, em sentido próprio, figurado; X, não no sentido...; X, nos dois sentidos; X em todos os sentidos do termo; X, é o caso de dizê-lo, se ousar dizer; etc.*

Vemos, desta forma, que a classificação da autora se volta inteiramente para as marcas descritíveis proferidas por um sujeito que pensa ser dono de seu dizer, ou seja, o sujeito, ao se deparar com a não-coincidência de seu dizer, se volta para ele e faz um ato de *reflexão-metaenunciativa*. Para Authier-Revuz, as marcas só podem ser identificadas porque o sujeito tem plena consciência de seu ato enunciativo: ele para, olha, reflete e se distancia do seu dito. No entanto, cremos que outras marcas podem ser observadas no dizer do sujeito, uma vez que essa classificação, como podemos constatar, foi elaborada para uma heterogeneidade relacionada ao outro e não ao Outro. Nesta pesquisa, refletiremos sobre como essas marcas poderiam aplicar-se ao outro tipo de heterogeneidade, ligada às vozes do inconsciente.

Consoante Authier-Revuz (1994), a utilização dessas formas metaenunciativas é como uma costura aparente no tecido do dizer, visando a obturar a falha constitutiva do sujeito. A autora privilegia as formas marcadas, diretamente observáveis no fio do discurso: discurso relatado, retomadas, reformulações no espaço de uma intertextualidade.

Cabe, aqui, esclarecer que, para Authier-Revuz, *marca* é sempre uma marca de um outro que vem dobrar o mesmo, não pode ser tomada como evidente, pois existe um processo de negociação em curso. Essas marcas não têm o mesmo estatuto, segundo a autora, mas estão situadas numa escala que varia de um grau maior a um grau menor de explicitação no fio discursivo.

Authier-Revuz (1998) desmembra os quatro tipos de não-coincidências mostrados anteriormente em seis conjuntos de formas e alinha-os numa escala que vai do que está linguisticamente marcado ao que depende estritamente da interpretação. São elas:

a) Formas explicitamente metaenunciativas completas: *Eu digo X...*

Nesse conjunto de formas, o caráter metaenunciativo é explicitado ao máximo pela presença, na cadeia, de um elemento referente à pessoa, ao tempo, ao ato de enunciação que comporta um *Eu digo X*.

9. (...) nessa horrível sala de espera, *eu disse* sala de espera, talvez seja outra coisa.

10. (...) trata-se de uma pessoa muito chique, eu digo isso para falar como ela, pois preferiria dizer esnobe.

b) Formas explicitamente metaenunciativas que implicam um *eu digo X*, através de expressões circunstanciais (subordinadas, sintagmas proposicionais, adverbiais): *X, se eu posso dizer...*

11. Os conselheiros receberam a ordem de deixar o país com armas e bagagens, segundo o roteiro clássico.

12. ele era um estouro, agora a expressão não está mais na moda para que possas me compreender.

c) Formas explicitamente metalinguísticas, com um elemento autonímico *X'* ou *Y:X'*, a palavra *X'* é inconveniente...

No plano sintático-semântico – *Eu digo X'*. Um elemento autonímico comparece, dizendo alguma coisa a respeito do dizer de X: comentário, explicação, julgamento.

13. Ele tinha muito disso, como é que vocês chamam?
14. As sociedades beneficentes organizam jogos e concursos para animar sua clientela, como dizem vocês.

d) Formas sem elemento autonímico ou sem elemento metalinguístico unívoco: *X, quer dizer, Y...*

Contrariamente aos anteriores, esse conjunto de formas pressupõe elementos contextuais e interpretativos. Ele se caracteriza pela presença de expressões destinadas a comentar, explicar, retificar outras expressões: *isto é, ou seja, quer dizer, para não dizer, eu ia dizer, se posso dizer, enfim...*

15. Essa noção de exportação já está ultrapassada; a globalização, quer dizer, a difusão das atividades da empresa para todo o mundo (...)
16. As coisas se complicam no final da competição, enfim, se confundem.

e) Sinais tipográficos (aspas, itálico) e de entonação.

Os sinais desfazem a monolinearidade verbal e realizam, por superposição ou incorporação material na cadeia, uma coincidência, no plano significante, entre a enunciação e seu reflexo opacificante.

17. (...) “normal”, eu penso que essa palavra encontra aqui um sentido justo.
18. (...) ela se reproduz, por assim dizer, por *cissiparidade*.

f) Formas puramente interpretativas, que abrem para a *heterogeneidade constitutiva*.

Nesse bloco, Authier-Revuz abre o campo, para as formas não-marcadas, puramente interpretativas, da representação do dizer: alusão, ironia, discurso indireto livre, metáfora, etc., que remetem a um além discursivo não identificado, o espaço do interdiscurso¹⁴.

¹⁴ O conceito de interdiscurso, para Orlandi (2003), compromete a transparência antes conferida aos discursos, de vez que é entendido enquanto memória discursiva, ou seja, como um conjunto de já-ditos que sustenta, irremediavelmente, todo e qualquer dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra.

Queremos mostrar que essa escala só se aplica a marcações de percepção consciente, do equívoco, ou do que poderia parecer ao destinatário um equívoco. Entendemos que, mesmo que o sujeito não se dá conta do seu dito, como no exemplo do *lapse do esgoto*, mostrado anteriormente, há um saber implicado neste tipo de enunciação e em outras semelhantes. Para Authier-Revuz, esses tipos de heterogeneidade não são passíveis de análises descritíveis porque são não-marcados em sua constituição.

Todavia, pensamos que, se a enunciação carrega um saber, então existe consciência nesse dito, e isso já autoriza a identificação de uma marca, embora não seja, necessariamente, o tipo de marca a que a autora se refere, com assinalações tipográficas, ou com expressões autonímicas, de conotação autonímica ou de modalização autonímica. Diremos que sempre haverá um tipo de marcação, pois, afinal, é justamente essa marca de significante que salta que está na base dos estudos psicanalíticos freudo-lacanianos. Acrescentamos, mais uma vez, que tais marcas apenas permitem o início do processo de interpretação, que se construirá dentro de uma outra cena, que leva sempre em conta a relação inseparável entre significante, significado e referente. A escala da autora talvez só se aplique, então, a marcações de percepção, consciente, do equívoco, ou do que poderia parecer ao destinatário um equívoco. Nosso desafio é reconsiderar como seria essa escala na hora da pontuação do analista.

Essa gradação alimentada pela autora, nas formas da modalização autonímica, as quais se situam numa escala que vai das formas explícitas, passa pelas formas marcadas menos explícitas, até chegar a um nível que não deixa marcas e que depende essencialmente de um gesto interpretativo. Teixeira (2005, p.165) entende que

O estabelecimento de uma escala que traduz o grau de explicitação das formas abre a possibilidade de se tratar daquilo que não é descritível no fio discursivo, mas ali deixa seu traço, como dizendo respeito a um *outro*. Meu interesse por esse aspecto deve-se ao fato de que é por ele que penso articular as abordagens de Authier-

Revuz e Pêcheux, ou seja, é por ele que se pode entender as observações da autora ao domínio discursivo.

Assim como Teixeira, também nos interessa a possibilidade de abertura para se tratar daquilo que se processa em uma outra cena, mas que, no entanto, deixa seus rastros no fio discurso. Mostramos na análise que fizemos do nosso exemplário que, através dos processos referenciais podemos identificar as marcas da presença do inconsciente do sujeito atravessando toda a enunciação discursiva, sem que necessariamente para isso, o sujeito tenha sofrido o acometido de um ato falho. Para tanto, nos ancoramos nos pressupostos psicanalíticos, nas não-coincidências do dizer e nos processos referenciais.

3 A interpretação psicanalítica e a heterogeneidade *a posteriori*

Authier-Revuz (1982) afirma que a psicanálise interessa à linguística sobretudo devido a seu olhar outro do sujeito falante; contrariamente à imagem de um sujeito pleno e total, o sujeito psicanalítico é dividido, o que não quer dizer que ele seja compartimentado, nem desdobrado. Daí a psicanálise tratar o sujeito como um efeito, ou seja, o sujeito do qual ela faz sua matéria prima é efeito da linguagem.

Encontramos esse sujeito-efeito-de-linguagem nas manifestações do inconsciente, que irrompe no curso da vida normal, cotidiana, através dos tropeços de linguagem:

Atos falhos (erros: sobre lugares, tempos e pessoas...; esquecimentos, perdas, hesitações, gafes; lapsos de fala, de escuta, de escrita, de leitura, toda essa coleção de uma palavra por uma outra), os sonhos como produtos significantes de uma intensa atividade psíquica, a fala do corpo, cujas paralisias, dores significativamente localizadas, gravidez psicológica, perdas de voz, por exemplo, constituem manifestações que escapam da vontade consciente do sujeito. (AUTHIER-REVUZ, 1982, p.49-50)

E por tudo isso escapar ao sujeito é que o trabalho psicanalítico consiste em fazer ressurgirem conflitos esquecidos, demandas recalçadas, muitas vezes portadoras de sofrimento, que agem sobre o falante, em sua vida presente, sem que ele se dê conta disso. Para tanto, o psicanalista não se valeria de um “terceiro ouvido”¹⁵ que lhe possibilitaria a entrada para as manifestações do inconsciente, uma vez que o inconsciente está presente no discurso comum, normal. Não há um discurso próprio do inconsciente.

Isto explica o comentário de Lacan (1998) de que o psicanalista só pode regular o fluxo de seus ouvidos de acordo com o uso que o Evangelho acha normal:

¹⁵ Expressão colhida de Reik (1948) para a escuta psicanalítica: “o analista ouve não apenas o que está nas palavras; ele ouve também o que as palavras não dizem. Ouve com o ‘terceiro ouvido’, ouvindo não só o que o paciente fala mas também suas próprias vozes interiores, aquilo que emerge das profundezas de seu próprio inconsciente. É mais importante [para o analista] reconhecer o que a fala oculta e o que o silêncio revela”. (Reik, 1948: 125-126)

ouvidos para não ouvir, ou, dito de outra maneira, ouvir só o que deve ser ouvido, pois não existem nem terceiro, nem quarto ouvidos para uma transaudição direta do inconsciente.

Também não podemos conceber a escuta psicanalítica do discurso como um comentário ou uma interpretação, como a escuta de um “a mais”, a partir daquilo que foi dito.

Para Authier-Revuz (1982), a língua é o lugar por excelência da interpretação psicanalítica, não se tratando, por conseguinte, de passar de um sentido manifesto ao latente através de uma explicação verdadeira do enunciado, mas de um trabalho que é de corte, de pontuação, de colocação em eco, e que se efetua sobre a materialidade da cadeia falada. Authier-Revuz (1982), apesar de se referir à relação especificamente psicanalítica, ou seja, aquela que se dá em transferência, sustenta que a língua é sempre a mesma tanto para o psicanalista como para o linguista, pois ambos estudam a língua em seu funcionamento: “se a situação analítica é anormal, a língua é a língua normal, não uma língua analítica” (p.55).

Segundo a autora, o trabalho do inconsciente, incidindo na materialidade da língua, estaria presente já desde Freud quando este apontou os tropeços da linguagem como um rico material interpretativo. Para ela, baseando-se em Lacan (1979), o trabalho psicanalítico vem a ser a escuta dos significantes, que consiste na busca de um significante escondido, e não de um significado conscientemente pretendido, convencionado, para se chegar ao sentido do desejo.

O trabalho interpretativo de análise seria levar a ouvir ao mesmo tempo as diferentes vozes do discurso, mesmo que habitualmente dissonantes. Por isso, Authier-Revuz afirma que todo discurso é polifônico, daí conceber o discurso como sendo atravessado pelo discurso do Outro e por outros discursos. Assim, a autora entende que a alteridade é condição constitutiva de todo enunciado, e o sujeito que fala não é a única fonte de seu dizer, conquanto lhe seja necessária essa ilusão.

3.1 O dialogismo Bakhtiniano e a noção de outro

Sob esta perspectiva, a noção de heterogeneidade não coincide por inteiro nem com a concepção de dialogismo bakhtiniano, porque a ela se somam os pressupostos da psicanálise lacaniana; nem com a concepção de polifonia, pois às vozes do outro se acrescentam as vozes do inconsciente. Embora a origem do conceito de polifonia esteja em Bakhtin, tal noção adquire uma conotação diferenciada na perspectiva da Análise do Discurso que aqui adotamos. Segundo Faraco (2003), Bakhtin defendia um mundo polifônico em que a multiplicidade de vozes plenas e de consciências independentes e não-fundíveis tivesse direito de cidadania. Assim, a polifonia, para Bakhtin, era muito mais um conceito filosófico, que representava a idealização de um mundo em que todas as vozes pudessem ter o mesmo direito de se manifestar, ainda que de modo divergente, em relações dialógicas intermináveis.

Por isso Faraco defende que o conceito bakhtiniano de polifonia não é simplesmente um universo de muitas vozes sobrepostas, mas um universo em que todas as vozes são equipolentes. É esse viés ideológico que parece diferenciar, em Bakhtin, a noção de polifonia da noção de dialogismo, uma característica intrínseca a todos os discursos. Assim, ainda que todo discurso seja dialógico, pode-se falar, do ponto de vista ideológico, em tendências monologizantes de se impor ao discurso do outro.

Nesse sentido, Bakhtin se posiciona contra qualquer tendência de monologização da existência humana, isto é, contra qualquer tentativa de negar a existência de um outro *eu* com iguais direitos e iguais responsabilidades, comenta Faraco (2003). Daí Bakhtin (1981) afirmar que a linguagem se manifesta sempre na comunicação dialógica daqueles que a usam. Toda a linguagem está impregnada de relações dialógicas.

Bakhtin (1981) defendeu a ideia de discurso dialógico em oposição à de discurso monológico e sustentou a noção de bivocalidade do discurso. Para

Espíndola (2004), o que Bakhtin denominou de discurso bivocal seria o discurso do outro em nossa fala, somado ao nosso conhecimento prévio, de modo que não mais seria o discurso do outro nem o nosso discurso, mas a soma dos dois.

Por um prisma psicanalítico, Lemaire (1988) postula que essa heterogeneidade – para usarmos o termo da Linguística da Enunciação, repetido pela Análise do Discurso – não se reduz ao dizer explícito nem apenas às vozes de outros discursos; na verdade, o discurso carrega com ele o peso do outro de nós mesmos, aquele que nós ignoramos ou recusamos.

Para Clément (1973), há continuamente um “avesso do discurso”, ou seja, o avesso seria a pontuação do inconsciente. Não é um outro discurso, mas o discurso do Outro, isto é, o mesmo tomado em seu avesso.

Vale lembrar que, na teoria psicanalítica, especificamente a lacaniana, encontramos dois “outros”, isto é, um pequeno outro, grafado como um “a” minúsculo e um grande Outro, grafado com um “A” maiúsculo, também chamado de Outro. O pequeno outro é o nosso próximo, é aquele a quem nos dirigimos no dia-a-dia e que está pressuposto, ou muitas vezes posto, marcado em qualquer discurso; é esse outro de que se fala em Linguística de Texto, em Análise do Discurso e em todas as abordagens sociointeracionistas. Para Lacan (1998), esse “outrininho” é repleto do imaginário, é o nosso semelhante a quem dirigimos nossa demanda de atenção, reconhecimento, afeto, etc. Já o grande Outro, por sua vez, é aquele para quem nos voltamos sem saber exatamente a quem, na medida em que ele está presente em toda a nossa constituição psíquica simbólica, desde o nascimento até depois da morte. Settineri (2001) afirma, com Cadeau (1998), que o Outro é o lugar onde depositamos as questões relativas à nossa existência, à sexualidade, à procriação e à morte. Portanto, o Outro não é o inconsciente – como equivocadamente se afirma em alguns estudos linguísticos –, ainda que tenha um pé lá, mas uma instância psíquica que assume vários lugares ao longo da vida do sujeito. É para esse Outro que, inconscientemente, nos dirigimos e, nessa relação com ele, deixamos escapar nossos desejos, a nosso ver, de algum modo marcados na linearidade da fala.

Authier-Revuz (1982) pondera que o Outro não é um objeto ou um ser (exterior do qual se fala), mas uma *condição* (constitutiva) *para* que se fale do discurso de um sujeito falante que não é fonte primeira desse discurso:

Sob nossas palavras, outras palavras sempre são ditas; através da linearidade da emissão por uma única voz, se faz ouvir uma polifonia; todo discurso parece se alinhar sobre várias pautas de uma partitura e o discurso é constitutivamente atravessado pelo discurso do Outro. (p.69)

Note-se que a noção de polifonia, aqui, já assume um outro contorno, que se aproxima da própria noção de heterogeneidade enunciativa que estamos adotando neste trabalho. Daí Authier-Revuz (1982) articular sua teoria da heterogeneidade da palavra com o descentramento do sujeito provocado pela psicanálise. Ela enumera dois pontos principais relativos ao descentramento do sujeito:

* para o sujeito dividido, não há centro, de onde emanariam o sentido e a fala, fora da ilusão do fantasma, no entanto manter a ilusão de um centro, ou seja, de uma unicidade é função necessária e normal do eu;

* para um sujeito que é efeito de linguagem, não existe, fora da ilusão, posição de exterioridade em relação à linguagem, de onde o sujeito poderia tomar distância.

Conforme Settineri (2001), essa representação fantasmática assume a forma de uma denegação da heterogeneidade constitutiva, passando uma ideia de Um ao não-Um, configurando-se uma divisão subjetiva do falante:

Ao circunscrever o outro, nos pontos da heterogeneidade do discurso, o locutor instituiria o resto do discurso como adequado e transparente, mostrando o ponto de heterogeneidade como contingente e evitável, e dando a impressão de homogeneidade à generalidade do discurso. Ao fazê-lo coloca-se na posição de supostamente deter um **domínio sobre seu próprio discurso**. (p.35, grifos nossos)

O locutor só teria domínio de seu próprio discurso a partir de um lugar de ilusão, que, como já bem disse Authier-Revuz, é necessária e normal, na medida em

que todo discurso se constitui, pois, de acordos, recusas, conflitos, compromissos por meio de outros discursos.

3.2 Heterogeneidade e referenciação

Authier-Revuz (1982) formula dois grandes tipos de heterogeneidade, como já visto anteriormente:

1. a heterogeneidade constitutiva da enunciação, presente de modo permanente, mas não diretamente observável, é o entrecruzamento de vozes do *eu* e do *outro* em todo e qualquer discurso;

2. a heterogeneidade mostrada, que surge sob a forma de uma representação pelo próprio sujeito falante, é intencional e contingente. A autora só considera como “mostração” da heterogeneidade um conjunto de marcas explícitas, outras “implícitas” que ela classifica e que têm sido repetidas pela literatura tanto de heterogeneidade quanto de intertextualidade. Nesta pesquisa, vamos considerar um leque mais amplo de mostração e de marcação.

Segundo Discini (2005), adaptando os pressupostos de Authier-Revuz a uma análise semiótico-discursiva, o *eu* se constitui inevitavelmente pela relação do *não-eu* com o *outro*, o que, para ela, ratifica a heterogeneidade constitutiva de todo discurso, considerado como imanência do próprio texto. Esse outro está inscrito no discurso, mas sua presença não é explicitamente demarcada. Na releitura que Lopes (2008) faz dos pressupostos de Authier-Revuz (1982), a heterogeneidade constitutiva é da ordem do não-representável, do não-localizável, pertencente à ordem real de constituição do discurso, condição mesma de existência do fato enunciativo. Authier-Revuz define o outro tipo de heterogeneidade, a “heterogeneidade mostrada”, como “formas linguísticas de representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva do seu discurso” (1991, p.26).

Costa (2001, p 89) diz que é o próprio movimento enunciativo do sujeito sobre sua própria enunciação:

É todo um movimento enunciativo de retorno do sujeito à sua própria enunciação, que, ao mesmo tempo, representa a consciência do sujeito falante da inconsistência de seu discurso e, por outro lado, a ilusão de que ele pode recuperar, reconstituir sua enunciação desintegrada pela heterogeneidade constitutiva. Movimento contraditório, pois ele mesmo quebra a unidade do sujeito, na medida em que este passa a se ver como outro e a ver com os olhos de outro(s) seu próprio discurso.

A heterogeneidade mostrada desenvolve-se a partir da constitutiva, negocia com ela, para mostrar o *outro* no fio do discurso.

Estas duas heterogeneidades não se excluem. Uma não existe em detrimento da outra. Como lembra Lopes (2008), Authier-Revuz é enfática nesse sentido quando nos diz que o heterogêneo constitutivo da enunciação está presente na modalidade mostrada de heterogeneidade de maneira permanente, mas não diretamente observável. As heterogeneidades co-existem no mesmo discurso.

Authier-Revuz subclassifica, como demonstrado no capítulo anterior, dois tipos de heterogeneidade mostrada: as formas marcadas e as não-marcadas. As formas marcadas são assinaladas, consoante a autora, de maneira unívoca, por meio de discurso direto ou indireto, de aspas, de glosas, dentre outras formas.

Discini (2005) ilustra a heterogeneidade mostrada marcada com o seguinte exemplo:

(19) “Muitas vezes, o denunciamento não contribui com a democracia, como alguns pensam”, afirmou o presidente. Lula também cobrou “mais eficiência” da agência. (p.121)

A autora acrescenta que, por meio do discurso direto, cria-se a ilusão de dar significativo espaço à voz do outro. As aspas em “mais eficiência” apontam para uma separação do *eu*, enunciador do jornal em relação ao *outro*, no caso, Lula.

Segundo Charaudeau e Maingueneau (2004), o co-enunciador pode identificar as formas não-marcadas de heterogeneidade pelo discurso indireto livre, por alusões, ironia, pastiche, etc.

Lopes (2008) chama a atenção para a familiaridade entre as heterogeneidades marcada e não-marcada de Authier-Revuz e para as relações intertextuais explícitas e implícitas feitas por Piègay-Gros (1996), na medida em que as autoras estabelecem um caráter explícito e não-explícito para a intertextualidade.

Cavalcante (2006), no entanto, argumenta que toda intertextualidade se revela por alguma marca, na medida em que o enunciador possui a consciência do ato comunicativo que pretende realizar, daí a hipótese da autora, desenvolvida por Lopes (2008), se pautar pelo reconhecimento de marcas diferentes de manifestação das heterogeneidades - é o que Lopes chama de diferentes “graus de mostração”, que vão desde os mais explícitos até aos menos explícitos, mas, todos mostrados, e isso vai em contraposição à ausência de marcas textuais proposta por Piègay-Gros e por Authier-Revuz. Lopes (2008) estende essa hipótese a todos os modos de heterogeneidade mostrada, e reivindica que eles sempre apresentam algum tipo de marcação. Desta forma, desconstrói o quadro classificatório de Authier-Revuz em que esta faz uma separação entre as suas heterogeneidades: mostrada não-marcada.

Também fazem coro a essa posição os estudos de Jaguaribe (2005) e de Ciulla e Silva (2005, 2008), para quem toda heterogeneidade mostrada é sempre marcada: o que muda são apenas as marcas linguísticas:

Há de se perguntar, no entanto, se procede a distinção feita por Authier-Revuz entre forma marcada e forma não-marcada. Haverá algum discurso em que a heterogeneidade enunciativa não se revele de algum modo? Entendemos que possa haver graus de marcação, ou seja, marcações mais explícitas e marcações menos explícitas. Perguntamos se não haverá sempre no discurso algo que guie o leitor na recuperação da heterogeneidade enunciativa. (JAGUARIBE, 2005, p. 68)

As pistas linguísticas que costumam ser associadas à marcação de outras vozes são, de fato, as citações, o discurso direto ou indireto, as aspas etc. Todavia, dizemos, com Ciulla e Silva, que outros recursos linguísticos podem denunciar a heterogeneidade mostrada e que um deles são os processos referenciais.

Para Authier-Revuz, a heterogeneidade mostrada revela a voz do outro inscrita no enunciado, e competiria ao analista do discurso reconhecer e examinar essas vozes. Conforme comenta Ciulla e Silva (2005):

A metáfora utilizada por Authier-Revuz é a de que o discurso seria um tecido cheio de furos, e as marcas da heterogeneidade mostrada seriam os fios que suturam os furos. (...) A autora distingue ainda as formas marcadas e não-marcadas da heterogeneidade mostrada. As formas marcadas são aquelas que, sendo explícitas, podem ser recuperadas no nível do enunciado, a partir de marcas linguísticas que mostram a presença de uma outra voz, através de formas, como “X, como diria...”. “X, ou melhor, Y...”. **As formas não-marcadas, em que “não há uma fronteira linguística nítida entre a fala do locutor e a do outro”** (Authier-Revuz, 1982), são mais complexas, porque a heterogeneidade deve ser reconstituída a partir de diferentes índices. São elas: o discurso indireto livre, a ironia, a antífrase, a alusão, o pastiche, a imitação, as metáforas, os jogos de palavras, a reminiscência. (p.49, grifos nossos)

Ciulla e Silva acrescenta ser importante que se investigue a participação dos processos referenciais como marcação de heterogeneidade mostrada – uma hipótese que também investigamos nesta pesquisa, mas, diferentemente dos demais estudos citados, priorizamos em nossa análise a heterogeneidade das vozes do inconsciente:

Porém, de acordo com as nossas observações, o que parece tornar as ditas formas não-marcadas mais - ou menos - complexas é o grau de dificuldade dos processos de inferência envolvidos na operação de reconstruir as lacunas.

Em primeiro lugar, desperta-nos a atenção o que a autora considera como formas não-marcadas, visto que, **se a heterogeneidade é recuperada a partir de algum índice, não seria este índice uma marca?** É aí que se incluem, por exemplo, os casos

de dêixis que podem indicar a presença de outras vozes. (CIULLA E SILVA, 2005, p.49, grifos nossos)

Ciulla e Silva (2008) observa que o trabalho posterior de Authier-Revuz (2001) reparte as formas de modalização autonímica em tipos que vão de uma escala do **mais** ao **menos explícito**, sugerindo uma gradação em que as formas “puramente interpretativas”, como as alusões, o discurso indireto livre e o jogo de palavras não-marcado estariam mais próximas da heterogeneidade constitutiva, ocupando uma posição de menos explícito no *continuum*. E Ciulla e Silva pontua que:

“jogo de palavras não-marcado” implica, ainda, em admitir que *algo foi dito sem ser dito*, o que não faz sentido. Mesmo que alguém não faça menção ao próprio jogo de palavras proferido, por exemplo, isso não significa que o jogo de palavras não foi marcado, mas **apenas que ele não foi referido de modo metaenunciativo**. (p. 114, grifos nossos)

É importante para nossa pesquisa notar o modo como Ciulla e Silva (2008) trata as heterogeneidades de Authier-Revuz. Numa análise voltada exclusivamente para aspectos sociodiscursivos, Ciulla e Silva analisa as heterogeneidades não-marcadas a partir dos processos referencias e ressalta que ocorre uma ancoragem enunciativa sinalizada pelos processos dêiticos:

(20) Ela tem três filhos. Ela conduz e administra tudo aquilo com uma atividade febril; impiedosamente, ela vai e vem: vestindo um, banhando o outro, enfiando um chapéu **neste rostinho**, uma touca **neste pedacinho de cabeça**, reformando calções, passando vestidos, assoando o nariz deste, limpando aquele. (p.117)

(21) Felizmente o homem não jogara fora a caixa de papelão do liquidificador. Voltou para o quarto. Cuidadosamente, colocou o corpo de Betsy dentro da caixa. Com a caixa debaixo do braço

caminhou para a porta. Antes de abri-la e sair, enxugou os olhos.
Não queria que o vissem **assim**. (Rubens Fonseca, Betsy) (p.117)

Ciulla e Silva (2008) diz que, empregando as expressões dêiticas “neste rostinho” e “neste pedacinho de cabeça”, nos exemplos acima, o narrador estabelece uma relação de proximidade com o leitor, quebrando a distância, antes imposta pela narrativa em terceira pessoa. Porém não há oposição; nesses casos, a função é a de fazer o leitor entrar no universo da ficção, ou ainda, engajar o leitor na cenografia (cena enunciativa). Portanto, considerar este e outros processos referenciais como marcadores de heterogeneidade é imprescindível para a compreensão da produção do texto e, por outro lado, comprova a marcação, sempre presente nas heterogeneidades em maior ou menor explicitude.

Também é nosso interesse, nesta pesquisa, mostrar que as formas de heterogeneidade, num entrecruzamento de vozes do inconsciente, podem ser encontradas em qualquer fala, daí por que exemplificamos com interações do ambiente virtual. Consideramos fundamental o fato de Authier-Revuz articular seu conceito de heterogeneidade enunciativa com o de descentramento do sujeito em sua palavra, ou seja, várias vozes são sobrepostas, restando somente ao sujeito uma ilusão normal e necessária para seu funcionamento psíquico.

Uma das contribuições de nossa pesquisa será considerar as possibilidades de analisar os casos de não-coincidências do dizer em situações de escuta psicanalítica, ainda que não possamos realizar, aqui, uma análise empírica em que isso possa ser demonstrado.

3.3 Uma heterogeneidade *a posteriori* na interpretação psicanalítica

Settineri (2001) acrescenta à classificação de Authier-Revuz uma outra modalidade: o heterogêneo *a posteriori*. Esta constatação é a base para nossa proposta de caracterização da cena interpretativa, em que se dá a construção de uma outra relação entre significantes, significados e referentes – uma relação que nasce

na referenciação textual-discursiva, mas que se recria na cena da interpretação psicanalítica.

O heterogêneo *a posteriori* só pode ser inferido por meio de um ato de interpretação, no só depois:

Eis aqui uma das maneiras em que pode ser pensada uma heterogeneidade “generalizada”, nos pontos em que, a princípio, não poderia ser caracterizada uma forma marcada de heterogeneidade, mas nos quais, posteriormente, por meio de um ato de interpretação, seria evidenciada uma posição equívoca. (SETTINERI, 2001, p.36)

Essa posição equívoca, podemos encontrar nos tropeços de linguagem, como no exemplo do lapso relatado por Freud “decotada/decorada”¹⁶, em que a referida palavra, até então transparente, se vê ressignificada – e talvez pudéssemos dizer, sob um outro ponto de vista: “recategorizada pelo psicanalista” - em função do cometimento do lapso.

É exatamente neste ponto que Settineri (2001) abre uma discussão a respeito da interpretação a partir especificamente do *métier* psicanalítico. Para tanto, argumenta, com Pêcheux (2002), que todo enunciado tem a capacidade intrínseca de tornar-se outro, diferente de si mesmo e poderia ser descrito como uma série de pontos de deriva, dando lugar à interpretação. É desses enunciados na língua que é feita a fala do analisante – e a do analista – em uma sessão analítica. Neste ponto, discordamos de Settineri (2001) e dizemos que os pontos de deriva na fala são intrínsecos a qualquer falar, seja em análise ou não. É o que mostraremos em nossa pesquisa através das novas formas de comunicação que se precipitam por meio da internet, como nos bate-papos virtuais.

A heterogeneidade, ou ressignificação *a posteriori*, viria depois da interpretação. Este é o pressuposto que norteia também a presente pesquisa, que, assim como a de Settineri (2001), se interessa igualmente por explicações linguísticas e psicanalíticas da interpretação. Para Chemama (1998), a interpretação é a intervenção do psicanalista, que busca provocar o surgimento de um sentido novo,

¹⁶ Ver o exemplo completo no subitem 3.5 Os tropeços de linguagem.

ou de vários, além do manifesto, apresentado em um sonho, um ato falho, um lapso e até mesmo em uma parte qualquer do discurso. Nesta tese, estamos acrescentando a essa constatação que não é apenas um sentido novo que se constrói *a posteriori*, mas também um referente novo, que não se desgarra de significantes e significados. É para essa construção sígnica completa, incluindo o referente, que a psicanálise lacaniana precisa atentar, para poder reconhecer que os postulados de Lacan sempre consideraram o uso e, portanto, necessariamente, atrelaram a supremacia do significante a seus significados e referentes correlatos.

É com base nesse pressuposto de heterogeneidade *a posteriori* que Settineri (2001) investiga a sua grande hipótese, qual seja: as intervenções psicanalíticas de pontuação, de escansão e de interpretação mudam o significado daquilo que foi dito. A essa visão, acrescentaremos aqui: mudam também as referências construídas.

De forma que o analista opera na linguagem e por meio dela, não na posição passiva do ouvinte de uma narrativa, antes na posição de editor, promovendo cortes que conduzem a ressignificações e a novos segmentos associativos. (p.78)

Nas escansões, segundo Settineri (2001), tanto interrupções da fala do analisante, como nos sublinhamentos de palavras que foram ditas, quanto nos momentos de interrupção da sessão, é evidente haver uma ação do psicanalista, ação essa que consiste em um corte, uma escansão, que tem a capacidade de modificar aquilo que foi dito anteriormente: “A intervenção do psicanalista é capaz de modificar totalmente o sentido daquilo que foi dito com **intenção consciente**¹⁷, podendo fazer emergir, um sujeito”. (p.75)

Settineri (2002) lança mão de um caso clínico analisado por Freud (2009) *Notas sobre um caso de neurose obsessiva*, mais conhecido pela sua obsessão, *O homem dos ratos*, para demonstrar a insistência do significante no discurso do sujeito:

(22) Certo dia, estando fora, em suas férias de verão, ocorreu-lhe de súbito a ideia de que ele era muito gordo [em alemão `dick`], e de

¹⁷ grifos nossos.

que ele teria de *ficar mais magro*. Começou, pois, a levantar-se da mesa antes de servirem a sobremesa e apressar-se pela rua, sem o chapéu, sob o calor ofuscante do sol de agosto; a seguir, também, subiu com pressa uma montanha, até parar, forçado e vencido pela transpiração. Certa época, suas intenções suicidas de fato emergiram, sem disfarce, por detrás dessa mania de emagrecer: quando se encontrava à beira de um precipício profundo, recebeu a ordem de saltar, o que sem dúvida significaria sua morte. Nosso paciente não seria capaz de imaginar explicação alguma para esse comportamento obsessivo sem nenhum sentido, até que, de repente, ocorreu-lhe que, ao mesmo tempo, também a sua dama estava veraneando na companhia de um primo inglês, que era muito solícito para com ela, e de quem o paciente estava muito enciumado. O nome desse seu primo era Richard, e, conforme o uso coloquial na Inglaterra, tinha o apelido de *Dick*. Nosso paciente, então havia desejado matar o *Dick*; tinha estado muito mais enciumado e enraivecido em relação a ele do que podia admitir para si mesmo, e isso foi a razão por que se impusera esse emagrecimento mediante uma punição. (p.99)

Essa representação obsessiva só ficou esclarecida para o paciente quando ele se deu conta de que sua amada dama estava no mesmo balneário, em companhia de um primo inglês que lhe dava muitas atenções, e do qual ele estava muito enciumado: o primo, que se chamava Richard e cujo apelido era Dick¹⁸. O homem dos ratos queria matar Dick, o rival, e, desse modo, o matava cada vez que saía em disparada pelas ruas esperando o abismo para o suicídio, ao mesmo tempo que se castigava. Emagrecer era, pois, equivalente a matar *Dick*.

Settineri (2002) diz que a cadeia sonora que pode ser grafada como *Dick* se repetiu em duas séries de associações: é aquilo que Lacan (1998) entende por insistência do significante. A preocupação obsessiva por estar gordo, *dick*, e querer emagrecer, vincula-se, por associação, ao nome próprio do rival amoroso, *Dick*.

Dick-Richard e dick-gordo formam uma pequena cadeia associativa, tendo como base a homonímia. O sintoma diz algo de uma maneira indireta, inaudível, e pode ser considerado, conforme Lacan (1998) como o significante de um significado inacessível para o sujeito. Entendemos que a inacessibilidade é rompida quando o

¹⁸ Conforme o dicionário: dick *Adj* 1 gordo, corpulento, obeso, forte, grosso, volumoso. 2 espesso, denso, compacto.

trabalho analítico entra em cena: depois de fazer a relação entre os *dicks*, o significante tornou-se acessível ao sujeito, pois se relacionou a seus referentes e sentidos:

Se ele é inacessível, é porque existe e possui uma forma. Entretanto, as tentativas obsessivas de emagrecer só se esclarecem após a operação freudiana de interpretação das cadeias associativas. Foi o trabalho analítico que reuniu dick e Dick. O significado não estava dado de maneira nenhuma. (SETTINERI, 2002, p.256)

Através da interpretação, realizada por Freud (1909), o paciente teve acesso à associação entre gordo, Richard e ciúmes de forma que, depois do trabalho interpretativo, desempenhado pelo psicanalista, o sintoma foi desfeito.

Apresentaremos um outro relato feito por Chemama (1998) e também descrito por Settineri (2002) para ilustrar a função do significante para o sujeito:

Um homossexual confessa seu gosto pelos jovens de um certo estilo, de uma certa idade, que designa com a expressão de '*les p'tits soldats*' (soldadinhos). Ora, a análise traz uma lembrança de um entendimento muito grande com sua mãe, lembrança cristalizada em torno de recordações de tardes de verão, nas quais, depois de longos passeios, ela o levava para o café, e comandava: 'Ah, para ele, *un p'tit soda* (uma pequena soda, uma sodazinha)'. (p.397)

Interessante notar o modo como o paciente nomeia o objeto de seu desejo, remete ao significante ouvido na infância e, inclusive pelo fato de não ser reconhecido como tal, insiste na cadeia significante. Settineri (2002) afirma que, nesse caso, o que conta não é o significado, em uma relação, mas o que é diretamente produzido pela imagem acústica das próprias palavras, ou seja, elas foram associadas por semelhança, contribuindo, assim, para a determinação do sujeito. Vemos também a própria presença do Outro, nesse caso, o Grande Outro materno, ditando o destino do sujeito. A explicação de Settineri, apoiada em Lacan, é que o lugar do significante no jogo de palavras está dado pelo fato de que o que representa não é a palavra, mas precisamente o significante, uma sequência acústica que pode assumir sentidos diferentes.

É precisamente neste ponto da caracterização do processo interpretativo que discordamos de Settineri, ou melhor, que somamos à explicação do autor o entendimento de que esse novo sentido é dado pelo uso da palavra no momento real de interação com o outro. Nesse caso, além da construção de novo sentido, há, inegavelmente, a criação de um novo referente, constituído no momento do desenrolar de uma sessão clínica e, portanto, dentro de uma outra cena. Queremos dizer com isso que, diferentemente do signo em Saussure, que exclui o referente, o signo para a psicanálise só pode ser pensado sem equívocos se tiver em conta a relação com o referente no momento mesmo da interação, do uso, como aconteceu no caso de *un p'tit soldats*. Entendemos que o comando da mãe que dizia: *um p'tit soda*, sofreu uma ressignificação, e diríamos mais, uma recategorização e se transformou em *p'tit soldats*. Essa recategorização só foi construída no momento mesmo da análise em que o paciente narrou a sua lembrança de infância ao analista. Temos, então, uma marca (de heterogeneidade) da presença do Outro no discurso. O paciente que, até o momento tinha absoluto domínio de seu dizer, a necessária ilusão de completude que todos têm, descobre uma outra voz, de uma outra cena, atravessando o seu discurso. Defendemos, deste modo, que os processos referenciais, mostrados no exemplo, como materialidade linguística, podem ser compreendidos como marcadores de fatos de heterogeneidade. Trataremos essa discussão no capítulo subsequente de nossa pesquisa.

Desta forma, Settineri (2001) aponta para a importância dos recortes das unidades no processo de interpretação. Como observa o autor, o mecanismo de escansão não é novidade, uma vez que Saussure já havia afirmado que distinguir unidades é um momento interpretativo. Para Saussure (s/d), a unidade consiste em um trecho de sonoridade, que é, a exclusão daquilo que o precede e daquilo que se segue na cadeia falada, o significante de um certo conceito. A diferença entre as afirmações de Saussure e de Settineri residiria no tipo de recorte de unidades significativas: enquanto, na linguística, se analisa uma escansão das unidades na linearidade textual, supondo segmentos já convencionalmente discretizados, na

psicanálise se realiza uma escansão diferente, que permite, inclusive, juntar parte de uma palavra ou expressão com parte de outra, reconstruindo significados a partir da escuta do inconsciente.

Settineri (2001) examina alguns aspectos da questão das entidades da língua, especificamente o dos recortes das unidades. O autor procura mostrar, a partir, sobretudo, de exemplos de ditos espirituosos, a importância dessa operação no que se refere ao processo interpretativo. Evocando Saussure, o autor afirma que o recorte das unidades é um momento da interpretação: “O recorte, ou melhor, o corte, que pode fazer surgir o sujeito do inconsciente, possui a dimensão do ato. E não é nem simples, nem imediatamente dado. É o corte, entretanto, que faz as unidades”. (SETTINERI, 2001, p.78)

Para ilustrar a ideia dos recortes das unidades, Settineri examina, dentre outros, um chiste relatado por Freud (1905), de Joseph Unger, que tratava de um determinado contemporâneo seu: “eu viajei *tête-a-bête*¹⁹ com ele”. Neste enunciado, podemos localizar o sujeito do inconsciente na substituição. Prepara-se o ouvinte para escutar *tête-a-tête*, e é essa proposição que vai entrar na cadeia associativa, como possibilidade de se entender a frase dita. Settineri (2001) revela que a intromissão, não do “b”, mas do *bête*, na posição do segundo *tête* é que irá nos indicar que o locutor estava chamando o companheiro de viagem de besta. No entanto, não se trata de uma simples combinatória de letras, qualquer outra substituição literal não provocaria o mesmo efeito:

“Tête-a-bête” evoca um raciocínio por analogia, ou de quarta proporcional, onde: “eu/tête”, assim como o “outro/bête”. Também concorre para isso o fato de se substituir, em uma expressão fixa, um dos elementos identificáveis de que se compõe por um outro: a expressão fixa é recortada e interpretada, para depois ser alterada por analogia. (SETTINERI, 2001, p.70)

Chamamos a atenção para o fato de haver não apenas uma ressignificação construída pelo analista, mas uma recategorização do referente de *bête* para o

¹⁹ *Tête-a-tête* expressão francesa que em português significa: face a face, frente a frente; *bête* quer dizer besta, abestado, o abestado é tipicamente cearense, sem registro no Aurélio burro.

referente de *besta* naquela situação específica de uso. É para esse tipo de escansão, que gera uma ressignificação, que chamamos a atenção nesta discussão teórica, a fim de demonstrar que, neste processo, é imprescindível falar também da efetivação de um processo *recategorizador* de referentes durante a interpretação. Cremos ainda, que a própria condição do chiste, nesse caso, a troca de uma letra por outra, pode ser pensada com um mecanismo formal de marcação da presença do outro no fio discursivo.

Freud (1905) observa que, se este chiste fosse reduzido para o que ele claramente significa, qual seja: “viajei com X *tête-a-tête*, e X é uma besta”, o dito espirituoso não existiria, uma vez que o chiste emerge se se omite “besta”, e, em sua substituição, o “t” de uma das “tête” converte-se em “b”. De modo que, com essa leve modificação, e apesar dela, a palavra “besta” suprimida encontra expressão. Freud chama esse tipo de chiste de “condensação acompanhada de leve modificação” (p.39).

Um outro exemplo interessante dado por Settineri (2001) para sua argumentação é o de um famoso chiste de Heine, relatado igualmente pelo descobridor do inconsciente, envolvendo o neologismo “*famillionário*” (“*famillionär*”).

(23) Heine delinea a preciosa figura de Hirsch-Hyacinth, de Hamburgo, agente de loteria e pedicuro, que se vangloria diante do poeta de suas relações com o rico barão de Rotschild, e diz ao final: - e assim verdadeiramente senhor doutor, Deus quis conceder-me toda a sua graça; tomei assento junto a Salomon Rotschild e ele me tratou como a um dos seus, de um modo inteiramente *famillionário*. (FREUD, 1905, p.18)

Freud (1905), na análise que faz deste chiste, diz haver uma condensação acompanhada pela formação de um substituto. A formação do substituto consiste na produção de uma palavra composta, daí o termo alemão *Famillionär* (*famillionariamente*). Essa palavra composta, que não encontra registro na língua,

mas é imediatamente compreendida em seu contexto e reconhecida como plena de sentido, é o veículo do efeito compelidor do riso: “E não pode haver dúvida de que é precisamente dessa estrutura verbal que dependem o caráter do chiste como chiste e o seu poder de causar riso” (p.31/32).

Settineri (2001), baseando-se na análise que Freud faz, acrescenta que neste caso existe a possibilidade de serem recortados dois enunciados que contrastam e podem se desmentir: familiar/milionário, de forma que poderíamos desdobrá-lo da seguinte maneira:

1. R. me tratou como a um dos seus, de um modo inteiramente familiar;

2. R. me tratou como um dos seus, de um modo inteiramente milionário, isto é, como um milionário pode tratar uma pessoa pobre.

O efeito do dito espirituoso é dado pelo contraste evocado pelas diferentes leituras, pelos diferentes referentes que emergem e pelas relações que se pode operar entre elas. Por isso, Settineri, em sua análise deste exemplo, diz que este enunciado faz surgir, no ouvinte, uma dificuldade de interpretação, resolvida somente pela convivência de mais de um recorte possível, sendo que o segundo recorte, “Rotschild me tratou como um milionário”, desmente o primeiro: “Rotschild me tratou como um familiar”.

No caso do chiste de Heine, estão sendo ditas duas coisas, ou seja, há dois enunciados possíveis, já apontados anteriormente, comandados cada um deles por uma das leituras em questão. A intromissão do milionário duplica a unidade (a frase tomada como unidade), não se trata ele mesmo de uma unidade concreta da língua. E a leitura que contém milionário, a segunda leitura possível, vai se interpor como um desmentido da que seria esperada, preparada pelo restante do sintagma. (SETTINERI, 2001, p.72)

Atente-se para o fato de que, nessa interposição de um sentido em outro, há também a co-existência de dois referentes: o milionário, de quem se espera um comportamento estereotípico, e do familiar, de quem se espera outro.

Com isso, o autor aponta para a importância dos recortes das unidades na produção do sentido, na medida em que a operação de espírito necessita de

desdobramentos para a captura de seu sentido, uma vez que, com a irrupção do neologismo introduzido pelo sujeito que cometeu o chiste, confunde o espírito, no momento de identificar aquilo de que está tratando.

Vejamos mais esse exemplo:

(24) Um grupo de vereadores do município de Itacurubi tinha vindo à capital para uma audiência com o governador. Enquanto esperavam, um garçom veio servir-lhes cafezinhos. O primeiro deles tentou se servir de açúcar, mas o açucareiro era de um tipo muito moderno, verdadeiramente complicado de se utilizar. E desistiu de servir-se de açúcar, no que foi acompanhado por seus colegas, que beberam seu café amargo. Ao que o garçom tendo notado que eles não consumiam açúcar, veio e perguntou-lhes:

- Os senhores são diabéticos?

- Não! Responderam em coro. Somos vereadores de Itacurubi. (SETTINERI, 2001, p.73)

Neste caso, segundo o autor, as personagens não conseguem fazer um recorte naquilo que ouviram, não conseguem alcançar um sentido claro para um determinado trecho: “diabéticos”. Eles têm uma ideia vaga do que pode ser seu sentido – e, agora, acrescentamos: seu referente –, dado mais em função do sintagma: “diabéticos”, masculino, plural, um grupo social. E “os senhores são” os encaminha para esse sentido hipotético: “na ignorância do sentido a atribuir, abre-se um paradigma bastante simples: que mais somos ou podemos ser? Vereadores, é claro!” (p.73) O que fica em destaque neste tipo de chiste em que o equívoco prevalece não é apenas o lado hilariante da construção, mas a forma pela qual se ilustra a operação do espírito, como nos lembra muito bem Settineri (2001): “na falta ou na obscuridade de sentido a ser conferida à unidade recortada, recorre-se ao sintagma, considerando-se unidades e subunidades, e as variações associativas possíveis”. (p.73)

Observamos, nos exemplos acima relatados, que, através dos tropeços de linguagem, conforme Settineri, são abordadas as heterogeneidades da língua, pelo equívoco, de modo que é através da possibilidade dos deslizamentos na fala do sujeito que se chega a uma positividade, não de comunicação, mas de uma singularidade do discurso.

Partindo desse ponto, Settineri vê, nas equívocidades da linguagem humana, nas ambiguidades, nos erros gramaticais, nos recortes da fala, a possibilidade de o analista reconstruir as mais diversas formas de significações – e também as mais diversas formas de elaboração da referência, como temos pleiteado. Assim sendo, a interpretação visa à não-restrição dos efeitos de sentido, dando ao sujeito novas significações, a partir dos novos referentes que ele, inconscientemente, deixa entrever. E é através das teorizações psicanalíticas sobre a interpretação que as brechas na fala ganharão todo o seu valor.

Pretendemos, em nossa pesquisa, analisar, através dos processos interpretativos, as marcas linguísticas do atravessamento do outro no fio discursivo, tomando como critérios as heterogeneidades marcadas e as não-marcadas definidas por Authier-Revuz. Perseguiremos as heterogeneidades a partir dos processos de referenciação. Acreditamos que o referente ofereça pistas suficientemente plausíveis para, através dele, alcançar as marcas de heterogeneidades na enunciação do sujeito.

Diferentemente de Settineri (2001), que descreveu as intervenções psicanalíticas de interpretação, escansão e pontuação a partir da operação de *capitonagem*, tomando como critério linguístico a cadeia associativa e sintagmática em relação com o recorte das unidades em Saussure, pensamos que, a esses critérios utilizados pelo autor, deve-se aliar a construção dos processos referenciais.

A desconsideração do referente no signo saussuriano teve repercussões em várias teorias. Lacan, um dos grandes teóricos da psicanálise, pautou toda a sua argumentação pelo signo saussuriano, que desconsiderava o referente e as situações efetivas de uso da língua. No entanto, como vimos, o referente está presente em todas as interpretações construídas a partir da teorização psicanalítica, pois o

processo de interpretação opera sobre o enunciado construído a cada momento particular de uso.

Como demonstramos em pesquisa anterior (cf. BRITO, 2005), em relação à fala do esquizofrênico, é fundamental que se reflita sobre a escuta psicanalítica não apenas a partir dos pressupostos da psicanálise, mas também com base nos novos avanços da linguística do texto. Já nessa pesquisa, havíamos recorrido ao exame dos processos referenciais, sobretudo aos anafóricos, para analisar a fala do esquizofrênico por um viés linguístico e psicanalítico, numa perspectiva mais ampla, não-presa à textualidade. Mostramos que, embora os relatos não possam ser considerados como textos bem articulados, com continuidade temática e não-contraditórios com a realidade do mundo, ainda assim expressam acentuadamente uma verdade de desejos. Retomamos, aqui, um exemplo da fala de um esquizofrênico, retirado de Brito (2005):

(25) Me pediram para fazer tratamento nos ovários e também interno para não sentir problema de vaso... Eu queria dizer que o policial usou pesado na minha mão, arma pesada. O policial mandou eu tirar a carteira do exército para eu não ir pro exército a justiça pediu... Disse que ia recolher minha carteira e eu não seria mais do exército não, lá na 13 de maio no 23 BC. Tive problema no ovário, eu sinto assim meu ovário queimando...²⁰

Como se vê no trecho acima, há usos muito recorrentes de anáforas indiretas (um processo referencial em que não se retoma o mesmo referente, mas se faz um tipo de associação inferencial para relacioná-lo a um outro referente), como “arma pesada” com relação à âncora “o policial” e “usou pesado”; como “a carteira do exército” e “a justiça” com relação a “o policial” e ao contexto de autoridade; como “no 23 BC” com relação a “exército”, dentre outras. A identificação dos processos

²⁰ Caso clínico de C.O. N. 54 anos, diagnosticado como esquizofrênico.

referencias, como as anáforas indiretas, foi importante para a análise que fizemos da fala do esquizofrênico, na medida em que elas ajudaram na reconstrução dos desejos do sujeito e, de certa forma, colocaram por terra o consenso geral de que a fala do esquizofrênico é sem sentido e incoerente, como apressadamente, concluem os estudos que, até agora, abordaram essa problematização. Mostramos que é possível encontrar marcas linguísticas que auxiliam na interpretação da fala do esquizofrênico e que, com uma contextualização familiar da doença, essas marcam encontram um norte, exatamente por um processo de construção de referentes durante a cena da sessão de análise. Não estamos dizendo, com isso, que demos um sentido à fala do esquizofrênico. Tentamos mostrar, apenas, a sutileza de uma fala proscrita por todos. Afinal, Freud já disse que o delírio é uma tentativa de cura, de forma que o que é dito pelo delirante encontra uma raiz em um primeiro desenvolvimento do surto. O que fizemos foi investigar as migalhas deixadas por João e Maria.

Deste modo, acreditamos que seja possível trabalhar com os processos referenciais como suporte para a escuta psicanalítica. É por isso que nos propomos na presente pesquisa analisar as marcas linguísticas da escuta psicanalítica durante a interpretação.

O próximo item versa sobre a expressão clássica de manifestação do inconsciente, os lapsos de linguagem tão caros e reveladores ao sujeito.

3.4 Os tropeços de linguagem

Antes da publicação, em 1901, de *A psicopatologia da vida cotidiana*, uma das mais importantes e comentadas obras do descobridor do inconsciente, Freud menciona em uma carta a seu grande amigo Fliess, datada de 1898, que finalmente entendeu a causa de um esquecimento de nome e o seu substituto por outro completamente errado. Ele denominou esse fenômeno de *Fehlleistung*, que significa “função falha, realização falha, ação falha”.

No primeiro capítulo, *O esquecimento de nomes próprios*, Freud suspeita que, ao esquecermos um nome e tentarmos recuperá-lo, os substitutos que entram em nossa consciência são falsos. Diz ainda que o processo que deveria conduzir ao verdadeiro nome sofre um deslocamento:

Minha hipótese é que esse deslocamento não está sujeito a uma escolha psíquica arbitrária, mas segue caminhos previsíveis que obedecem a leis (...) suspeito que o nome ou os nomes substituídos estão ligados de maneira inteligível com o nome perdido. (FREUD, p.20, s/d)

Para comprovar sua hipótese, Freud ilustra com seu próprio ato falho: o esquecimento do nome de um famoso pintor italiano, Signorelli:

(26) Eu viajava em companhia de um estrangeiro, de Ragusa, na Dalmácia, para um lugar na Herzegovina: eu perguntei ao meu companheiro de viagem se ele já conhecia Orvieto e se já havia visto os afrescos de lá, pintados por...(FREUD, p.20-21, s/d).

Freud tenta a todo custo lembrar-se do nome, no entanto os nomes de que se lembra são: Botticelli e Boltraffio. Então, ele afirma que a razão do esquecimento do nome Signorelli não deve ser procurada numa peculiaridade do próprio nome, nem numa característica psicológica do contexto em que ele foi proferido. O esquecimento só teve explicação para Freud quando ele se lembrou do que conversara com seu companheiro de viagem antes de falar de Orvieto e de suas pinturas. O tema da conversa era sobre os costumes dos turcos que vivem na Bósnia e Herzegóvina. Eles costumam ter muita confiança em seu médico e resignação quanto ao seu destino.

Essa série de pensamentos, (...) teve a capacidade de perturbar um pensamento posterior (...) lembro-me de ter desejado contar uma segunda anedota, que repousava em minha memória (...): esses turcos conferem ao prazer sexual um valor maior do que a qualquer outra coisa, e, quando sofrem perturbações sexuais, caem num desespero que contrasta estranhamente com a resignação diante de ameaças de morte. (FREUD, p.21, s/d)

Freud diz que não queria comentar essa peculiaridade dos turcos para não tocar num tema tão delicado com um companheiro de viagem: a morte e a sexualidade. No entanto, não era apenas isso que ele queria evitar. E revela que a atenção dos seus pensamentos também foi desviada, na medida em que o tema em questão remetia a um de seus pacientes, a quem ele havia muito se dedicado e que tinha se suicidado por causa de uma perturbação sexual incurável. Na verdade, o que o mestre queria esquecer era esse episódio doloroso, ruim, e não exatamente o nome do pintor.

Eu desejava, portanto, esquecer alguma coisa; eu havia reprimido alguma coisa. Eu não desejava esquecer na verdade o nome do artista (...), mas sim outra coisa – essa outra coisa, contudo, consegui situar-se numa conexão associativa com o nome, tanto que o ato da minha vontade errou o alvo e esqueci uma coisa contra minha vontade quando tive a intenção de esquecer outra. (FREUD, p.22, s/d)

Freud afirma que não pode mais considerar esse esquecimento como um evento casual, sem importância. O esquecimento teve um motivo e uma finalidade: evitar que pensamentos dolorosos surgissem em sua consciência e lhe causassem desprazer. É o tipo de esquecimento que foi motivado pelo recalque.

Thá (2001) observa que o produto do lapso é, de fato, uma afirmação com conteúdo e significado. O autor ressalta a precisão de Freud ao afirmar que “o fenômeno tem um sentido e por sentido entendemos significação, intenção, propósito e posição em um contexto psíquico contínuo” (p.41).

Em um outro exemplo retirado da análise de uma de suas pacientes, Freud diz que a ideia que desejamos apagar, esquecer é exatamente aquela que abre caminho para o lapso:

(27) Em determinado ponto da análise de minha paciente tive de dizer-lhe minha suspeita de que ela havia sentido vergonha de sua família, (...) e que ela havia censurado o pai por algo ainda desconhecido por nós. Ela não se lembrou disso e declarou, de resto, que isso era improvável. Contudo, prosseguiu a conversa com algumas observações a respeito da família: ‘uma coisa não posso

negar, todos são pessoas fora do comum, todos eles possuem Geiz (avareza)... eu queria dizer Geist (inteligência). (FREUD, p. 89, s/d)

A paciente havia reprimido esse pensamento que tinha de sua família e, para tanto, afastou de sua memória a ideia de que todos eram avaros. Mas, apesar de ela ter censurado seus verdadeiros sentimentos, expressou-os sob a forma de um ato falho. Queremos chamar a atenção, neste momento, para a estreita relação entre o fenômeno dos tropeços de linguagem, apontados já desde Freud, e a alteração dos referentes enfocados. Observe-se, no caso mencionado acima, como o referente da “inteligência” é substituído, inconscientemente pelo enunciador e, durante a interpretação, é ressignificado pelo analista, numa heterogeneidade *a posteriori*, como diria Settineri. É precisamente este tipo de relação entre as bases teóricas da psicanálise e da linguística que pretendemos empreender na presente pesquisa.

Mais um exemplo relatado por O. Rank:

(28) “Um homem jovem disse o seguinte a uma senhora na rua: ‘com sua permissão, vou *begleit-digen* a senhora’. .. ele gostaria de *begleiten* (acompanhar) a senhora, mas temia que sua proposta pudesse *beleidigen* (insultar)” (FREUD, p.94, s/d)

Para Freud, neste lapso, dois impulsos conflitantes se condensaram, e formaram as palavras *begleit-digen*, quais sejam: *acompanhar* e *insultar*, o que indica que as intenções do rapaz não eram as melhores. “Enquanto ele estava tentando esconder isso dela, seu inconsciente, contudo, lhe pregou uma peça e traiu suas verdadeiras intenções.” (FREUD, p. 94, s/d)

Outro exemplo:

(29) “Stekel nos conta que durante uma tempestuosa assembléia geral ele disse: ‘agora iremos *streiten* (brigar) em vez de *schreiten* (prosseguir) ao quarto ponto da agenda.” (FREUD, p. 95, s/d)

Mais um fornecido a Freud por Reik:

(30) de noite numa reunião social, o mesmo senhor conversava com a mesma senhora sobre os amplos preparativos para a páscoa realizada em Berlim. Ele perguntou: ‘a senhora já viu a exposição (Auslage) na Wertheim? O lugar está completamente decotado. (FREUD, p.96, s/d)

Freud comenta que o senhor não ousara exprimir sua admiração pelo decote da bela dama, mas o pensamento proibido veio à tona de maneira transformada: ao invés de dizer que a vitrine estava *decorada* cometeu o lapso e disse que estava *decotada*. A palavra exposição também indica um duplo sentido.

Desta forma, Freud observa que, a partir de comentários e associações aparentemente casuais e sem importância, advém um outro tipo de pensamento que se esforça para permanecer oculto, não obstante, não consegue evitar trair sua existência, através dos lapsos de língua, principalmente.

A explicação da ocorrência dos lapsos não deve ser procurada na influência do contato dos sons das palavras apenas, mas, reitera Freud, na influência de pensamentos exteriores à fala intencionada. Thá (2001) argumenta que procurar as causas dos lapsos em um distúrbio da atenção é equivalente a confundir um fator que pode até ser considerado como facilitador ocasional, portanto, um fator contingente, com o verdadeiro mecanismo causal, o fator necessário. Isto é, o engano cometido na troca de palavras segue um propósito e um objetivo.

Freud, mesmo admitindo a explicação de alguns de seus colegas que justificam os lapsos através de situações em que se fala apressadamente, ou quando a atenção é distraída, não se contenta e insiste numa explicação em que o desejo inconsciente é revelado por meio dos enganos – um pressuposto que assumimos também nesta pesquisa:

É a autocrítica, a oposição interior contra nossas próprias declarações, que nos obriga a cometer um lapso de língua e mesmo a substituir pelo oposto aquilo que intencionamos dizer. Então observamos surpresos como as palavras de uma declaração contradizem nossa própria intenção e como o lapso de língua revelou uma insinceridade interna. (FREUD, p.114, s/d)

O mestre reafirma que os lapsos dizem muito mais do que o que o falante esperava dizer, alguma coisa de seu próprio desejo. Daí afirmar que o lapso torna-se uma maneira de autotraição. Vamos a mais um exemplo:

(31) temos um tio que há vários meses esteve muito ofendido porque não o visitamos. Aproveitamos a oportunidade da mudança para uma casa nova e lhe fizemos a visita adiada por tanto tempo. Ele pareceu muito feliz em nos ver, e quando estávamos partindo ele disse com muita emoção: 'de agora em diante espero ver vocês mais raramente ainda do que antes'. (FREUD, p.115, s/d)

A criação dos lapsos, esclarece Freud, produz um efeito estarrecedor de uma revelação guardada a sete chaves, por isso não podemos simplesmente minimizar seu sentido, ao contrário: devemos persegui-lo, historicizá-lo.

4 A psicanálise e a influência saussuriana

4.1 Lacan com Saussure

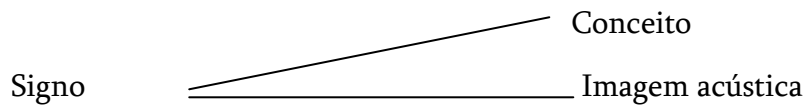
Mostraremos neste item a concepção lacaniana de significante baseada no significante de Saussure, de acordo com o *Curso*, mas reformulada a partir dele. Apesar da semelhança entre os signos, em Lacan e em Saussure, eles são eminentemente diferentes. Queremos salientar que a noção de signo, para cada um deles, é utilizada para fins diferentes. Em Lacan, para provar o caráter científico de seus pressupostos; e, em Saussure, para descrever a língua como sistema.

Arrivé (1999) compara a questão da teoria do signo nos dois autores, mostrando as diferenças entre as duas concepções.

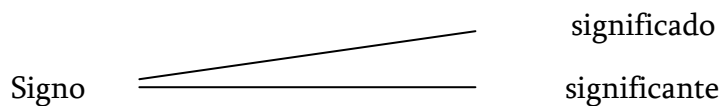
1. Em Saussure há, eminentemente, uma teoria do signo, e a ela está vinculada a teoria do significante.
2. Em Lacan, embora haja, marginalmente, uma teoria do signo, não há articulação entre ela e o significante.

O signo saussuriano é a totalidade constituída pela associação entre o significado e o significante. Arrivé (1999) atenta para o cuidado saussuriano ao tratar do termo signo; nas palavras do próprio mestre genebrino: “quanto a signo, se nos contentamos com esse termo, é por não sabermos como substituí-lo, já que a língua usual não sugere nenhum outro”. O que se passava pela cabeça de Saussure ao fazer esse parêntese quanto ao termo signo? Do que ele duvidava? Para Saussure, o termo signo era muitas vezes confundido com o próprio significante. Para Arrivé, Saussure só se “contentou” com o termo signo por falta de outro mais apropriado: era a “prudência didática” saussuriana, como denomina Arrivé (1999).

Como se sabe, o signo, para Saussure, pode ser representado do seguinte modo:



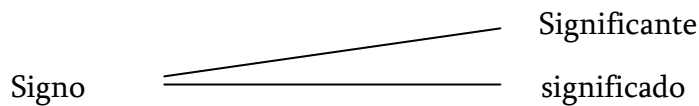
Saussure propõe que se denomine a imagem acústica de *significante* e o conceito, de *significado*:



O signo é o ato de unificação de um significante e um sentido, o que engendra uma significação. Os dois componentes são separados por uma reta, marcando, desta forma, uma necessária separação e, ao mesmo tempo, estabelecendo uma relação entre os dois termos, conforme Saussure (s/d). O signo pensado assim é regido por dois princípios, quais sejam: a arbitrariedade e o caráter linear do significante. No que respeita ao primeiro, o autor comenta: “o vínculo que liga o significante ao significado é arbitrário, ou ainda, já que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: o signo linguístico é arbitrário”. (p.100, grifos do autor). Para Arrivé (1999), no entanto, há uma certa defasagem nestes princípios. O autor observa que o primeiro princípio abarca a totalidade do signo, as duas faces, enquanto que o segundo princípio só diz respeito ao significante; o significado ficou de fora. O signo tem um caráter arbitrário, de acordo com o *CLG*.

Lacan sobrevalorizou a importância do significante de modo a reestruturar, de certa forma, a teoria psicanalítica a partir dos pressupostos linguísticos. Mas o que quer dizer essa sobrevalorização do significante em Lacan?

3. Em Lacan (1988), o significante é sempre pensado como passando acima do significado, enquanto que, em Saussure, o signo é sempre representado com o significado passando acima do significante, como mostramos no esquema acima.



Vemos claramente que o significante lacaniano é notado com uma letra maiúscula, deixando transparecer uma hierarquia, ou melhor, uma supremacia, entre significante e significado, impensável em Saussure.

Observamos que Lacan não dá tanta importância ao conceito de signo, voltando-se estritamente para o que denominamos de “a menina de seus olhos: o significante”. Criou, para isso, o seguinte algoritmo:

$$\begin{array}{c} S \\ \hline s \end{array}$$

Lê-se: significante sobre significado, com a barra, que não mais será símbolo de união, como em Saussure, mas de resistência, de separação. Mas o que isso implica? Ora, separar significante de significado subentende uma autonomia e uma soberania do significante em relação ao significado, e mais:

- O significante não significa nada ou pode significar tudo, é puro *non sense*.

Assim declara o autor: “O significante como tal não se refere a nada, a não ser que se refira a um discurso, quer dizer, a um modo de funcionamento, a uma utilização da linguagem como liame.” (LACAN, 1982, p. 43).

- Só pode haver articulação entre os significantes na medida em que são puros elementos diferenciais. Daí, o sentido insistir na cadeia significante, estando, deste modo, independente do significado.

- A organização dos significantes se faz através de duas operações, que são a metáfora e a metonímia, a “Verdichtung” e o “Verschiebung”, em Freud.

Dor (1989) afirma que os processos metafóricos e metonímicos são testemunhos incontornáveis do caráter primordial do significante. Vemos isso, por exemplo, nas psicoses, no caso do delírio. Lacan (1956) faz uma análise do caso do Presidente Schreber²¹, feito anteriormente por Freud (1909), e conclui que, no delírio há uma invasão progressiva do significante. Para Dor (1989), o significante se libertaria pouco a pouco de seu significado. Vemos isso nestas duas falas de pacientes diagnosticados como esquizofrênicos de um hospital psiquiátrico²²:

(32) C.O.N - Eu tive problema de morte no nariz. Eu tenho problema na boca. Eu tive problema de levantar a piroca, uma queimação. Eu sou fazendeiro e ainda não fui porque tenho que resolver. Eu tive problema de tonteira.

(33) D. F. - Eu nasci de pé, parto pédico, é chocante... Luís Cláudio Teixeira, ele queria me matar, ele mordeu minha língua.... Sou psicóloga também, me empresta esse seu livro. Gosto de Skinner, esse livro é de Skinner?(BRITO, 2005, P.25)

Nestes pequenos trechos, temos o desgarramento do significante. Um total descompromisso do significante com o significado; o par saussuriano é desfeito, e o significante deriva sem significação aparente.

O mecanismo metafórico evidencia o caráter primordial do significante em relação ao significado, como mostra o autor. Podemos identificar esse mecanismo nos tropos do discurso, como uma figura estilizada, fundada nas relações de substituição. Dor (1989) fornece um exemplo para isso: “a utilização metafórica do termo *peste* para designar a psicanálise”. Temos:

²¹ Conferir caso completo em: FREUD, S. *O caso Schreber, notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia – dementia paranoides*. in Obras completas, vol. XII, Rio de Janeiro (Brasil): Editora Imago, 1990.

²² Para saber mais, ver a dissertação completa de Brito (2005).

S1

—

imagem acústica: “psicanálise”
Conceito de psicanálise

s1

S2

—

imagem acústica: “peste”
Conceito de peste

s2

Dentro dos pressupostos psicanalíticos, na metáfora, ocorre uma substituição, o significante S1 pelo significante S2: “a substituição de S1 por S2 faz S1/s1 passar sob a barra de significação.” (DOR, 1989, p. 44) Por isso, podemos concluir que a psicanálise é a peste, ou uma peste. Dor conclui que isto põe em evidência uma propriedade específica da linguagem, a de que a cadeia significante comanda o conjunto dos significados e, inversamente, os significados extraem toda a sua coerência dos significantes. Para o autor, esta é uma prova cabal de que a cadeia significante tem supremacia sobre tudo. Afirma ainda: “a *língua* governa a *fala*” (p.44).

No conto *A carta roubada*, de E. Poe, também ocorre coisa semelhante. Lacan (escritos) toma esse conto para mostrar a cadeia significante circulando entre os sujeitos. A carta “está investida da função de significante” (DOR, 1989, p.45), e o seu conteúdo da de significado. Neste conto, há uma rainha que recebe uma carta e esconde-a do rei, mas o ministro, muito sagaz, percebe o embaraço da rainha, então substitui a carta por uma outra, na presença da própria rainha, que nada diz para enganar o rei. Surge, então, um novo personagem, Dupin, enviado pela polícia à casa do ministro. Este, suspeitando da visita, finge que nada está acontecendo. Dupin, percebendo a presença da carta na casa do ministro, esquece sua tabaqueira lá e retorna, então, à casa. Em seguida, aproveita-se de um momento de distração do

ministro e substitui a carta por outra, sem o ministro saber. Dor (1989) diz que a carta mobilizou a todos, mesmo sem os envolvidos saberem do conteúdo dela. Deste modo, Lacan pôde comprovar o poder embutido no significante, capaz de mobilizar o sujeito.

Algumas reflexões ressaltam dessa visão. A primeira delas se relaciona diretamente a uma das hipóteses desta pesquisa: pela análise da cadeia significante, chega-se não apenas à construção de significados, como afirmava Lacan e como se repete amplamente, mas também, e necessariamente, à elaboração de referentes.

Outra reflexão importante, decorrente da primeira, diz respeito à suposta autonomia do significante em relação ao significado, e agora estamos acrescentando à referência. Estamos propondo, neste trabalho, que, somente no momento da pontuação do analista, os significantes se desgarram, inconscientemente, do significado e da referência que assumem no texto. Além disso, também estamos propondo que o psicanalista escande a cadeia de significantes e a recompõe de outro modo, em todas as etapas da interpretação, levando em conta a relação intrínseca entre significante, significado e referência.

Com isso, argumentamos que a articulação significante não se produz sozinha: é necessário que haja um sujeito operando na cadeia do significante. Não seria possível olhar para esse sujeito, para sua fala, para seus desejos sem considerar as situações reais de uso, o que já se distancia radicalmente dos pressupostos da linguística saussuriana.

Uma diferença importante entre os dois algoritmos representados acima é a supressão do círculo que circunda o signo saussuriano, como também das flechas que indicam, em Saussure, a relação de dependência de um elemento com o outro no interior do signo linguístico. Segundo Arrivé (1999), Lacan, com essa elisão, queria explicar o que ele chama de deslizamento incessante do significado sob o significante, o que não significa, lembra Arrivé, que o significado esteja livre de qualquer amarração com o significante. Muito pelo contrário, Lacan afirma,

inclusive, que é necessário um número mínimo de “amarração” entre significante e significado para que um ser humano fale e produza significações.

Nóbrega (2002) afirma que, em algum momento, o encontro entre significado e significante faz com que o signo saussuriano surja na teoria lacaniana sem as diferenças aqui colocadas. A autora está se referindo ao ponto de estofo. A sutil união entre significado e significante é o que a teoria lacaniana denomina de estofo. Segundo Lacan (1981), o ponto de estofo é uma operação segundo a qual o significante detém o deslizamento infinito da significação.

Outra noção igualmente importante desenvolvida por Saussure é a de *valor*. A partir dessa perspectiva, o signo não é mais somente a união entre o significante e o significado, mas cada um dos elementos ganhará valor no sistema, e interdependência.

Saussure (s/d) utiliza a metáfora do jogo de xadrez: um cavalo, na sua realidade pura, por si só, fora da sua casa e das outras condições do jogo não é um elemento do jogo de xadrez. Para o mestre genebrino, o cavalo só se torna um elemento real e concreto quando revestido de seu valor e fazendo corpo com ele. A peça poderá ser substituída por outra, mesmo que com aparência completamente diferente da sua, sem prejudicar o jogo, “contanto que se lhe atribua o mesmo valor. Eis por que, em definitivo, a noção de valor recobre as de unidade, de entidade concreta e de realidade” (Saussure, s/d, p.128).

Portanto, para Saussure, assim como fora do jogo de xadrez o cavalo ou qualquer outra peça perde seu valor, se considerada de forma isolada, os signos não devem ser considerados fora da relação que estabelecem uns com os outros no sistema.

Na tentativa de explicar melhor a noção de valor, Saussure recorre à relação entre ideia e som. As ideias não preexistem aos sons, assim como nem ideia nem som preexistem ao sistema. Argumenta, ainda, que o pensamento não passa de uma massa amorfa e que é a língua que o organiza.

O valor resulta do fato de que na língua todos os termos são solidários. Saussure faz uma comparação com o sistema semiológico da moeda e conclui que uma moeda é só um metal sujo com uma inscrição; o valor advindo dela é retirado de suas correlações dentro do sistema. Da mesma forma, o valor de uma palavra só será apreendido se ela puder ser trocada por uma ideia, uma vez que o valor faz sempre menção ao *dessemelhante*.

No plano material do signo linguístico, o que é importante numa palavra não é o som enquanto tal, mas as diferenças fônicas que permitem diferenciar uma palavra das outras. O valor só será apresentado na oposição dos elementos dentro do sistema.

Esta ideia, também podemos vislumbrar em Lacan (1988), quando este apresenta uma cadeia significante e demonstra que o sentido só é capturado na oposição dos elementos. Mas o autor rompe com a tradição estruturalista de se pensar o significante. Segundo Lemaire (1988), a originalidade de Lacan foi ter fornecido a prova de que o significante age à revelia do sujeito e separadamente de sua significação. Isso faz com que o significante seja o elemento constitutivo do inconsciente. A autora nos fornece um exemplo:

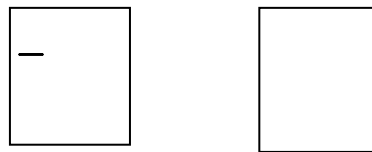
(34) (...) se um ato copulatório se efetua na presença de uma criança, sem que esta tenha maturidade biológica suficiente para o prover de sua exata significação, ela vai se inscrever no inconsciente, mas desprovido de sua significação. Inscrever-se-á em letras, em significantes puros. (p. 79)

Foi exatamente o que aconteceu no caso analisado por Freud (1919) do *Homem dos Lobos*, que, na idade de um ano e meio, presenciou um coito a tergo²³ entre seus pais. A criança, não tendo maturidade suficiente para entender o que se passava, registrou inconscientemente a cena em sua memória, para só depois

²³ Segundo o Houaiss, tergo vem do lat. *tergum* ou *tergus*, *i'* costas (das pessoas), parte traseira, retaguarda (de tropa)'; ver *terg(i)*-.

encontrar um sentido e um destino à cena, relacionando-a à cópula entre os lobos e remetendo a uma cadeia significante. O significante é o suporte material do discurso, a letra ou os sons. Daí Freud ter dito que devemos tomar tudo ao *pé da letra*. Seguindo a esteira de Freud, Lacan propõe um novo modelo de representação significante:

CAVALHEIROS DAMAS



Notemos que o significante se define na oposição entre os significantes; desta forma, Lacan insiste em que o significante não é uma simples associação ao significado; pelo contrário, o significante é independente dele. Entre cavalheiros e damas, há uma diferença articulada na Lei. O sentido, pois, só faz sua estreia na confrontação dos significantes. Para Cabas (1982), o sentido é produzido. É um produto da combinatória das cadeias significantes, como ele demonstra com o seguinte exemplo:

(35) Ai querido assim não podemos continuar vivendo.
ai querido assim não podemos continuar
ai querido assim não podemos
ai querido assim não
ai querido assim
ai querido
ai (p.83)

Cabas afirma que este texto teria que ser lido preferencialmente por uma mulher, para dar, a partir da supressão dos termos, um sentido sexual, que é compartilhado por aqueles que a escutam. O sentido é um efeito, efeito de significação. Essa constatação nos leva a propor um novo olhar para a supremacia do significante em relação ao significado: entendemos que afirmar que o sentido é

produto da combinatória das cadeias significantes já é admitir que o significante se desgarra dos significados convencionais, mas se associa inevitavelmente a outros significados, que, por sua vez, se ligam sempre a referentes. No “ai, querido, assim não...”, instaura-se um sentido sexual, advindo de um processo retroativo: cada elemento da frase retorna ao anterior, estabelecendo, assim, o efeito de sentido denominado por Lacan de *après-coup* (*só-depois*), isto é, efeito retroativo ou retrospectivo na cadeia significante, produzindo uma significação e, agora diremos, uma referência clara ao ato sexual. O enunciado “ai, querido, assim não...” não está limitado à cadeia: abre-se para outras relações - a sexual, por exemplo. Para Cabas (1982), o sentido é sempre uma relação:

A prova está no fato de que todo mundo começou a rir maliciosamente (...) e a tal ponto que gerou um fenômeno de combinações múltiplas e novas criações de sentido, pois, quando perguntei se todos pensaram num sentido sexual, alguém declarou: ‘não, de modo algum; eu pensava na linguística’. Obviamente que a linguística é a ciência da língua, (...) poderíamos pensar que essa ciência da língua tem várias possibilidades: a ciência da língua na felação? (p. 84)

É óbvio que esse efeito de chiste foi gerado pela multiplicidade de significações na frase. A pergunta *o que é a linguística?* e a resposta *é a ciência da língua*, que teria tido outro valor se não tivesse sido precedida pelo discurso anterior, pois estariam simplesmente limitadas a um diálogo sério e conciso.

Podemos observar que o sentido e a referência são produzidos por aquele que fala, nas associações significantes. Essas associações seguem uma lei – lei que, para Lacan, encontra-se perfeitamente inserida na linguística: a metáfora e a metonímia.

Jakobson (s/d), partindo da observação da fala dos afásicos, estabelece dois tipos de afasia: de substituição e associação. Através desse estudo, o autor chega à conclusão de que esses mecanismos são centrais para a aquisição da linguagem: “Toda forma de distúrbio afásico consiste em alguma deterioração, mais ou menos grave, da faculdade de seleção e substituição, ou da faculdade de combinação e contexto” (p.55). Jakobson propõe que toda expressão metafórica se faz pelo processo de substituição, ao passo que a metonímia se faz pela associação de paradigmas.

Lacan (1998), aproveitando-se do desenvolvimento teórico da linguagem em Jakobson, afirma que a organização dos significantes se faz através de duas operações, que são a metáfora e a metonímia, a “Verdichtung” e o “Verschiebung”, como já mencionamos anteriormente. Freud (1900) já havia demonstrado que o inconsciente tem leis próprias, que são presentificadas através da condensação e do deslocamento. Posteriormente, em sua releitura de Freud, Lacan dirá que a condensação e o deslocamento são metáforas e metonímias, respectivamente.

Um determinado elemento na cadeia significante se desloca ou se condensa provocando um efeito puramente ilusório. Desta forma, a técnica da associação livre torna-se imprescindível numa análise; é a garantia de que o que está sendo interpretado é o discurso do cliente e não o discurso do analista refletido no outro. A insistência que Lacan faz na associação livre, ecoando Freud, é exatamente de perseguir, rastrear os significantes nas determinações que regem a fala do sujeito. Nesse rastreamento, privilegiamos os pontos de encontro, de convergência, que Lacan denominou de *point de capitoné*²⁴, ponto de estofo: “O capitoné é uma técnica de tapeçaria para forrar móveis e consiste na aplicação de botões no recosto forrado duma poltrona, de modo que formem esboços de linhas, como efeito das pregas.” (Cabas, 1982, p.88)

Numa análise, na concepção lacaniana, o discurso do analisante é proferido em uma superfície lisa, na qual o analista fixará alguns significantes imprescindíveis na constituição romanesca da história do sujeito. Isto é feito a partir da verbalização do outro em análise. Assim, o analista reconstruirá o “romance do cliente”, tendo como matéria unicamente os significantes apresentados no discurso daquele que fala. Lacan comenta:

Este ponto de estofo, descobri-o na função diacrônica da frase, porquanto ela não afivela sua significação senão com o último termo, cada termo sendo antecipado na construção dos outros e inversamente, selando o sentido por seu efeito retroativo. (1998, p. 305)

²⁴ Em português, traduzido como ponto de capitonê ou ponto de estofo, ou simplesmente capitonê.

No entanto, como afirma Lemaire (1988), o ponto de estofo é mítico, na medida em que o significante final buscado é radicalmente excluído do pensamento, ou seja, inalcançável, porque situado em uma dimensão incomensurável, da ordem do real.

A apreensão que podemos ter dos significantes é em sua dimensão simbólica. Daí a possibilidade de a língua se prestar a todo tipo de engodo, a respeito da compreensão humana, uma vez que tem a capacidade de representar uma coisa por outra do que diz ou do que quer dizer conscientemente. Ora, isso só acontece porque o sujeito falante é não-todo em seu discurso, ou seja, é clivado, é “vários” em uma mesma fala.

4.2 O signo para Saussure

No *Curso de linguística geral*, Saussure (s/d) afirma que o signo não é uma coisa e um nome, mas um conceito e uma imagem acústica, isto é, a representação da palavra fora de qualquer realização pela fala. O nível da *parole* ficou fora das preocupações descritivas do mestre genebrino. Como sempre se repetiu a partir dos ensinamentos saussurianos, a imagem acústica não é propriamente o som, mas a impressão psíquica dele: “o significante em sua essência (...) não é de modo algum fônico; é incorpóreo, constituído não por sua substância material, mas unicamente pelas diferenças que separam sua imagem acústica de todas as outras.” (s/d, p. 137-138).

No entanto, essas noções não são tão pacíficas assim. Sabemos que, depois da publicação do *Curso*, a polêmica se instalou em torno do que Saussure afirmara ou não e do que poderia ter sido mera inferência, autorizada ou não, de seus alunos. Arrivé (1999) põe em dúvida o que foi verdadeiramente dito pelo mestre e o que foi publicado no *Curso*. De Mauro (1995) já havia questionado a fidelidade dos seguidores à voz do mestre genebrino, todavia o autor argumenta que, mesmo se se

tomassem, hoje, todas as fontes manuscritas feitas pelos alunos de Saussure, ainda assim o livro não sairia melhor que o *Curso*. Diferentemente de De Mauro (1995), Bouquet (s/d), assim como Arrivé (1999), afirma que há um abismo entre o *Curso*, publicado pelos seguidores de Saussure, e as fontes manuscritas:

(...) é importante considerar distintamente os textos originais e o livro de 1916; este último dá de fato um reflexo sensivelmente deformado da problemática do arbitrário, a tal ponto que a noção de “arbitrário do signo”, que constituiu, no decorrer da primeira metade deste século, o objeto de numerosos debates sobre a base textual do *Curso*, surge, em certa medida, como uma ilusão de ótica criada por Bally e Sechehaye. (BOUQUET, s/d, p.01)

Desta “ilusão de ótica”, nasceram, segundo Bouquet, os entreveros em torno do conceito de signo. O autor alega que este conceito é deslizando e que provocou – e diríamos até que ainda provoca - muitos mal-entendidos por onde passou e passa. O autor relaciona o mal-entendido a uma ambiguidade inerente ao conceito de signo:

Signo é empregado por Saussure, ao longo de todas as suas lições e seus escritos, em duas acepções: por um lado, esse termo designa a entidade linguística global, composta de uma face fonológica e de uma face semântica; por outro, ele designa apenas a face fonológica. Dessa dupla acepção, o linguista tem consciência perfeitamente, e a justifica de uma maneira bem particular. Ela está fundada, segundo ele, sobre uma razão que, longe de depender de uma simples escolha terminológica, reflete a própria realidade dos objetos em questão: ele está de fato convencido de que toda palavra escolhida para denominar a parte significante da entidade global, composta de uma face fonológica e de uma face semântica, está naturalmente sujeita a um “deslizamento” e tende inelutavelmente a referir a entidade global. (BOUQUET, s/d, p. 01)

Bouquet (s/d) evoca os aforismos saussurianos de 1890, denominados *Notes Item* para argumentar que a questão terminológica em torno do objeto signo é fundamental. Saussure cunhou o termo *sema* para designar as duas faces da entidade global, o signo. A partir disso, chamou o significante de *apossema* ou *soma*, e o significado de *contra-soma*, *anti-soma* ou *parassoma*. Não resta dúvida, para Bouquet, de que Saussure tentou, com isso, resolver o problema do “deslizamento

terminológico” com essa criação “neológica”: “a criação neológica - à qual Saussure não é acostumado - é ela própria apresentada em um outro texto, como uma tentativa de frear esse deslizamento.” (BOUQUET, s/d, p.01)

Bouquet faz justiça às constantes inquietações de Saussure com o conceito de signo; verificamos isso nesta passagem: “mesmo um termo como *soma* se tornaria, em muito pouco tempo, se ele tivesse a chance de ser adotado, sinônimo de *sema*, ao qual ele quer ser oposto. É aqui que a terminologia linguística paga seu tributo à própria verdade que estabelecemos como fato de observação.” (p.02)

Saussure, de fato, se questionou sobre as diferenças entre os conceitos:

Uma questão que confessamos não poder resolver é de se entender sobre este ponto: chamaremos de *signo* o total, a combinação do conceito com a imagem [acústica]? Ou então a imagem acústica [...] ela própria pode ser chamada de *signo*? [...] Seria preciso dispor de duas palavras diferentes. Cuidaremos de evitar as confusões, que poderiam ser muito graves. (JOSEPH, 1911, p. 424)

A partir daí, segundo as notas de Joseph (1911), Saussure propõe o famoso par: significado e significante, muito embora as inquietações do mestre, quanto à necessidade de uma precisão terminológica, não tenham terminado aí:

Não obtivemos essa palavra que nos falta e que designaria sem ambiguidade possível seu conjunto. Não importa qual termo que se escolher (*signo*, *termo*, *palavra*, etc.), ele deslizará um pouco e estará em perigo de designar apenas uma parte. É mesmo provável que possa não haver nenhum. (JOSEPH, 1911, p. 425)

Bouquet (s/d, p. 03) se contrapõe aos organizadores do Curso ao acentuar-lhes a falta de fidedignidade às lições de Saussure, como podemos constatar pela citação abaixo:

Bally e Sechehaye não mencionarão o problema levantado e, invocando somente que “no uso corrente [o termo *signo*] designa geralmente apenas a imagem acústica”, substituirão as proposições sutis de Saussure por uma formulação de sua lavra, perfeitamente apócrifa: “A ambiguidade desapareceria, escrevem, se se

designassem as três noções aqui em presença por nomes que se chamam uns aos outros, ao mesmo tempo que se opondo.” Esse raciocínio não apenas não está fundado sobre nenhuma fonte manuscrita, mas está ainda em flagrante contradição com a tese de Saussure! (BOUQUET, s/d, p.05)

Além de salientar que o próprio Saussure se questionava quanto ao modo de designar o signo e de conceber as noções de significante, significado e referente, Bouquet (s/d) também põe em xeque uma das propriedades mais características do signo, a *arbitrariedade*: “se olharem as outras passagens do *Curso* que tratam do ‘arbitrário do signo’ - nos damos conta de que estas consistem em enunciados fabricados por Bally e Sechehaye, por isso não figura nenhuma proposição correspondente sobre o arbitrário nos textos fontes.” (BOUQUET, s/d, p. 04). Afirma, ainda, o autor que o conceito de “arbitrário do signo” é uma “criação” dos redatores do *Curso*, uma vez que, nos manuscritos, o conceito é tomado apenas na relação entre significante face ao significado.

Pensamos que é por esse motivo que, até hoje, a arbitrariedade permanece opaca e é causadora de muita polêmica, principalmente entre aqueles que se utilizam dos pressupostos da linguística estrutural.

Outra querela surge quando se fala de estruturalismo, qual seja, a exclusão do referente na definição de signo dentro dos pressupostos saussurianos.

4.3 O referente para o signo saussuriano

Muitos são os estudos que abordam a exclusão/inclusão do referente na concepção de signo linguístico. E todos, em maior ou menor grau, repisam a mesma afirmação de que o “pai da linguística moderna”, conforme Faraco (2004), restringe ao sistema o objeto de estudo da linguística. Isso significa que, diferentemente de outras ciências, explica Saussure, o campo de estudos da linguagem não conta com objetos dados previamente, daí sua célebre frase: é o ponto de vista que cria o objeto. Diante da multiplicidade de possíveis objetos, proporcionada pela complexidade dos

fenômenos linguísticos, ele propõe que a linguística se ocupe apenas da *langue* e deixe de lado a *parole*, o que significa eliminar da língua “tudo o que lhe seja estranho ao organismo, ao sistema, numa palavra: tudo quanto se designa pelo termo ‘linguística externa’” (SAUSSURE, s/d, p. 29).

Costa (2007) observa que, com esse recorte, Saussure opta por eximir os estudos linguísticos da responsabilidade de tratar da referência. Araújo (2004) também comenta que, para esse ponto de vista, as únicas relações a serem consideradas são as “intrassígnicas” (p. 02). Segundo a autora, essa solução gerou consequências positivas e negativas. Uma vantagem, ela explica, é que essa visão de língua vai contra a ideia milenar de uma correspondência obrigatória entre a linguagem e o real. Afinal, como ela argumenta com precisão, “falar é relacionar signos entre si e não signos com a realidade” (p.02).

Um dos lados positivos dos pressupostos saussurianos é que, como argumenta Cardoso (2003), Saussure rompeu com a concepção de representação como análise do pensamento, postulada pelos clássicos da filosofia da linguagem. Diferentemente destes, que tentavam desenvolver uma teoria da linguagem fundada na correspondência entre palavras e entidades mentais, Saussure buscava construir “uma linguística autônoma com relação a outras ciências e disciplinas, até mesmo com relação à filosofia e à lógica”. O desejo de Saussure era desvincular definitivamente a linguística do estudo filosófico e lógico e dar àquela um estatuto científico e formal, daí por que desvinculou a língua da fala, na tentativa de cientificizar a linguística. E conseguiu. Não podemos negar, com efeito, o grande passo dado pelo mestre genebrino ao escolher a *langue* como objeto de estudo, mesmo que para isso ele tenha pago muito caro ao excluir a *parole*, e conseqüentemente a referência, de seu campo de pesquisa.

No entanto, para alguns autores, como Araújo (2004), o lado negativo da questão reside no motivo alegado pelo autor para excluir a referência do campo de estudo da linguística: a dependência de questões extralinguísticas (como o valor-verdade das sentenças). De fato, tal motivação parece indicar que a concepção de

referência de Saussure é ainda a de uma relação direta, transparente, das palavras com os objetos do mundo. A ideia de um referente que não se confunde com a substância, mas também que se diferencia do significado; que é em parte constituído culturalmente, mas em parte fabricado pelo discurso, parece não ser admitida por Saussure. Daí o radicalismo de sua solução, que é criticada por Cardoso (2003). Para a autora, extraditar o referente do signo linguístico significa negar, de uma vez por todas, os aspectos simbólicos da linguagem. Já para Araújo (2004, p. 7), significa “excluir toda uma série de fatores e fenômenos nada secundários, não só a coisa referida (*conotatum*), como também a fala, a intenção, o uso, as interações verbais”, justamente os elementos que demonstrariam a dimensão discursiva da referência.

Conforme Costa (2007), a teoria de Saussure, como é amplamente demonstrado na história dos estudos da linguagem, influencia, com maior ou menor força, as chamadas correntes estruturalistas. Por um “consenso antigo”, observa Ilari (2004), reconhecem-se como “linguísticas saussurianas” a linha de investigação desenvolvida pela Escola de Praga, a glossemática de Hjelmslev, o funcionalismo de Martinet e o funcionalismo linguístico de Jakobson. Comum a essas correntes, estaria o “ideário saussuriano”, resumido nos seguintes princípios: prioridade da análise do sistema, concepção da língua como forma, descarte da substância, preferência pela sincronia.

No que tange à referência (ou à negação do problema), é a glossemática que segue mais fielmente a ideia de descartar “qualquer resquício de substância linguística”, quer no plano do significado (‘plano do conteúdo’), quer no plano do significante (‘plano da expressão’) (CARDOSO, 2003, p. 37). Tal solução elimina completamente da língua o referente, uma vez que tudo se resume às relações entre formas. Embora essa exacerbação tenha cabido à glossemática, pode-se dizer, justamente em função desses princípios comuns citados por Ilari (2004), que o problema da referência não estava no centro das preocupações dos estruturalistas em geral. Veremos, mais adiante, que nem todos os linguistas pensam da mesma forma

sobre essa questão, mas antes reflitamos um pouco sobre o pensamento de Benveniste.

4.4 Benveniste enunciado

Sabemos que um dos primeiros grandes críticos do estruturalismo foi Benveniste (1979). Flores e Teixeira (2005, p. 29) apresentam Benveniste como o primeiro linguista pós-saussuriano a oferecer “um modelo de análise da língua especificamente voltado à enunciação”. Este autor, ao empreender este trabalho, faz emergirem dois eixos de estudos importantes para as pesquisas da linguagem em perspectiva enunciativa, sendo o primeiro a oposição realizada entre o que é da ordem da linguagem e o que é da ordem da língua, ou seja, o que pertence ao ato comunicativo, chamado por Saussure de linguística da fala, e o que pertence ao sistema linguístico propriamente dito, chamado por Saussure de linguística da língua²⁵. Ao fazer esta distinção, Benveniste apresenta uma bifurcação investigativa na qual as análises levem em conta alguns aspectos enunciativos, sem perder de vista a delimitação do objeto legitimamente linguístico realizada por Saussure.

Para Fonseca (2007), a consequência deste primeiro eixo, a linguística da fala, é a teorização sobre a (inter)subjetividade da linguagem, que ficara de fora dos princípios metodológicos de Saussure. Benveniste procura demonstrar que há uma predisposição natural do sistema linguístico para representar o sujeito que fala dizendo que “é na instância de discurso na qual *eu* designa o locutor que este se enuncia como ‘sujeito’. É, portanto, verdade ao pé da letra que o fundamento da subjetividade está no exercício da língua” (BENVENISTE, 1995, p. 288). A instância de discurso aí mencionada é o ato individual de enunciação que realiza o sistema, que, antes da enunciação, é mera virtualidade. Para o autor, o sujeito só é sujeito quando se apropria do sistema linguístico para produzir enunciações que se realizam

²⁵ Sobre *Linguística da Língua e Linguística da Fala*, consultar SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. Cap. IV. São Paulo: Cultrix, s/d, pp. 26-28.

materialmente em enunciados, e a linguagem, por sua vez, “só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo a ele mesmo como eu no seu discurso” (BENVENISTE, 1995, p. 286).

Lacan (1985) se apoia nessa concepção em sua teoria sobre o sujeito e a subjetividade, pois defende que “o sujeito só é sujeito quando fala”. A subjetividade é, portanto, a condição da linguagem e do discurso, como Benveniste (1995, p. 289) afirma: “a linguagem é, pois, a possibilidade da subjetividade, pelo fato de conter sempre as formas linguísticas apropriadas à sua expressão”.

É justamente com essa noção de “formas linguísticas apropriadas” à expressão da linguagem que Benveniste introduz o segundo eixo de estudo a que nos referimos, qual seja, o *aparelho formal da enunciação*. Para o autor, a enunciação deve ser entendida numa perspectiva tridimensional, que comporta as categorias de pessoa, tempo e espaço — *eu, agora, aqui* —, definidas em seu escopo como o “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1989, p. 82). Alegando que, “depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno” (BENVENISTE, 1989, p. 84), o autor demonstra que o ‘ato individual’ é ancorado em uma perspectiva responsiva que orienta a formulação dos enunciados em uma ou outra maneira específica. Argumenta, assim, que o sujeito-enunciador estabelece os objetivos de seu discurso de acordo com as relações estabelecidas socialmente porque “a enunciação supõe a conversão individual da língua em discurso” (BENVENISTE, 1989, p. 83) numa adesão explícita à ideia de que o discurso é eminentemente social, regulado por regras sociais e autorizado por práticas sociais institucionalizadas.

Não obstante, a enunciação não é o objeto de investigação de Benveniste, uma vez que ele se inscreve num estruturalismo pós-saussuriano. Seu objeto de estudo é o enunciado, produto do ato de enunciação, com suas regularidades atreladas às formas da língua:

é preciso ter cuidado com a condição específica da enunciação: é o ato mesmo de produzir um enunciado, e não o texto do enunciado, que é nosso objeto. Este ato é o fato do locutor que mobiliza a língua por sua conta. A relação do locutor com a língua determina os caracteres linguísticos da enunciação. Deve-se considerá-la como o fato do locutor, que toma a língua por instrumento, e nos caracteres que marcam esta relação. (1989, p. 82).

Para Fonseca (2007), o cuidado de Benveniste tem uma dupla justificativa. Primeiro, é preciso entender que, se, na visão do autor, o objeto do linguista é o texto do enunciado e seus caracteres, isto quer dizer que a enunciação não pode constituir objeto de investigação linguística, pois isto exigiria que fossem contemplados elementos advindos de outros domínios do conhecimento, procedimento inaceitável do ponto de vista saussuriano. Segundo, tomar a enunciação como objeto de investigação requereria também uma mobilização heterogênea de presenças individualizadas, ou seja, exigiria que se aceitasse falar de sujeitos-enunciadores que utilizam a língua por sua conta, o que também seria inaceitável do ponto de vista saussuriano.

Segundo Fonseca (2007), uma consequência das ideias de Benveniste é a concepção de enunciado e de texto do enunciado como duas coisas diferentes. O enunciado é constituído dos caracteres que o compõem, realizado de acordo com as regras gramaticais do sistema e das regras discursivas da comunidade na qual o enunciador se insere. “Para Benveniste há uma “relação” entre o sujeito e a língua, no entanto o enunciado não se limita a essa relação somente: há de se considerar o enunciado e sua relação com o sistema linguístico, mas também há de se considerar o enunciado e sua relação discursiva eminentemente social de prática responsiva intersubjetiva” (FONSECA, 2007, p.18). O enunciado, portanto, vai além do texto do enunciado.

Com isso, entendemos que Benveniste, ao olhar para os aspectos enunciativos, dá um passo a mais nos estudos linguísticos saussurianos, na medida em que trabalha com a subjetividade do eu do sujeito no seu enunciado, diferentemente do mestre genebrino, que descartava, para a análise estritamente

linguística, quaisquer resquícios de subjetividade. Mesmo com todo o cuidado de Benveniste em manter a sua vinculação estrutural, em sua essência, não podemos negar o abismo entre as duas abordagens. Cardoso (2003) nos diz que não há, por parte de Benveniste, uma rejeição a Saussure, muito pelo contrário, a autora declara que a linguística saussuriana poderia dar perfeitamente conta do modo de significação semiótico, mas não do semântico. É o que constata Benveniste:

Quando Saussure definiu a língua como sistema de signos, estabeleceu o fundamento da semiologia linguística. Mas vemos agora que, se o signo corresponde às unidades significantes da língua, não se pode erigi-lo em princípio único da língua em seu funcionamento discursivo (1986, p. 66).

Assim pensando, o autor propõe uma ampliação à teoria saussuriana do signo para abranger a enunciação que, para ele, quase correspondia à noção de *discurso*. Para Benveniste (1986), a “língua nos fornece o único modelo de um sistema que seja semiótico simultaneamente na sua estrutura formal e no seu funcionamento” (p. 63). Nessa perspectiva, explica o autor, haveria na língua a combinação de dois modos de “significância”: o semiótico, na esfera dos signos, e o semântico, no âmbito do discurso, ou da enunciação.

Benveniste (1986) não descarta os pressupostos de Saussure, no entanto reconhece os limites saussurianos impostos pelo recorte do objeto tomado apenas pela *langue* e declara a necessidade de ir além:

Todo o estudo semiótico, em sentido estrito, consistirá em identificar as unidades, em descrever suas marcas distintivas e em descobrir os critérios *cada vez mais sutis* da distintividade. (...) Tomado nele mesmo, o signo é puramente idêntico a si mesmo, pura alteridade em relação a qualquer outro, base signficante da língua, material necessário da enunciação (p. 65).

Costa (2007) afirma que, com essas observações, Benveniste constata, por um lado, quão restritivo seria um estudo da língua que tomasse como objeto apenas a “distintividade” ou o “valor”, conforme prega a teoria saussuriana, mas, por outro lado, diz que tais elementos devem ser considerados, uma vez que constituem

“material necessário da enunciação”. Deste modo, vemos um Benveniste agarrado à linguística científica encarnado em Saussure e um outro Benveniste desejoso por mudanças *aqui e agora*.

Segundo Costa (2007), na teoria benvenistiana, o signo não pode ser erigido como “princípio único”: há que se buscarem outras explicações para o funcionamento da linguagem, por isso que ele acrescenta ao “modo de significância semiótico”, já proposto por Saussure, o “modo de significância semântico”, que preencheria a lacuna deixada por Saussure - cuidaria do sentido produzido na língua em uso e, nesse processo, resgataria a questão da referência, que fora ignorada pelo estruturalismo, como um dos elementos importantes na produção desse sentido. É o que lemos nas palavras do próprio autor:

Com o semântico entramos no modo específico de significância engendrado pelo DISCURSO. Os problemas que aqui se colocam são função da língua como produtora de mensagens. Ora, a mensagem não se reduz a uma sucessão de unidades que devem ser identificadas separadamente; não é uma adição de signos que produz o sentido, é, ao contrário, o sentido (o ‘intencionado’), concebido globalmente, que se realiza e se divide em ‘signos’. (...) o semântico toma necessariamente a seu encargo o conjunto dos referentes, enquanto que o semiótico é, por princípio, separado e independente de toda referência. A ordem semântica se identifica ao mundo da enunciação e ao universo do discurso. (BENVENISTE, 1986, p. 65).

Com isso, identificamos na teoria benvenistiana a importância da noção de referência. O autor explica o processo de enunciação assim: a língua, que antes da enunciação não é senão possibilidades, é acionada por um locutor, que se apropria do “aparelho formal” que lhe é oferecido e “enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, por outro” (p. 84). Esse ato instaura de imediato um “co-locutor”: visto que “toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocação, ela postula um alocutário”. O que move tal ato enunciativo é, “para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso, e, para o outro, a possibilidade de co-referir identicamente, no consenso pragmático que faz de cada locutor um co-locutor”. A referência é, assim, “parte integrante da enunciação” (BENVENISTE, 1986, p.84).

Para Cardoso (2003), a obra de Benveniste é uma evolução do conceito de referência. Tal evolução ocorreria com o abandono da ideia da oposição “pessoa/não pessoa”, que separa os “signos plenos” (que poderiam remeter a uma mesma referência) dos signos “vazios” (que instaurariam uma referência mais incidental, remetendo apenas à ‘realidade do discurso’), em função do alargamento das noções de discurso e enunciação. Costa (2007) critica essa separação dicotômica e afirma que, quando o autor admite a presença - quer explícita, quer implícita - de um alocutário nos atos enunciativos, está, na prática, rompendo com a dicotomia “plano do discurso / plano da história” e se afastando, de certa maneira, da ideia de que haveria dois tipos de referência, um dos quais (o dos signos “plenos”) remeteria aos “objetos ‘reais’”, “aos tempos e lugares ‘históricos’”. Cardoso (2003, p. 79) também rebate essa distinção argumentando que a noção de signos plenos, cumprindo “uma função representacional, simbólica, constativa, (...) provém da concepção clássica de referência” e, logicamente, não condiz com a visão enunciativa da linguagem.

Outra crítica apontada por Cardoso (2003) a Benveniste, em sua proposta de subjetividade, diz respeito ao fato de o sujeito idealizado por Benveniste (1986, p. 84) ser alguém que “se apropria”, individualmente, “do aparelho formal da língua” e o utiliza em função de seus propósitos comunicativos, em cada ato enunciativo singular. O “alocutário” ao qual o autor se refere é “implantado” por esse sujeito, que assume a posição de locutor.

Cardoso (2003), com o pensamento em sintonia com os pressupostos da análise do discurso, critica o que ela chama de “fugacidade da enunciação”: o ato enunciativo seria concebido sem levar em conta “os lugares sociais de onde falam os interlocutores” (p. 81). Poderia, então, ser vista como “elementar” essa visão imediatista da enunciação (p. 83), em que “A referência, tão circunstancial quanto o discurso, acaba sendo apenas um acontecimento, pode-se dizer, um acontecimento que desaparece” (p. 81).

Outros autores, como Mondada, Apothéloz, Koch e Cavalcante, só para citar alguns, também compartilham dessa concepção mais ampla de enunciação, pois

trabalham em uma linha mais sociointeracionista do texto/discurso, e reconhecem a influência do contexto social mais amplo na produção do discurso. A tão efêmera autonomia do sujeito pregada por Benveniste esbarra no caráter intersubjetivo dos atos referenciais, por meio dos quais os referentes se constroem e se reconstroem conjuntamente na dinâmica das práticas sociais. Nessa perspectiva, não haveria lugar para esse sujeito benvenistiano, que, senhor do ‘aparelho formal da língua’, numa atitude cartesiana, “sacaria” de lá as formas adequadas à consecução de seus objetivos comunicativos.

De qualquer forma, concordamos com Costa (2007) e com Cardoso (2003), que reconhecem em Benveniste uma grande contribuição para o avanço das teorias que estudam os fenômenos da linguagem, sejam elas mais voltadas para “situar o discurso num eixo histórico mais amplo do que o eixo histórico do acontecimento”, sejam elas voltadas para o uso da língua como ação conjunta, por sujeitos sociais, que se instituem enquanto produzem discurso em suas práticas cotidianas. O olhar sobre o funcionamento da língua, promovido pelo autor, não deixa de ser um passo importante para levar a qualquer um desses dois caminhos.

Como mostramos acima, toda a teorização de Benveniste é um abaloamento nos pressupostos saussurianos. Benveniste, de todo modo, mesmo que sutilmente, apontou uma falha no signo linguístico por ter excluído o referente da sua teorização.

4.5 Act of excluding – o ato de exclusão do referente

Para Arrivé (1999), no entanto, a exclusão do referente não é uma falha, mas uma opção: “o que é o signo para Saussure? É preciso começar por um gesto de exclusão: o da “coisa”, designação saussuriana daquilo que, mais tarde, os linguistas chamarão de referente. (p.39)

A afirmação de que o signo linguístico une não uma coisa e um nome, mas um conceito e uma imagem acústica, retira o referente de pauta. O exemplo dado

para ilustrar a exclusão do referente é o esquema representado por um cavalo e uma árvore diante de palavras latinas *arbo* e *equos*, que são correspondentes. A exclusão da coisa, conforme cita Engler (1967) em suas notas, é a consequência imediata da recusa em conceber a língua como nomenclatura, ou seja, como um vocabulário de nomes: “uma lista de termos correspondentes a outras tantas coisas.” (p.97)

Para Arrivé (1999), Saussure (s/d) não desconhecia o problema das relações entre linguagem e realidade: “essa concepção - da língua como nomenclatura - deixa supor que o laço que une um nome a uma coisa é uma operação muito simples, o que está longe de ser verdade.” (p.97). Arrivé (1999), com base nisso, argumenta, ainda, que o termo “operação”, que o mestre genebrino menciona, é o processo linguístico pelo qual o referente é assumido pelo signo: “temos, pois, um esboço da teoria saussuriana da referenciação” (p.39). Arrivé, no entanto, não justifica suficientemente esta afirmação, que ele lança e não argumenta mais profundamente em relação à defesa de uma base referencial na teoria saussuriana:

Não se deve estranhar que esse esboço permaneça no seu estado deliberadamente lacunar: a ‘operação’ pela qual os ‘objetos’ são ‘designados’ depende da fala. Ela pertence realmente à linguística, mas à linguística da ‘fala’, a qual, como acabamos de ver, Saussure exclui do seu projeto, mesmo afirmando a sua legitimidade. (p.39, aspas do autor)

Saussure (s/d) afirma que o objeto da linguística é a *langue*, e não a *parole*, embora reconheça a existência desta, mas, para o seu projeto estruturalista, não cabe levar em consideração a fala em uso. Arrivé (1999) observa que, desse modo, o referente foi rapidamente descartado. Isto mais parece uma contradição do autor do que propriamente uma observação. Primeiro, Arrivé (1999) diz, contrariando toda a literatura sobre o assunto, que podemos vislumbrar em Saussure o esboço de uma teoria sobre a referenciação, mas, logo em seguida, ele afirma que o referente foi rapidamente descartado pelas escolhas teóricas do mestre genebrino. E, com isso, encerram-se as reflexões de Arrivé sobre o assunto.

Arrivé (1999) comenta que o difícil, para o mestre, foi provar a seguinte afirmação: “a prova disso são as diferenças entre as línguas e a própria existência de

línguas diferentes: o significado 'boeuf' tem como significante b-ö-f de um lado da fronteira e o-k-s (ochs) do outro." (p.100). Desta forma, Arrivé (1999) detecta a falha no raciocínio saussuriano: "passar de uma língua para outra para provar, em uma delas, a arbitrariedade do signo é supor que o significado de 'boeuf' é exatamente idêntico ao de 'Ochs'. Isso está em plena contradição com as posições mais explícitas defendidas pelo próprio Saussure." (p.42). Mostramos anteriormente que o mestre negava a concepção de língua como nomenclatura. E Arrivé (1999) reconhece: "se ele se afastou da concepção de língua como 'nomenclatura', é precisamente porque ela supõe ideias já constituídas, preexistentes às palavras." (p.42)

Engler (1967) mostra que, nas fontes manuscritas, Saussure nega a possibilidade de correspondência entre signos de línguas diferentes:

se as ideias fossem predeterminadas no espírito humano antes de serem valores de língua, uma das coisas que aconteceria forçosamente é que os termos de uma língua corresponderiam exatamente aos de outra. Por exemplo: *cher* em francês e *lieb, theuer* em alemão. Não há correspondência exata. (p.262)

Arrivé (1999) questiona: se não há correspondência exata entre *cher e lieb*, por que haveria entre *boeuf e Ochs*? "O significante *boeuf* em *Ça fait un effet boeuf* não se traduz em alemão por *Ochs*, assim como o significante *Ochs* em *Er steht wie der Ochs am Berge* não se traduz por *boeuf*." (p.42)

Vemos que Saussure, apesar de excluir o referente, se contradiz em sua explicação e passa da arbitrariedade entre o significante e o significado para a arbitrariedade entre o signo e o referente. Isso não passa despercebido pelos mais atentos. Pichon (1937), por exemplo, utilizando primeiramente uma citação de Saussure do *CLG*, afirma:

(...) o signo é arbitrário, pois um significante tal com b-ö-f não tem nenhuma relação com o seu significado. A possibilidade de expressar em alemão o mesmo significado pelo significante o-k-s é realmente a prova desse caráter arbitrário. Não é necessário ir mais longe; o erro de Saussure é, na minha opinião, evidente. Ele consiste no fato de que Saussure não se dá conta de que introduz no curso da demonstração elementos que não estavam no enunciado. Define primeiro o significado como sendo a ideia

geral de boi, ou pelo menos a imagem sensorial de um boi... Ora, essas são duas coisas completamente diferentes. (p. 26)

E acrescenta: “se é realmente verdade que há bois na Alemanha como na França, não é verdade que a ideia expressa por [o-k-s] seja idêntica à expressa por [b-ö-f].” (PICHON, 1937, p. 27). Arrivé (1999) recorre a Benveniste (1939), que formula observações muito semelhantes às de Pichon:

Saussure declara, nos seus próprios termos (p.100), que o signo linguístico une não uma coisa a um nome, mas um conceito e uma imagem acústica. Mas afirma, logo depois, que a natureza do signo é arbitrária porque ele não tem, com o significado, nenhuma ligação natural na realidade. É claro que o raciocínio se torna falso pelo recurso inconsciente e sub-reptício a um terceiro termo, que não estava compreendido na definição inicial. Esse terceiro termo é a própria coisa, a realidade (...). Quando ele fala da diferença entre *b-ö-f* e *o-k-s*, refere-se sem querer ao fato de que esses dois termos se aplicam à mesma realidade. Aí está pois a *coisa*, expressamente excluída, de início, da definição de signo, e que se introduz nela por um desvio, instalando permanentemente a contradição. (BENVENISTE, 1939, p.50)

O que é que representa esse “erro” ou essa derrapagem de Saussure (s/d) para a teorização do signo? Arrivé (1999) avalia que as críticas, tanto de Pichon (1937) como de Benveniste (1939), são incontestáveis. Afinal, qual a importância do referente para a teoria do signo e por que, inicialmente, ele foi rejeitado, para depois ser recuperado, sem que Saussure percebesse a *coisa* em sua teorização? Arrivé (1999) conclui que ele tem desculpas, pois, embora o signo seja exclusivamente constituído do significante e do significado, é necessário que, de alguma forma, o significado tenha alguma relação com o referente: “à mais ‘imane[n]te’ das semânticas nunca consegue eliminar completamente o fato de que um referente deve apresentar traços compatíveis com os do significado que assume.” (p.44)

É interessante notar que Arrivé (1999) recorre também a Lacan para dizer que este, assim como Saussure, também escorregou no referente, quando levantou o problema do elefante e da girafa, vejamos:

o fundamento mesmo da estrutura da linguagem é o significante, que é sempre material e que reconhecemos em Santo Agostinho no *verbum*, e o significado. Tomados um a um, estão numa relação que parece estritamente arbitrária. Não há mais razão para chamar a girafa *girafa* e ao elefante *elefante*, do que para chamar à girafa *elefante* e ao elefante *girafa*. Não há nenhuma razão para dizer que a girafa tem uma tromba e que o elefante tem um pescoço muito longo. (LACAN, 1988, p. 300)

Arrivé (1999) observa que, assim como Saussure (s/d), Lacan (1988) situa primeiro a arbitrariedade entre o par significante e significado. No entanto, a sequência de sua análise leva-o a introduzir, o referente: “gesto quase inevitável. Se elefante é o significante de ‘girafa’, o elefante (o da savana ou do jardim Zoológico de Vincennes, o ‘objeto designado’, a ‘coisa’, o referente, enfim) tem necessariamente o pescoço muito comprido.” (p.44). Arrivé (1999) admite um “isomorfismo” necessário do significado e do referente, daí a derrapagem de Saussure e de Lacan.

Quais as consequências dessa “derrapagem”? O que significa admitir o referente na composição do signo? A inclusão do referente na teorização lacaniana modifica o modo de pensar a teoria? Pensamos que não: o que muda é apenas o reconhecimento da inevitável presença do referente nas considerações sobre signo. Este reconhecimento, que já estava em Benveniste, foi reafirmado por outros estudiosos, como Bouquet, Arrivé, Pichon, Cardoso e Araújo, dentre outros, e é particularmente enfatizado nesta pesquisa.

Com todas essas considerações, interessa-nos, sobremaneira, questionar a suposição, sempre tacitamente aceita, de que toda a teoria psicanalítica lacaniana se funda na concepção de signo da linguística saussuriana. Mas não estamos realmente diante da mesma noção de signo.

4.6 Significado, denotação e referência

Como já discutimos anteriormente, assinalando a arbitrariedade entre significante e significado, Saussure julgava ter deixado de fora de sua análise a instabilidade do mundo real e dos usos da língua.

Dentro da perspectiva da Filosofia da Linguagem, Frege (1978) também refletiu sobre essa delicada relação entre linguagem, pensamento e realidade e postulou que o “referente” seria a representação da coisa que tinha existência e unicidade no mundo real:

A conexão regular entre o sinal, seu sentido e sua referência é de tal modo que ao sinal corresponde um sentido determinado e ao sentido, por sua vez, corresponde uma referência determinada, enquanto que a uma referência (a um objeto) não deve pertencer apenas um único sinal. (FREGE, 1978, P. 63)

O autor afirma, ainda, que nem sempre ao sentido corresponde uma referência, “entender-se um sentido nunca assegura sua referência” (p. 63). Exemplifica com o sentido de expressões como: “inferno astral”, “qualquer passageiro daquele trem”, “a Iara” etc. e diz que, apesar de apreendermos o sentido das expressões, ele não nos garante uma referência existente e única no mundo real, por isso postulou a separação entre significado e referência.

Rodrigues (2007) afirma que Frege (1978) vai além do sentido e da referência como componentes do sinal, pondo em questão um terceiro componente: a *representação* associada ao sinal. Diferentemente do sentido do sinal, que seria uma imagem apreendida coletivamente, a representação teria uma carga subjetiva mais intensa:

Se a referência de um sinal é um objeto sensorialmente perceptível, minha representação é uma imagem interna, emersa das lembranças de impressões sensíveis passadas e das atividades, internas e externas, que realizei. (...) A representação é subjetiva: a representação de um homem não é a mesma de outro. (...) A representação, por tal razão, difere essencialmente do sentido de um sinal, o qual pode ser a propriedade comum de muitos, e, portanto, não é uma parte ou modo da mente individual (...) (FREGE, 1978, p. 64-65)

O autor discute também a constituição do nome próprio e diz que não é inteiramente subjetiva como a representação:

A referência de um nome próprio é o próprio objeto que por seu intermédio designamos; a representação que dele temos é inteiramente subjetiva; entre uma e outra está o sentido que, na verdade, não é tão subjetivo quanto a representação, mas que também não é o próprio objeto. (FREGE, 1978, p. 65)

Desta forma, Frege (1978) “introduz” o “mundo real” em suas considerações. Ele explicita que o sinal designa uma “referência” (a coisa do mundo real que é designada). Mas a conexão entre o sinal e a coisa designada, para Frege (1978, p.62-3), é arbitrária: “ninguém pode ser impedido de empregar qualquer evento ou objeto arbitrariamente produzidos como um sinal para qualquer coisa”. O que é arbitrário é a conexão entre o sinal e a referência; esta conexão, para Frege, pode ser alterada, ou deformada, pelo falante.

O princípio da arbitrariedade do signo em Saussure não estaria relacionado com a conexão do signo com o mundo, com a coisa do mundo real designada pelo signo. Os componentes do signo, o *conceito* (significado) e a *imagem acústica* (significante), é que sofrem uma conexão arbitrária.

Esse pensamento condiz com as ideias de Benveniste (1991), que reconsidera a natureza do signo linguístico de Saussure para problematizá-la. Conforme já o dissemos, para Benveniste (p.56), a relação entre significado e significante não é arbitrária: “o que é arbitrário é que um signo, mas não outro, se aplica a determinado elemento da realidade, mas não a outro”. A natureza do signo linguístico não tem nada que ver com isso, com a realidade, se o definirmos como o fez Saussure, pois o próprio dessa definição consiste precisamente em não encarar senão a relação entre o significante e o significado. O domínio do arbitrário em relação à realidade do mundo fica, assim, supostamente fora da compreensão do signo linguístico.

No entanto, por um deslize formal, como diz Benveniste e como já observamos anteriormente, Saussure introduz a questão do referente em suas discussões. Para Benveniste (1991), quando Saussure se refere à arbitrariedade do

signo, ele discute, na verdade, a significação, não o signo linguístico: “o arbitrário só existe em relação com o fenômeno ou o objeto material e não intervém na constituição própria do signo.” (p. 57)

Ao afirmar, porém, a arbitrariedade do signo, Saussure inclui, sem o pretender, a realidade na definição inicial.

Tomar o signo como arbitrário, quer dizer que é arbitrário em relação à coisa designada, como já havia afirmado Frege (1978).

É o que tenta demonstrar Arrivé, quando diz que há em Saussure uma primeira teoria da referenciação. É importante notar que a relação que une os componentes do signo não pode ser tomada como sendo o próprio signo, mas, sim, o “total resultante” dessa associação. Daí Benveniste (1991, p. 55) propor que “entre o significante e o significado, o laço não é arbitrário; pelo contrário, é necessário”. Vemos essa relação “necessária” presente no próprio texto de Saussure (s/d, p.80), de uma forma discreta, quando diz: “esses dois elementos estão intimamente unidos e um reclama o outro”.

A confusão entre o que é arbitrário no signo linguístico tem relação com a discussão entre sentido e referência. Para Benveniste (1989), “o sentido de uma palavra é seu emprego” e o referente “é o objeto particular a que a palavra corresponde no caso concreto da circunstância ou do uso.” O autor adverte que “é desta confusão extremamente frequente entre sentido e referência, ou entre referente e signo, que nascem tantas discussões vãs sobre o que se chama o princípio da arbitrariedade do signo” (BENVENISTE, 1989, p.231).

Quando autores como Frege (1978), Benveniste (1989) e até Arrivé (1999) abordam a questão da referência, será que é de referência mesmo, como entende hoje a linguística do texto, ou eles, na verdade, dizem *referência* querendo dizer *denotação*? Como observa Cavalcante (a sair):

O que se concebia, pois, como referente – devemos notar – já resvalava para outra noção, a de objeto denotado, ou, em outros termos, a noção de *referência* já se confundia com a de *denotação*. (...) A denotação diz respeito, na verdade, a um tipo de significado descritivo; é a relação

virtual, estocada na nossa memória coletiva, entre a palavra e o conjunto dos membros de uma classe que ela representa (cf. Lyons, 1977). Eis por que é possível dizer que o nome *cavalo* denota a classe de indivíduos que podem ser designados como tal. Quando tratamos da denotação de uma palavra como *cavalo*, ocorre-nos a ideia de uma série de animais, mais ou menos semelhantes, que poderíamos chamar assim. Já a referência costuma estar associada ao uso que os sujeitos podem fazer das expressões referenciais em enunciados efetivos, em contextos particulares, para se reportarem a entidades. Não poderíamos falar de referência considerando apenas a palavra fora de contexto, em estado de dicionário, mas poderíamos, sim, tratar de denotação.

Ou como “referência” ou como “denotação”, o fato é que se defendia a correspondência direta entre as palavras e as coisas, concepção especular do saber e do discurso – a língua sendo uma representação adequada da realidade. Consequentemente, os trabalhos de pesquisa de línguas ideais levaram adiante a tentativa utópica de estabelecer uma língua em total adequação com o mundo. Essa perspectiva é partilhada pelo senso comum pela crença em um mundo exterior estabilizado, que permite que se “compreenda” a realidade cotidiana.

A linguística do texto contemporânea, representada por Koch (2007) Marcuschi (2007), Cavalcante (2008) e outros, sustenta que os elementos linguísticos e os elementos mundanos são inerentemente instáveis e só passam a adquirir significação a partir de interações discursivas. Desta forma, não se pode mais aceitar a definição de referente como uma entidade do mundo para a qual uma expressão referencial remete. Ora, os usos linguísticos revelam não a realidade, mas, sim, uma percepção do real, uma mesma “realidade” que pode ser concebida e expressa sob diversas maneiras. É essa instabilidade que leva Mondada (2004) a propor um novo olhar para os processos referenciais, em que se sai de uma visão estática do referente, para uma visão dinâmica do objeto do mundo construído na própria interação, a partir da negociação entre os pontos de vista dos participantes do ato enunciativo. Eis por que a autora prefere falar de não de referência, mas de *referenciação*, contemplando, com isso, a dinamicidade e a instabilidade dos modos de perceber e de expressar as entidades do mundo, às quais, em vista disso, ela opta por chamar de *objetos de discurso*.

5 A referenciação *includere* – o ato de inclusão do referente

5.1 A referenciação

Tomaremos como referencial teórico para nosso estudo os pressupostos da Linguística Textual, especificamente o de referenciação e recategorização, dois conceitos essenciais, neste estudo, para o desenvolvimento de nossa conjectura, qual seja: a de que os processos referenciais recategorizadores mostram muito mais do que apenas funções argumentativas em um determinado texto. Iniciaremos nossa discussão com os novos estudos da linguística do texto sobre os processos referenciais.

Se a referenciação é inerentemente social, não podemos desconsiderar que a atividade é também cognitiva, visto que a interação linguística só ocorre porque os sujeitos são capazes de processar intelectivamente os textos que produzem e compreendem. O processamento referencial é estratégico, no sentido de que os interlocutores selecionam formas de atuar dentro da dinâmica textual-discursiva, utilizando para tanto o conhecimento (em algum nível) proveniente de sua “bagagem” mental.

Ciulla e Silva (2008) pondera, a partir da noção de *semelhança de família* de Wittgenstein (1975), que são os falantes, em sua atividade interativa e social, os responsáveis pelas categorizações. Deste modo afirma:

afastamo-nos da ideia de *protótipo-objeto* (elemento concreto que seja prototípico) e aproximamo-nos de uma noção de *protótipo-entidade cognitiva*, isto é, uma construção resultante de operações cognitivas, que produziria um *efeito de prototipicidade*, devido ao caráter instável, múltiplo e flexível das categorias construídas pelos seres humanos. (2008, p. 28)

Assim, a autora reitera o pressuposto de que a referenciação é uma operação dinâmica e sociocognitiva:

quando falamos em categorias estabilizadas por protótipos, é preciso lembrar pelo menos duas questões centrais: uma é a multiplicidade e a imprevisibilidade de combinações que podem compor uma categoria, bem como sua possível mutação; a outra é que as operações cognitivas, como a prototipia, não podem ser vistas de maneira independente da ação coletiva dos falantes. (CIULLA E SILVA, 2008, p.28)

Custódio Filho (2008) também corrobora este pensamento e enfatiza a importância de se tomar o processo de referenciação como o conjunto de operações dinâmicas efetuadas pelos sujeitos, à medida que o discurso se desenvolve, com o intuito de construir, compartilhadamente, os objetos de discurso que garantirão a construção de sentidos.

Segundo Cavalcante (2004, fundada em Mondada, 1994), a referenciação é uma operação pela qual denominamos e representamos, por meio de palavras, as coisas do mundo: os objetos, os seres e os sentimentos. Mais do que nos referirmos aos objetos, construímos representações durante nossa interação com o ambiente em que vivemos. Daí Mondada e Dubois (1995) estabelecerem a sutil diferença entre referente e objeto de discurso, de que falamos acima: o referente é o objeto do mundo dado, enquanto que o objeto de discurso é uma construção discursiva e diz respeito a um processo, o processo de *referenciação*:

Falaremos de referenciação, (...) como advindo de práticas simbólicas mais que uma ontologia dada. (...) o problema não é mais, então, de se perguntar como a informação é transmitida ou como os estados do mundo são representados de modo adequado, mas de se buscar como atividades humanas, cognitivas e linguísticas, estruturam e dão um sentido ao mundo. (Mondada e Dubois, 1995, p. 20)

Desta forma, as autoras entendem os referentes como “objetos de discurso”, privilegiando a dimensão intersubjetiva das atividades linguísticas e cognitivas, responsáveis pela mera ilusão de um mundo objetivo, “pronto” para ser apreendido pelos indivíduos racionais que nele se encontram. O termo referenciação vem sendo utilizado para designar essa moderna concepção de referência que, conforme se

apresenta, impõe um alargamento da perspectiva clássica, restrita a uma concepção representacionista da língua, na qual não há lugar para o papel do sujeito nem para o contexto da enunciação. Ademais, essa abordagem volta-se para a investigação de “como as atividades humanas, cognitivas e linguísticas, estruturam e dão um sentido ao mundo” (MONDADA E DUBOIS, 1995, p. 276).

Esta posição é também compartilhada por Koch (2004), que toma a referenciação como uma construção e reconstrução de objetos de discurso, tal como pensam Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), que assumem uma concepção “construtivista” da referência.

Por isso, Custódio-Filho (2008) sublinha que a mudança de nomenclatura (de *referência* para *referenciação*) não é apenas estética, mas, acima de tudo, aponta para uma ideia de referenciação que engloba os estudos dos fenômenos textuais em um contexto bem mais abrangente, o da sociocognição, que não era considerado nos estudos iniciais sobre referência, limitados, por exemplo, à análise dos mecanismos de coesão cotextual.

Nessa perspectiva, os processos de categorização e de referenciação põem em relevo não somente um sujeito real, mas, sobretudo, um sujeito sociocognitivo, “que constrói o mundo ao curso do cumprimento de suas atividades sociais e o torna estável graças às categorias – notadamente às categorias manifestadas no discurso” (MONDADA E DUBOIS, 1995, p. 276).

Isso pressupõe uma dinamicidade desses processos, que conferem, como estamos defendendo, possibilidades de escolha de referentes e de modos de designar, que arrastam à revelia ou não do sujeito um desejo representado em sua fala. É o que pretendemos investigar em nossa pesquisa, que o referente e muitas outras pistas cotextuais (que também levam à construção da referência) apontam desejos mais do que, simplesmente, marcas linguística de uma construção argumentativa.

Blikstein (1983) afirma que o referente é fabricado pelos estereótipos e que se interpõe entre nós e a realidade, fingindo ser o “real”. É o que ele denomina de

‘óculos sociais’, por defender que não vemos a realidade tal qual ela se apresenta: vemos o mundo através dos referentes. Estamos imersos num mundo construído por meio das representações das coisas, durante nossas interações com o outro. Em outras palavras, vivemos num mundo simbólico, mediatizado pela linguagem: não se pode encarar o sol diretamente, nem tratar as palavras como coisas, *Die Sache*. É o que ratifica Cavalcante (2004): “O referente não está no mundo, nem no texto, nem se encontra isolado e pré-estabelecido na mente dos interlocutores; ele é uma imagem que se fabrica durante o discurso, no contexto de comunicação, e é por ele também influenciado”. (p.03)

Podemos identificar os referentes através dos diferentes tipos de expressão referencial dentro de um texto oral ou escrito, dentre eles: nomes próprios, grupos nominais, elipses, etc. Algumas dessas expressões referenciais remetem a referentes que já foram introduzidos no discurso e são apenas retomados por formas com significado semelhante, ou por expressões que recategorizam o referente; outras vezes, podem remeter a objetos que nunca foram mencionados no texto, mas, que, às vezes podem aparecer como se já fossem conhecidos de todos, pois, quando falamos, recorremos a um compartilhamento de conhecimentos comuns e ao mesmo tempo de conhecimentos de mundo. No primeiro caso, tem-se a chamada anáfora direta (ou correferencial); no segundo, tem-se uma mera introdução de referentes.

Embora não seja interesse deste trabalho focalizar uma classificação de estratégias de referenciação, teremos que utilizar os tipos de processos referenciais para proceder à análise, pois este é um dos critérios que escolhemos para realizar a análise empírica da pesquisa.

Mostraremos agora, brevemente, a classificação de estratégias referenciais proposta por Cavalcante (2003), em que a autora agrupa as várias subdivisões anafóricas. Cavalcante considera três fatores primordiais em sua classificação: a função referencial, os traços de significação e o aspecto formal.

Consideramos o primeiro critério o mais importante dos três, uma vez que a função referencial pode introduzir um novo referente no discurso ou, ainda, dar continuidade aos referentes já estabelecidos no universo discursivo.

Exemplo de uma introdução referencial:

(36). Se um homem bate na mesa e grita, está impondo controle. Se uma mulher faz o mesmo, está perdendo o controle. (CAVALCANTE, 2003, P.87)

Neste exemplo, vemos que *um homem* e *na mesa* não estão atrelados a nenhum elemento anteriormente mencionado no cotexto, ou no contexto discursivo. São introduzidos cotextualmente pela primeira vez, por isso são *introduções referenciais*.

Já as anáforas ocorrem em situações de retomada desses referentes que já foram introduzidos no cotexto, por isso são casos de continuidade referencial. Continuidade referencial não significa, obrigatoriamente, manutenção de um mesmo referente, uma vez que é possível remeter a um outro referente que se associa, de algum modo, ao que foi introduzido, mas que não é idêntico a ele. Cavalcante (a sair) afirma que, a título de melhor compreensão dos processos anafóricos, basta classificá-los em anáfora com retomada ou sem retomada e, desta forma, deixar de lado todas as subclassificações que alguns estudos, muitas vezes, repetem. Exemplos de anáfora direta:

(37). Na embarcação desconfortável, tosca, apenas quatro passageiros. Uma lanterna nos iluminava com sua luz vacilante: um velho, uma mulher com uma criança e eu. O velho, um bêbado esfarrapado, deitara-se de comprido no banco, dirigira palavras amenas a um vizinho invisível e agora dormia. (CAVALCANTE, 2003, P.98)

(38). Betsy esperou a volta do homem para morrer.

Antes da viagem ele notara que Betsy mostrava um apetite incomum. (CAVALCANTE, 2003, P.103)

Nos dois textos, temos exemplos de anáforas diretas, ou seja, com retomada do mesmo referente. No exemplo 2 o elemento *o velho* retomou *um velho*. No exemplo 3, *ele* retoma *o homem*.

Muitas vezes, porém, conforme mostram numerosos estudos (ver MARCUSCHI, 2000), as informações culturalmente partilhadas permitem que uma expressão referencial remeta a outras pistas textuais que lhe servem de âncora para engatilhar um processo de anáfora indireta.

As anáforas indiretas, isto é, sem retomada do mesmo referente, remetem a pistas (âncoras) do cotexto, às quais estão associadas, pois são inferidas a partir delas. Elas são identificadas, principalmente, por não apresentarem correferencialidade e introduzirem um referente novo, como se este já fosse conhecido:

(39). Coloque o amendoim em uma assadeira e leve ao forno médio por 30 minutos. Mexa sempre até que o amendoim esteja torrado e a pele saindo com facilidade. (CAVALCANTE, 2003, P.110)

(40). Nos últimos dias de agosto [...] a menina Rita Seidel acorda num minúsculo quarto de hospital [...] A enfermeira chega até a cama [...](CAVALCANTE, 2003, P.113)

Nos dois exemplos acima, os referentes grifados aparecem no texto como se já fossem conhecidos do leitor, uma vez que a proximidade entre os elementos, *amendoim, a pele e quarto do hospital e enfermeira* permite uma interpretação satisfatória da leitura.

As expressões referenciais se classificam não apenas como introduções referenciais e anáforas, mas também como dêiticas. As anáforas retomam os referentes representados no cotexto, não importando a direção a que a expressão

remeta, se para frente ou se para trás, e podem ser diretas ou indiretas (cf. Cavalcante, 2004)²⁶, conforme dissemos. Já os dêiticos, ainda que remetam a um referente representado no cotexto, precisam tomar como ponto de origem a localização do falante no tempo/espaço real de fala. Os dêiticos, diferentemente dos anafóricos, podem não ter âncoras e se constituírem meras introduções referenciais: “Os dêiticos apontam não [necessariamente] para outras expressões ou porções textuais, mas para referentes que representam entidades situadas ou pressupostas na comunicação que se efetiva naquele momento”. (CAVALCANTE, 2004, p.06)

Há certas expressões que só podem ser plenamente depreendidas se o interlocutor souber algumas “coordenadas” do enunciador: quem fala, para quem fala, de onde fala e quando fala (CUSTÓDIO-FILHO, 2008). O fenômeno da dêixis pode ser entendido como a localização e identificação de diversos aspectos (pessoas, objetos, eventos, processos) em relação a um contexto espaço-temporal, criado em uma situação de enunciação em que haja pelo menos um falante e um ouvinte. A situação normal de enunciação é **egocêntrica**, no sentido de que o falante se coloca no centro do processo enunciativo e relaciona tudo conforme o seu ponto de vista; temos, assim, o processo dêitico:

(41). Apresentada na última sexta-feira pela polícia como uma das autoras do assassinato de seus pais, ocorrido no mês passado, em São Paulo, Suzane Richthofen, de 19 anos, tem muito a ensinar sobre a atual geração de jovens de classe média.

(42). Homem: Este lugar está vago?

Mulher: Está, e este aqui onde estou também vai ficar se você se sentar aí.

²⁶ Não é nosso interesse aqui iniciarmos uma longa discussão sobre os processos referenciais, na medida em que nosso objetivo *princeps* não é simplesmente identificar as expressões referenciais na superfície da fala, mas identificar a partir dos processos de recategorização a expressão de um desejo.

Nos exemplos acima, vemos que o falante “aponta” para os elementos de acordo com a posição onde se encontra: *na última sexta-feira e mês passado* indicam uma determinada data no tempo em que o evento se passou. Esse apontar é responsável pela construção de referentes textuais, que só podem ser interpretados adequadamente se se levar em conta a posição inicial desse falante. É o que acontece no exemplo 7, em que os personagens só falam conforme a sua posição no lugar em estão ocupando no momento da interação.

Como dissemos, nossa preocupação maior não é simplesmente classificar, no discurso, as expressões referenciais como anafóricas (diretas e indiretas) ou dêiticas; nosso propósito é, antes de tudo, emprestar um olhar às novas formas de comunicação que se realizam através da mídia eletrônica, que podem ser encontradas, por exemplo, nos bate-papos virtuais, daí a importância de se analisar a evolução dos referentes, na medida em que eles se prestam à construção dos vários sentidos de um texto:

As expressões referenciais não se prestam exclusivamente à identificação de referentes: elas podem exercer uma função argumentativa valiosa em certos contextos discursivos. (...) a decisão de escolher formas distintas de expressão da referência nunca é ingênua, porque tanto anafóricos como dêíticos são fabulosos meios de veicular pontos de vista do enunciador. (CAVALCANTE, 2004, p. 06)

Como bem disse Cavalcante (2004), as expressões referenciais não servem apenas para identificar referentes, mas conservam, também, uma outra função no contexto discursivo, qual seja, a função argumentativa. Para tanto, o enunciador se vale de meios distintos para expressar seu ponto de vista. A recategorização de referentes, principalmente, é muito utilizada no discurso com esse propósito:

(43). SOBE

CARLOS ALBERTO PARREIRA

O treinador tetracampeão do mundo voltou ao comando da seleção brasileira. (CAVALCANTE, 2003, P. 124)

(44). [artigo relatando o julgamento de um automobilista responsável por um acidente.] Ele reconhece ter rodado bêbado (...) O Tribunal de correção infligiu ontem uma pena fechada a este recidivista. (APOTHÉLOZ e REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p. 247)

Vemos que os referentes, tomados como objetos de discurso, são, por natureza, evolutivos, de modo que os usuários da língua, considerados como centro das atividades de designação, podem lançar mão de vários recursos para elaborar e fazer evoluir esses referentes. Os objetos de discurso constituem-se por um conjunto de informações inclusas no saber compartilhado pelos interlocutores.

Para Lima (2004), na designação de um referente qualquer, o falante pode deixar de lado a denominação-padrão correspondente ao nível básico da categorização do conceito e fazer as devidas adaptações à expressão, atendendo aos seus objetivos comunicacionais e operando, assim, um processo de recategorização lexical. Esse processo também pode ser visto como uma reapresentação de um objeto de discurso de um modo novo, a partir da qual se pode fazer uma nova predicação de atributo.

Seguindo o mesmo posicionamento de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), Koch (2002) constata que a recategorização não só opera uma referência, mas também auxilia na interpretação dos sentidos realizada pelo recebedor do texto. Esta observação reforça a ideia de que se dá uma reelaboração dos referentes pelo interlocutor; o que estamos acrescentando aqui é que tal recategorização pode ser vista através de uma outra cena, a de um desejo que se expressa à revelia do falante.

Discutiremos, no próximo item, o conceito de recategorização, até então estudado pela literatura sobre o assunto, no entanto, iremos mostrar esse fenômeno por um outro prisma, aquele que não se encontra na tessitura textual, mas na expressão de um desejo do falante que se manifesta à revelia do sujeito, como nas novas formas de comunicação da mídia eletrônica.

5.2 A recategorização de desejo

Acreditamos, com Cavalcante (2004), na possibilidade de se (re)construírem variados sentidos a partir dos processos de referenciação. Dessa maneira, percebemos claramente o fato de que os objetos sofrem uma “evolução referencial” no decorrer da enunciação, ficando a cargo dos usuários da língua tal reconstrução através de suas práticas simbólicas e intersubjetivas de linguagem. É a esse fenômeno de reconstrução de referentes que, em linguística do texto, se dá o nome de *recategorização*.

Os trabalhos que se ocuparam da recategorização, até hoje, descreveram-na do ponto de vista dos propósitos argumentativos²⁷ do enunciador, como se percebe pelo seguinte comentário:

As expressões referenciais não se prestam exclusivamente à identificação de referentes: elas podem exercer uma função argumentativa valiosa em certos contextos discursivos. (...) a decisão de escolher formas distintas de expressão da referência nunca é ingênua, porque tanto anafóricos como dêiticos são fabulosos meios de veicular pontos de vista do enunciador. (CAVALCANTE, 2004, p. 06)

Matos (2005) assevera que os referentes, enquanto objetos-de-discurso, podem ser reformulados, desativados, modificados, rotulados, consoante certos pontos de vista assumidos por qualquer produtor de textos mediante suas possíveis intenções e necessidades comunicativas, dentro de certos contextos ou circunstâncias da produção discursiva. Assim, um mesmo referente poderá ser renomeado ou requalificado de forma alternativa, até por diversas vezes, no ato enunciativo; em outras palavras: poderá ser recategorizado.

²⁷ Lima (2009) trata o fenômeno em uma perspectiva cognitivo-referencial, no entanto não é nosso interesse, na presente pesquisa, tratar da recategorização sob o ponto de vista cognitivo, já que a maioria de nossas reflexões envolvem a noção de heterogeneidades enunciativas e enfocam, assim, as vozes de vários posicionamentos discursivos e as vozes do inconsciente. Admitimos que todos os processos mentais são cognitivos, mas, ainda que aceitando a definição de recategorização de Lima, optamos por não encetar um debate em torno da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados de LAKOFF e colaboradores (1987).

Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), os primeiros autores a destacarem-se no estudo específico sobre a recategorização, veem-na como um ato de referenciação que evidencia a evolução da categorização de uma dada entidade durante a interação. Essas entidades não são “mundanas”, ao contrário, são produtos culturais concebidos pelo homem.

Para Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), que se ocuparam muito mais de uma recategorização lexical, aquela que se realizava explicitamente no contexto por expressões referenciais recategorizadoras, a operação de designar referentes pode ocasionar o abandono de uma denominação padrão, correspondente ao “nível de base” da categorização, em prol da adaptação de sua expressão substitutiva a possíveis objetivos persuasivos do indivíduo que a produz – note-se a constante associação do fenômeno aos propósitos argumentativos do enunciador.

Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) afirmam, ainda, que o uso da recategorização permite que se ultrapasse sua função puramente referencial e que se penetre em outras funções, as quais podem ser de natureza argumentativa, social, estético-conotativa e de outros tipos. Enfim, concluem os autores que o processo de referenciação pode estar em “função de considerações superimpostas ao ato referencial propriamente dito”. (cf. APOTHÉLOZ E REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p.19 – grifo dos autores). Esta observação é relevante para nossos objetivos porque abre a discussão das anáforas recategorizadoras para outras finalidades, que não apenas a de identificação de referentes no discurso e a de desenvolvimento argumentativo.

O foco de análise de Apothéloz e Reichler-Béguelin, no entanto, assim como a de muitos que trataram do fenômeno até hoje, é predominantemente a construção argumentativa do texto. Os autores (1995), ao levar em conta o caráter polissêmico do léxico das línguas naturais, postulam ainda que, na atividade discursiva, o falante pode, para designar um dado objeto de discurso, lançar mão de uma série aberta de expressões linguísticas. Estas expressões podem ser utilizadas em condições referenciais iguais, cabendo ao locutor a escolha da expressão mais

adequada aos seus propósitos comunicativos. Diremos aqui que a seleção das expressões pode estar relacionada não só a esses propósitos, mas também a escolhas que dizem respeito a uma outra cena, que pode facilmente ser identificada a partir dessas mesmas expressões linguísticas que servem não somente à comunicação, mas também à manifestação de um desejo inconsciente que se infiltra na fala do sujeito. E a isso demos o nome de *recategorização de desejo*, que é aquilo que o sujeito expressa, em uma outra cena, mais além da comunicação de um discurso. Para tanto, utilizamos como exemplário as interações que se processam no ambiente virtual, especificamente nos bate-papos.

Veja-se um exemplo abaixo de recategorização analisado por Koch (2006):

(45) “Hoje, Laerte desperta ódio e perplexidade. Friamente, confessou 11 assassinatos de crianças, entre quatro e dez anos. Duas outras mortes foram confessadas informalmente à polícia, até quinta-feira, 27. O Monstro de Rio Claro, como passou a ser conhecido, gostava de registrar num caderno o dia e a cidade onde passava (...) O andarilho da morte fez questão de dizer que tem profissão: é engraxador de portas de estabelecimentos (...)” (IstoÉ, 02/02/00) (p.106)

Em (45), verifica-se a mudança de designação de “Laerte” de acordo com a descrição feita pelo redator. Em consequência, vão sendo incorporadas novas qualificações ao referente destacado, de acordo com o prosseguimento do texto. Nota-se que as descrições sobre este objeto-de-discurso acabam por provocar outras denominações alternativas como formas anafóricas, que, segundo Koch (2002), seriam: “O Monstro de Rio Claro” e “O andarilho da morte”. Assim, estas espécies de transformações só são possíveis porque as categorias formam-se *ad hoc* durante a enunciação.

De acordo com Koch (2004), uma vez que o processamento cognitivo dos referentes se dá mediante a existência de “endereços” ou nódulos cognitivos, estes podem ser, durante o desenvolvimento discursivo, transformados ou expandidos de tal modo que, “durante o processo de compreensão, desdobra-se uma unidade de representação extremamente complexa, pelo acréscimo sucessivo e intermitente de novas categorizações acerca do referente” (cf. KOCH, 2004, p. 63).

Portanto, o fenômeno em questão, para Koch, ocorre quando há uma reativação do referente, seguida de acréscimos ou modificações em sua significação, e também em sua referência, o que não deixa de ser uma grande estratégia de construção textual, desempenhando funções de ordem cognitiva, discursivo-argumentativa e interacional.

Cavalcante (2003), por sua vez, corrobora a ideia de que a recategorização lexical se dá quando o enunciador discursivo renomeia uma forma referencial anafórica, a fim de adaptá-la aos seus intuítos persuasivos. A autora sugere que esta anáfora exerce algumas funções discursivas, tais como a de evitar repetições estilisticamente indesejáveis ou de avaliar o referente ao acrescentar-lhe atributos particulares.

Apesar de a autora ter definido o processo recategorizador como a passagem de uma expressão designadora para outra, ela admite, em outro estudo (cf. CAVALCANTE e JAGUARIBE, 2002), que é possível que certas repetições lexicais que apontam para um mesmo referente não sejam co-significativas. Isto se dá porque, mesmo que não haja novas designações, pode haver certas remodulações na significação de um item reiterado discursivamente, como acontece com os termos referenciais em certas produções textuais de cunho literário.

Tavares (2003) afirma que há um processo de mudança dos objetos na enunciação, mas sustenta que a recategorização ocorre quando o locutor, ao julgar inadequada ou insuficiente a designação de um objeto discursivo, seleciona outras denominações mais convenientes ao contexto e aos seus propósitos comunicativos. Neste caso, considera-se que tal uso anafórico evidencia significativas mudanças que

se devem a uma tentativa de construção de um léxico mais apropriado por parte do locutor do discurso.

Para Matos (2005), o processo de recategorização não é essencialmente “uma tentativa de construção lexical mais apropriada”, mas a sinalização de certas transformações sofridas pelo referente ao longo do discurso, que atendem também a outras funções de argumentação no discurso.

É óbvio conceber que a recategorização, uma vez sendo um processo linguístico, envolve escolhas lexicais do indivíduo construtor. Contudo, nem todo ato de recategorização pode ser definido como uma reação a um sentimento de não-enquadramento das formas referenciais num determinado momento enunciativo. Estamos reivindicando, como já dissemos, que a recategorização pode ser analisada não apenas pelas funções argumentativas conscientemente ativadas pelo enunciador, mas que também pode ser vista pelo que se expressa inconscientemente em uma outra cena.

Pensamos com Matos (2006) que a recategorização é um processo textual que revela as transformações de um referente, o que acarreta mudança de significação e alterações na condução argumentativa, mas não podemos afirmar que todas as escolhas atendem, necessariamente, a propósitos argumentativos. O conceito de recategorização está atrelado a essa labilidade dos referentes no discurso, e é por essa razão que pensamos ser possível retomá-la sob um outro viés: o do inconsciente. Chamaremos de *recategorização de desejo* a expressão de um desejo que se processa na interação.

Conforme demonstramos em estudo anterior (cf. BRITO, 2005), os processos referenciais constituem um precioso recurso de auxílio na escuta psicanalítica. Reproduzimos aqui um exemplo que analisamos no referido estudo que fizemos da fala dos esquizofrênicos:

(46) F. M. – Eu era auxiliar de escritório. O nome do meu namorado era Fridman, suíço. Nunca mais fui pra Beira-Mar...

F. M. – Tá bem, hein... Eu nasci de pé, parto pédico, é chocante... Luís Cláudio Teixeira, ele queria me matar, ele mordeu minha língua... Sou psicóloga também, me empresta esse seu livro. Gosto de Skinner, esse livro é de Skinner?

F.M. - Um homem lá na Bahia quis me fazer de lésbica.... (vai embora).

F.M. – Meu marido não veio hoje.

Psicanalista – Qual o nome dele?

F.M. – Antônio Evandro... Pode não, tem que ser moça. Tem que ser donzela, pobre, gostar de trabalhar, rezar...

F. M. – Eu fui noiva do Carvalho, mas apareceu outro. É triste uma pessoa morrer.

Psicanalista - Ele morreu de quê?

F. M. – De bala, mataram ele à bala.

F.M. - Esse que toca a música aqui é irmão do Roberto Carlos cearense, ele é feio, mas aparece na foto bonito.

F.M. - Uma mulher que tá aí é parecida com a mulher que o homem me fez chupar ela. Eu nasci de pé, minha mãe levou uma queda. Parto pédico, por isso o povo me chama de sapatão...

F.M. - Aquela mulher que o homem me fez chupar é parecida com aquela, vem ver, é aquela ali a Aurivete. É parecida com aquela sem dente...²⁸ (p.88-89)

Vemos, no relato de F.M., a referência a um suposto “homem da Bahia”, que a obrigou a realizar o ato. Logo em seguida, o tal homem é recategorizado como “meu marido” e ao longo do relato notamos vários outros referentes que são transformados em sua fala: “Antonio Evandro”, “Carvalho”, “o homem”. Adiante, ela ainda recategoriza o referente da mulher como sendo “parecida com a Aurivete” e

²⁸ Caso clínico de F.M.O.C. , 50 anos teve seu primeiro internamento aos 25 anos, diagnosticada como esquizofrênica.

ainda como sendo “parecida com aquela sem dente”. Vale notar como a recategorização muda de repente para uma qualificação depreciativa: feia, sem dente, o que talvez represente não a descrição da mulher, por quem se sentira atraída, mas o sentimento em si, o próprio desejo que ela abomina.

Constatamos, no caso de F.M., uma tentativa de resgate de sua história e principalmente de nomeação dos sentidos das suas fantasias. Por isso reafirmamos a importância de uma leitura psicanalítica e de uma análise da construção referencial como princípio ético para com a verdade de cada sujeito.

Quando desenvolvemos esse estudo, realizamos uma primeira análise das localizações referenciais, para manter e sustentar nossa argumentação de que os processos de referenciação sempre são, de algum modo, analisados numa interpretação, ainda que a literatura sobre o assunto não explore esse aspecto. Ao final desse estudo, chegamos à conclusão de que mais importante do que identificar referentes, seja no discurso do psicótico ou no do neurótico, é proporcionar uma leitura que não se pautar apenas por indicadores cotextuais, mas que permita que o outro fale, que conte suas histórias, reais ou irreais, na medida em que acreditamos na existência da verdade de um desejo.

As expressões de desejo podem se dar, principalmente, à revelia do enunciador, na medida em que o sujeito é dividido em sua essência, é outro, é heterogêneo, e, várias são as vozes que se fazem ouvir em seu discurso, como, por exemplo, nas formações do inconsciente.

6 Metodologia e análise dos dados

6.1 Contexto da pesquisa

Nossa pesquisa tem um enfoque qualitativo-interpretativista. Seguindo autores como Marconi e Lakatos (2002), Cervo e Bervian (2002), Machado (2005), Bogdan e Biklen (1994), a análise pautou-se pelo método dialético-hermenêutico. Este método, segundo os autores apontados, consiste em duas etapas principais: na primeira (essencialmente dialética) selecionam-se partes do objeto de estudo, descrevendo-as em sua constituição material, tarefa que fornecerá ao analista uma visão minimamente detalhada de todos os componentes que interagem na formação do fato observado; e a segunda (mais hermenêutica) é a fase definida como a parte da pesquisa na qual o pesquisador, estabelecendo determinados critérios de análises, realiza as interpretações, aponta as implicações e explora os eventuais planos de explicações que o objeto de estudo comporta.

6.2 Procedimentos metodológicos

6.2.1 Etapas do trabalho

6.2.1.1 Contribuições para uma abordagem teórica das heterogeneidades enunciativas

Nossa pesquisa procede a uma releitura crítica da teoria da heterogeneidade enunciativa, instituída por Authier-Revuz (1982), definida da seguinte maneira: heterogeneidade constitutiva e heterogeneidade mostrada, esta se subdividindo em *mostrada marcada* e *mostrada não-marcada*. Travamos uma discussão em torno do esquema proposto pela autora, com vistas a repensar a discretização das modalidades de heterogeneidade constitutiva, a saber, a constitutiva, em oposição à mostrada, com vistas a cumprir nosso objetivo precípua, qual seja, o de incluir fenômenos de

natureza não estritamente formal entre os fatos de linguagem tidos como não-marcados, como é o caso do atravessamento do inconsciente no fio discursivo, ampliando, assim, o leque de marcações.

Para argumentar em favor dessa “abertura” para uma outra cena discursiva, recorreremos a processos de referenciação, que podem desempenhar o papel de eficientes marcadores discursivos, sem que, para tanto, precisem vir acompanhados de indicadores formais (como propõe AUTHIER-REVUZ, 1982) que assinalem convencionalmente essa marcação.

Tomamos ainda o conceito de heterogeneidade *a posteriori*, proposto por Settineri (2002) e suas implicações na interpretação psicanalítica de um enunciado. O heterogêneo *a posteriori* só pode ser inferido por meio de um ato interpretativo. Acrescentamos a essa constatação que não é apenas um sentido novo que se constrói *a posteriori*, mas também um referente novo, que não se desgarrar de significantes e significados. É para essa construção sígnica completa, incluindo o referente, que direcionamos nossa análise e constatamos que os postulados lacanianos só serão devidamente contemplados se considerarem o uso e, portanto, necessariamente, atrelarem a supremacia do significante a seus significados e referentes correlatos.

Nossos esforços vão em direção à tentativa de evidenciar a autonomia de certas marcas linguísticas que, inseridas em contextos específicos, promovem a inscrição da alteridade no fio discursivo.

6.2.1.2 Contribuições para a relação indissociável entre significante, significado e referente na cena interpretativa

Na primeira etapa desta investigação, fizemos um levantamento bibliográfico do que já fora discutido na literatura sobre o conceito de signo e significante em Saussure e a exclusão do referente, bem como na teoria lacianiana. Esta retomada foi imprescindível para a nossa tese, uma vez que situamos nossas bases teóricas nos processos referenciais, em relação à linguística estrutural saussuriana, seu conceito

de signo e a exclusão do referente, bem como refletimos, a partir do conceito do signo saussuriano, redimensionado por Lacan, sobre o referente presente desde sempre na linguagem em uso do sujeito. Nossa proposta se pauta pela caracterização da cena interpretativa, em que se dá a construção de uma outra relação entre significantes, significados e referentes, que nasce na referenciação, dentro de uma perspectiva textual-discursiva, mas que se recria na cena da interpretação psicanalítica, no momento mesmo em que o sujeito estabelece relações até então desconhecidas por ele.

Também discutimos a noção de recategorização, que foi abordada aqui do ponto de vista da reconstrução operada por uma *pontuação*, realizada por um psicanalista, não pelo enunciador. A esse tipo de construção do objeto-de-discurso em outra cena, denominamos de *recategorização de desejo*.

Settineri (2001) analisa a questão das entidades da língua, especificamente o recorte das unidades. O autor procura mostrar, a partir de exemplos de ditos espirituosos, a importância desse processo na interpretação. Evocando Saussure, o autor afirma que o recorte das unidades é um momento principal da interpretação, na medida em que o sujeito do inconsciente pode vir a surgir. Atentamos, no entanto, para o fato de haver não apenas, com a interpretação do recorte das unidades, uma ressignificação, mas um processo recategorizador de referentes, que preferimos denominar de *recategorização de desejo*, uma vez que o processo recategorizador não está mais simplesmente a serviço da argumentação discursiva, mas revela algo da ordem de uma outra cena, do desejo do sujeito.

6.3. Critérios de constituição do exemplário

Analisamos as marcas linguísticas, na interação da mídia eletrônica, a partir da conceituação de heterogeneidade enunciativa, de Authier-Revuz e de referenciação, baseada nos novos estudos da Linguística de Texto preconizados por Cavalcante (2008, 2009) e pelo Grupo de Pesquisa PROTEXTO da Universidade Federal do Ceará.

Optamos por não coletar um *corpus*, uma vez que nosso objetivo não é elencar as heterogeneidades ou ainda classificar as ocorrências referencias, mas, sim, demonstrar que é possível encontrar marcas linguísticas que não se restrinjam a estabelecer relações metaenunciativas e argumentativas, nem somente sociodiscursivas. Esse é o ponto em que nos distanciamos da teoria das heterogeneidades de Authier-Revuz e de outras abordagens teóricas que fazem uso dos pressupostos da autora para finalidades outras dentro visão teórica que adotam. O diferencial desta pesquisa não retrata exatamente uma oposição à proposta da autora, mas, ao contrário, traz um acréscimo, um desdobramento, pois estamos buscando analisar como os diferentes tipos de heterogeneidade enunciativa revelam, por marcas diversas, nem sempre contempladas pela autora, a invasão de vozes no discurso, mesmo que o sujeito não se dê conta disso. Do ponto de vista psicanalítico (e estamos defendendo que também do ponto de vista linguístico), isso não representa ausência de marcas, tal como postula Authier-Revuz (1982), para quem são consideradas marcas as indicações linguísticas de que o sujeito percebeu (deu-se conta de) que “teve sua enunciação invadida por outras vozes” – leia-se: uma voz que representa o posicionamento discursivo do outro.

Uma das contribuições teóricas de nossa tese é demonstrar que, do ponto de vista psicanalítico e linguístico-textual, sempre haverá marcas linguísticas, diversificadas que sejam, pois as “marcas” não são, ou não são apenas, as que o enunciador percebe, ou supõe perceber, mas aquelas em que se destacam sob a forma de um sobressalto na fala, ou de um tropeço.

Tomamos como exemplário para o presente estudo em nossa pesquisa a fala realizada na hipertextualidade, especificamente a que se processa nos bate-papos abertos. É evidente que essa possibilidade de análise pode aplicar-se a outros ambientes virtuais, como Orkut e *MSN*, mas, em vista do recorte que precisávamos fazer, apenas deixaremos a porta aberta para que outras pesquisas venham a ser feitas nesses outros ambientes virtuais, na medida em que qualquer tipo de interação é atravessada por diferentes vozes e é, portanto, passível de ser interpretada. Não

pretendemos, obviamente, com esta análise do exemplário do ambiente virtual, realizar uma “interpretação”, pois esta só seria verdadeiramente efetivada em sessões de análise psicanalítica, num ambiente apropriado, numa conjunção entre analista e paciente. Pretendemos tão-somente identificar na fala dos sujeitos, através dos processos referenciais e das heterogeneidades enunciativas, as marcas do discurso do Outro alastradas no diálogo realizado nos bate-papos virtuais.

6.4 Delimitação e caracterização do exemplário

O exemplário foi constituído a partir da nossa própria experiência dentro destes ambientes virtuais e também de interações feitas pelos alunos da disciplina *Língua Portuguesa : Texto e Discurso*, nas turmas A e C, ministrada pela profa. Mônica Magalhães Cavalcante, na qual fizemos nosso estágio em Docência II do Doutorado em Linguística. Dentre as atividades que realizamos nas turmas, uma delas consistia em que cada aluno entrasse em um ambiente virtual, o *chat*, e interagisse com os participantes para, a partir daí, observar a importância do *nickname* na enunciação realizada neste ambiente.

Discutimos o estatuto do fenômeno da recategorização referencial como atrelado à ordem do desejo, tendo como universo de investigação as produções hipertextuais, especificamente as que se processam nos *chats*. Portanto, todos os assuntos tratados procuraram versar sobre tópicos relevantes da disciplina que também seriam importantes para a nossa pesquisa.

Apesar dessa interação, de que também participamos em certos momentos, nossa pesquisa não apresenta um caráter etnográfico, ainda que tenha alguns traços desse tipo de estudo. Segundo Mattos (2001), uma pesquisa efetivamente etnográfica compreende o estudo, pela observação direta e por um período de tempo, das formas costumeiras de viver de um grupo particular de pessoas: um grupo de pessoas associadas de alguma maneira, uma unidade social representativa para estudo, seja ela formada por poucos ou muitos elementos; por exemplo: uma vila, uma escola, um hospital, etc. Não interessa a esta pesquisa a análise de relações sociais dentro de um grupo específico, porque não nos restringimos a nenhum grupo social. Para

implementarmos nossos objetivos, não é necessária uma convivência de 24 horas diárias em determinado lugar. Tampouco temos a preocupação social de estudar as características de determinados grupos. As variáveis sexo, idade, classe social, religião, grupo etc. não são relevantes para nossos objetivos, na medida em que queremos analisar as marcas do outro, qualquer que seja ele, que se expressam nas interações virtuais.

Recolhemos em torno de 30 falas dos sujeitos - o que estamos chamando aqui de “falas” são as interações que estabelecemos com os sujeitos de nossa pesquisa nos bate-papos. Procedemos aos processos de *escansão* e de *pontuação* no texto de cada interação. Ou seja, identificamos os pontos mais reveladores, por assim dizer, do diálogo e os associamos a uma outra cena para, desta forma, proceder no texto com a interpretação pontual. Em seguida, relacionamos esses processos aos fenômenos referenciais, que auxiliaram na realização do ato interpretativo.

No que diz respeito à preservação de identidade dos usuários e à solicitação de autorização para a análise das conversas, entendemos que não haja esta necessidade, em virtude de se tratar de ambientes públicos. Komesu (2005) apresenta uma justificativa semelhante, em seu estudo sobre os blogs, argumentando que eram de acesso livre, isto é, qualquer usuário da internet tinha a possibilidade de se tornar leitor daqueles textos, sem a necessidade de senhas. A autora diz ainda que, por circular em domínio público, o conjunto final dos textos obtidos não requeria autorização de seus escreventes, podendo, assim, serem utilizados para a produção de reflexões científicas, como as propostas no trabalho dela e também como as que propomos em nossa pesquisa. Entendemos que isso funcione da mesma forma com a maioria dos gêneros encontrados na internet. Isso vale para qualquer prática textual que se realiza na WEB.

Lima-Neto (2009) também aponta nesta direção, quando justifica o não-pedido de autorização dos sujeitos alegando que qualquer usuário de Orkut pode entrar na página de recados de qualquer outro orkuteiro, mesmo que não se conheçam. Além disso, o Orkut também tem ferramentas que bloqueiam o acesso a

determinadas partes do *profile*, inclusive um bloqueio para a página de recados para aqueles que não fazem parte da rede de amigos. Então, se é permitido um acesso a esse ambiente, entendemos que qualquer internauta que acesse um bate-papo virtual possa se utilizar de qualquer informação lá colocada, inclusive para a reflexão científica, que é o nosso objetivo.

Ao entrarmos no chat do Uol, tema livre, conversas dos chats foram copiadas e coladas em um documento *Word*. Não trabalharemos com as variáveis dia, hora, minuto ou ano, uma vez que, para nossos objetivos, este tipo de informação se faz irrelevante; isso porque estamos atentos à atemporalidade da fala, uma vez que o que nos interessa é a fala simplesmente, como expressão do inconsciente.

Nos bate-papos²⁹, os participantes já entram no anonimato na medida em que interagem a partir de um *nick*, escolhido pelo próprio participante de acordo com a identificação ou desejo de cada um. Assim como o Orkut, no bate-papo que escolhemos para exemplificação foi o aberto, tema livre do UOL, qualquer pessoa pode entrar e sair, desde que a sala não esteja com a sua lotação esgotada: 50 pessoas. Os participantes dos *chats* também podem escolher a cor e o tipo de letra do *nick*, assim como podem também, se quiserem, anexar uma pequena foto, ou alguma gravura.

6.5 Categorias de análise

Reservamo-nos o direito de observar apenas o que foi conveniente aos nossos objetivos, uma vez que os fenômenos de referenciação e heterogeneidade que serão investigados prescindem de uma transcrição que obedeça a um conjunto de normas, as quais atendem a finalidades outras de análise.

Elegemos como critérios de análise as marcas de heterogeneidade identificadas em uma outra cena, aquela em que podemos observar o atravessamento da voz do inconsciente, embora essas mesmas marcas possam também apontar,

²⁹ Embora saibamos que existem diferentes tipos de chat, não diferenciamos, em nossa pesquisa, a designação de *chat* e de bate-papo; estamos usando as duas nomenclaturas como sinônimas, já que estamos lidando sempre com o mesmo tipo de interação pela Web.

simultaneamente, para outros discursos e influenciar na recategorização de desejos. Observamos tanto o que Authier-Revuz (1982) considera como heterogeneidade mostrada marcada, como aquilo que ela julga ser mostrada não-marcada. Entendemos que as marcas deixadas no texto pelo inconsciente podem ser identificadas na fala. Para tanto, recorreremos aos processos referenciais, que tomamos como critério de nossa análise, para localizar os referentes na fala do sujeito.

As heterogeneidades poderiam ser observadas em qualquer tipo de discurso. Authier-Revuz (1998) diz que examinou mais de quatro mil exemplos de metaenunciados colhidos dos mais diversos “registros” de linguagem, orais e escritos, todos devidamente atestados. Não obstante, optamos por examiná-las num tipo de fala específico, o *chat*, que se processa em um meio relativamente novo de interação, a internet. Essa escolha se deve ao fato de nossa preferência por este tipo de enunciado, para mostrar que o inconsciente se presentifica e deixa suas marcas em qualquer texto, até mesmo naqueles virtuais.

Alargamos, desta forma, o horizonte da proposta de Authier-Revuz para além de possibilidades de heterogeneidades mostradas-marcadas da irrupção do alheio na materialidade linguística, na medida em que colocamos em questão que outras formas de marcação têm sua legitimidade calcada na presença do Outro no fio discursivo. Isso porque nossa argumentação se pauta pela crença de que outras marcas, que não apenas aqueles mais tipograficamente visíveis, nem as conscientemente escolhidas como autonímicas, são acionados, mas também aquelas que se revelam quando o sujeito não se dá conta, inconscientemente, de sinalizar a presença do heterogêneo no fio discursivo: como os lapsos e a consequente reconstrução dos procedimentos de natureza referencial dentro de uma outra cena enunciativa.

Defendemos que o fato de o sujeito não “marcar”, conscientemente, tal como o faz na heterogeneidade mostrada marcada, a ruptura produzida no fio discursivo pela “irrupção” do outro não nos leva, necessariamente, a postular uma não-marcação por parte do sujeito. Prova disso, reivindicamos, são os tropeços de

linguagem, extremamente comuns em uma fala, mas que, no entanto, não são reconhecidos por Authier-Revuz (1982) como representando marcações. Para nós, as várias maneiras de marcação – vez que defendemos que estratégias desse tipo configuram um texto como marcado – são inteiramente legítimas, já que passíveis de serem identificadas. Ocorre que tal identificação se dará por vias não prototípicas, em uma outra cena de acesso à maneira pela qual o sujeito, ciente ou não de seu eu, se deixa cindir pelo Outro em sua fala, marcando, desta forma, a alteração em seu discurso.

A nosso ver, o fato de serem estas últimas tidas como não-marcadas apenas pelo fato de a identificação da marcação depender do conhecimento consciente do sujeito não descaracteriza o fenômeno em si. Diferentemente da concepção de Authier-Revuz (1982), acreditamos que não podemos, com efeito, atrelar o fator compreensão ao fato linguístico da marcação – mesmo que este procedimento não se dê de maneira tão explícita. Assumimos, em consonância com Cavalcante (no prelo), que toda entidade referida, ainda que seja uma manifestação do inconsciente, é utilizada mediante a pressuposição de que se tornará acessível na interação por alguma via. Na produção de um ato falho, por exemplo, existe sempre, além de uma verdade relativa ao desejo de quem o praticou, um saber concomitante no dito. Por isso, contestamos o “dar-se conta de”, a compreensão consciente, o voltar-se para o próprio discurso, tão caro a Authier-Revuz (1998) como a única forma legítima de marcação.

Além dos possíveis tropeços de linguagem, identificamos também, em nossa análise, outras manifestações do inconsciente, que venham a se expressar na fala do sujeito, independentemente de atos falhos. Esta é outra contribuição de nossa pesquisa aos pressupostos de Authier-Revuz e da Psicanálise freudo-lacaniana. Para tanto, analisamos os processos referenciais que, a partir da apreensão textual de tal pressuposição, serão compreendidos como marcadores de fatos de heterogeneidade.

Observamos também as intervenções que porventura realizamos durante a interação e os efeitos causados nos enunciadores após elas. Essas intervenções

foram de cunho estritamente dialogal, no sentido de não terem a pretensão de um caráter interpretativo, verdadeiramente, como o que se dá em uma sessão clínica terapêutica. Isso não impediu, no entanto, que as intervenções se prestassem a esse destino, na medida em que o sujeito se espantou com, ou negou, seu próprio dito. Esse ato é característico da reação de um indivíduo que se embaraça com o seu próprio inconsciente. Vemos isso já na própria escolha de um *nick* em que a pessoa diz que a escolha “não tem sentido algum, que foi feita aleatoriamente”, mas que, ao longo da interação, se revela uma fonte de desejos.

No próximo item, descreveremos muito brevemente, sem entrarmos nas querelas que as teorias carregam, as concepções que versam sobre a hipertextualidade. Achamos necessário esse percurso, uma vez que retiramos nosso exemplário do ambiente virtual da internet, de forma que caracterizá-lo se faz premente, na medida em que o sujeito virtual é influenciado pela hipertextualidade que o abriga.

6.6 As novas formas de comunicação

Mostraremos, em nosso trabalho, que as interações que ocorrem na internet são condutoras de desejo daquele que tecla, na medida em que, precisamente, as comunicações se processam através de um computador, ou seja, o sujeito se sente protegido e amparado atrás do computador. E, desta forma, “não cora, nem murcha”, pelo contrário, se “esparrama pelo chão” – é o que expressa o poema de Cavalcante, que trazemos a esta discussão apenas para falar da revelação de um sentimento comum a muitos usuários da Web:

Salve o e-mail

*Mônica Magalhães Cavalcante*³⁰

Sinto-me bem atrás dele.

³⁰ Poema publicado no livro *Poemas do intervalo*. Fortaleza: Edições UFC, 2003. p. 26.

Não coro nem murcho,
Não cambaleio,
nem consinto...

E posso entreabrir
as muitas portas
E esparramar no chão
o pouco dito
e o mal dizível também.
E ainda vou restar inteira
atrás do e-mail!

Somos tela e dedo
a um comando.
Mesmo os sobressaltos
se nos silenciam,
porque só vemos
o que permitimos.
E, quando nos permitimos
- eu ao outro, o outro a mim -,
ainda assim, avaliamos,
e nos medimos
nosso bom tamanho.

Nós nos enquadramos
- entre o curto e o longo,
entre a tela e o tempo,
entre o instante e o tudo,
entre a pele e o profundo -
atrás do e-mail.

O que pretendemos discutir, a partir dessa sensação de estar escudado pela distância física do interlocutor e pela tela do computador, é que, no “esparramar-se”, escapam as expressões de desejo, ou como lapsos de escrita ou como autonomização dos *nicknames* na contextualização do diálogo, ou como qualquer outra pista linguística que contribua para a reconstrução de referentes que escapam à consciência do enunciador.

Com a chegada da mídia eletrônica e do hipertexto, uma onda de informações e transformações é verificada em vários níveis sociais, principalmente

nas formas de uso da linguagem e da comunicação. É no uso que fazemos dessa comunicação hipertextual que vamos analisar o exemplário de nossa pesquisa.

Compartilhamos com Xavier (2002) que o hipertexto vem a ser um novo modo de enunciação, o digital. O autor afirma que enunciar é uma forma de expressão, comunicação e interação desenvolvida e aperfeiçoada pelos homens ao longo da história, para se relacionar comunicativamente com os outros e com o mundo: “em sentido amplo seriam as linguagens diversas semioticamente criadas, socialmente convencionalizadas e pragmaticamente reproduzidas em contextos situacionais adequados nas diferentes esferas sociais” (p.97).

Dessa forma, o hipertexto descentraliza a escrita, enquanto tecnologia enunciativa dominante, na medida em que outros sentidos, principalmente o visual, entram em cena na interação eletrônica. Isso também põe em xeque o domínio da comunicação verbal. No entanto, outros recursos se fazem necessários ao hiperleitor: vários outros modos de percepção que devem ser processados “todos ao mesmo tempo agora” (p. 100).

Vale ressaltar a interessante discussão de que Xavier (2002) lança mão, recorrendo a Eco, Kress e Bolter, para falar sobre a emergência das tecnologias digitais nas sociedades contemporâneas e suas implicações sobre os modos de representação e apreensão das ideias.

A partir dos autores acima mencionados, Xavier observa as diferentes posições de cada um quanto ao advento do hipertexto. Para Eco (1996), que analisa alguns dos impactos do computador na sociedade letrada, é necessária a permanência do livro como suporte de escrita, apesar da forte concorrência que vem sofrendo das versões eletrônicas de vários gêneros textuais. Eco defende, veementemente, o livro impresso e rechaça a escrita hipertextual. Já Kress (1990) postula a ocorrência de uma “revolução” semiótica. Essa mudança seria provocada pelo impacto das novas tecnologias digitais de informação que, entre outras coisas, estaria, no seu entender, “reconfigurando e revalorizando o uso das formas visuais de representação nos vários domínios da comunicação pública” (p. 110). O posicionamento de Bolter

(1994) é um tanto mais radical. O pensador afirma que estamos em pleno processo de transição no âmbito das tecnologias de escrita. Essa transição tem levado o livro impresso a ceder lugar à escrita eletrônica comandada pelo computador, instrumento que é ambivalentemente revolucionário e evolucionário. “Estamos vivendo a última era da prensa e, por isso, as evidências da senilidade do livro impresso estariam espalhadas por toda a parte”. (p.125)

Assim como Xavier (2002), também entendemos que é necessário ter um pouco mais de discernimento quanto à exaltação da escrita eletrônica viabilizada pela Internet: nem exaltaremos, nem condenaremos, apenas analisaremos, objetivamente, o que a interação pela Web favorece nas relações humanas. Nosso objetivo, aqui, é discutir, como bem observou Crystal (2005), a alternativa nova de comunicação humana que a massificação do computador harmoniza através da Internet.

Como afirma Xavier (2002), é o computador que promove o encontro de todos os modos de enunciação no hipertexto:

A convergência de suportes de leitura propiciada pelo computador produz, pela ordem inversa, uma nova tecnologia enunciativa – o hipertexto -, que por sua vez faz nascer um novo modo de enunciação, *o digital*, colocando à disposição do usuário todos os modos enunciativos anteriores concomitantemente. (p.99, grifo do autor)

Dessa forma, o hipertexto se destaca como um novo modo de enunciação³¹, o digital, com a vantagem de propiciar uma interseção entre as demais formas de enunciação. É o que também afirma Araújo (2006):

...a Internet proporcionou uma espécie de prosifcação digital, já que as possibilidades combinatórias de gêneros e de semioses em um mesmo suporte é uma realidade que suscita gêneros prenhes de

³¹ Não é o nosso interesse aqui fazer uma discussão sobre as divergências quanto a esse novo modo de enunciação.

muitas características comuns, como os elementos de natureza hipertextual. (p.94)³²

Marcuschi (2004) também compartilha com Xavier (2002) e Araújo (2006)³³ o pressuposto de que a Internet abarca, de maneira bastante complexa, diferentes gêneros já existentes e, por outro lado, desenvolve outros realmente novos. Daí Araújo (2004) considerar a Internet não apenas um suporte, mas uma esfera de comunicação humana, “pois ela agrega e engendra variadas práticas discursivas que trazem a reboque características bastante distintas” (p.115).

Marcuschi (2001) observou que, com a utilização da mídia digital, como, por exemplo, o bate-papo, não surgiu uma nova escrita, mas sim, uma maneira nova de se relacionar com ela. Segundo o autor, “escrever pelo computador no contexto da produção discursiva dos bate-papos síncronos (*on-line*) é uma nova forma de nos relacionarmos com a escrita, mas não propriamente uma nova forma de escrita” (p. 18). Da mesma forma, Possenti (2005) endossa as palavras de Marcuschi (2001):

Quando leio que intelectuais estão preocupados com o fato de que a moçada está escrevendo “diferente” quando “tecla” em seus computadores, o que logo me vem à cabeça é que não há rigorosamente nada de novo nessa grafia. A novidade, o bestialógico, consiste em chamar a isso de nova linguagem. (p.03)

O que consideramos genuinamente importante é o que essa linguagem, concretizada via computadores, independentemente de ser considerada nova ou não, traz de benefício em favor dos usuários desse novo meio comunicativo. Mais do que analisar as características do internetês, interessam-nos as relações humanas e como o inconsciente de cada sujeito se revela no ambiente hipertextual. Destarte, empreenderemos, a partir da mostra do nosso *exemplário*, a identificação de marcas linguísticas que expressem um desejo do sujeito que

³² A Internet, por sua própria constituição, comporta diferentes gêneros: como a carta, a propaganda publicitária, o artigo de opinião, etc.

³³ Cf. sobre os diferentes gêneros na Internet em Araújo (2006).

escreve, ou, no caso, que tecla, entretanto que “fala”, e diz muito mais do que intencionava dizer em uma interação.

Essa nova forma de comunicação nos é preciosa, na medida em que podemos localizar um sujeito atravessado pelo Outro nas várias manifestações que a virtualidade propicia.

Dada a sutileza de nossa análise, seria impossível, e até contraditório, dizer com precisão, ou por antecipação, que tipos de marca linguística serão buscadas, já que o trio unificado significante-significado-referente pode ser qualquer um, dependendo de vários fatores contextuais, individuais e subjetivos. Desse modo, os processos referenciais serão verificados principalmente, embora não apenas, dentro de uma outra cena, que não somente a que se costuma reconstruir nas análises da Linguística de Texto com outros objetivos – organizacionais, argumentativos, cognitivo-referenciais, dentre outros.

6.7 Análise dos dados

Apresentaremos, agora, uma pequena amostra do exemplário de nossa pesquisa retirada de uma conversa encetada em um bate-papo.

6.7.1 A voz dos outros

Neste item, mostraremos a invasão da voz de outros discursos na fala do sujeito sem que este perceba isso. Para tanto, identificaremos as marcas linguísticas na interação virtual. Trataremos, portanto, de heterogeneidades enunciativas mostradas (AUTHIER-REVUZ, 1982) e, para nós, sempre marcadas. Não nos restringiremos, todavia, aos casos de modalização autonímica e de conotação autonímica, em que o sujeito realiza “laçadas reflexivas” e, conscientemente, reflete sobre seu próprio dizer, reformulando-o por motivos diversos, conscientes ou não. São esses motivos diversos que nos interessam, ainda que não seja nosso propósito –

nem poderia ser – interpretá-los. Cumpre-nos apenas demonstrar como podem ser identificadas as marcas para possíveis interpretações psicanalíticas em sessões reais de análise. Com isso, estamos contribuindo não somente para os estudos linguísticos sobre heterogeneidades enunciativas, como também para as pesquisas em Psicanálise lacaniana, sempre centradas numa visão saussuriana de signo linguístico.

(47) A menina problematik

(02:37:02) MeNiNaPrObLeMaTiK (reservadamente) fala para universitário: Oi 🗨️

(02:37:02) universitário (reservadamente) fala para MeNiNaPrObLeMaTiK: oi

(02:37:26) MeNiNaPrObLeMaTiK (reservadamente) fala para universitário: claro q xim 🗨️

(02:37:44) universitário (reservadamente) fala para MeNiNaPrObLeMaTiK: por q esse nick?

(02:38:21) universitário (reservadamente) fala para paulo: qts anos?

(02:38:24) MeNiNaPrObLeMaTiK (reservadamente) fala para universitário: Hmm... eh pq sou uma pessoinha q nao coxtuma estar muito felixxxx 🗨️

(02:38:47) MeNiNaPrObLeMaTiK (reservadamente) fala para universitário: Problemas em ksa, na escola, com amigos... 🗨️

(02:39:18) universitário (reservadamente) fala para paulo: 21

(02:39:32) universitário (reservadamente) fala para MeNiNaPrObLeMaTiK: como assim?

(02:39:41) MeNiNaPrObLeMaTiK (reservadamente) fala para universitário: E vc?! Faix o q na universidade?! 🗨️

(02:39:47) universitário (reservadamente) fala para paulo: me add:gustavopausini@hotmail

(02:40:00) universitário (reservadamente) fala para MeNiNaPrObLeMaTiK: letras e vc faz facul?

(02:40:31) MeNiNaPrObLeMaTiK (reservadamente) fala para universitário: Não... faço 2º ano! Meus pais nao sao muito compreensivos com meu modo d me vestir, as musicas q escuto... 🗨️

(02:40:58) universitário (reservadamente) fala para MeNiNaPrObLeMaTiK: ah eu sei como é

(02:41:06) universitário (reservadamente) fala para MeNiNaPrObLeMaTiK: to fazendo uma pesquisa pra faCUL


(02:41:11) universitário (reservadamente) fala para MeNiNaPrObLeMaTiK: to pesquisando sobre bate pao

(02:41:14) MeNiNaPrObLeMaTiK (reservadamente) fala para universitário: Sério?! 🗨️

(02:41:18) MeNiNaPrObLeMaTiK (reservadamente) fala para universitário: Como assim?! 🗨️


(02:41:31) universitário (reservadamente) fala para MeNiNaPrObLeMaTiK: to pesquisando sobre bate papo

(02:41:43) universitário (reservadamente) fala para MeNiNaPrObLeMaTiK: quero saber se posso usar essa conversa


(02:42:19) **MeNiNaPrObLeMaTiK** (*reservadamente*) fala para **universitário**: só c a gente conversar maix... 

(02:42:28) **universitário** (*reservadamente*) fala para **MeNiNaPrObLeMaTiK**: claro


(02:42:43) **universitário** (*reservadamente*) fala para **MeNiNaPrObLeMaTiK**: me conta mais sobre a sua relação com os seus pais


(02:42:48) **MeNiNaPrObLeMaTiK** (*reservadamente*) fala para **universitário**: mas nao vai dar problemax pra mim naum?! 

(02:43:18) **universitário** (*reservadamente*) fala para **MeNiNaPrObLeMaTiK**: não fique tranquila


(02:44:21) **MeNiNaPrObLeMaTiK** (*reservadamente*) fala para **universitário**: Axim... eu uso muito preto, franja, escuto muito simple plan, blink, evanescence, 30 seconds to mars... 

(02:44:59) **universitário** (*reservadamente*) fala para **MeNiNaPrObLeMaTiK**: então essas músicas são reflexos de seus problemas

(02:45:04) **MeNiNaPrObLeMaTiK** (*reservadamente*) fala para **universitário**: e eles dizem q devo escutar musicas menos pesadas... 

(02:45:26) **MeNiNaPrObLeMaTiK** (*reservadamente*) fala para **universitário**: É, sei disso... elas refletem o q sinto em vários momentox da minha vidinhah 

(02:45:54) **universitário** (*reservadamente*) fala para **MeNiNaPrObLeMaTiK**: bem, tenho q ir

(02:46:11) **MeNiNaPrObLeMaTiK** (*reservadamente*) fala para **universitário**: oww... td bem!!! espero ter lhe ajudado 

(02:46:19) **MeNiNaPrObLeMaTiK** (*reservadamente*) fala para **universitário**: claro q xim 


(02:46:30) **universitário** (*reservadamente*) fala para **MeNiNaPrObLeMaTiK**: obg e tchau

Neste exemplo, podemos, logo em um primeiro impulso, dizer que esse *nick* é muito peculiar, uma vez que, no ambiente virtual bate-papo, os *nicks* escolhidos são geralmente atraentes e, por vezes, pornográficos, com o objetivo de chamar a atenção do outro para uma “teclada” ou uma transa virtual. É interessante notar que o sujeito não se autoneou, por exemplo, como *Linda*, *Morena*, *Lulu*, *Alice*, etc, apelidos geralmente preferidos por aqueles que participam desse tipo de ambiente virtual de interação. O escolhido foi uma alcunha que marca o distanciamento entre o que se quer mostrar no *chat* e o que se é na realidade. A “menina problematik” queria ou ser identificada por uma tribo, ou apontar para alguma coisa, ou ambas as coisas. O fato é que o referente “menina problematik” já estabelece um distanciamento entre o enunciador do discurso e as diferentes vozes aí identificadas e não assumidas pelo sujeito, uma vez que o sujeito heterogeneizou o seu discurso.

Temos que o apelido recategoriza o sujeito real da enunciação ao mesmo tempo em que o ressignifica, ou seja, torna-o outro, um outro referente, além disso.

Nesse ambiente, pouco se quer falar e muito menos escutar; vemos isso nesta passagem:

“(02:45:54) **universitário** (*reservadamente*) fala para **MeNiNaPrObLeMaTiK**: bem, tenho q ir


(02:46:11) **MeNiNaPrObLeMaTiK** (*reservadamente*) fala para **universitário**: oww... td bem!!! espero ter lhe ajudado” 

A menina “problematik” estava muito “a fim de teclar”, de falar de seus problemas de adolescente (imaginamos que seja uma adolescente e que o universitário cortou abruptamente a conversa. Mas, ainda que ela não seja uma adolescente na vida real, isso não tem relevância para outra “idade” que ela revela, nem para as insatisfações e os desejos que ela deixa escapar).

No *nick* “menina problematik”, reconhecemos como outras “vozes”, possivelmente dos pais, e provavelmente dos amigos, aí se manifestam. “Problemática”, porque escuta certos tipos de músicas – que refletem seu estado de espírito e também são estranhas para os pais –, porque briga com os amigos, ou se mete em confusão, etc. Desse modo, um conjunto de estereótipos apreensíveis pelo contexto ajuda a construir o referente para o *nick* “menina problematik”. Contudo, mesmo estando ansiosa por extravasar alguma coisa, a “menina problematik” recua, apesar de seu *nick* assumir o perfil de problemática. Ela própria manifesta a possibilidade de que a entrevista lhe traga complicações:


“(02:41:31) **universitário** (*reservadamente*) fala para **MeNiNaPrObLeMaTiK**: to pesquisando sobre bate papo

(02:41:43) **universitário** (*reservadamente*) fala para **MeNiNaPrObLeMaTiK**: quero saber se posso usar essa conversa

(02:42:19) **MeNiNaPrObLeMaTiK** (*reservadamente*) fala para **universitário**: só c a gente conversar maix... 

(02:42:28) **universitário** (*reservadamente*) fala para **MeNiNaPrObLeMaTiK**: claro

(02:42:43) **universitário** (*reservadamente*) *fala para MeNiNaPrObLeMaTiK*: me conta mais sobre a sua relação com os seus pais

(02:42:48) **MeNiNaPrObLeMaTiK** (*reservadamente*) *fala para universitário*: mas nao vai dar problemax pra mim naum?!” 

Existe uma voz que diz: sou problemática, mas não quero problemas com *isso*, mesmo quando o sujeito tem a proteção de uma tela que guarda sua face. Nesse caso, outras situações discursivas são barradas para referendar a expressão referencial “menina problematik”. Essa barra parece se manifestar pelo fato de a “menina” recusar certas “*expressões referenciais*”, como bem notou Lima (2009). Desta forma, ao recusar certas “*expressões referenciais*”, a menina recusa um desejo, ao mesmo tempo em que o assimila, não sabendo exatamente de onde *isso* vem. Todavia, esse desejo faz eco, é assimilado e repetido em seu próprio *nick*. Por isso, ela recua diante dos problemas - destes, ela quer manter distância, assim como de seu desejo, que é barrado e que é protegido no bate-papo, virtual que seja, mas que se manifestou em toda a sua “*problematik*”.

Como vemos, há marcas linguísticas, não só de expressões referenciais, mas de outras pistas do cotexto que levam ao reconhecimento de vozes do inconsciente, dentro das quais há referentes irreveláveis, mas, ainda assim, indiciáveis por marcas. Não se deve, pois, limitar-se à afirmação de que o significante “salta” sozinho, já que ele está, necessariamente, preso a um significado construído no momento da enunciação, e a um referente, dos quais o sujeito não se dá conta.

Dentre outros aspectos, demos continuidade a essas constatações refletindo sobre as marcas linguísticas da presença do inconsciente a partir da comunicação eletrônica. Mostraremos que o *nick* não é somente um nome escolhido aleatoriamente, pois ele pode revelar a história de um sujeito que deseja mais além do que pode alcançar sua consciência. Desta forma, recorreremos, como mostramos em nossa discussão anterior, aos pressupostos psicanalíticos e ao conceito de recategorização, já discutido acima, para apontar para uma nova forma de recategorizar, que escapa a qualquer análise contextual de organização consciente do

texto e do discurso; diríamos ainda que foge a uma compreensão apenas cognitiva dos processos referenciais. Como dissemos, denominamos de *recategorização de desejo*³⁴ a essa forma de nomeação que encontramos não só nos bate-papos virtuais, mas também em outros tipos de interação mediatizada pelo computador, ou não.

Apresentamos, abaixo, outra pequena amostra retirada de um bate-papo (*UOL, Tema Livre*), em que encetamos uma conversa com um dos participantes que se encontravam presentes na sala do *chat*.

6.7.2 A recategorização de referentes

As recategorizações rotineiramente analisadas na literatura concernem a descrições textual-discursivas, argumentativas e sociocognitivas (ver item anterior). Aqui, no entanto, a análise incidirá sobre a recategorização dentro de outra cena, que poderia perfeitamente ser a da interpretação psicanalítica. Isso não significa dizer que tal análise descarte os traços textual-discursivos de que o sujeito tem consciência no momento em que profere o enunciado.

(48) O sexo de Lumpy

Entramos na sala de bate-papo com o *nick* Bia:

(06:15:47) *Bia entra na sala...*

(06:16:02) **LUMPY** (*reservadamente*) *fala para Bia*: oi quer tc

(06:16:07) **Bia** (*reservadamente*) *fala para LUMPY*: klaru

(06:16:41) **Bia** (*reservadamente*) *fala para LUMPY*: e esse nick?

(06:16:50) **LUMPY** (*reservadamente*) *fala para Bia*: eh um personagem de desenho animado

(06:17:01) **Bia** (*reservadamente*) *fala para LUMPY*: naum conheço

³⁴ Chamamos de *recategorização de desejo* a recategorização que pode ser encontrada em uma outra cena, na fala do sujeito, marcada pela aparecimento de outras vozes em seu discurso.

(06:17:10) **LUMPY** *(reservadamente) fala para Bia:* eh americano

(06:17:13) **Bia** *(reservadamente) fala para LUMPY:* como ele é?

(06:17:16) **LUMPY** *(reservadamente) fala para Bia:* eu te envio um link

(06:17:20) **LUMPY** *(reservadamente) fala para Bia:* ai vc pode ver uns videos meus tbm...

(06:17:25) **Bia** *(reservadamente) fala para LUMPY:* que videos?

(06:17:37) **LUMPY** *(reservadamente) fala para Bia:* videos caseros

(06:17:40) **LUMPY** *(reservadamente) fala para Bia:* estilo engraçados

(06:17:43) **Bia** *(reservadamente) fala para LUMPY:* o ke o lumpy faz?

(06:17:47) **LUMPY** *(reservadamente) fala para Bia:* eu achu q ele eh o personagem mais da hora

(06:17:53) **LUMPY** *(reservadamente) fala para Bia:* eh um alce azul

(06:17:57) **Bia** *(reservadamente) fala para LUMPY:* alce?

(06:18:03) **LUMPY** *(reservadamente) fala para Bia:* eu ia fala viadinho...mas ai ia pega mal neh

(06:18:12) **LUMPY** *(reservadamente) fala para Bia:* rrsrrsrs

(06:18:15) **LUMPY** *(reservadamente) fala para Bia:* muito loko

(06:18:17) **Bia** *(reservadamente) fala para LUMPY:* passa na sky?

(06:18:22) **LUMPY** *(reservadamente) fala para Bia:* to de mal

(06:18:25) **LUMPY** *(reservadamente) fala para Bia:* rrsrrs

(06:18:30) **LUMPY** *(reservadamente) fala para Bia:* nao sei eh no canal g4

(06:18:32) **LUMPY** *(reservadamente) fala para Bia:* passa a meia noite

(06:18:36) **Bia** *(reservadamente) fala para LUMPY:* vc gosta ?

(06:18:40) **LUMPY** *(reservadamente) fala para Bia:* sim

(06:18:44) **LUMPY** *(reservadamente) fala para Bia:* vc vai passa o msn?

- (06:18:47) LUMPY (*reservadamente*) fala para Bia: quer ver meus videos?
- (06:18:51) Bia (*reservadamente*) fala para LUMPY: keru
- (06:18:57) LUMPY (*reservadamente*) fala para Bia: vc acessa o you tube?
- (06:19:58) LUMPY (*reservadamente*) fala para Bia: perai
- (06:20:47) LUMPY (*reservadamente*) fala para Bia:
http://www.youtube.com/results?search_query=ninfetas&search=Search
- (06:20:50) LUMPY (*reservadamente*) fala para Bia: acessa o link ai
- (06:20:53) LUMPY (*reservadamente*) fala para Bia: o meu grupo se chama ninfetas
- (06:21:07) LUMPY (*reservadamente*) fala para Bia: nao se assuste pelo nome...
- (06:21:09) LUMPY (*reservadamente*) fala para Bia: tenho ai sete ou oito videos
- (06:25:47) Bia (*reservadamente*) fala para LUMPY: eu vi
- (06:25:57) LUMPY (*reservadamente*) fala para Bia: olaaaaaa.....
- (06:26:01) LUMPY (*reservadamente*) fala para Bia: assistiu?

Vemos neste diálogo que o *nick* LUMPY significava muito mais do que um nome escolhido aleatoriamente, sem importância, pois, como diz Crystal (2002), o “*nick* é a identidade eletrônica [e sempre] diz alguma coisa sobre quem são e como agem os usuários de *chat*” (p. 160). Os *nicknames* não só dizem sobre quem são os usuários, como também expressam alguma coisa do sujeito, como no trecho:

- “(06:17:53) LUMPY (*reservadamente*) fala para Bia: eh um alce azul
- (06:17:57) Bia (*reservadamente*) fala para LUMPY: alce?
- (06:18:03) LUMPY (*reservadamente*) fala para Bia: eu ia fala viadinho...mas ai ia pega mal neh”

Mais do que uma “identidade eletrônica”, podemos dizer que existe uma identificação com o apelido em questão. LUMPY foi recategorizado e sofreu também uma ressignificação, que se refletiu na própria expressão referencial: *um alce azul*.

Numa análise linguístico-textual, essa recategorização enveredaria para outros aspectos atinentes à construção dos sentidos e da referência no universo discursivo aberto pelo texto. Em nosso estudo, o referente que escapou, junto com o significante-significado, só existe no plano do inconsciente, e é por isso que falamos de uma “outra cena”, à qual o sujeito não tem acesso.

6.7.3 As não-coincidências do dizer³⁵

Vemos ainda que, através das não-coincidências do dizer do dizer, também é possível refletir sobre significados e referentes que se escondem e que se deixam trair pelo modo como são nomeados e pelo emprego de expressões de não-coincidência entre vozes do inconsciente que se embatem.

Na “outra cena”, a que nos referimos anteriormente, vislumbramos a heterogeneidade configurar-se como uma nominalização de desejos que provoca um afastamento defensivo entre Lumpy, “um alce azul, viadinho”, e sua própria identidade.

Quando Lumpy diz: “eu ia falar viadinho... mas ia pegar mal”, ele se voltou para o seu próprio dizer; dessa forma, o referente foi recategorizado, mesmo no sentido empregado pela Linguística de Texto, e o sentido sofreu uma ressignificação: *viadinho* por *alce*. Importa à Psicanálise o que essa recategorização representaria para a história de vida do sujeito.

Identificamos neste exemplo o que, na Linguística da Enunciação, Authier-Revuz denomina de uma não-coincidência entre as palavras e as coisas. Interessante observar que a não-coincidência entre as palavras e as coisas é caracterizada também

³⁵ A separação do exemplário, conforme os critérios de análise, é apenas para fins de pesquisa, uma vez que os critérios se imbricam e se justapõem.

pela autora a partir da perspectiva psicanalítica. As “coisas” são colocadas como objeto-real a nomear, e as palavras, como o instrumento utilizado no processo designativo, o aparelho simbólico significante. Acontece que o real³⁶ é sempre inalcançável em sua essência, e a linguagem, uma vez constitutivamente falha, não é suficientemente adequada para nomeá-lo.

As palavras nunca alcançam satisfatoriamente a tarefa de nomear o real nem de designá-lo. Authier-Revuz afirma que a manifestação linguística, dessa parte do fenômeno, costuma expressar:

- (i) dúvida quanto à enunciação, com verbos no futuro do pretérito ou futuro do presente e retomada do termo;
- (ii) anulação de sentido, construída através do verbo *dizer* ou *chamar* e advérbio de negação;
- (iii) explicitação da imperfeição do sistema linguístico.

Note-se que a preocupação maior da autora é com a relação entre o elenco de formas de não-coincidências do dizer e o que isso representa em termos de interdiscursividade. É importante salientar que esta não é a mesma preocupação da Psicanálise.

³⁶ Segundo Žižek (1992), o "real" resulta ser um termo bastante enigmático, e não deve ser equiparado com a realidade, uma vez que a nossa realidade está construída simbolicamente; “o real, pelo contrário, é um núcleo duro, algo traumático que não pode ser simbolizado (isto é, expressado com palavras). O real não tem existência positiva; só existe como abstracto.” Para o autor, a realidade pode ser desmascarada como uma ficção; basta ter presente certos aspectos - pontos indeterminados - que têm a ver com o antagonismo social, a vida, a morte e a sexualidade. Temos que enfrentar estes aspectos se quisermos simbolizá-los. O real não é nenhuma espécie de realidade atrás da realidade, mas sim o vazio que deixa a própria realidade incompleta e inconsistente. É o espectro do fantasma; o próprio espectro em si é o que distorce a nossa percepção da realidade. A trilogia do simbólico/imaginário/real, inventado por Lacan (1954-55) se reproduz dentro de cada parte individual da subdivisão. Há também três modalidades do real: o "real simbólico", em que o significante é reduzido a uma fórmula sem sentido (como em física quântica, que como toda ciência parece arrancar o real, mas só produz conceitos apenas compreensíveis); o "real real", que é algo horrível, aquilo que transmite o sentido do terror nas películas de terror; e o "real imaginário", que é como algo insondável que permeia as coisas como um pedaço do sublime. A psicanálise ensina que a realidade (pós-moderna) precisamente não deve ser vista como uma narrativa, mas como o sujeito há de reconhecer, suportar e ficcionar o núcleo duro do real dentro de sua própria ficção.

A diversidade de figuras linguísticas nas quais esse fenômeno se apresenta é imensa. Authier-Revuz (1998, p. 24) coloca essa dificuldade explicando que as formas de não-coincidências das palavras com as coisas

aparecem, de forma notável, por um lado, no plano dos fenômenos “tratados”, reflexivamente, pelos enunciadores, entre outros, a metáfora, o neologismo, o eufemismo e a hipérbole, e um conjunto de oposições gramaticais (finitude, número, tempo, modo...) muito raramente em causa nos outros campos de não-co incidência e, por outro lado, no plano das formas de glosa, a importância particular da modalização explícita que apresenta uma encenação complexa de recursos modais da língua (modalidade de enunciação, polaridade afirmativa/negativa, auxiliares modais, modos e tempos com valor modal, advérbios, subordinadas...).

Mais do que a marca descritível identificada no exemplo, interessa-nos a mostraçõ do desejo do sujeito refletido em sua enunciação: representa muito mais do que uma simples curtição de um desenho animado, pois mostrou o lugar para onde o desejo do enunciador está apontando: para uma sexualidade que pode “pega mal neh”?

Em uma outra interação, temos uma negação recategorizada, como veremos no item seguinte.

6.7.4 A negação recategorizada

Crystal (2002) afirma que o *nick* é um índice extremamente característico da linguagem dos grupos de *chat* e observa que “a eleição de um *nickname* é um ato ritual que identifica o grupo ao qual o indivíduo aspira pertencer; por isso, é um assunto de grande complexidade e sensibilidade” (p.186). Araújo (2005) também reforça a ideia de que o interesse sobre o *nick* ultrapassa as fronteiras da Linguística e chega à Psicologia Social. Nossa preocupação nesta pesquisa não reside, no entanto, na descrição de comportamentos sociais estereotipados (embora não seja possível não notá-los, pois eles fazem parte da conjuntura social que leva o indivíduo a ter certas crenças e a falar e a agir conforme sua identificação com o grupo ao qual

pertence), mas na análise das heterogeneidades nesta outra cena, viabilizada por um sujeito que deseja.

(49) O não-saber do lover boy³⁷

Bia entra na sala

(05:31:03) **lover boy** (*reservadamente*) *fala para Bia: =~.~= oi gatinha sera que vc poderia tc comigo????*

(05:31:03) **Bia** (*reservadamente*) *fala para lover boy: oi, td b/*

(05:31:06) **lover boy** (*reservadamente*) *fala para Bia: 21*

(05:32:03) **lover boy** (*reservadamente*) *fala para Bia: rrsrrsrs*

(05:32:10) **lover boy** (*reservadamente*) *fala para Bia: e o q gosta de fazer de fds*

(05:33:05) **Bia** (*reservadamente*) *fala para lover boy: adoru internet, cinema...*

(05:33:07) **lover boy** (*reservadamente*) *fala para Bia: rrsrrsrs eu tmbm*

(05:34:08) **Bia** (*reservadamente*) *fala para lover boy: gostei do seu nick*

(05:34:11) **lover boy** (*reservadamente*) *fala para Bia: rrsrrsrs*

(05:35:02) **lover boy** (*reservadamente*) *fala para Bia: brigaduuuuuuuuuuu*

(05:35:40) **Bia** (*reservadamente*) *fala para lover boy: porke esse nome?*

(05:36:01) **lover boy** (*reservadamente*) *fala para Bia: =~.^=*

(05:36:09) **lover boy** (*reservadamente*) *fala para Bia: alvaro*

(05:37:02) **Bia** (*reservadamente*) *fala para lover boy: escolheu lover boy por que/*

(05:37:03) **lover boy** (*reservadamente*) *fala para Bia: vc sabe o q significa LOVER BOY*

(05:37:09) **Bia** (*reservadamente*) *fala para lover boy: o q significa?*

(05:37:40) **lover boy** (*reservadamente*) *fala para Bia: amante*

³⁷ Optamos por intitular cada exemplo de nossa análise de acordo com o relato da interação virtual, como se fosse um relato de um caso clínico.

(05:38:03) **lover boy** (*reservadamente*) *fala para Bia:* rrsrrs

(05:38:20) **lover boy** (*reservadamente*) *fala para Bia:* estranho né

(05:38:22) **Bia** (*reservadamente*) *fala para lover boy:* é mesmo?

(05:38:40) **Bia** (*reservadamente*) *fala para lover boy:* vc se sente assim?

(05:38:43) **lover boy** (*reservadamente*) *fala para Bia:* ã

(05:38:50) **lover boy** (*reservadamente*) *fala para Bia:* eu ã sabia o q significava

(05:38:54) **Bia** (*reservadamente*) *fala para lover boy:* soube agora?

(05:38:59) **lover boy** (*reservadamente*) *fala para Bia:* fikei sabendo a poko tempo

(05:39:02) **lover boy** (*reservadamente*) *fala para Bia:* rrsrrsrs

(05:39:05) **lover boy** (*reservadamente*) *fala para Bia:* mais acho legal

(05:39:10) **lover boy** (*reservadamente*) *fala para Bia:* =~.^=

(05:39:15) **Bia** (*reservadamente*) *fala para lover boy:* e continuou com o nick?

(05:39:17) **lover boy** (*reservadamente*) *fala para Bia:* sim

(05:39:20) **Bia** (*reservadamente*) *fala para lover boy:* então gostou?

(05:39:27) **lover boy** (*reservadamente*) *fala para Bia:* vamos c diser q sim e ã

(05:39:30) **lover boy** (*reservadamente*) *fala para Bia:* é diferente

Neste exemplo, diferentemente do anterior, o interlocutor chegou a revelar seu verdadeiro nome “Álvaro”, que foi recategorizado como *lover boy*, apesar de o falante ter demonstrado não saber exatamente o que significava, como se vê no trecho abaixo:

“(05:38:50) **lover boy** (*reservadamente*) *fala para Bia:* eu ã sabia o q significava
 (05:38:54) **Bia** (*reservadamente*) *fala para lover boy:* soube agora?
 (05:38:59) **lover boy** (*reservadamente*) *fala para Bia:* fikei sabendo a poko tempo”

Vale lembrar que Crystal (2002) elenca os *nicknames* segundo o significado que denotam, de modo que é possível encontrar apelidos ligados ao clube de futebol

preferido, indicando a cidade de origem, ou, ainda, apelidos que funcionam como uma alusão a personalidades famosas da televisão, além de *nicknames* híbridos, no que se refere à mistura das línguas portuguesa e inglesa, ou ainda *nicks* só com palavras estrangeiras, como em *lover boy*. No exemplo em pauta, o falante mostra não ter consciência do que motivou a escolha da designação. Nesta interação, o falante recorreu aos *emoticons*, como um recurso para simular a presença física, quem sabe como um reforço de sua busca:

“(05:31:03) **lover boy** (*reservadamente*) fala para **Bia**: =~.~= oi gatinha sera que vc poderia tc comigo????”

(05:39:10) **lover boy** (*reservadamente*) fala para **Bia**: =~.^=”

Araújo (2005) explica que a palavra *emoticon* vem do inglês *emotion* + *icons* e significa, literalmente, ícones de emoção. “Estes elementos, que resultam da combinação entre os caracteres disponíveis no teclado do computador, transformaram-se em marcas relevantes nas comunicações via *Internet* porque os participantes não contam com a presença física uns dos outros” (p.10). Os *emoticons* são sinais que revelam aquilo que o interlocutor está pensando ou sentindo, como riso, choro, tristeza, raiva, etc., daí por que são também relevantes para nossa análise do contexto como um todo.

Neste exemplo, vemos que o *lover boy* primeiramente fez uma cara de gatinho e, no decorrer da interação, desenha outra cara de gatinho piscando. Para tanto, apelou para recursos do próprio teclado para criar as figuras. Deste modo, com a ajuda dos *emoticons*, o falante instalou um clima de sedução entre ele e *Bia*, apesar de ele achar estranho o *nick* e negar a sua condição de amante:

“(05:38:20) **lover boy** (*reservadamente*) fala para **Bia**: estranho né

(05:38:22) **Bia** (*reservadamente*) fala para **lover boy**: é mesmo?

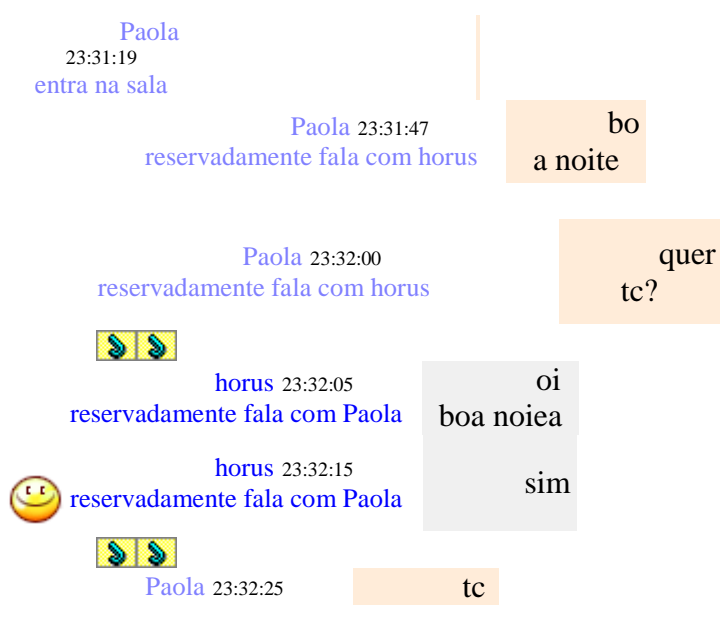
(05:38:40) **Bia** (*reservadamente*) fala para **lover boy**: vc se sente assim?

(05:38:43) **lover boy** (*reservadamente*) fala para **Bia**: ã”

Observamos que o sujeito, mesmo afirmando não saber o significado das palavras, se identificou com o *nick* e permaneceu com ele, mesmo achando *estranho* e diferente. *Lover*, em sua tradução literal, quer dizer “amante, amado, namorado”, e *boy* significa “menino, garoto, moço”; são palavras comuns na nossa língua. Desta forma, pensamos que a irrupção do estrangeiro, responsável pelo comprometimento da transparência do dizer (o que consubstancia um procedimento marcativo, que se revela linguisticamente) define o outro no fio discursivo.

(50) *As várias faces de Hórus*³⁸

Nesta interação, *Hórus*, assim como *Lover Boy*, também alega desconhecer o significado de seu *nick*:



³⁸ **Hórus** é um Deus egípcio, é o deus dos céus, muito embora sua concepção tenha ocorrido após a morte de Osíris. Tinha cabeça de falcão e os olhos representavam o sol e a lua. Matou Seth, tanto por vingança pela morte do pai, Osíris, como pela disputa do comando do Egito. Após derrotar Seth, tornou-se o rei dos vivos no Egito. Perdeu um olho lutando com Seth, que foi substituído por um amuleto de serpente, (que os faraós passaram a usar na frente das coroas), o olho de Hórus, (anteriormente chamado de Olho de Rá, que simbolizava o poder real e foi um dos amuletos mais usados no Egito em todas as épocas. Depois da recuperação, Hórus pôde organizar novos combates que o levaram à vitória decisiva sobre Seth. O olho que Hórus feriu (o olho esquerdo) é o olho da lua, o outro é o olho do sol. Esta é uma explicação dos egípcios para as fases da lua, que seria o olho ferido de Hórus. Alguns detalhes do personagem foram alterados ou mesclados com outros personagens ao longo das várias dinastias, seitas e religiões egípcias. Por exemplo, quando Heru (Hórus) se funde com Ra O Deus Sol, ele se torna Ra-Horakhty. O olho de Horus egípcio tornou-se um importante símbolo de poder.

reservadamente fala com horus de onde?


horus 23:32:46
reservadamente fala com Paola são paulo evc?

Paola 23:32:59
reservadamente fala com horus Fortaleza -CE

horus 23:33:18
reservadamente fala com Paola pertinho rrsrs

Paola 23:33:36
reservadamente fala com horus srsrsrs

 Paola 23:33:40
reservadamente fala com horus então o q vc faz aí em SP?


 horus 23:34:00
reservadamente fala com Paola adestrador de cães evc?

Paola 23:34:37
reservadamente fala com horus studo

 horus 23:34:48
reservadamente fala com Paola quantos anos vc tem

Paola 23:34:56
reservadamente fala com horus 22


Paola 23:35:01
reservadamente fala com horus e vc?

 horus 23:35:31
reservadamente fala com Paola 34 anos

Paola 23:35:52
reservadamente fala com horus o q significa horus?

 horus 23:35:56
reservadamente fala com Paola curt caras mais velhos?

Paola 23:36:08
reservadamente fala com horus ssim

 horus 23:36:48
reservadamente fala com Paola horus é o nome do meu cachorro!!rsrsrrsr



Paola 23:37:05
reservadamente fala com horus

Paola 23:37:34
reservadamente fala com horus

rsrsrs não acredito
achei diferente não tem nenhum
significado?

horus 23:38:27
reservadamente fala com Paola

é
grego

Paola 23:38:56
reservadamente fala com horus

mas é o nome de algum
Deus grego?

horus 23:39:15
reservadamente fala com Paola

ja
não sei

horus 23:39:35
reservadamente fala com Paola

aquim tem hum motél com esse
nome !!rsrs

Paola 23:41:08
reservadamente fala com
horus

então se vc escolheu esse apelido por algum motivo
específico



horus 23:41:15
reservadamente fala com Paola

mas de amor ele não tem nada é
umpit bull

Paola 23:41:45
reservadamente fala com horus

desculpa maso q
significa isso?

horus 23:41:57
reservadamente fala com Paola

escolhi porque é um
nome forte!!

Paola 23:42:25
reservadamente fala com horus

Foi o q eu
imaginei

Paola 23:42:36
reservadamente fala com horus

como vc é
fisicamente?

horus 23:43:40
reservadamente fala com Paola

tenho 183 de altura 98kg cabelos e olhos
castanho e vc



Paola 23:44:0
reservadamente fala com horus

Nossa

Paola 23:44:37
reservadamente fala com
horus

então se Horus for realmente um Deus grego tem tudo
haver com vc



horus 23:44:49
reservadamente fala com Paola

rsrsr
brigadu

Paola 23:45:06
reservadamente fala com horus

vc concorda
comigo?

horus 23:45:12
reservadamente fala com Paola

ha e sou moreno de
sol!!rsrsr

horus 23:45:45
reservadamente fala com Paola

se vc ta falando né, ja
falaram isso

Paola 23:45:56
reservadamente fala com horus

srssrs

Paola 23:46:09
reservadamente fala com horus

eu
sabia

horus 23:46:32
reservadamente fala com Paola

que??

Paola 23:46:45
reservadamente fala com horus
Paola 23:46:58
reservadamente fala com horus

então realmente a escolha de Horus tem um
significado
estou certa?

horus 23:47:19
reservadamente fala com Paola

sim

Paola 23:47:54
reservadamente fala com horus

então me diga qual é pra ver se bate com o q estou imaginando



Paola 23:48:32
reservadamente fala com horus

horus 23:48:25
reservadamente fala com Paola

pod
e falar

srsrsrs



Paola 23:48:53
reservadamente fala com horus

vc é q tem q dizer pra eu ver se acertei



horus 23:49:14
reservadamente fala com Paola

fala

Paola 23:50:01
reservadamente fala com horus

ai não acredito vc ~vai me deixar na dúvida?

horus 23:50:06
reservadamente fala com Paola

sumiu



horus 23:50:26
reservadamente fala com Paola

fala oque ta pensando

Paola 23:51:23
reservadamente fala com horus

Um homem com a descrição q vc deu e q coloca um nome forte como Horus

Paola 23:52:13
reservadamente fala com horus

é um gato q tem bastante auto-confiança



horus 23:52:14
reservadamente fala com Paola

se aquilo é big? é isso

Paola 23:52:31
reservadamente fala com horus

srsrs



horus 23:52:33
reservadamente fala com Paola

rsrsrs
rsrsr???



Paola 23:52:37
reservadamente fala com horus

não

Paola 23:53:02
reservadamente fala com horus

essa
foi ótima

horus 23:53:52
reservadamente fala com Paola

então me fala vc, eu to
curioso

Paola
23:54:41
reservadamente
fala com horus

acontece que como provavelmente não iremos nos conhecer
pessoalmente gostaria de saber um pouquinho de sua personalidade se
vc me dissesse o motivo da escolha de Horus seria uma forma de te
conhecer um pouco

horus 23:55:14
reservadamente fala com Paola

vc tem msn?ai vc me conhece
melhor



Paola 23:55:15
reservadamente fala com horus

eu tenho uma idéia mas só vc pode
comprovar



horus 23:55:25
reservadamente fala com Paola

ok



Paola 23:55:52
reservadamente fala com horus

tenho MSN, orkut mas me diz o motivo tô
curiosa

Paola 23:56:14
reservadamente fala com horus

vc tmb vai me conhecer melhor



horus 23:56:24
reservadamente fala com Paola

é porque é nome forte
e bonito

Paola 23:56:35
reservadamente fala com horus

assim
como vc?



horus 23:57:22
reservadamente fala com Paola

so m vendo para vc
saber!!rsrsr

horus 23:57:34
reservadamente fala com Paola

eai pode me
passar?

Paola 23:57:40
reservadamente fala com horus

eu
acho q é

No diálogo, vemos como *Hórus* se ressignifica de várias maneiras: “cachorro, motel, deus grego, pit Bull”, aquele que tem “aquilo big”. Essas recategorizações mostram as várias faces do sujeito por trás do apelido, mesmo este alegando desconhecer o significado, assim como fez também o *Lover boy*:

“horus 23:36:48
reservadamente fala com Paola

horus é o nome do meu
cachorro!!rsrsr



Paola 23:37:05
reservadamente fala com horus

rsrsrs não
acredito



(...) horus 23:41:15
reservadamente fala com Paola

mas de amor ele não tem nada é
umpit Bull”

Primeiro, Hórus informa que esse é o nome do seu cachorro, no entanto, não é qualquer cachorro: é um pit bull. O pit bull é considerado um cachorro agressivo, valente, forte, temido, etc. Essas qualidades têm um peso social muito grande e são muito valorizadas como símbolo de masculinidade: “durante a primeira metade do século XX, a imagem do homem másculo foi ligada ao trabalho braçal e à industrialização” (SEMÍRAMS, 2007) Ora, esse cultivo da agressividade como sinônimo de masculinidade deveria ter ficado no passado, na medida em que as relações hoje são outras, mais igualitárias, e isso não significa uma diminuição no papel masculino que necessite ser compensada pela violência, doméstica ou não, mas uma adaptação na qual o homem possa se humanizar e não precise parecer que é um herói o tempo todo. No entanto, não é isso o que acontece, vemos os homens se

mostrando de forma agressiva, por vezes acintosa, em busca de aprovação e respeito.

O trecho abaixo, da interação, reflete exatamente isso:

“Paola 23:51:23
reservadamente fala com
horus

Um homem com a descrição q vc deu e q coloca um nome forte como Horus

Paola 23:52:13
reservadamente fala com horus

é um gato q tem bastante auto-
confiança



horus 23:52:14
reservadamente fala com Paola

se aquilo é
big? é isso

Paola 23:52:31
reservadamente fala com horus

srsrs”

Nesse trecho, a conversa assume um viés sexual explícito, o macho³⁹ tentando impressionar a fêmea com o seu grande órgão. Afinal, Hórus “é um nome forte e bonito”. Mas Paola, como toda histórica, não ficou satisfeita com os sutis significados do *nick* e insistiu:

“Paola
23:54:41
reservadamente
fala com horus

acontece que como provavelmente não iremos nos conhecer pessoalmente gostaria de saber um pouquinho de sua personalidade se vc me dissesse o motivo da escolha de Horus seria uma forma de te conhecer um pouco”

³⁹ Calligaris (2009), em uma entrevista à revista Veja, diz o seguinte sobre o homem: “**O homem ainda mente muito sobre sexo?** Sim, sobretudo dizendo que pensa nisso mais do que verdadeiramente pensa. O homem mente porque um dos lugares onde ele joga e arrisca sua imagem masculina é no sexo. Ele mente também sobre o caráter aventureiro dele e sobre a própria intensidade de seu interesse por sexo. Ele vive tentando demonstrar que o sexo está constantemente presente na cabeça dele, o que muitas vezes não é verdade. Isso porque a intensidade de seu desejo é uma demonstração de virilidade. Para a mulher, de alguma forma, é mais fácil. Mesmo às que têm uma vida sexual pobre não faltam ocasiões em que podem se assegurar da própria feminilidade. Um exemplo claro é entrar em um restaurante e ver que há vários homens olhando para ela. Já para o homem, isso não é tão fácil. Para se assegurar de sua masculinidade é necessário que ele cultive seu desejo sexual.”

Como já dissemos anteriormente, o *corpus* foi colhido também pelos alunos do curso de Letras, da disciplina de Língua Portuguesa: Texto e Discurso, no qual eles foram orientados a entrar no chat e obter o significado do *nick*. Eles também sabiam que o material iria ser analisado por uma psicanalista e que faria parte da nossa tese de doutorado. Cremos que ficar a par de todas essas informações causou uma certa ansiedade nos próprios alunos responsáveis pela coleta dos dados. Isso justifica a insistência de *Paola* em busca de um significado ideal que ela pensa ou deseja existir: “...gostaria de saber um pouquinho de sua personalidade se vc me dissesse o motivo da escolha de Horus seria uma forma de te conhecer um pouco”. A pressa de alguns dos alunos, como o *Universitário da menina problematik*, também pode denunciar uma defensiva inconsciente, desta vez dos próprios alunos.

Veremos mais adiante como, de uma maneira ou de outra, os alunos foram afetados por essas informações e, também, por um certo receio de serem “analisados” pela psicanalista. Sabemos que, ainda hoje, existe a crença de que um psicólogo, ou um psicanalista⁴⁰, ou um psiquiatra, passa o tempo todo analisando todas as pessoas ao seu redor. Esse estereótipo intimida as pessoas, porque se alia a uma outra voz do senso comum, que diz que ir a um profissional da área psíquica é “coisa para doido”. Dito isso, faremos as devidas observações, quando necessárias, a toda interação virtual, para que possamos extrair as marcas de heterogeneidade de todo o contexto da enunciação.

(51) Kekaritomene, Lewry, Deadpool, Shawn e a vontade de ser

Nesta interação, *Kekaritomene* trata de se cercar dos nomes mais esdrúxulos possíveis: *Lewry, Deadpool, Shawn*. E ela vai em busca de alguma coisa que sempre

⁴⁰ Como ilustração dessa “implicância”, citamos o poema de Mário Quintana: “Os psicanalistas, como o caso deles me preocupa!

Eles próprios sofrem de um dos mais terríveis complexos do mundo,
Que é o complexo dos complexos.

Ah, se a gente pudesse ter uma simples e amistosa conversa com eles,
sem que descubram coisas por trás!

E se, por acaso,

Tombar um ovo choco no chão,

Por que hei de ser um maníaco homicida,

Um fabricante de anjinhos?!

Por que não vão eles inquirir sobre isso o próprio acaso,

Que não sabe de nada... (*Velório sem defunto*, 1990)

escapa. Diferentemente de seus colegas de turma, ela não receia, pelo contrário, expõe-se, pergunta, quer saber: sou *h* ou *m*?

- (07:12:00) **KEKARITOMENE** entra na sala... 
- (07:13:07) **KEKARITOMENE** fala para **lewry**: e aí, quer tc? 
- (07:14:06) **lewry** fala para **KEKARITOMENE**: ola qual seu nome por favor 
- (07:14:32) **KEKARITOMENE** fala para **LOBO**: flavia
- (07:15:02) **lewry** fala para **KEKARITOMENE**: e serio mesmo 
- (07:15:13) **KEKARITOMENE** fala para **lewry**: foi mal.é pra ti
- (07:15:37) **KEKARITOMENE** fala para **lewry**: e o teu?
- (07:16:16) **lewry** fala para **KEKARITOMENE**: meu nome começa com le 
- (07:16:55) **lewry** fala para **KEKARITOMENE**: pq 
- (07:17:49) **KEKARITOMENE** fala para **lewry**: pq vc disse q começava com Le..e pode ser q seja esse nome
- (07:18:18) **lewry** fala para **KEKARITOMENE**: leo 
- (07:18:34) **KEKARITOMENE** fala para **lewry**: prazer Leo
- (07:18:53) **KEKARITOMENE** fala para **lewry**: de q lugar tc?
- (07:19:01) **lewry** fala para **KEKARITOMENE**: qual sua idade 
- (07:19:51) **KEKARITOMENE** fala para **lewry**: 22
- (07:19:57) **lewry** fala para **KEKARITOMENE**: e onde moras 
- (07:20:09) **KEKARITOMENE** fala para **lewry**: FOrtaleza
- (07:20:36) **lewry** fala para **KEKARITOMENE**: adoro esse estado 
- (07:20:42) **KEKARITOMENE** fala para **lewry**: e tu?
- (07:21:10) **KEKARITOMENE** fala para **lewry**: É aqui é maravilhoso
- (07:21:28) **lewry** fala para **KEKARITOMENE**: 19 e moro longe em jacarei 
- (07:21:59) **KEKARITOMENE** fala para **lewry**: estuda?
- (07:22:38) **KEKARITOMENE** fala para **lewry**: são paulo é corrido né
- (07:22:55) **lewry** fala para **KEKARITOMENE**: nao mas atualmente estou na monitoria numa escola de informatica 
- (07:23:39) **KEKARITOMENE** fala para **lewry**: gosta de informatica
- (07:23:44) **lewry** fala para **KEKARITOMENE**: sao paulo é corrido mas jacarei é parada pra caramba 
- (07:23:52) **KEKARITOMENE** fala para **lewry**: q bom
- (07:2:11) **lewry** fala para **KEKARITOMENE**: não gosto adoro 
- (07:24:38) **deadpool** (reservadamente) fala para **KEKARITOMENE**: ola ´tb afim d tc? 
- (07:25:44) **KEKARITOMENE** fala para **lewry**: não gosta da calma?
- (07:26:13) **lewry** fala para **KEKARITOMENE**: de vez em quando é bom mas não sempre 
- (07:26:44) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **deadpool**: pode ser reservado?
- (07:27:37) **lewry** fala para **KEKARITOMENE**: qual teu nome por favor gata 
- (07:27:41) **KEKARITOMENE** fala para **lewry**: aqui ´ebem agitado

(07:28:57) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **lewry**: '' e flavia mesmo

(07:29:25) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **deadpool**: tudo bem?

(07:29:50) **deadpool** (reservadamente) fala para **KEKARITOMENE**: olá 🗨️

(07:29:52) **deadpool** (reservadamente) fala para **KEKARITOMENE**: tb 🗨️

(07:29:54) **deadpool** (reservadamente) fala para **KEKARITOMENE**: e vc? 🗨️

(07:30:05) **lewry** fala para **KEKARITOMENE**: adorei teu nome gata se eu for seguir pelo teu nome você é linda 🗨️

(07:30:16) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **deadpool**: cmg esta bem,so meio cansada...

(07:30:37) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **lewry**: é..

(07:30:52) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **lewry**: e esse seu apelido..é engraçado

(07:31:11) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **lewry**: de onde tirou?

(07:31:22) **lewry** fala para **KEKARITOMENE**: beleza,mas nem eu sei o por que 🗨️

(07:31:38) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **deadpool**: engraçado esse teu nome...qual a explicação?

(07:32:14) 🗨️ **UOL** (reservadamente) fala para **KEKARITOMENE**: 🗨️🗨️ Você está ignorando: **lewry**.

(07:32:24) 🗨️ **UOL** (reservadamente) fala para **KEKARITOMENE**: 🗨️🗨️ Você está aceitando mensagens de **Todos**.

(07:32:46) **deadpool** (reservadamente) fala para **KEKARITOMENE**: eu adoro 🗨️

(07:32:48) **deadpool** (reservadamente) fala para **KEKARITOMENE**: ele 🗨️

(07:32:57) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **deadpool**: q personagem?

(07:33:23) **deadpool** (reservadamente) fala para **KEKARITOMENE**: ele é um herói q faz piadas de todos mundo 🗨️

(07:33:27) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **deadpool**: sim,+ o q é?o q faz? essas coisas..é animal

(07:33:30) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **deadpool**: gente

(07:33:40) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **deadpool**: ah ta

🗨️ (07:33:42) **deadpool** (reservadamente) fala para **KEKARITOMENE**: gente 🗨️

🗨️🗨️ (07:33:44) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **deadpool**: legal

(07:33:58) **deadpool** (reservadamente) fala para **KEKARITOMENE**: muage minha 🗨️

(07:34:07) **deadpool** (reservadamente) fala para **KEKARITOMENE**: e a d onde vc é? 🗨️

(07:34:22) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **deadpool**: de fortaleza

(07:34:42) **deadpool** (reservadamente) fala para **KEKARITOMENE**: legal 🗨️

(07:34:46) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **Oriental (H)**: tud bem?

(07:34:58) **deadpool** (reservadamente) fala para **KEKARITOMENE**: sou d campo grande ms 🗨️

(07:35:09) **Oriental (H)** (reservadamente) fala para **KEKARITOMENE**: tudo vc é o q ?

(07:35:35) **Oriental (H)** (reservadamente) fala para **KEKARITOMENE**: mulher

(07:35:35) **deadpool** (reservadamente) fala para **KEKARITOMENE**: quantos anos

(07:35:38) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **Oriental (H)**: rs

(07:35:52) **Oriental (H)** (reservadamente) fala para **KEKARITOMENE**: vc da rrsrsr ?

(07:35:57) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **deadpool**: quantos anos tem?

(07:36:30) **lewry** fala para **KEKARITOMENE**: você tem msn

(07:36:44) **Oriental (H)** (reservadamente) fala para **KEKARITOMENE**: ola

(07:36:49) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **lewry**: por incrível q pareça,nao

(07:37:02) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **Oriental (H)**: muher

(07:37:05) **Oriental (H)** (reservadamente) fala para **KEKARITOMENE**: vc ã quer tc ?

(07:37:47) **Oriental (H)** (reservadamente) fala para **KEKARITOMENE**: nem me leve a mau ?

(07:37:55) **Oriental (H)** (reservadamente) fala para **KEKARITOMENE**: mas q nome é esse ?

(07:38:07) **lewry** fala para **KEKARITOMENE**: posso saber uma coisa de você sem desrespeito nenhum

(07:38:26) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **Oriental (H)**: desculpa,é pq meu pai pede muiot favor

(07:38:38) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **lewry**: diz

(07:39:12) **deadpool** (reservadamente) fala para **KEKARITOMENE**: opa

(07:39:17) **lewry** fala para **KEKARITOMENE**: a senhorita tá solteira ou comprometida

(07:39:17) **Oriental (H)** (reservadamente) fala para **KEKARITOMENE**: qtos anos vc tem ?

(07:39:25) **deadpool** (reservadamente) fala para **KEKARITOMENE**: eu tava resovendo um negocio

(07:39:29) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **lewry**: solteira

(07:39:34) **deadpool** (reservadamente) fala para **KEKARITOMENE**: eu tenho 17 e vc

(07:39:51) **Oriental (H)** (reservadamente) fala para **KEKARITOMENE**: eu tenho 23 cheio de disposição !!!

(07:39:59) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **Oriental (H)**: 22

(07:40:23) **lewry** fala para **KEKARITOMENE**: tem orkut

(07:40:23) **Oriental (H)** (reservadamente) fala para **KEKARITOMENE**: viado porq ?

(07:40:24) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **deadpool**: 22

(07:40:53) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **lewry**: tu deve estar me achando anti-quada,porem nao tenho

(07:41:11) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **Oriental (H)**: nao sou viado

(07:41:21) **Oriental (H)** (reservadamente) fala para **KEKARITOMENE**: deixa pra lá 🗨️

(07:41:31) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **Oriental (H)**: vc é?

(07:41:50) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **Oriental (H)**: ô porq deste apelido?

(07:42:00) **Oriental (H)** (reservadamente) fala para **KEKARITOMENE**: mano vc tah viajando nas ideia !!! 🗨️

(07:42:11) **lewry** fala para **KEKARITOMENE**: não acho isso,nem todos daqui tem ok me desculpa se você entendeu assim 🗨️

(07:42:47) **Oriental (H)** (reservadamente) fala para **KEKARITOMENE**: acho q vc tem uns 15 no maximo !!!!! 🗨️

(07:43:06) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **lewry**: q bom

(07:43:34) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **Oriental (H)**: kkkk...se enagou completamente..

(07:43:50) **Oriental (H)** (reservadamente) fala para **KEKARITOMENE**: seraaaaaaa..... 🗨️

(07:43:52) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **Oriental (H)**: qual teu nome?

(07:43:55) **lewry** fala para **KEKARITOMENE**: gostei do seu apelido posso se saber de onde,é uma escolha sua fala se quiser,eu entenderei 🗨️

(07:44:05) **Oriental (H)** (reservadamente) fala para **KEKARITOMENE**: me fala o seu ? 🗨️

(07:44:20) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **lewry**: é em grego.significa cheia de graça

(07:44:36) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **Oriental (H)**: perguntei primeiro

(07:45:05) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **Oriental (H)**: +...é flavia

(07:45:17) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **lewry**: pq não esta estudando?so trabalhando?

(07:45:22) **Oriental (H)** fala para **KEKARITOMENE**: vc vai ficar fazendo esse joguinho ? 🗨️

(07:45:39) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **lewry**: por incrivel q pareça,to falando serio

(07:45:59) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **Oriental (H)**: + vc é homem ,né?!

(07:46:14) **Oriental (H)** fala para **KEKARITOMENE**: mas claro 🗨️

(07:46:39) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **Oriental (H)**: quantos anos?

(07:46:56) **lewry** fala para **KEKARITOMENE**: eu esqueci de falar que onde eu trabalho faço curso de hardware e software 🗨️

(07:46:58) **Oriental (H)** fala para **KEKARITOMENE**: 23 eo seu 🗨️

(07:47:46) **Oriental (H)** fala para **KEKARITOMENE**: eae perdeu a fala !!!!! 🗨️

(07:48:28) **Oriental (H)** fala para **KEKARITOMENE**: vc tah fazendo muito favor...heimmmm 🗨️

(07:48:46) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **Oriental (H)**: calma

(07:48:48) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **Oriental (H)**: 22

(07:49:24) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **Oriental (H)**: pq vc é tão impaciene?

(07:49:42) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **lewry**: em relação ao meu apelido

(07:50:02) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **lewry**: faço desenvolvimento de software

(07:50:08) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **lewry**: 1º semestre

(07:51:29) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **shawn #6#**: oi

(07:51:47) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **shawn #6#**: ker tc?

(07:52:01) **shawn #6#** fala para **KEKARITOMENE**: vc e h ou m??? 🗨️

(07:52:05) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **shawn #6#**: m

(07:52:17) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **shawn #6#**: e vc?

(07:52:45) **shawn #6#** fala para **KEKARITOMENE**: h 🗨️

(07:52:59) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **shawn #6#**: q bom

(07:53:08) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **shawn #6#**: ta td bem?

(07:53:43) **shawn #6#** fala para **KEKARITOMENE**: td ,vctc dond ,tem qtos anos 🗨️

(07:54:47) **shawn #6#** fala para **KEKARITOMENE**: kd vc 🗨️

(07:55:08) **shawn #6#** fala para **KEKARITOMENE**: q nome e esse 🗨️

(07:56:54) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **shawn #6#**: tantas perguntas

(07:57:13) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **shawn #6#**: é em grego.significa cheia de graça

(07:57:14) **shawn #6#** fala para **KEKARITOMENE**: pra vc??? 🗨️

(07:57:23) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **shawn #6#**: e esse teu nome?

(07:57:27) **shawn #6#** fala para **KEKARITOMENE**: q bom 🗨️

(07:58:05) **shawn #6#** fala para **KEKARITOMENE**: tirei do slipknot 🗨️

(07:59:25) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **shawn #6#**: o q é isso?desclpa a ignorancia

(07:59:26) **lewry** fala para **KEKARITOMENE**: beleza siga em frente gata espero que você se de bem boa sorte 🗨️

(07:59:47) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **lewry**: tchau.bj

(08:00:07) **shawn #6#** fala para **KEKARITOMENE**: banda d rock q todos usam mask 🗨️

(08:00:27) **lewry** fala para **KEKARITOMENE**: pra você também 🗨️

(08:01:40) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **lewry**: legal

(08:01:54) **lewry** fala para **KEKARITOMENE**: ainda está ai gata 🗨️

(08:01:57) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **lewry**: + num é o shaman nao ne

(08:02:05) **shawn #6#** fala para **KEKARITOMENE**: vc ta viva 🗨️

(08:02:09) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **lewry**: foi mal

(08:02:35) **shawn #6#** fala para **KEKARITOMENE**: pq +1 mulher no mundo pra

mim 🗨️

(08:02:38) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **shawn #6#**: + num é o shaman nao,é?

(08:02:56) **lewry** fala para **KEKARITOMENE**: não gata,que isso para mim não precisa se desculpar 🗨️

(08:03:00) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **shawn #6#**: e vcs tem tantas mulheres assim?

(08:03:12) **shawn #6#** fala para **KEKARITOMENE**: shaman??? 🗨️

(08:03:21) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **lewry**: blz..bjo..tchau...

(08:03:36) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **shawn #6#**: sim

(08:03:41) **lewry** fala para **KEKARITOMENE**: agora é pra valer 🗨️

(08:04:14) **shawn #6#** fala para **KEKARITOMENE**: isso e banda d heavy 🗨️


O que é mais intrigante neste diálogo é a indefinição sexual de seus atores. Kekaritomene é h ou m? Lewry é h ou m? E Deadpool? E Shawn? E Oriental, que se aplicaria, como adjetivo, a ambos os sexos? Todos eles se recategorizam, mas, no entanto, permanecem na dúvida: sou homem ou mulher? E Kekaritomene revela todas as incertezas possíveis, inclusive as dela própria, quanto ao seu sexo e ao do Outro. Freud diz em seu texto de 1936 que "A proporção em que masculino e feminino se misturam num indivíduo está sujeita a flutuações muito amplas. (...) e aquilo que constitui a masculinidade ou a feminilidade é uma característica desconhecida que foge do alcance da anatomia." (p.67). Desta forma, o modelo freudiano do masculino e do feminino, lacunar e fechado num sistema simétrico binário, reflete a dificuldade do próprio Freud em denominar o que seja da ordem destas noções. Para Ceccarelli (1998), as posições teóricas de Freud revelam que sua escuta não era imune a seus próprios complexos inconscientes, à sua própria organização identificatória e ao discurso social de sua época:


ao expressar-se sobre a questão do masculino e do feminino, fala de *conceitos*, de *noções* e até mesmo de *qualidade psíquicas*. Em determinados momentos, refere-se ao masculino e ao feminino em termos de atividade e passividade; em outros observa que, tratando-se de seres humanos, esta relação é insuficiente. (p.51)

Seja como for, a posição de Freud ao chamar a atenção para a dificuldade de definir masculino e feminino é revolucionária, na medida em que não se submete à realidade anatômica, subordinando, assim, a significação desses dois conceitos a processos bem mais complexos do que as determinações instintuais. Em outras

palavras, *a anatomia não é o destino*, isso porque a sexualidade está não especificamente no corpo em si, no corpo real, anatômico, mas na linguagem. Kekaritomene e seus parceiros demonstram claramente isso em suas constantes indagações sobre ser homem ou mulher.

"shawn #6# fala para **KEKARITOMENE**: vc e h ou m???

(07:35:09) **Oriental (H)** (reservadamente) fala para **KEKARITOMENE**: tudo vc é o q ? 

(07:35:35) **Oriental (H)** (reservadamente) fala para **KEKARITOMENE**: mulher 

(07:35:38) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **Oriental (H)**: rs

(07:35:52) **Oriental (H)** (reservadamente) fala para **KEKARITOMENE**: vc da rrsrsr ? 

KEKARITOMENE (reservadamente) fala para **Oriental (H)**: nao sou viado

(07:45:59) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **Oriental (H)**: + vc é homem ,né?!

(07:46:14) **Oriental (H)** fala para **KEKARITOMENE**: mas claro

A certa altura dos diálogos, Kekaritomene, que tecla com 2 ou 3 ao mesmo tempo, perde o fio da meada e se confunde ao falar com um, pensando que está falando com outro:

(07:46:58) **Oriental (H)** fala para **KEKARITOMENE**: 23 eo seu 

(07:47:46) **Oriental (H)** fala para **KEKARITOMENE**: eae perdeu a fala !!!!! 




(07:48:28) **Oriental (H)** fala para **KEKARITOMENE**: vc tah fazendo muito favor...heimmmm 




(08:01:57) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **lewry**: + num é o shaman nao ne

(08:02:09) **KEKARITOMENE** (reservadamente) fala para **lewry**: foi mal

(08:02:56) **lewry** fala para **KEKARITOMENE**: não gata,que isso para mim não precisa se desculpar"

Desta forma, a "cheia de graça", Kekaritomene, prossegue em sua vontade de ser e ignora, inclusive, as advertências do "Grande Olho":






(07:32:14)  **UOL** (reservadamente) fala para **KEKARITOMENE**:   Você está ignorando: **lewry**.

(07:32:24)  **UOL** (reservadamente) fala para **KEKARITOMENE**:   Você está aceitando mensagens de **Todos**.

Que marcas de heterogeneidade enunciativa poderíamos identificar nessas ocorrências, em que saltam pistas de desejos, insatisfações, incompletudes nas vozes do inconsciente? Nenhuma que a literatura sobre o assunto tenha descrito, mas elas existem em todos esses indícios, ora manifestados por expressões referenciais, ora realizados por outras sinalizações linguísticas que auxiliam na recategorização dos referentes, ainda que isso não seja homologado por expressão referencial alguma.

(52) *O analista, de Bagé⁴¹ e a moça na janela*

Diferentemente de *Kekaritomene*, que se lançou despreziosamente no bate-papo, o aluno que coletou estes dados, sob o *nick* de *ANALISTA DE BAGÉ*, por sua vez, guarda todo o seu temor em se mostrar a um analista. Note-se como, inicialmente, ele põe o nome em caixa alta e como, posteriormente, parece proteger-se em seus versos:

<p>ANALISTA de BAGÉ 21:29:10 entra na sala</p>	
<p> ANALISTA de BAGÉ 21:30:12 reservadamente fala com MoçaNaJanela</p>	<p>olá!</p>
<p> ANALISTA de BAGÉ 21:31:02 reservadamente fala com MoçaNaJanela</p>	<p>Percebo que vc gosta muito de olhar o passeio público....</p>
<p> ANALISTA de BAGÉ 21:31:20 reservadamente fala com MoçaNaJanela</p>	<p>Ou... admirar a natureza...</p>
<p>  ANALISTA de BAGÉ 21:31:50 reservadamente fala com</p>	<p>Quem sabe, sentir a brisa roçando ao rosto...</p>

⁴¹ *O Analista de Bagé* é um livro de Luís Fernando Veríssimo, é a combinação entre a rude sinceridade e a franqueza do homem do interior gaúcho. São 27 hilariantes histórias do impagável analista gaúcho, freudiano, machista, que costuma tratar seus pacientes a tapa. É um clássico do humor brasileiro. Com práticas pouco convencionais, o analista barbudo, macho e sistemático não deixa de picar fumo e tomar chimarrão nas consultas. O sotaque forte e suas conclusões sobre os problemas dos clientes geram uma combinação divertida. Na obra, Luís Fernando Veríssimo apresenta as relações analista/cliente de forma irônica e debochada, fazendo alusões ao regionalismo, à política nacional, à intelectualidade – sempre de forma iconoclasta e irreverente.

MoçaNaJanela
ANALISTA de BAGÉ
21:32:21
reservadamente fala com
MoçaNaJanela

e imagino tuas faces venustas, serenas, suaves
como a seda...



ANALISTA de BAGÉ 21:32:32
reservadamente fala com MoçaNaJanela

quer
tc?!!

MoçaNaJanela 21:32:42
fala com ANALISTA de BAGÉ

tu é
poeta é...rs



ANALISTA de BAGÉ 21:32:53
reservadamente fala com MoçaNaJanela

Aprende
diz de...



ANALISTA de BAGÉ 21:33:12
reservadamente fala com MoçaNaJanela

Digo isto pelo
teu nick...

MoçaNaJanela 21:33:47
fala com ANALISTA de BAGÉ

como
assim?



ANALISTA de
BAGÉ 21:34:01
reservadamente fala com
MoçaNaJanela

Uma moça na janela é muito sugestivo para uma
pluralidade de leituras lírico-românticas!!!



ANALISTA de BAGÉ 21:34:36
reservadamente fala com MoçaNaJanela

Afinal, qual seria então a razão do teu
nick?!!



MoçaNaJanela
21:34:52
fala com ANALISTA de
BAGÉ

rsss....Gosto de apreciar o que a natureza pode me
mostrar, como a lua..o sol...



ANALISTA de BAGÉ
21:35:42
reservadamente fala com
MoçaNaJanela

Mas que belo gosto, isso reflete tua'lma teu ser,
teu caráter cândido.....



ANALISTA de BAGÉ 21:36:09
reservadamente fala com MoçaNaJanela

É essa mesma a
razão?....



MoçaNaJanela 21:36:11
fala com ANALISTA de BAGÉ

aanalisando a alma
humana...rss



MoçaNaJanela 21:36:36
reservadamente fala com ANALISTA de BAGÉ

Gosto muito da vista da minha janela
em casa



ANALISTA de BAGÉ
21:36:40
reservadamente fala com
MoçaNaJanela

Principalmente das moças incautas e um tanto
quanto sublimes.....



MoçaNaJanela 21:36:49
reservadamente fala com ANALISTA de BAGÉ

e tenho fotos tiraas
nela, só isso



ANALISTA de BAGÉ 21:37:07
reservadamente fala com MoçaNaJanela

Mas que
história....



ANALISTA de BAGÉ 21:37:32
reservadamente fala com MoçaNaJanela

Como te chamas
realmente?



ANALISTA de BAGÉ
21:38:03
reservadamente fala com
MoçaNaJanela
ANALISTA de BAGÉ
21:38:21

Não... hehehe



reservadamente fala com
MoçaNaJanela
ANALISTA de BAGÉ
21:38:48

Sou apenas uma cobaia do
destino!!! hhehe



reservadamente fala com
MoçaNaJanela

Não me revelaste o teu nome....



MoçaNaJanela 21:38:57
reservadamente fala com ANALISTA
de BAGÉ

Por acaso é um professor de
literatura?..poeta....curioso..ou o que?



MoçaNaJanela 21:39:13
fala com ANALISTA de BAGÉ

lua



ANALISTA de BAGÉ 21:39:18
reservadamente fala com MoçaNaJanela

Manterá
segredo



ANALISTA de BAGÉ 21:39:37
reservadamente fala com MoçaNaJanela

Sou apenas, hum...
cobaia!!



ANALISTA de BAGÉ 21:40:01
reservadamente fala com MoçaNaJanela

Sem muito sal para a arte
literária



MoçaNaJanela 21:40:10
reservadamente fala com ANALISTA de BAGÉ

O mmistério as vzs faz parte de boas
leituras



MoçaNaJanela 21:41:06
reservadamente fala com ANALISTA de BAGÉ

mas usa as palavras com
maestria



ANALISTA de
BAGÉ 21:41:25
reservadamente fala com
MoçaNaJanela

Vejo então que tu és, ou melhor, tu pertences ao
pequeno número de mulheres que ainda sabem amar, sentir e
pensar.



ANALISTA de
BAGÉ 21:42:32
reservadamente fala com
MoçaNaJanela

Quando deparei-me com o teu nick, a minha tristeza de
ser uma cobaia logo converteu-se em súbita alegria.....



MoçaNaJanela 21:42:40
reservadamente fala com ANALISTA
de BAGÉ

qdo a cabeça não pensa o corpo padece...frase
de botiquim..mas profunda



ANALISTA de
BAGÉ 21:43:54
reservadamente fala com
MoçaNaJanela

Profunda para aqueles que sabem tirar de ambientes
desagradáveis um perfume caro que traz reflexões sinceras
n'alma...



MoçaNaJanela 21:44:16
reservadamente fala com ANALISTA de BAGÉ

Vc se
superou....rssss



ANALISTA de BAGÉ
21:44:56
reservadamente fala com
MoçaNaJanela

Sou apenas uma cobaia da lingüística
de tex.... hum! Deixa pra lá!!!



MoçaNaJanela 21:46:09
reservadamente fala com
ANALISTA de BAGÉ

pq essa de deixa pra lá?



ANALISTA de BAGÉ
21:46:15
reservadamente fala com
MoçaNaJanela

Assim, um nome que inspira paixão, amor etéreo e sublimações n'alma???



MoçaNaJanela 21:46:26
reservadamente fala com ANALISTA de
BAGÉ

Não..mas todos os meus amigos(as) aqui me chamam de lua



ANALISTA de
BAGÉ 21:47:24
reservadamente fala com
MoçaNaJanela

Se você me der teu e-mail para nós ainda mantermos contatos eu revelarei esse meu mistério, o porquê de eu ser uma cobaia!!!



MoçaNaJanela 21:47:32
reservadamente fala com ANALISTA de
BAGÉ

sou uma apaixonada pela lua..e como ela cheia de fases



MoçaNaJanela 21:48:32
reservadamente fala com ANALISTA de BAGÉ

pq não
revelar aqui



ANALISTA
de BAGÉ 21:50:29
reservadamente fala
com MoçaNaJanela

Eis tudo (...) falarei ao teu coração.... Espírito e coração como os teus são prendas raras; alma tão boa e tão elevada, sensibilidade tão melindrosa, razão tão reta não são bens que a natureza espalhasse às mãos cheias pelo teu sexo.



ANALISTA de BAGÉ 21:51:18
reservadamente fala com MoçaNaJanela

Sou apenas uma cobaia...
hhehhe



MoçaNaJanela 21:52:13
reservadamente fala com ANALISTA de
BAGÉ

é de sua autoria, ou de quem? Belo o que vc escreveu



MoçaNaJanela
21:53:04
reservadamente fala com
ANALISTA de BAGÉ

mas já conquistei ótimos amigos aqui e os conservo a muito tempo,,até anos...isso é importante..o depois..pertence a Deus



ANALISTA de
BAGÉ 21:53:18
reservadamente fala com
MoçaNaJanela

É de um amigo meu... muitos dizem que ele é um poeta medíocre mas, sei que não pode agradar a todos. Esse é Machado de Assis!



MoçaNaJanela 21:53:33

Vc já fez muitos amigos aqui

reservadamente fala com ANALISTA de BAGÉ

MoçaNaJanela 21:53:37

reservadamente fala com ANALISTA de BAGÉ

MoçaNaJanela 21:54:03

reservadamente fala com ANALISTA de BAGÉ



Cobaia....

rsssss

ou analista...qual teu nome?



ANALISTA de BAGÉ

21:54:16

reservadamente fala com MoçaNaJanela

Não, mas revelarei para ti o meu segredo se tu dispensares para mim paciência!



MoçaNaJanela 21:54:21

reservadamente fala com ANALISTA de BAGÉ

ANALISTA de BAGÉ 21:54:35

reservadamente fala com MoçaNaJanela



ANALISTA de BAGÉ 21:54:52

reservadamente fala com MoçaNaJanela

Faz sucesso na faculdade de Letras



ANALISTA de BAGÉ 21:55:18

reservadamente fala com MoçaNaJanela

Vou agora revelar-te meu segredo



ANALISTA de BAGÉ 21:55:28

reservadamente fala com MoçaNaJanela

vc tem curiosidade



MoçaNaJanela 21:56:11

reservadamente fala com ANALISTA de BAGÉ

bem, curiosidade não é o meu forte...rs



MoçaNaJanela 21:57:43

reservadamente fala com ANALISTA de BAGÉ

e o segredo..estou esperando...rs



ANALISTA de BAGÉ 21:59:29
reservadamente fala com MoçaNaJanela

MoçaNaJanela, o negócio é o seguinte, eu sou estudante de Linguística Textual pela graduação em Letras - Espanhol e foi-me solicitado que eu entrasse numa sala de Chat e travasse um “interlôquio” com alguma pessoa e isso eu fiz, minha tarefa era procurar a razão da escolha do nick e vc foi uma ótima escolha minha pois além da tua candura e sublimidade em se relacionar com as pessoas vc mostrou-me, ainda que não soubesse do meu verdadeiro intento, o significado do teu nick.... a saber, MoçaNaJanela.



MoçaNaJanela 22:00:40
reservadamente fala com
ANALISTA de BAGÉ

Rsssss..quer dizer que passei no teste



ANALISTA de BAGÉ 22:00:58
reservadamente fala com
MoçaNaJanela

Agora, peço desculpas a ti, a ti mesma se eu te aborreci com essa minha revelação...



ANALISTA de BAGÉ 22:01:10
reservadamente fala com
MoçaNaJanela

Na realidade, sim!!



MoçaNaJanela 22:01:36
reservadamente fala com
ANALISTA de BAGÉ

Não por isso



ANALISTA de BAGÉ 22:02:01
reservadamente fala com
MoçaNaJanela

Você me autoriza, eu salvar esse nosso diálogo e apresentá-lo na faculdade?



ANALISTA de BAGÉ 22:02:25
reservadamente fala com MoçaNaJanela

Gostaria de manter o contato caso vc desejar?



MoçaNaJanela 22:02:41
reservadamente fala com
ANALISTA de BAGÉ

Não poderia dizer não , vc foi muito gentil



ANALISTA de BAGÉ 22:02:42
reservadamente fala com
MoçaNaJanela

Não se aborreça comigo!!!



ANALISTA de BAGÉ 22:02:54
reservadamente fala com MoçaNaJanela

Obri gado!!!



ANALISTA de BAGÉ 22:03:19
reservadamente fala com MoçaNaJanela

Meu nome é Júlio Carrillo



ANALISTA de BAGÉ 22:03:33
reservadamente fala com MoçaNaJanela

Vc queria saber não?!



MoçaNaJanela 22:04:54
reservadamente fala com
ANALISTA de BAGÉ

Sabe Julio, as pessoas muitas vzs assim como eu, entram aqui só para passar o tempo



ANALISTA
A de BAGÉ 22:05:09
reservadamente fala
com MoçaNaJanela

Não penses que aquilo tudo que eu falei não seja verdade a teu respeito; ainda que atendendo a uma tarefa na qual vc não poderia tomar conhecimento até que a tal se concretizasse, eu pude realmente perceber o quanto tu és simpática...

O *Analista de Bagé* não perde tempo, depois de lançar alguns versos ao espelho, ele logo vai ao que o interessa:

“ANALISTA de
BAGÉ 21:34:36
reservadamente fala com
MoçaNaJanela

Afinal, qual seria então a razão do teu nick?!!



MoçaNaJanela
21:34:52
fala com ANALISTA de
BAGÉ

rsss....Gosto de apreciar o que a natureza pode me mostrar, como a lua..o sol...”

Mas, ele duvida:

“ANALISTA de BAGÉ 21:36:09
reservadamente fala com MoçaNaJanela

É essa mesma a razão?....”

E a MoçaNaJanela, perspicazmente, retruca:

“MoçaNaJanela
21:36:11
fala com ANALISTA de
BAGÉ

aaalisando a alma humana...rss



MoçaNaJanela
21:36:36
reservadamente fala com
ANALISTA de BAGÉ

Gosto muito da vista da minha janela em casa”

Sem muito interesse, o *ANALISTA DE BAGÉ* pergunta o verdadeiro nome da *MoçaNaJanela*:

“ANALISTA de BAGÉ 21:37:32
reservadamente fala com MoçaNaJanela

Como te chamas realmente?



ANALISTA de BAGÉ
21:38:03
reservadamente fala com
MoçaNaJanela

Não... hehehe



ANALISTA de BAGÉ
21:38:21
reservadamente fala com
MoçaNaJanela

Sou apenas uma cobaia do destino!!! hhehe



ANALISTA de BAGÉ
21:38:48
reservadamente fala com

Não me revelaste o teu nome....”

E, logo em seguida, ele se recategoriza insistentemente, talvez por não esperar que os papéis tivessem se invertido de repente. Então, ele se põe na defensiva:

“ANALISTA de BAGÉ 21:39:37
reservadamente fala com MoçaNaJanela

Sou apenas, hum...
cobaia!!

ANALISTA de BAGÉ
21:44:56
reservadamente fala com
MoçaNaJanela

Sou apenas uma cobaia da lingüística de tex....
hum! Deixxa pra lá!!!

ANALISTA de
BAGÉ 21:47:24
reservadamente fala com
MoçaNaJanela

Se você me der teu e-mail para nós ainda mantermos
contatos eu revelarei esse meu mistério, o porquê de eu ser uma
cobaia!!!

ANALISTA de BAGÉ 21:51:18
reservadamente fala com MoçaNaJanela

Sou apenas uma cobaia⁴² ...
hhehhe”

Vemos nesses excertos que o aluno, que inicialmente tinha a intenção de ocupar um lugar de analista-mestre, fala demais e cai em sua própria armadilha, qual seja: a de analisar um discurso. Neste momento o *ANALISTA DE BAGÉ* se lança em uma demanda⁴³ por uma escuta, semelhante à demanda analista-analisante de uma sessão clínica. O lugar em que o *ANALISTA DE BAGÉ* se colocou é de objeto de desejo do Outro: “me ame, me use” “sou apenas uma cobaia hehehe”.

Para Nóbrega (2004), o desejo é a verdade do sujeito, verdade que não reside na obediência ao princípio do prazer e, sim, a um mais além do princípio do prazer,

⁴² Segundo o Houaiss, cobaia é um substantivo feminino e quer dizer: qualquer animal ou pessoa que se usa em experimentos científicos. 2 campo, assunto ou objeto de experiências. Ex.: ele não a amava, apenas a usava.

⁴³ O termo demanda utilizado na clínica psicanalítica vai diferenciar-se do sentido que existe no vocabulário jurídico: o termo demanda tem sua origem no campo comercial e designa o pedido, a solicitação, a encomenda como contraponto do termo oferta, que fundamenta a relação demanda-oferta. Segundo Fernandes, Luft & Guimarães (1994) demanda é também referido como sinônimo da ação judicial, bem como do termo litígio. Freud (1990) empregou o termo *Begierde* para se tratar da propensão, desejo, ou anseio por algo. Esse sentido estava ligado aos traços e inscrições mnemônicas na sua relação com a sexualidade, sempre relacionado ao inconsciente. Lacan (1999) utiliza o termo *Begierde* para definir a demanda como desejo de um desejo, no seu distanciamento da demanda em si e da necessidade.

onde está a causa, a Coisa inacessível, objeto desde sempre perdido. A teoria do sujeito dividido, tão caro a Authier-Revuz (1982), mostra-nos justamente que somos destinados a nunca nos satisfazermos com um mundo calculado para nos fornecer prazeres.

Desta forma, vemos o campo da enunciação marcado por uma heterogeneidade desconhecida pelo sujeito, mas que se faz ouvir e deixa as suas pistas como inevitável, na descrição mesma dos fatos da língua, de escolhas estranhas à linguística como tal, que dizem respeito somente ao sujeito e à sua relação com a linguagem e com o seu inconsciente.

E a *MoçaNaJanela* fica a falar sozinha “na janela”...

“MoçaNaJanela 21:46:26
reservadamente fala com ANALISTA de
BAGÉ

Não..mas todos os meus amigos(as) aqui
me chaman de lua



ANALISTA de
BAGÉ 21:47:24
reservadamente fala com
MoçaNaJanela

Se você me der teu e-mail para nós ainda
mantermos contatos eu revelarei esse meu mistério, o
porquê de eu ser uma cobaia!!!

MoçaNaJanela
21:47:32



reservadamente fala com
ANALISTA de BAGÉ

sou uma apaixonada pela lua..e como ela
cheia de fases



MoçaNaJanela 21:48:32
reservadamente fala com ANALISTA de BAGÉ

pq não
revelar aqui



ANALISTA
de BAGÉ 21:50:29
reservadamente fala
com MoçaNaJanela

Eis tudo (...) falarei ao teu coração.... Espírito e coração
como os teus são prendas raras; alma tão boa e tão elevada,
sensibilidade tão melindrosa, razão tão reta não são bens que a
natureza espalhasse às mãos cheias pelo teu sexo.



ANALISTA de BAGÉ 21:51:18
reservadamente fala com MoçaNaJanela

Sou apenas uma cobaia...
hhehhe



MoçaNaJanela 21:52:13
reservadamente fala com ANALISTA de
BAGÉ

é de sua autoria, ou de quem? Belo o que
vc escreveu



MoçaNaJanela
21:53:04
reservadamente fala com
ANALISTA de BAGÉ

mas já conquistei ótimos amigos aqui e os conservo a
muito tempo,,até anos...isso é importante..o depois..pertence
a Deus”



...enquanto o *ANALISTA DE BAGÉ* está mais preocupado com o seu segredo de ser uma “cobaia”. Até que ela perde a paciência e o chama de “cobaia”:

“MoçaNaJanela 21:53:33
reservadamente fala com ANALISTA de BAGÉ

Vc já fez muitos amigos aqui
Cobaia....”

E, finalmente, o *ANALISTA DE BAGÉ* consegue conduzir a *MoçaNajanela* para o seu *gran finale* e revela o seu segredo:

ANALISTA de BAGÉ 21:55:18
reservadamente fala com MoçaNaJanela

“Vou agora revelar-te meu
segredo



ANALISTA de BAGÉ 21:55:28
reservadamente fala com MoçaNaJanela

vc tem curiosidade

MoçaNaJanela 21:56:11
reservadamente fala com ANALISTA de
BAGÉ

bem, curiosidade não é o
meu forte...rs



MoçaNaJanela 21:57:43
reservadamente fala com ANALISTA de BAGÉ

e o segredo..estou
esperando...rs



ANALIST
A de BAGÉ 21:59:29
reservadamente
fala com
MoçaNaJanela

MoçaNaJanela, o negócio é o seguinte, eu sou estudante de Linguística Textual pela graduação em Letras - Espanhol e foi-me solicitado que eu entrasse numa sala de Chat e travasse um “interlôquio” com alguma pessoa e isso eu fiz, minha tarefa era procurar a razão da escolha do nick e vc foi uma ótima escolha minha pois além da tua candura e sublimidade em se relacionar com as pessoas vc mostrou-me, ainda que não soubesse do meu verdadeiro intento, o significado do teu nick.... a saber, MoçaNaJanela.”

Depois da revelação do segredo do *ANALISTA DE BAGÉ*, a *MoçaNajanela* intervém do alto da sua janela:

“MoçaNaJanela 22:04:54
reservadamente fala com
ANALISTA de BAGÉ

Sabe Julio, as pessoas muitas vzs assim como eu, entrão aqui só para passar o tempo”

Ela, neste momento, mostra quem verdadeiramente poderia ser um analista e o chama pelo seu nome de verdade. Mesmo sem saber, talvez, relembra o velho Freud, quando ele diz: às vezes um cachimbo é apenas um cachimbo.

Vimos, nesta interação, que a presença da heterogeneidade, fenômeno de linguagem em que o distanciamento entre as enunciações, a divisão das vozes discursivas e a clivagem do sujeito-enunciador aparecem como fatos marcantes no

uso da linguagem verbal, não se fez apenas através de marcas tipográficas, como propunha Authier-Revuz (1982), mas também por meio de processos referenciais recategorizadores de desejos.

(53) “Seu amigo” de face preservada

Authier-Revuz (1980) descreve cinco tipos de aspas de conotação autonímica, estas utilizadas como uma espécie de proteção do enunciador contra o seu próprio enunciado, ou seja, o sujeito tenta preservar a sua face. Este estudo desemboca no que mais tarde ela irá nomear de *não-coincidências do dizer*.

No diálogo abaixo, temos a escolha do *nick*, feita exclusivamnete com o propósito do sujeito preservar a sua face positiva:

(08:30:55) **Gil!** *entra na sala...* 

(08:31:15) **Gil!** *fala para seu amigo:* oi!!!!!!!!!!!!

(08:31:25) **Gil!** *fala para seu amigo:* pronto

(08:31:52) **Gil!** *fala para seu amigo:* gostei de seu nyck

(08:32:32) **Gil!** *fala para seu amigo:* vc

(08:32:43) **Gil!** *fala para seu amigo:* QUER TECLAR COMIGO?

(08:34:02) **Gil!** *fala para seu amigo:* OIIIIIIIIIII!

(08:36:02) **Gil!** *fala para seu amigo:* OIIIIIIIIIIIII

(08:36:35) **Gil!** *fala para seu amigo:* VC QUER TECLAR COMIGO?

 (08:37:06) **Gil!** *fala para seu amigo:* OIIIIIIIIIIIII

(08:38:54) **seu amigo2** *fala para Gil!:* oi 

(08:39:05) **Gil!** *fala para seu amigo2:* OIIIIIIIIIII

(08:39:13) **seu amigo2** *fala para Gil!:* como vai 

(08:39:26) **Gil!** *fala para seu amigo2:* VC QUER TECLAR COMIGO?

(08:39:33) **seu amigo2** *fala para Gil!:* sim 

(08:39:35) **Gil!** *fala para seu amigo2:* BEM



(08:39:37) **seu amigo2** *fala para Gil!:* posso 

 (08:39:48) **seu amigo2** *fala para Gil!:* que otimo 




(08:39:50) **Gil!** *fala para seu amigo2:* GOSTEI DO SEU NYCK

08:39:59) **seu amigo2** *fala para Gil!:* obrigado 

(08:40:17) **Gil!** *fala para seu amigo2:* POR QUE VC O ESCOLHEU?

 (08:40:46) **seu amigo2** fala para **Gil!**: por que eu gosto de ser amigo das outras pessoas 

 (08:41:13) **Gil!** fala para **seu amigo2**: SERÁ QUE UM DIA IREMOS SER AMIGOS?

  (08:41:38) **seu amigo2** fala para **Gil!**: sim vc quiser ser minha amiga toda hora 

(08:42:01) **Gil!** fala para **seu amigo2**: VC TEM MUITOS AMIGOS?

 (08:42:07) **seu amigo2** fala para **Gil!**: sim 

(08:42:10) **Gil!** fala para **seu amigo2**: OU AMIGAS?


08:42:14) **seu amigo2** fala para **Gil!**: e muito 



(08:42:19) **seu amigo2** fala para **Gil!**: os dois 


(08:42:50) **Gil!** fala para **seu amigo2**: QUEM VC ACHA QUE É MAS FIEL NUMA AMIZADE, O HOMEM OU A MULHER?

(08:43:07) **seu amigo2** fala para **Gil!**: depende 

(08:43:14) **seu amigo2** fala para **Gil!**: da pessoa 

 (08:43:17) **Gil!** fala para **seu amigo2**: DE QUE

 (08:42:50) Gil! fala para seu amigo2: QUEM VC ACHA QUE É MAS FIEL NUMA AMIZADE, O HOMEM OU A MULHER? =====O VIADO É MAIS FIEL DE TODOS 

(08:43:32) **seu amigo2** fala para **Gil!**: DA PESSOA 

(08:43:41) **Gil!** fala para **seu amigo2**: MAS POR EXPERIENCIA PRÓPRIA?

(08:43:58) **seu amigo2** fala para **Gil!**: MULHER 

(08:44:16) **Gil!** fala para **seu amigo2**: SÉRIO!

08:44:25) **seu amigo2** fala para **Gil!**: SIM 

(08:44:35) **Gil!** fala para **seu amigo2**: ENTÃO AS MINHAS CHANCES SÓ ALMENTARAM

08:44:45) **Gil!** fala para **seu amigo2**: DE SER SUA AMIGA

(08:45:07) **seu amigo2** fala para **Gil!**: LOGICO 

(08:45:34) **Gil!** fala para **seu amigo2**: VC SABE CULTIVAR UMA AMIZADE?

(08:45:40) **seu amigo2** fala para **Gil!**: SIM 

(08:45:43) **seu amigo2** fala para **Gil!**: E COMO 

(08:45:56) **Gil!** fala para **seu amigo2**: QULA É O SECREDO?

(08:46:20) **seu amigo2** fala para **Gil!**: SER SEMPRE SINCERO HEIM TUDO 

(08:46:37) **Gil!** fala para **seu amigo2**: SÓ ISTO?

(08:47:07) **seu amigo2** fala para **Gil!**: REPEDE 

(08:47:41) **Gil!** fala para **seu amigo2**: SÓ A SINSERIDADE É IMPORTANTE PARA

SE CULTIVAR A AMIZADE?

(08:48:02) **seu amigo2** fala para **Gil!:** E SSBE COMPREENDER AS PESSOA 🗣️

(08:48:07) **seu amigo2** fala para **Gil!:** E MUITO 🗣️

(08:49:06) **Gil!** fala para **seu amigo2:** EU ACHO QUE O COMPANHEIRISMO É FUNDAMENTAL

(08:49:14) **seu amigo2** fala para **Gil!:** TBM 🗣️

(08:49:15) **seu amigo2** fala para **Gil!:** E 🗣️

(08:50:26) **Gil!** fala para **seu amigo2:** EU POSSO USAR O NOSSO BATE PAPO NUMA PESQUISA LINGÜÍSTICA?

🗣️(08:50:40) **seu amigo2** fala para **Gil!:** SIM 🗣️

(08:50:42) **Gil!** fala para **seu amigo2:** DA FACUL?

08:50:59) **seu amigo2** fala para **Gil!:** SERA 1 PRAZER 🗣️

(08:51:03) **seu amigo2** fala para **Gil!:** DE AJUDA 🗣️

(08:51:38) **Gil!** fala para **seu amigo2:** É MAIS UMA VEZ VC MOSTROU PORQUE USOU ESTE NYCK

(08:52:02) **Gil!** fala para **seu amigo2:** OBRIGADA TÁ MEU AMIGO

(08:52:04) **seu amigo2** fala para **Gil!:** AGORA SOMOS AMIGOS 🗣️

(08:52:22) **Gil!** fala para **seu amigo2:** AGORA VC É MEU AMIGO!

(08:52:35) **Gil!** fala para **seu amigo2:** OBRIGADA TÁ DE VERDADE!

(08:52:40) **seu amigo2** fala para **Gil!:** ISSO E E BOM 🗣️

(08:52:47) **Gil!** fala para **seu amigo2:** VC TEM MEU MSN

(08:52:48) **seu amigo2** fala para **Gil!:** POR NADA 🗣️

(08:52:51) **seu amigo2** fala para **Gil!:** SIM 🗣️

08:53:15) **Gil!** fala para **seu amigo2:** QUALQUER COISA É SÓ ME ESCREVER UM EMAIL

(08:53:22) **seu amigo2** fala para **Gil!:** SIM 🗣️

(08:53:29) **Gil!** fala para **seu amigo2:** FOI UM PRAZER

08:53:31) **seu amigo2** fala para **Gil!:** VOU ESCREVE 🗣️

(08:53:45) **seu amigo2** fala para **Gil!:** O PRAZER E TODO MEU 🗣️

(08:53:51) **Gil!** fala para **seu amigo2:** OBRIGADÃO

(08:53:57) **seu amigo2** fala para **Gil!:** POR NADA 🗣️

(08:54:04) **Gil!** fala para **seu amigo2:** UM ABRAÇOOOOOOOOOOOOOOOO!

(08:54:15) **seu amigo2** fala para **Gil!:** OUTRO 🗣️

(08:54:19) **Gil!** fala para **seu amigo2:** ATÉ A PRÓXIMA!

(08:54:28) **Gil!** fala para **seu amigo2:** FUIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIII!

(08:54:36) **seu amigo2** fala para **Gil!:** ATE MAIS BEIJO 🗣️

(08:54:42) **seu amigo2** fala para **Gil!:** TXAU 🗣️

(08:54:54) **Gil!** fala para **seu amigo2:** TCHAUUUUUUUUU

Goffman (1967) afirma que em um ambiente social o sujeito utiliza uma autoimagem pública. Desta forma, define o termo *face* como o valor social positivo que uma pessoa cria para ser aprovada perante os seus pares: “face é a imagem da pessoa delineada em termos de atributos sociais aprovados, ainda que se trate de uma imagem que outros possam compartilhar, como quando uma pessoa enaltece a sua profissão, ou sua religião, graças aos seus méritos” (1967, p.13).

Seu amigo procede exatamente como explicam os ensinamentos de Goffman: expõe a sua face positiva para ser bem aceito pelos demais colegas de interação:

“(08:39:50) **Gil!** fala para **seu amigo2**: GOSTEI DO SEU NYCK

08:39:59) **seu amigo2** fala para **Gil!**: obrigado 🗨️

(08:40:17) **Gil!** fala para **seu amigo2**: POR QUE VC O ESCOLHEU?”

O conceito de face de Goffman (1967) foi expandido pelos estudos de polidez desenvolvidos por Brown e Levinson (1987), os quais acreditam que a autoimagem construída socialmente se subdivide em duas faces, uma pública, a face positiva, e uma reservada, a face negativa. A polidez, segundo os autores, é uma estratégia sociointeracional que contribui para o desenvolvimento do processo interativo.

Desse modo, a polidez positiva é direcionada para o falante explicitar o que ele deseja que o outro perceba a seu respeito, ou sobre o que ele percebe do seu interlocutor:

“(08:45:34) **Gil!** fala para **seu amigo2**: VC SABE CULTIVAR UMA AMIZADE?”

(08:45:40) **seu amigo2** fala para **Gil!**: SIM 🗨️

(08:45:43) **seu amigo2** fala para **Gil!**: E COMO 🗨️

(08:45:56) **Gil!** fala para **seu amigo2**: QULA É O SECREDO?

(08:46:20) **seu amigo2** fala para **Gil!**: SER SEMPRE SINCERO HEIM TUDO 🗨️

(08:46:37) **Gil!** fala para **seu amigo2**: SÓ ISTO?

(08:47:07) **seu amigo2** fala para **Gil!**: REPEDE 🗨️

(08:47:41) **Gil!** fala para **seu amigo2**: SÓ A SINSERIDADE É IMPORTANTE PARA SE CULTIVAR A AMIZADE?”

(08:48:02) **seu amigo2** fala para **Gil!**: E SSBE COMPREENDER AS PESSOA 🗨️

(08:48:07) **seu amigo2** fala para **Gil!**: E MUITO” 🗨️

O principal objetivo da polidez positiva é a aproximação entre os participantes da interação, e *Seu amigo* cumpre muito bem o seu papel de se aproximar do outro ao mesmo tempo em que se afasta, na medida em que se protege do Outro ao usar uma máscara social aceita e compreendida por seus interlocutores:

^(08:50:26) **Gil!** *fala para seu amigo2:* EU POSSO USAR O NOSSO BATE PAPO NUMA PESQUISA LINGÜÍSTICA?

 (08:50:40) **seu amigo2** *fala para Gil!:* SIM 

(08:50:42) **Gil!** *fala para seu amigo2:* DA FACUL?

08:50:59) **seu amigo2** *fala para Gil!:* SERA 1 PRAZER 

(08:51:03) **seu amigo2** *fala para Gil!:* DE AJUDA 

(08:51:38) **Gil!** *fala para seu amigo2:* É MAIS UMA VEZ VC MOSTROU PORQUE USOU ESTE NYCK

(08:52:02) **Gil!** *fala para seu amigo2:* OBRIGADA TÁ MEU AMIGO

(08:52:04) **seu amigo2** *fala para Gil!:* AGORA SOMOS AMIGOS 

(08:52:22) **Gil!** *fala para seu amigo2:* AGORA VC É MEU AMIGO!

(08:52:35) **Gil!** *fala para seu amigo2:* OBRIGADA TÁ DE VERDADE!

(08:52:40) **seu amigo2** *fala para Gil!:* ISSO E E BOM" 


Segundo Leech (1983), a polidez linguística é uma estratégia de distanciamento conflitual, ou seja, o sujeito só mostra o que tem de positivo, o que é aceito socialmente, a sua face positiva, que pode ser mensurada em termos de níveis de esforço dentro do distanciamento que ele consegue manter para evitar uma relação conflituosa. Isso também pode ser visto nas não-coincidências do dizer, em que o sujeito se protege de seu próprio enunciado.

(54) *Cinco histórias de Naty*

Nas três primeiras histórias, Naty não tem muita sorte com os seus interlocutores, na medida em que os *nicks* das interações escolhidas correspondem exatamente ao nome. Não estamos querendo dizer com isso que os exemplos só serviriam se tivessem um *nick* enigmático ou suspeito, mas que, geralmente, quando o sujeito é indagado acerca da escolha do *Nick*, a resposta é sempre óbvia, como

mostramos abaixo. Os *nicknames* correspondem exatamente ao que é dito, ou seja, ao que ele denota ou significa:

“(02:23:37) **naty** (*reservadamente*) fala para **moreno orkut msn**: pq esse nome: moreno orkut msn?”

(02:24:08)  **moreno orkut msn** (*reservadamente*) fala para **naty**: porque sou moreno tenho msn e orkut

(02:24:14) **naty** (*reservadamente*) fala para **moreno orkut msn**: kk

(02:24:18) **naty** (*reservadamente*) fala para **moreno orkut msn**: blz”

Na segunda interação, a cena é a mesma:

“(02:34:46) **naty** (*reservadamente*) fala para **jack**: e pq jack?”

(02:35:01) **jack** (*reservadamente*) fala para **naty**: ABREVIACAO DO MEU NOME? 

(02:35:35) **naty** (*reservadamente*) fala para **jack**: blz”



E na terceira também:

“(02:49:06) **naty** fala para **AMIGO DE LESBICA**: e pq esse nome?”



(02:49:22) **AMIGO DE LESBICA** (*reservadamente*) fala para **naty**: sou amigo de lesbicas tenho um montao de amigas lesbicas e bi”

Abaixo, mostramos os diálogos na íntegra:


1

(02:18:30)  **moreno orkut msn** (*reservadamente*) fala para **naty**: e ai gata 



(02:18:32) **jack** (*reservadamente*) fala para **naty**: OI 

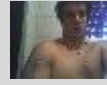

(02:18:32)  **moreno orkut msn** (*reservadamente*) fala para **naty**: afi mde tc 

(02:20:26) **naty** (*reservadamente*) fala para **moreno orkut msn**: oi

(02:20:32)  **moreno orkut msn** (*reservadamente*) fala para **naty**: tc d eonde gata

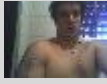
(02:20:35) **naty** (*reservadamente*) fala para **moreno orkut msn**: td bem?



(02:20:42)  **moreno orkut msn** (*reservadamente*) fala para **naty**: tudo 



(02:20:44)  **moreno orkut msn** (*reservadamente*) fala para **naty**: tc d eonde 

(02:20:46) **naty** (*reservadamente*) fala para **moreno orkut msn**: fortaleza



(02:20:48) **naty** (*reservadamente*) fala para **moreno orkut msn**: e vc?

(02:20:50)  **moreno orkut msn** (*reservadamente*) fala para **naty**: tem msn gata



(02:20:53)  **moreno orkut msn** (*reservadamente*) fala para **naty**: sao paulo 


(02:20:54)  **moreno orkut msn** (*reservadamente*) fala para **naty**: tem msn 



(02:21:01) **naty** (*reservadamente*) fala para **moreno orkut msn**: n ta entrando

(02:21:09)  **moreno orkut msn** (*reservadamente*) fala para **naty**: tem orkut 

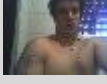
(02:21:11) **naty** (*reservadamente*) fala para **moreno orkut msn**: problema no computador


(02:21:15)  **moreno orkut msn** (*reservadamente*) fala para **naty**: humm 

(02:21:31)  **moreno orkut msn** (*reservadamente*) fala para **naty**: sao paulo


(02:21:55)  **moreno orkut msn** (*reservadamente*) fala para **naty**: 27 e voce 

(02:22:00) **naty** (*reservadamente*) fala para **moreno orkut msn**: 23

(02:22:05)  **moreno orkut msn** (*reservadamente*) fala para **naty**: humm

(02:23:12)  **moreno orkut msn** (*reservadamente*) fala para **naty**: quria te evr no msn

(02:23:37) **naty** (*reservadamente*) fala para **moreno orkut msn**: pq esse nome: moreno orkut msn?

(02:24:08)  **moreno orkut msn** (reservadamente) fala para **naty**: porque sou moreno tenho msn e orkut

(02:24:14) **naty** (reservadamente) fala para **moreno orkut msn**: kk

(02:24:18) **naty** (reservadamente) fala para **moreno orkut msn**: blz

(02:24:22)  **moreno orkut msn** (reservadamente) fala para **naty**: rss 📧

2

(02:31:00) **naty** (reservadamente) fala para **jack**: oi

(02:31:08) **jack** (reservadamente) fala para **naty**: OI 📧

(02:31:10) **naty** (reservadamente) fala para **jack**: td bem?

(02:31:32) **jack** (reservadamente) fala para **naty**: TUDO TC D ONDE? 📧

(02:32:15) **naty** (reservadamente) fala para **jack**: fortaleza

(02:32:17) **naty** (reservadamente) fala para **jack**: we vc?

(02:32:47) **jack** (reservadamente) fala para **naty**: MGA PARANA ?

(02:32:51) **jack** (reservadamente) fala para **naty**: TEM MSN?

(02:33:04) **naty** (reservadamente) fala para **jack**: qts anos vc tem?

(02:33:25) **naty** (reservadamente) fala para **jack**: como vc é?

(02:34:04) **jack** (reservadamente) fala para **naty**: 28 ANOS 175ALT 75 KG MORENO CLARO CABELO E @@ CASTANHOS

(02:34:46) **naty** (reservadamente) fala para **jack**: e pq jack?

(02:35:01) **jack** (reservadamente) fala para **naty**: ABREVIACAO DO MEU NOME? 📧

(02:35:35) **naty** (reservadamente) fala para **jack**: blz

3

(02:48:10) **AMIGO DE LESBICA** (reservadamente) fala para **naty**: tc

(02:48:30) **AMIGO DE LESBICA** (reservadamente) fala para **naty**: tc de onde amiga?

(02:48:40) **naty** fala para **AMIGO DE LESBICA**: fortaleza

(02:48:44) **AMIGO DE LESBICA** (reservadamente) fala para **naty**: idade?

(02:48:45) **naty** fala para **AMIGO DE LESBICA**: e vc?

(02:48:49) **naty** fala para **AMIGO DE LESBICA**: 25

(02:48:51) **naty** fala para **AMIGO DE LESBICA**: e vc?

(02:48:53) **AMIGO DE LESBICA** (*reservadamente*) fala para **naty**: sao paulo
 (02:48:55) **AMIGO DE LESBICA** (*reservadamente*) fala para **naty**: 28
 (02:48:58) **AMIGO DE LESBICA** (*reservadamente*) fala para **naty**: tem cam?
 (02:49:06) **naty** fala para **AMIGO DE LESBICA**: e pq esse nome?
 (02:49:22) **AMIGO DE LESBICA** (*reservadamente*) fala para **naty**: sou amigo de lesbicas tenho um montao de amigas lesbicas e bi
 (02:49:43) **naty** fala para **AMIGO DE LESBICA**: we pq o interesse?
 (02:50:22) **AMIGO DE LESBICA** (*reservadamente*) fala para **naty**: eu gosto sa legais

4

Nesta quarta interação, *Naty* descobre *Petra*, personagem de um filme, uma homossexual que se apaixona por outra mulher:

(02:55:33) **naty** fala para **PETRA**: oie
 (02:55:36) **naty** fala para **PETRA**: td bem?
 (02:55:41) **naty** fala para **PETRA**: tc de onde?
 (02:56:01) **PETRA** (*reservadamente*) fala para **naty**: OI 
 (02:56:11) **PETRA** (*reservadamente*) fala para **naty**: BELEM E VC 
 (02:56:21) **naty** fala para **PETRA**: fortaleza
 (02:56:26) **naty** fala para **PETRA**: pq esse nome?
 (02:56:42) **PETRA** (*reservadamente*) fala para **naty**: é nome de uma personagem 
 (02:57:05) **PETRA**⁴⁴ (*reservadamente*) fala para **naty**: do filme, "quando a noite cai" 
 (02:57:19) **PETRA** (*reservadamente*) fala para **naty**: filme de duas mulheresm q se apaixonam... 
 (02:57:27) **naty** fala para **PETRA**: vc se acha parecida?
 (02:57:31) **naty** fala para **PETRA**: haa
 (02:57:33) **PETRA** (*reservadamente*) fala para **naty**: e a Petra se parece comigo, 
 (02:57:45) **PETRA** (*reservadamente*) fala para **naty**: eu n as pessoas q acham 

⁴⁴ O filme é: **When the night is falling**, de 1995, traduzido por **Quando a Noite Cai** conta a história de uma professora de Mitologia em um Colégio Protestante, Camille (Pascalle Bussières). Ela tem uma vida pacata ao lado de seu namorado, sem qualquer emoção e interesse. Quando Camille conhece a artista circense Petra (Rachael Crawford), sua vida sem interesses transforma-se em um inebriante misto de cores. Camille luta contra o sentimento que a cerca, mas Petra não mede esforços para a conquistar.

E, quando *Petra* é indagada a respeito de sua aparência com a personagem do filme, ela dá um passo atrás e diz que não é ela quem acha, mas as pessoas. Petra se voltou para o seu próprio dizer, num processo autonímico, para mostrar que o dito não coincidia com o que ela julgava tencionar dizer, e negou o que já tinha dito anteriormente.

Freud (1925) observa que um pensamento reprimido pode abrir caminho até a consciência, conquanto ele seja negado. A negação vem a ser um modo de tomar conhecimento do reprimido, mas não a sua aceitação. Neste momento, percebe-se a função intelectual se dissociar do processo afetivo. Freud ilustra com o exemplo de um de seus atendimentos, quando o paciente comenta a respeito de uma ideia obsessiva e imediatamente a nega: “tive uma ideia obsessiva e logo me ocorreu que poderia significar determinada coisa. Mas não, não pode ser verdade, senão não poderia ter me ocorrido.” Carone (200, p.129) diz o seguinte: “com o auxílio da negação só se revoga uma das consequências do processo de repressão, ou seja, o fato de que o conteúdo da representação não tem acesso à consciência. Disso, resulta uma espécie de aceitação intelectual do reprimido, mantendo-se a repressão do conteúdo essencial, qual seja, uma verdade com a qual o sujeito não sabe ou não quer lidar, relativa a algo da ordem de um desejo. Isso também está na base de um fenômeno denominado por Freud (1925) de *invocação*. Quando uma pessoa diz, por exemplo: “que bom que eu não tenho dor de cabeça há tanto tempo”, este é o prenúncio do sinal de um acesso, cuja aproximação já está sendo sentida, mas na qual não se quer acreditar.

Petra passa pelo processo da negação:

(02:57:27) **naty** fala para **PETRA**: vc se acha parecida?

(02:57:31) **naty** fala para **PETRA**: haa

(02:57:33) **PETRA** (*reservadamente*) fala para **naty**: e a Petra se parece comigo,



(02:57:45) **PETRA** (*reservadamente*) fala para **naty**: eu n as pessoas q acham”



Temos assim, aquilo que Authier-Revuz (1982) classifica como as não-coincidências do dizer, especificamente a não-coincidência do discurso com ele mesmo. *Petra* remete a uma imagem de homossexual feminina e, conseqüentemente, a discursos que defendem o homossexualismo e a outros que

o condenam. No trecho da conversa, *Petra* nega a designação por temer que a interlocutora a julgue como uma homossexual. Então, ela denega e, em outras palavras, deixa implícito: onde se lê *Petra* = homossexual, leia-se *Petra* = por semelhança física com a personagem do filme. Nesse tipo de não-coincidência, o sujeito assinala no discurso a presença estranha de palavras marcadas como pertencentes a outro discurso – palavras que povoam o espaço do *interdito*, como se diz em *Análise do Discurso de orientação francesa* -, através de um leque completo de relações com o outro.

É o que faz *Petra* ao dizer que: “ eu n as pessoas que acham”. Para Freud (1905), diferentemente do que fala o senso comum, não haveria sentido *ipso facto* para o sujeito “tornar-se homossexual”. Não existe, portanto, uma receita, uma equação cartesiana ou um único caminho a ser seguido, que indique que o indivíduo escolha a homossexualidade em detrimento da heterossexualidade.

Freud (1920) relata o caso de uma bela jovem de 18 anos que coloca sua reputação e seu relacionamento familiar em risco ao se apaixonar por uma mulher de má fama, uma conhecida *demi-mondaine* da sociedade vienense. Esta história se tornou conhecida no meio psicanalítico como "O caso da jovem homossexual":

Seus pais me procuraram por estarem preocupados com a adoração e admiração que uma “certa dama da sociedade”, cerca de dez anos mais velha, despertava em sua filha. Sabia-se que essa dama vivia com uma amiga numa relação bastante íntima, ao mesmo tempo em que mantinha relações promíscuas com alguns homens; fatos que em nada interferiam nos sentimentos da jovem moça. (...) Apesar da vigilância e das proibições, ela sempre buscava formas de se encontrar com a sua amada. A dama lhe recomendava que ela se afastasse não só dela, mas como das mulheres em geral, rejeitando, portanto, todos os avanços da jovem; avanços esses que não se tratavam de contatos físicos já que a própria jovem não tinha a intenção de concretizá-los. Embora utilizasse, com os pais, artifícios mentirosos para que tais encontros fossem possíveis, por outro lado, parecia não demonstrar o menor escrúpulo em aparecer publicamente em companhia de sua amada. (...) Seis meses antes dos pais decidirem procurar algum tipo de ajuda, o pai encontrou a filha em companhia da dama numa das ruas da cidade e não escondeu a sua ira. A jovem, diante disso, saiu correndo e tentou o suicídio se jogando na linha ferroviária. Após esse episódio os pais passaram a tratar a paixão da filha, pela dama, sem tanta hostilidade; além de que a própria dama passou a conceder à jovem um tratamento mais amistoso. Mais tarde, vim a saber que o verdadeiro motivo da tentativa de suicídio foi que a dama, ao saber que aquele era o pai da moça e do seu desagrado em vê-las juntas, pôs fim, prontamente,

àquela "amizade". A moça, não suportando perder, para sempre, a sua amada, tentou pôr fim à própria vida. (p.82-83)

Ao longo do tratamento⁴⁵, Freud (1920) afirma que o complexo de Édipo havia sido vivido pela jovem, segundo as características próprias do conflito experienciado pelas meninas, em geral. Isto é, identificou-se com a mãe e escolheu o pai como objeto amoroso: "o fato que parecia corroborar tal hipótese era que, aos treze anos, portanto na puberdade, a jovem apresentou uma forte afeição por um menino de três anos de idade, o que denota um forte desejo de ser mãe e possuir um filho". (p.85)

O autor prossegue em sua análise afirmando que existiu um acontecimento que marcou essa mudança: foi o fato de a mãe ter engravidado do terceiro filho quando a jovem contava dezesseis anos. E, a partir da análise dos sonhos dessa jovem, Freud foi construindo uma forma de compreensão dos fatos objetivos em relação à forma como a jovem escolhia seus objetos amorosos. A análise deixou claro que a dama era a substituta de sua mãe: a dama era somente mais uma eleita para ser objeto de sua afeição, pois, já na infância, a jovem demonstrava certa afeição por mulheres/mães mais velhas. Assim, Freud (1920) afirma, mais uma vez, que não é possível sustentar que foi o desapontamento experimentado pela jovem que determinou a sua homossexualidade. Outros fatores especiais externos ao trauma, mas de natureza interna, talvez tenham contribuído para tal desenlace: "aponte há algum tempo (ver *Três ensaios*, 1905) a

⁴⁵ Freud (1920) não considerava esse caso como sendo de fácil análise, uma vez que a jovem tinha sido levada pelos pais para o tratamento: "a situação que devia tratar não era a que a análise exige, na qual somente ela pode demonstrar sua eficácia. Sabe-se bem que a situação ideal para a análise é a circunstância de alguém que, sob outros aspectos, é seu próprio senhor, está no momento sofrendo de um conflito interno, que é incapaz de resolver sozinho; assim leva seu problema ao analista e lhe pede auxílio. O médico então trabalha de mãos dadas com uma das partes da personalidade patologicamente dividida, contra a outra parte no conflito. Qualquer situação que dessa difira é, em maior ou menor grau, desfavorável para a psicanálise e acrescenta novas dificuldades às internas, já presentes. Situações como as de um proprietário em perspectiva, que ordena a um arquiteto construir-lhe uma vivenda de acordo com seus próprios gostos e exigências, ou de doador piedoso que comissiona um artista para pintar um quadro sacro, em cujo canto deve haver um seu retrato em adoração: tais são, no fundo, incompatíveis com as condições necessárias à psicanálise. Assim, acontece constantemente que um marido instrua o médico do seguinte modo: 'Minha esposa sofre dos nervos e, por isso, dá-se muito mal comigo; por favor, cure-a, a fim de podermos levar novamente uma vida conjugal feliz.' Com muita frequência, porém, fica provado que a um pedido desses é impossível atender, isto é, o médico não poder expor o resultado para o qual o marido procurou o tratamento. Assim que a esposa se liberta de suas inibições neuróticas, põe-se a conseguir uma separação, porque sua neurose era a única condição sob a qual o matrimônio podia ser mantido. Ou então os pais esperam que curem seu filho nervoso e desobediente. Entendem por criança sadia a que nunca cause problemas aos pais e nada lhes dê senão prazer. O médico pode conseguir a cura da criança, mas, depois, ela faz o que quer com mais decisão ainda, e a insatisfação dos pais é bem maior que antes. Em suma, não é indiferente que alguém venha à psicanálise por sua própria vontade ou seja levado a ela, quando é ele próprio que deseja mudar, ou apenas os seus parentes, que o amam (ou se supõe que o amem). (p. 83-84)


disposição bissexual de todo o ser humano e que esta ganha força considerável no início do desenvolvimento. Com isso quero dizer que inicialmente não há a clara definição entre ser homem ou ser mulher” (p.87).

Para Lacan (1998), a homossexualidade na mulher seria mais bem definida se não passasse pelo apoio “cômodo” da identificação, tratando-se essencialmente de uma substituição de objeto:

(...) a substituição parece vir acoplada ao desafio, característica muito presente na homossexualidade feminina e, às vezes, tão forte que a pessoa se dispõe a perder tudo, apenas para conseguir levar adiante seu desejo sexual. A figura paterna é extremamente desafiada no que diz respeito ao seu poder, talvez para demonstrar ao pai como se deve amar. Há, pelo menos, uma coisa que o pai tanto não pode quanto não sabe. Logo, o desafio tem sua origem em uma exigência de amor, situando o desejo como um desafio ao desejo paterno. Os modos de configuração homossexual, entretanto, são tão diversos quanto na heterossexualidade, incluindo-se aí o fator de sua diferenciação quanto a seu estatuto na neurose, na perversão ou na psicose. (p.173)

Independente do fato da discordância quanto à origem da homossexualidade feminina, o fato é que, para ambos, Freud e Lacan, o que está em jogo é um desejo sempre presente de busca e realização. No nosso exemplo, Petra, em um primeiro instante, afirma a sua aparência com a homossexual do filme, para depois negar: “**PETRA** (*reservadamente*) *fala para naty:* e a Petra se parece comigo **PETRA** (*reservadamente*) *fala para naty:* eu n as pessoas q acham” . *Petra* parou, refletiu e se voltou para seu próprio discurso para negá-lo. Temos o atravessamento da voz do Outro, que grita veementemente.

5

(03:01:38) **Lulão** *fala para naty:* é voce 

(03:01:50) **naty** *fala para Lulão:* fortaleza

(03:01:57) **naty** *fala para Lulão:* pq esse nome?

(03:02:06) **Lulão** *fala para naty:* bronzeadã então?

(03:02:22) **naty** *fala para Lulão:* isso mesmo

(03:02:29) **Lulão** *fala para naty:* e ki sou Luis

(03:02:50) **Lulão** *fala para naty:* transã gostoso

(03:03:28) **naty** *fala para Lulão:* por isso é lulão?

(03:03:36) **Lulão** *fala para naty:* isso

Aqui, *Naty* se depara com o *Lulão*, num forte apelo sexual de quem “transa gostoso”. E ela fica sem saber se é *Lulão*, porque é Luis ou porque “transa gostoso”. Mas *Naty* não quis saber de nada disso, encerrou imediatamente o assunto e saiu da sala de bate-papo.

(55) *Amelie não é a Amélia*

Nesta interação, *Rach* conversa com *Amelie*, que faz questão de dizer que não é nenhuma Amélia:

(05:50:41) **Rach** entra na sala... 

 (05:51:27) **Rach** fala para **Amelie Poulain**: oi

(05:52:10) **Amelie Poulain**⁴⁶ (reservadamente) fala para **Rach**: Olá! 

(05:52:21) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: blza?


 (05:52:36) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Td bem comigo

(05:52:38) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: E vc? 

(05:52:45) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: ker tc?

(05:52:54) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: eu to bem

(05:53:02) **Rach** (reservadamente) fala para **Morzão**: oi

 (05:53:04) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Sim...pode falar

(05:53:25) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: nao parece com muita vontade, mas vou tentar

(05:53:27) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: kkkkkkkkkkkk

(05:53:49) **Rach** (reservadamente) fala para **Morzão**: m

(05:53:57) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: vc é de onde?

(05:54:05) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**:  


⁴⁶ O nome faz referência direta à personagem do filme *O fabuloso destino de Amelie Poulain*, título original em francês: *Le Fabuleux Destin d'Amélie Poulain*. O filme trata da vida de uma inocente jovem, que deixa a vida do subúrbio onde morava com a família, Amélie (Audrey Tautou) e passa a morar no bairro parisiense de Montmartre, onde começa a trabalhar como garçonete. Certo dia, encontra uma caixa escondida no banheiro de sua casa e, pensando que pertencesse ao antigo morador, decide procurá-lo e é assim que encontra Dominique (Maurice Bénichou). Ao ver que ele chora de alegria ao reaver o seu objeto, a moça fica impressionada e adquire uma nova visão do mundo. Então, a partir de pequenos gestos, ela passa a ajudar as pessoas que a rodeiam, vendo nisto um novo sentido para sua existência. Contudo, ainda sente falta de um grande amor.

(05:54:13) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: tá com sono?

(05:54:17) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: kkkkkkkk

(05:54:23) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Eu disse que sim...que iria teclar...rs 🗨️

(05:54:26) **Rach** (reservadamente) fala para **Morzão**: mulher

(05:54:35) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Sou de BH, e vc? 🗨️

(05:54:46) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: eu sou de Fortaleza

(05:54:51) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: conhece?

(05:54:59) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Não, a carinha foi de assustada... 🗨️

(05:55:06) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: 😎

(05:55:11) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Ah, Fortaleza! 🗨️

🗨️(05:55:11) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: ah ta

(05:55:16) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Uma cidade linda! 🗨️

(05:55:28) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Conheço, viajei pra Fortaleza nas minhas férias 🗨️

(05:55:31) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: eu já ouvi falar muito bem de BH

(05:55:40) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: nossa, que legal!!

(05:55:46) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Mas ã conhece?Q pena 🗨️

(05:55:51) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: vc tem familia em fortal?

(05:56:13) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Não...é pq gosto de praia...e trauma de mineira pq aki ã tem praia...hahaha 🗨️

(05:56:15) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: eu nunca fui em BH

(05:56:20) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk

(05:56:36) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: mas tenho umas primas q moram em itabira

(05:56:47) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Venha, aqui tb ão deixa a desejar...agrada aos olhos e ao paladar...gosta de pão de queijo? 🗨️

(05:56:49) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: Mineiro adora praia né?

(05:57:09) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: amo pao de queijo

(05:57:12) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: mto bom

(05:57:20) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: A maioria gosta 🗨️

(05:57:30) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: tenho uma amiga q come mto pao de queijo

(05:57:39) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: e ela é de fortal

 (05:57:48) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: outros é mais por estar próximo do que está longe do alcance 

(05:57:55) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: até ja almocei pao de queijo na casa dela

(05:58:26) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: qnd anos vc tem?


(05:58:28) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Hahaha 

(05:58:36) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Pão de queijo é ótimo... 

(05:58:59) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: 21, e vc? 

(05:59:05) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: 20


(05:59:07) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: hehe


(05:59:31) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Venha qualquer dia por aqui com sua amiga 

(05:59:36) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: haha

(05:59:40) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: talvez


(05:59:47) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: ei, o q vc faz em BH?

(05:59:51) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Indico lugares que tem ótimas comidas...rs 

 (06:00:09) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Estudo ...Nutrição

(06:00:11) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: E vc? 

(06:00:41) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: eu sou guia de turismo, mas no momento faço letras ingles

(06:00:41) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Meu pai tem negócios na área de Fitness e penso um dia tb montar um Spa 

(06:00:57) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Oh, my God! 

(06:00:58) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: nossa q chik

(06:01:02) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk


(06:01:05) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: hahaha 

(06:01:08) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: e o q vc faz em chats?

(06:01:08) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Cool! 

(06:01:18) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: all right

(06:01:26) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: let´s talk


(06:01:39) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Procuo pessoa com uma boa conversa, gosto de conversar sobre muitos assuntos 

(06:01:43) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: trocar idéias 

(06:01:55) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: mas em chat é dificil encontrar pessoas legais

(06:02:20) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: concorda?

(06:02:32) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Com certeza... 

(06:02:51) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: As pessoas usam um alter ego em chats 

(06:02:52) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: a maioria dos chats só tem pornografia

(06:03:46) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Realmente... 🗨️

(06:03:51) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: o q vc gosta de fazer qnd nao ta na facul?

(06:04:18) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Vendem muita coisa vulgar, pornografia infantil, etc 🗨️

(06:04:23) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: é vero

(06:04:26) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: kkkkkkkkkkkk

(06:04:35) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: uma baixaria total

(06:05:05) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Gosto de ir ao cinema, como não tem praia aqui...hahaha... as vezes vou pra perto da Lagoa da pampulha 🗨️

(06:05:16) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: q legal

(06:05:20) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: eu tb adoro cinema

(06:06:07) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: seu nick é de um filme né?

(06:06:17) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Tem uma área verde ótima por lá..parque...gosto da natureza 🗨️

(06:06:30) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Sim! 🗨️

(06:06:37) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: aqui em fortal nao tem mto verde

(06:06:43) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: O Fabuloso Destino de Amelie Poulain 🗨️

(06:06:46) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: eu já vi esse filme

(06:06:50) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: mto bom

(06:07:03) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Não lembro o nome...hehe 🗨️

(06:07:09) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: tem mas tao destruindo

(06:07:16) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: cocó

(06:07:37) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Que pena 🗨️

(06:07:45) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Qualquer dia viro ecoterrorista, viu 🗨️

(06:07:51) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: pq vc colcou seu nick amelie? vc parece com ela?

(06:07:58) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Amelie 🗨️

(06:07:59) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: amelie

(06:08:02) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: kkkkkkkkkkkk

(06:08:13) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Amélia é mulher que lava, passa, cozinha...tô brincando 🗨️

(06:08:21) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: aff

(06:08:30) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: 🤪

(06:08:34) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Sim..eu me

identifiquei com ela 🗨️

(06:08:44) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Sabe, eu adorei mesmo o filme 🗨️

(06:08:50) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Vc nunca assistiu? 🗨️

(06:08:55) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: fisicamente ou psicologicamente?

(06:08:59) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: eu já vi

(06:09:00) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Ah, desculpe 🗨️

(06:09:12) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: ela faz umas coisas bem engraçadas no filme

(06:09:19) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: kkkkkkkkkkk

(06:09:24) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: li agora que você já viu...é pq meu celular tava tocando...tô fazendo mil e uma coisas ao mesmo tempo...haha 🗨️

(06:09:29) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: mas nao lembro mta coisa

(06:09:41) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: O que mais gosto é que ela gosta de ajudar as pessoas 🗨️

(06:10:19) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: e vc ajuda as pessoas ou só gostaria de ajudar?

(06:10:20) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Fisicamente não 🗨️

(06:10:21) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: kkkkkkkkkkkkk

(06:10:27) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: rrsrsrs

(06:10:39) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Tenho os olhos verdes 🗨️

(06:10:47) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: ah é?

(06:10:53) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Sou mais bonita...hahaha...mas ela tb é linda 🗨️

(06:11:08) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Eu ajudo 🗨️

(06:11:28) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: só isso?

(06:11:47) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Tipo que se alguém avisa que vai se matar...eu sou conselhos pra que faça isso de uma forma que não ocorra erro 🗨️

(06:11:56) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: brincadeira...eu gosto desse lado social 🗨️

(06:11:58) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: kkkkkkkkkkkkkkkkk

🗨️(06:12:15) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: e pq faz nutrição?

(06:12:18) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Não...Amelie tem umas idéias 🗨️

(06:12:21) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Umas neuras 🗨️

(06:12:25) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: devia fazer serviço social

(06:12:28) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: kkkkkkkkkkkkkkk

(06:12:31) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Umas viagens mto interessantes 🗨️

(06:12:46) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: o filme é frances né?

(06:12:54) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Isso sem usar psicotrópicos 🗨️

(06:12:56) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: haha 🗨️

(06:13:09) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Sim..é do diretor Jean Pierre 🗨️

(06:13:31) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Engraçado que dizem que os franceses não são bons em filmes de comédia...mas esse foi ótimo 🗨️

(06:13:45) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Superou muitos "enlatados" americanos 🗨️

(06:13:56) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Vc deveria assistir novamente 🗨️

(06:13:56) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: nao sabia disso?

(06:14:04) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: vou ver em sua homenagem

(06:14:06) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: kkkkkkkkkkk

(06:14:19) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: eu adoro filme americano

(06:14:53) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Obrigada 🗨️

(06:15:06) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Qual seu filme favorito? 🗨️

(06:15:18) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: nao tenho filme favorito

(06:15:26) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: mas tenho seriado favorito

(06:15:30) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Qual? 🗨️

(06:15:47) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: FRIENDS

(06:16:04) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Ohhhhh, myyy God! 🗨️

(06:16:11) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: vc sempre entra na net com esse nick?

(06:16:22) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Eu tb curto pra caramba FRIENDS! 🗨️

(06:16:31) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: i love friends a lot

(06:16:37) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Algumas vezes sim 🗨️

(06:16:46) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: i´m completely crazy about FRIENDS

(06:16:51) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Principalmente quando entro em salas de CINEMA! 🗨️

(06:16:55) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: ahh

(06:17:06) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: ei qual seu email?

(06:17:21) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: vou ter q sair agora, mas achei vc uma otima pessoa

(06:17:37) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach:** Meu e-mail é euepisteme@yahoo.com.br 🗨️

(06:17:40) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach:** E o seu? 🗨️

(06:17:45) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach:** Já vai? 🗨️

(06:17:47) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach:** Pq? 🗨️

(06:17:50) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain:** eupisteme?q diferente!!!

(06:18:06) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain:** o meu é rachelmacedo2@yahoo.com.br

(06:19:21) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach:** É...episteme...gosto dessa palavra 🗨️

(06:19:41) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach:** Tb achei o papo bem legal 🗨️

(06:19:55) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach:** Anotei seu mail, depois escreverei 🗨️

(06:19:58) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach:** Beijos! 🗨️

Gostaríamos primeiramente de chamar a atenção para o comentário que *Amelie* faz:

“(06:02:51) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach:** As pessoas usam um alter ego em chats”

Para ela, o *nick* de um bate-papo é um alterego, ou seja, um outro ego, um outro eu. A palavra vem do latim *alter* = outro e *ego* = eu. Já neste momento, evidencia-se a distância que *Amelie Poulain* coloca entre o eu dela e o ego que ela apresenta nos *chats*. Parafraseando Authier-Revuz, podemos dizer que é uma não-coincidência entre o sujeito e ele mesmo. Em outras palavras, *Amelie Poulain* demonstra uma divisão de egos, entre o eu privado dela e o que ela demonstra nos bate-papos.

“(06:07:51) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain:** pq vc colcou seu nick amelie? vc parece com ela?


(06:07:58) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach:** Amelie 🗨️


(06:08:13) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach:** Amélia⁴⁷ é mulher que lava, passa, cozinha...tô brincando

⁴⁷ Para horror das feministas, Ataulpho Alves e Mário Lago compuseram a famigerada música:

Ai que saudades da Amélia


*Nunca vi fazer tanta exigência
Nem fazer o que você me faz
Você não sabe o que é consciência
Nem vê que eu sou um pobre rapaz
Você só pensa em luxo e riqueza*

(06:08:34) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Sim..eu me identifiquei com ela 

(06:08:44) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Sabe, eu adorei mesmo o filme" 

Amelie Poulain reage quando escuta *Rach* chamá-la de *Amélia* e diz, incisiva: “é *Amelie*, *Amélia* é a mulher que passa, cozinha, lava.” Aí reconsidera seu dizer e comenta: “to brincando”. Mais uma vez, temos a marca de uma não-coincidência do dizer, na qual o sujeito se defende de seu próprio dito. Ela está se defendendo do que o outro poderia estar pensando dela e de um estereótipo de mulher submissa presente num discurso machista de todos (homens e mulheres) os que ainda acham que essa deve ser a condição da mulher na sociedade. O significante-significado-referente de *Amélia* denuncia esse tipo de discurso a que *Amelie* se contrapõe, pois é uma marca linguística típica dele.

Na nossa cultura, *Amélia* é a mulher que a tudo cede, é submissa, dependente, etc. É isso que faz com que *Amelie Poulain* se recuse a ser chamada de *Amélia*. Ela se identificou com a *Amelie* do filme que ajuda todo mundo, todavia se acha muito mais bonita, tem os olhos verdes e tudo, mas a mocinha do filme também é linda:

“(06:09:41) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: O que mais gosto é que ela gosta de ajudar as pessoas 

(06:10:19) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: e vc ajuda as pessoas ou só gostaria de ajudar?

(06:10:20) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Fisicamente não 

(06:10:21) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: kkkkkkkkkkkk

(06:10:27) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: rrsrsrs

(06:10:39) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Tenho os olhos


*Tudo que você vê você quer
Ai, meu Deus, que saudade da Amélia
Aquilo sim é que era mulher*

*Às vezes passava fome ao meu lado
E achava bonito não ter o que comer
E quando me via contrariado
Dizia: Meu filho, que se há de fazer*

*Amélia não tinha a menor vaidade
Amélia é que era mulher de verdade
Amélia não tinha a menor vaidade
Amélia é que era mulher de verdade.*

verdes 


(06:10:47) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: ah é?


(06:10:53) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Sou mais bonita...hahaha...mas ela tb é linda" 

Amelie Poulain afirma ainda que gosta muito de ajudar as pessoas, mas não fisicamente, e prossegue:


(06:11:08) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Eu ajudo 

(06:11:28) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: só isso?

(06:11:47) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Tipo que se alguém avisa que vai se matar...eu sou conselhos pra que faça isso de uma forma que não ocorra erro 

(06:11:56) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: brincadeira...eu gosto desse lado social 

(06:11:58) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk

 (06:12:15) **Rach** (reservadamente) fala para **Amelie Poulain**: e pq faz nutrição?

(06:12:18) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Não...Amelie tem umas idéias 

(06:12:21) **Amelie Poulain** (reservadamente) fala para **Rach**: Umas neuras 

Amelie Poulain revela seu lado sádico quando diz que: “alguem avisa que vai se matar...eu sou conselhos pra que faça isso de uma forma que não ocorra erro”. Novamente, recua e conserta dizendo que é só brincadeira, ou seja, ela está todo o tempo se defendendo do que realmente pensa, acha, sente ou deseja, porque usa o seu *alterego* para interagir nos bate-papos. Dessa forma, ela preserva a sua face positiva frente ao outro, assim como o *Seu amigo* do exemplo já citado e se resguarda de mostrar a sua verdade a sua cara.

Chama-nos, porém, a atenção o modo como ela interpreta a ajuda que a verdadeira Amelie Poulain, do filme, concede às pessoas. A ajuda concedida pela protagonista do filme não tem nada de assistencial, muito pelo contrário, ela ajuda as pessoas a realizarem os seus próprios desejos. E realizar um desejo não tem exatamente nada de “social”.

(56) Sambanga, o tipo mongolóide

Nesta conversa, vemos um traço muito claro de sedução do começo ao fim do diálogo. *Sambanga* só queria a *Kel*, como o confirma o diálogo a seguir:

(05:13:41) **Kel** *entra na sala...*
(05:14:00) **Kel** *fala para Todos: oii*
(05:14:18) **Sambanga** *(reservadamente) fala para Kel: Oi Kel seja bem vinda...*
(05:14:23) **Kel** *fala para Todos: ^^*
(05:14:25) **Sambanga** *(reservadamente) fala para Kel: posso saber sua idade*
(05:14:26) **Kel** *fala para Todos: vlw*
(05:14:46) **Kel** *(reservadamente) fala para Sambanga: 21*
(05:14:50) **Kel** *(reservadamente) fala para Sambanga: e vc?*
(05:15:06) **Sambanga** *(reservadamente) fala para Kel: tenho 30 sou velho?*
(05:15:11) **Kel** *(reservadamente) fala para Sambanga: hehe*
(05:15:15) **Kel** *(reservadamente) fala para Sambanga: não*
(05:15:19) **Kel** *(reservadamente) fala para Sambanga: pq?*
(05:15:30) **Kel** *(reservadamente) fala para Sambanga: vc é d onde?*
(05:16:08) **Sambanga** *(reservadamente) fala para Kel: sou de Uberaba minas e você?*
(05:16:22) **Kel** *(reservadamente) fala para Sambanga: fortaleza Ceará*
(05:16:40) **Sambanga** *(reservadamente) fala para Kel: Queimadinha de praia*
(05:16:48) **Kel** *(reservadamente) fala para Sambanga: hehe*
(05:16:55) **Kel** *(reservadamente) fala para Sambanga: qnd possível*
(05:17:11) **Sambanga** *(reservadamente) fala para Kel: dizem que as mulheres mais fogosas são dessa região...*
(05:17:28) **Kel** *(reservadamente) fala para Sambanga: sei disso não*
(05:17:44) **Kel** *(reservadamente) fala para Sambanga: o q é sambanga?*
(05:17:51) **Sambanga** *(reservadamente) fala para Kel: Aqui em minas nós é queimado é de beira de brecho mesmo....*
(05:17:58) **Kel** *(reservadamente) fala para Sambanga: hueheuheu*
(05:18:07) **Sambanga** *(reservadamente) fala para Kel: gostou né*
(05:18:33) **Sambanga** *(reservadamente) fala para Kel: Sambanga é homem meio louco e bastante dotado....*
(05:18:44) **Kel** *(reservadamente) fala para Sambanga: ¬¬*
(05:19:00) **Kel** *(reservadamente) fala para Sambanga: e beira d brecho?*
(05:19:03) **Sambanga** *(reservadamente) fala para Kel: desculpe você perguntou*
(05:19:33) **Sambanga** *(reservadamente) fala para Kel: corquinho,*

lagoa, entende?

(05:19:33) **Kel** (reservadamente) fala para **Sambanga**: é como gíria daí?

(05:19:40) **Kel** (reservadamente) fala para **Sambanga**: hum

(05:20:19) **Kel** (reservadamente) fala para **Sambanga**: mas tu escolheu esse nick pq?

(05:20:27) **Kel** (reservadamente) fala para **Sambanga**: acho q ninguém entende

(05:21:40) **Sambanga** (reservadamente) fala para **Kel**: quem pegue explicação eu digo...

(05:21:51) **Kel** (reservadamente) fala para **Sambanga**: huehuehu

(05:22:02) **Sambanga** (reservadamente) fala para **Kel**: nickname estranho chamam a atenção...despetam a curiosidade....

(05:22:13) **Kel** (reservadamente) fala para **Sambanga**: eh

(05:22:16) **Kel** (reservadamente) fala para **Sambanga**: realmente

(05:22:17) **Sambanga** (reservadamente) fala para **Kel**: Muitas vezs

(05:22:40) **Sambanga** (reservadamente) fala para **Kel**: uma gata tecla com você só por causa do nickname...

(05:23:06) **Sambanga** (reservadamente) fala para **Kel**: Como você minha linda de Fortaleza....

(05:23:12) **Kel** (reservadamente) fala para **Sambanga**: ^^

(05:23:16) **Kel** (reservadamente) fala para **Sambanga**: e ai...

(05:23:21) **Kel** (reservadamente) fala para **Sambanga**: o q vc faz?

(05:23:29) **Sambanga** (reservadamente) fala para **Kel**: trabalho numa empresa como comprador e sou formado em administração..

(05:23:38) **Kel** (reservadamente) fala para **Sambanga**: humm

(05:23:44) **Sambanga** (reservadamente) fala para **Kel**: Gostou?

(05:23:47) **Kel** (reservadamente) fala para **Sambanga**: mto legal

(05:24:16) **Sambanga** (reservadamente) fala para **Kel**: espera eu disser que além disso sou muito gato, anda só bem vestido e perfumado....

(05:24:24) **Kel** (reservadamente) fala para **Sambanga**: huehuehu

(05:24:38) **Sambanga** (reservadamente) fala para **Kel**: iss

(05:24:56) **Sambanga** (reservadamente) fala para **Kel**: posso entender isso como um grito de euforia....?

(05:25:24) **Sambanga** (reservadamente) fala para **Kel**: tecla de onde casa, lan...

(05:25:30) **Kel** (reservadamente) fala para **Sambanga**: casa

(05:25:48) **Sambanga** (reservadamente) fala para **Kel**: é sinal que está bem a vontade...

(05:26:06) **Sambanga** (reservadamente) fala para **Kel**: descreva-me como está...

(05:26:14) **Kel** (reservadamente) fala para **Sambanga**: achei mto interessante sua explicação do nick

(05:26:29) **Sambanga** (reservadamente) fala para **Kel**: tem alguém além de você lendo seu monitor..?

(05:26:43) **Sambanga** (reservadamente) fala para **Kel**: legal

(05:26:44) **Kel** (reservadamente) fala para **Sambanga**: não

(05:26:49) **Sambanga** (reservadamente) fala para **Kel**: bom

(05:26:52) **Kel** (reservadamente) fala para **Sambanga**: mas meus pais estão aki perto

(05:27:02) **Sambanga** (reservadamente) fala para **Kel**: descreva me você ? Podes?

(05:27:22) **Sambanga** (reservadamente) fala para **Kel**: bem perto?

(05:27:29) **Kel** (reservadamente) fala para **Sambanga**: num gosto mto d me descrever

(05:27:35) **Kel** (reservadamente) fala para **Sambanga**: eh...

(05:27:39) **Kel** (reservadamente) fala para **Sambanga**: o pc eh na sala

(05:27:51) **Sambanga** (reservadamente) fala para **Kel**: cara leva pro quarto

(05:28:06) **Kel** (reservadamente) fala para **Sambanga**: huehuehue

(05:28:22) **Kel** (reservadamente) fala para **Sambanga**: eh pq eh meu e da minha irmã

(05:28:37) **Kel** (reservadamente) fala para **Sambanga**: e nossos quartos são separados

(05:28:42) **Sambanga** (reservadamente) fala para **Kel**: ela é bonita como você?

(05:28:49) **Kel** (reservadamente) fala para **Sambanga**: humrrum

(05:28:59) **Kel** (reservadamente) fala para **Sambanga**: eh bailarina e talz

(05:29:01) **Sambanga** (reservadamente) fala para **Kel**: Cara que família...

(05:29:06) **Kel** (reservadamente) fala para **Sambanga**: hueheuhe

(05:29:17) **Kel** (reservadamente) fala para **Sambanga**: preciso te pedir uma coisa

(05:29:18) **Sambanga** (reservadamente) fala para **Kel**: talvez o que?

(05:29:24) **Sambanga** (reservadamente) fala para **Kel**: fala

(05:29:30) **Sambanga** (reservadamente) fala para **Kel**: pida...

(05:29:52) **Kel** (reservadamente) fala para **Sambanga**: será q eu poderia usar sua explicação para o nick como exemplo p/ um trabalho da facu?

(05:30:39) **Sambanga** (reservadamente) fala para **Kel**: trabalho de faculdade não sei

(05:30:47) **Kel** (reservadamente) fala para **Sambanga**: own

(05:30:51) **Sambanga** (reservadamente) fala para **Kel**: deixa explicar melhor

(05:30:58) **Kel** (reservadamente) fala para **Sambanga**: por favor...

(05:31:10) **Kel** (reservadamente) fala para **Sambanga**: num vou nem dizer teu nome...

(05:31:17) **Kel** (reservadamente) fala para **Sambanga**: na verdade nem sei qual é

(05:31:19) **Kel** (reservadamente) fala para **Sambanga**: ^^

(05:31:32) **Sambanga** (reservadamente) fala para **Kel**: sambanga realmente quer dizer tipo mongolóide, fraco da cabeça...

(05:31:53) **Kel** (reservadamente) fala para **Sambanga**: humm

(05:31:56) **Kel** (reservadamente) fala para **Sambanga**: huehuehue

(05:31:59) **Sambanga** (reservadamente) fala para **Kel**: não sei se seria de bom tom...usar

(05:32:17) **Sambanga** (reservadamente) fala para **Kel**: é usado em sentido pejorativo...

(05:32:28) **Kel** (reservadamente) fala para **Sambanga**: mas num eh bem isso q quero usar...

(05:33:22) **Sambanga** (reservadamente) fala para **Kel**: a parte do dotado é que geralmente os fracos da cabeça, Sambangas são bem dotados (geralmente).

(05:34:01) **Sambanga** (reservadamente) fala para **Kel**: Se quiser pode usar

(05:34:02) **Kel** (reservadamente) fala para **Sambanga**: mas acho que não teria problema

(05:34:11) **Sambanga** (reservadamente) fala para **Kel**: se acha que é correto...

(05:34:26) **Kel** (reservadamente) fala para **Sambanga**: pois então tá...

(05:34:30) **Kel** (reservadamente) fala para **Sambanga**: obrigada

(05:34:31) **Sambanga** (reservadamente) fala para **Kel**: só um minuto vou atender o telefone...

(05:34:38) **Kel** (reservadamente) fala para **Sambanga**: tá

Kel, sem mais delongas, pergunta o que é *Sambanga*:

(05:17:44) **Kel** (reservadamente) fala para **Sambanga**: o q é sambanga?

(05:17:51) **Sambanga** (reservadamente) fala para **Kel**: Aqui em minas nós é queimado é de beira de brecho mesmo....

(05:17:58) **Kel** (reservadamente) fala para **Sambanga**: hueheuheu

(05:18:07) **Sambanga** (reservadamente) fala para **Kel**: gostou né

(05:18:33) **Sambanga** (reservadamente) fala para **Kel**: Sambanga é homem meio louco e bastante dotado....

Sambanga vai direto ao que interessa quando comenta “que é um homem bastante dotado”. A interlocutora, do alto de sua inocência, pergunta:

(05:20:19) **Kel** (reservadamente) fala para **Sambanga**: mas tu escolheu esse nick pq?

(05:20:27) **Kel** (reservadamente) fala para **Sambanga**: acho q ninguém entende

(05:21:40) **Sambanga** (reservadamente) fala para **Kel**: quem pegue explicação eu digo...

(05:21:51) **Kel** (reservadamente) fala para **Sambanga**: huehuehu

(05:22:02) **Sambanga** (reservadamente) fala para **Kel**: nickname estranho chamam a atenção...despetam a curiosidade....

Sambanga diz que é para chamar atenção com o seu *nickname* estranho. Contudo, mais adiante, quando a Kel revela seu verdadeiro interesse, ele volta atrás e diz o significado de *Sambanga*:

“(05:29:52) **Kel** (*reservadamente*) fala para **Sambanga**: será q eu poderia usar sua explicação para o nick como exemplo p/ um trabalho da facu?”

(05:31:32) **Sambanga** (*reservadamente*) fala para **Kel**: sambanga realmente quer dizer tipo mongolóide, fraco da cabeça...

(05:31:53) **Kel** (*reservadamente*) fala para **Sambanga**: humm

(05:31:56) **Kel** (*reservadamente*) fala para **Sambanga**: huehuehue

(05:31:59) **Sambanga** (*reservadamente*) fala para **Kel**: não sei se seria de bom tom...usar

(05:32:17) **Sambanga** (*reservadamente*) fala para **Kel**: é usado em sentido pejorativo...

(05:32:28) **Kel** (*reservadamente*) fala para **Sambanga**: mas num eh bem isso q quero usar...”

É interessante notar aqui, neste diálogo, o que faz o *Sambanga* usar um apelido como esse, sabendo que o que quer dizer é que é um “mongoloide”, embora seja ainda bem-dotado, “mas não todos” são assim, ele frisa. Entendemos que *Sambanga* cai na armadilha de sua própria ficção, na medida em que protagoniza várias cenas de uma mesma personagem que faz com que ele se reinvente em cada significado produzido por ele:

Sambanga = homem meio louco e bastante dotado

Sambanga = *nicknames* estranhos chamam a atenção...despetam a curiosidade....

Sambanga = uma gata tecla com você só por causa do *nickname*...

Sambanga = *sambanga* realmente quer dizer tipo mongoloide, fraco da cabeça...

Sambanga = usado em sentido pejorativo...

Desse modo, vemos que *Sambanga* criou uma série de recategorizações que reafirmam, uma após outra, seu desejo de ser objeto do desejo do Outro⁴⁸, até que, por fim, ele se afasta de tudo o que tinha dito antes e outra voz surge: “é usado em sentido pejorativo...” ou seja, não é ele que usa em sentido pejorativo, mas os outros. Nesse instante, é como se ele tivesse sido desmascarado em sua ficção.

⁴⁸ Para Lacan (1958), é na posição de objeto, entendido como falo, que a criança se coloca como suposto completar o que falta à mãe, esta vista como Grande Outro. Ao querer constituir-se como falo materno, a criança se coloca como único objeto de desejo da mãe, assujeitando seu desejo ao dela. O que a criança busca é se fazer desejo de desejo, é poder satisfazer o desejo da mãe, quer dizer: *to be or not to be* o objeto de desejo do Outro. Essa situação se repete por toda a vida.

Lacan (1955) considera “a relação do narcisismo como a relação imaginária central para a relação inter-humana”. Para ele, a relação narcísica, como relação de identificação à imagem especular, objeto de desejo do Outro, é uma relação erótica que constitui também a base de toda tensão agressiva, onde há sempre uma marca de exclusão (p. 110).

(05:23:21) **Kel** (reservadamente) fala para **Sambanga**: o q vc faz?
(05:23:29) **Sambanga** (reservadamente) fala para **Kel**: trabalho numa empresa como comprador e sou formado em administração..
(05:23:38) **Kel** (reservadamente) fala para **Sambanga**: humm
(05:23:44) **Sambanga** (reservadamente) fala para **Kel**: Gostou?
(05:23:47) **Kel** (reservadamente) fala para **Sambanga**: mto legal
(05:24:16) **Sambanga** (reservadamente) fala para **Kel**: espera eu disser que além disso sou muito gato, anda só bem vestido e perfumado....
(05:24:24) **Kel** (reservadamente) fala para **Sambanga**: hueheuheu
(05:24:38) **Sambanga** (reservadamente) fala para **Kel**: iss
(05:24:56) **Sambanga** (reservadamente) fala para **Kel**: posso entender isso como um grito de euforia....?”

Neste diálogo, vemos *Sambanga* se colocar como objeto fálico do desejo do outro: “trabalho numa empresa como comprador e sou formado em administração..” “espera eu disser que além disso sou muito gato, anda só bem vestido e perfumado....”. *Sambanga* espera que, em seu imaginário, o outro o tome como objeto de amor: “me ame, pois eu sou tudo *isso*” mas *isso* não é o suficiente, por *isso* tenho que ser também um *Sambanga*: meio louco, mongoloide, bem dotado, enfim. Lacan (1955) afirma que, no plano imaginário, o sujeito humano é constituído de forma a que o outro “está sempre prestes a retomar seu lugar de domínio em relação a ele, que nele há um eu que sempre é em parte estranho a ele, senhor implantado nele acima do conjunto de suas tendências, de seus comportamentos, de seus instintos, de suas pulsões (p. 111).

Sambanga é, então, para *Sambanga*, o estranho próximo, o *das Unheimlich*⁴⁹, de Freud, o estranho íntimo, aquele que se desconhece, mas que é conhecido em outra cena, em outro lugar. Se *Sambunga* estivesse em um divã, provavelmente as suas associações nos levariam a uma cena em que a escolha do seu *nick* remontaria a uma recategorização de seu desejo.

⁴⁹ Freud (1919) utiliza o conto do escritor Hoffman "O Estranho" (*Das Unheimlich*), para explorar a vinculação da noção de "estranho" remetendo a algo conhecido, familiar, ainda que assustador, aos processos psíquicos que o originam.

(57) O mentiroso

Nesta interação, Kraven é extremamente misterioso, mas acaba revelando o seu segredo:

(04:31:53) **Bia** (reservadamente) fala para **Kraven**: oi
(04:31:56) **Bia** (reservadamente) fala para **Kraven**: quer tc?
(04:31:59) **Kraven** (reservadamente) fala para **Bia**: tc de onde?
(04:32:17) **Bia** (reservadamente) fala para **Kraven**: fortal e vc?
(04:32:28) **Kraven** (reservadamente) fala para **Bia**: sao paulo
(04:33:22) **Kraven** (reservadamente) fala para **Bia**: o que faz aki a essa hr?
(04:34:01) **Bia** (reservadamente) fala para **Kraven**: o que é kraven?
(04:34:02) **Kraven** (reservadamente) fala para **Bia**: eh uma longa historia outro dia conto
(04:34:11) **Bia** (reservadamente) fala para **Kraven**: valha... ta cansado?
(04:34:26) **Bia** (reservadamente) fala para **Kraven**: pois então tá...
(04:34:30) **Kraven** (reservadamente) fala para **Bia**: outro dia conto eh longa
(04:34:31) **Bia** (reservadamente) fala para **Kraven**: anota o meu MSN marizabrito@hotmail.com
(04:34:33) **Kraven** (reservadamente) fala para **Bia**: anotei
(04:34:39) **Bia** (reservadamente) fala para **Kraven**: vou esperar no meu e-mail
(04:34:45) **Kraven** (reservadamente) fala para **Bia**: pq que saber do nome?
(04:34:52) **Bia** (reservadamente) fala para **Kraven**: sou uma pesquisadora, procuro nicks interessantes
(04:35:38) **Kraven** (reservadamente) fala para **Bia**: ah
(04:36:22) **Kraven** (reservadamente) fala para **Bia**: conto tudo
(04:37:01) **Bia** (reservadamente) fala para **Kraven**: tá bom
(04:37:22) **Bia** (reservadamente) fala para **Kraven**: tchau
(04:37:41) **Kraven** (reservadamente) fala para **Bia**: ja vai?
(04:38:06) **Bia** (reservadamente) fala para **Kraven**: hunrum
(04:38:30) **Bia** (reservadamente) fala para **Kraven**: bj
(04:38:41) **Kraven** (reservadamente) fala para **Bia**: bjaum
(04:38:58) **Bia** (reservadamente) fala para **Kraven**: tchau

Neste bate-papo, o sujeito não quis revelar a origem do nome Kraven, mas, posteriormente, por e-mail, ele enviou. Conforme o combinado no bate-papo, trancrevemos agora o conteúdo do e-mail enviado:

“De: #####

Para: Mariza Angélica Paiva Brito (marizabrito@hotmail.com)

É longa espero que ajude:

Primeiro para entender o nome vamos entender a cultura _ >

Segundo a versão mais difundida, o termo "gótico" deriva de Godos, o povo germânico que habitava a Escandinávia e se vestiam todos de preto e admiravam a tristesza como uma arte porem eram uma especie de padres não como os de hj pois a cultura evoluiu (na minha opinião regrediu) . Porém, em *O Mistério das Catedrais*, Fulcanelli nos apresenta uma outra versão. A palavra "gótico" seria uma deformação fonética de Argoth (ou Art Goth), uma linguagem restrita utilizada somente por Iniciados em Ocultismo. Embora historicamente essa versão seja incoerente, é uma visão interessante de um grande alquimista,(interessante vc ler o mistério das catedrais), entendendo isso o nome Kraven é como Lucifer (para alguns Estrela da manhã para outros O mal mas chamar de demonio algo ruim esta sempre errado mas isso é outro tópico) se disserem pra vc que existe duas vergentes não acredite realmente os godos difundiram a arte gothica tb....infelizmente esse conceito virou um estilo de vida graças a nossa mídia na verdade mídia americana entre 1967 e 1970 com as musicas do The cure, The Ghost Of Lemora, Scary Bitches, Blutengel, Diva Destruction, Katscan existem várias ...rsmas em resumo o Nome Kraven é gothico sinónimo de Mefisto ou mephistofeles ...senhor da mentira o demonio mais baixo do rank dos demonios no decronomicon, caso queira ir a fundo em demonologia sugiro alguns livros :

Demonolatria libre - Nicolas Remes
Compedium Maleficarum - Francesco Maria Guazo
Biblias de Gutenberg
Ars Diavoli
Dictionnaire Infernal - Plancy- 1844
Compendi di Secreti - Leonardo Fioravanti 1571

Mas sempre tem a desculpe o palavriado a merda do "Malleus Maleficarum" livro ridiculo feito apenas para matar descendentes de Jesus na época renascentista trata-se de um exaustivo manual sobre a caça as bruxas.....

Mas sem mais delongas Kraven = "O MENTIROSO" ... e eu uso esse nick pq eu manipulo as pessoas ao meu redor, não consigo ser verdadeiro e não gosto que ninguem goste de mim e eu não sou feio o que não contribue com a minha ideia. Desculpa qualquer coisa BJAUM !”

Nesta explicação, Kraven diz que o seu *nick* significa “Lucifer, Mefisto, mephistofeles, senhor da mentira”. Uma vez que dissemos de nossa condição de pesquisadora, ele não poupou esforços para nos impressionar; para tanto, recomendou alguns livros sobre demologia e criticou o mais conhecido deles: o “Malleus Maleficarum”. É interessante notar o que ele comenta no final: “... e eu uso esse nick pq eu manipulo as pessoas ao meu redor, não consigo ser verdadeiro e não gosto que ninguem goste de mim e eu não sou feio o que não contribue com a minha ideia. Desculpa qualquer coisa BJAUM !”

Kraven se defende dele mesmo. Diz que não consegue ser verdadeiro, que manipula as pessoas e que não gosta que as pessoas gostem dele e que não é feio, o que dificulta a sua intenção.

7. Considerações finais

A partir da problematização das heterogeneidades do tipo mostrada e não-mostrada de Authier-Revuz (1982), que levam em consideração apenas a marca consciente implementada pelo enunciador, redescrevemos, acrescentando o que nos pareceu pertinente, outras marcas que transcenderam aquelas consagradas (negrito, mudança de fonte, aspas, discurso direto), como sendo formas de marcação da presença do outro no fio discursivo. Discutimos com Authier-Revuz a discretização das modalidades de heterogeneidade constitutiva, a saber, a constitutiva, em oposição à mostrada, para a inclusão de fenômenos de natureza não estritamente formal entre os fatos de linguagem tidos como não-marcados, como é o caso da presença do inconsciente no fio discursivo, ampliando, assim, o leque de marcações.

Para a autora, existe uma falha generalizada no sistema linguístico e que é constitutiva. Essa constatação nos autorizou a buscar as marcas linguísticas dessas falhas na enunciação mesma do sujeito.

Encontramos essas marcas em uma outra cena, a do inconsciente, como demonstramos na exemplificação das análises. Comungamos com Authier-Revuz (1982) o ponto de vista de que o inconsciente está presente em todo e qualquer discurso e de que o trabalho de interpretação psicanalítica pode ser feito através das marcas encontradas na materialidade da fala.

Authier-Revuz afirma que as marcas só podem ser identificadas porque o sujeito tem plena consciência de seu ato enunciativo: ele para, olha, reflete e se distancia do seu dito. No entanto, mostramos que outras marcas podem ser observadas no dizer do sujeito, uma vez que a classificação da autora, como podemos constatar, foi elaborada para uma heterogeneidade relacionada ao outro e não ao Grande Outro. Em nossa pesquisa, consideramos não apenas a heterogeneidade relacionada ao semelhante, mas também a que se processa em uma outra cena. Na análise do exemplário encontramos outras marcas que se expressaram à revelia do dito consciente do sujeito, ligada às vozes do inconsciente. Propusemos que, em vez

de se falar em heterogeneidade realizada somente pela reflexão autonímica do sujeito acerca da sua fala, a heterogeneidade também revelaria a descontinuidade do dizer que pode ser linguisticamente explicitada por outras marcas, que apontam para a cena do inconsciente, o que nos faz considerar o campo da enunciação marcado por uma heterogeneidade desconhecida pelo sujeito, mas que se faz ouvir e deixa as suas pistas como inevitáveis.

Sabemos que, para a Psicanálise, existe no discurso uma outra intenção (inconsciente) além de uma simples comunicação entre os atores. Essa segunda intenção do discurso, que, como afirma Lacan (1959), interroga as coisas em relação ao próprio sujeito, em relação a sua situação no discurso - que não é mais exclamação ou interpelação, mas uma necessidade de nomeação, uma necessidade de expressão - se operacionaliza porque vem quebrar a ordem linear do discurso através da inserção de uma não-coincidência do dizer. As não-coincidências do dizer aparecem porque existe no discurso mais de uma intenção além da de comunicar. E esse além se dá em uma outra cena.

Argumentamos, ao longo da pesquisa, em favor de uma abertura para uma outra cena enunciativa e, para tanto, recorreremos a processos de referenciação, que desempenham o papel de eficientes marcadores discursivos, sem que, para isso, precisem vir acompanhados de indicadores formais que assinalem convencionalmente essa marcação, como descreve Authier-Revuz (1982).

Discutimos ainda a criação do conceito de heterogeneidade *a posteriori*, proposto por Settineri (2002) e suas implicações na interpretação psicanalítica de um enunciado. Para o autor, o heterogêneo *a posteriori* só pode ser inferido por meio de um ato interpretativo em que se dá uma ressignificação dos elementos expressos. Acrescentamos a essa constatação que não é apenas um sentido novo que se constrói *a posteriori*, mas também um referente novo, que não se desgarrar de significantes e significados. Foi para essa construção sígnica completa, incluindo o referente, que realizamos nossa análise e constatamos que os postulados lacanianos só serão

devidamente contemplados se considerar o uso e, portanto, necessariamente, atrelar a supremacia do significante a seus significados e referentes correlatos.

Destarte, grifamos o fato de haver não apenas uma ressignificação construída pelo analista, mas uma recategorização do referente, como no exemplo comentado de *bête*⁵⁰. Neste, vemos que houve uma recategorização do referente de *bête* para o referente de *besta* naquela situação específica de uso. É para esse tipo de escansão, que gera uma ressignificação, que chamamos a atenção nesta discussão teórica, a fim de demonstrar que, neste processo, é imprescindível falar também da efetivação de um processo *recategorizador* de referentes durante a interpretação. No entanto, constatamos que não é apenas uma recategorização utilizada com o intuito de argumentar. O foco dos autores que analisam esse fenômeno é predominantemente voltado para a construção argumentativa. Diferentemente desses estudos, mostramos que a recategorização pode ser vista com outros propósitos além do de argumentar, na medida em que a seleção das expressões pode estar relacionada não só com intuídos argumentativos, mas também com escolhas que dizem respeito a uma outra cena, que pode facilmente ser identificada a partir dessas mesmas expressões linguísticas, que servem não somente à comunicação, mas também à manifestação de um desejo do inconsciente infiltrado na fala do sujeito. A isso, demos o nome de *recategorização de desejo* - aquilo que o sujeito revela inconscientemente, em uma enunciação mais além da comunicação de um discurso.

Desta forma, tentamos contribuir para os pressupostos teóricos das heterogeneidades enunciativas quando salientamos marcas linguísticas não consideradas por Authier-Revuz e quando demonstramos como se dá o embate das vozes do inconsciente.

Constatamos, outrossim, que, para a Psicanálise, a construção da referência deveria ser indissociável da pontuação dos seus significantes. Para isso, fizemos um levantamento bibliográfico do que já fora discutido na literatura sobre o conceito de signo e significante em Saussure e a exclusão do referente. Entendemos que esta

⁵⁰ Ver o exemplo na página 61.

retomada foi imprescindível para a nossa tese, uma vez que situamos nossas bases teóricas nos processos referenciais, em relação à linguística estrutural saussuriana, seu conceito de signo e a exclusão do referente. A partir daí, refletimos, com base no conceito do signo saussuriano, redimensionado por Lacan, sobre o referente presente desde sempre na linguagem em uso do sujeito. Diferentemente do signo em Saussure, que exclui o referente, admitimos que o signo para a Psicanálise só pode ser pensado sem equívocos se tiver em conta a relação com o referente no momento mesmo da interação. Nossa proposta se pautou pela caracterização da cena interpretativa, em que se dá a construção de uma outra relação entre significantes, significados e referentes, que nasce na referenciação, dentro de uma perspectiva textual-discursiva, mas que se recria na cena da interpretação psicanalítica, no momento mesmo em que o sujeito estabelece relações até então desconhecidas por ele.

Para a Linguística de Texto, contribuimos com o alargamento das possibilidades de uso das marcas referenciais no universo discursivo. Isso porque entendemos que a construção referencial pode ser utilizada muito além dos fatos argumentativos, mas ser encenada paralelamente (não isoladamente) aos de um outro universo, a que o sujeito não tem alcance.

Deste modo, deixamos abertos caminhos para novos estudos que queiram admitir um outro olhar, tanto para a Linguística de Texto como para as pesquisas em Psicanálise, a fim de se aprofundem as análises aqui iniciadas.

Referências

- APOTHÉLOZ, D; REICHLER-BÉGUELIN, M. J. Construction de la référence et strategies de designation. In: BERRENDONER & REICHLER-BÉGUELIN, M-J. (eds.) **Du syntagme nominal aux objects-de-discours**. Neuchâtsh, Université de Neuchâtsh, p.227-271, 1995. Tradução livre de Mônica Magalhães Cavalcante.
- ARRIVÈ. M. **Linguagem e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a transparência e opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- _____. Heterogeneidades enunciativas. In: **Cadernos de estudos linguísticos**. Campinas: IEL, 1990. p. 25-42. (tradução: J. W. Geraldi).
- _____. Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: des éléments pour une approche de l'autre dans le discours. In: **DRLAV**. Paris: Université de Paris VIII-Vincennes, 1982, n.26.
- BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoievski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
- BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral I**. 2ª. ed. Campinas: Pontes, 1991.
- _____. **Problemas de linguística geral II**. 2ª. ed. Campinas: Pontes, 1988.
- BLIKSTEIN, I. **Kasper Hauser ou a fabricação da realidade**. São Paulo: Cultrix, 1983.
- BOUQUET, S. **O arbitrário como razão do signo**. Tradução de Francisco Settineri. (s/d).
- BRITO, M. A. P. Reflexões sobre a conceituação da fala do esquizofrênico. Fortaleza, Dissertação/ Mestrado em Linguística/ - Universidade Federal do Ceará (UFC), 2005. 112 fls. In: CAVALCANTE, M. M. ; BRITO, M. A. P. ; MIRANDA, T. P. (orgs.). **Teses e Dissertações**, Grupo de Pesquisa Protexoto, Vol. 1. Fortaleza: Protexoto, 2005.
- CABAS, A. G. **Curso e discurso da obra de Jacques Lacan**. São Paulo, Moraes, 1982.
- CARDOSO, S. H. B. **A questão da referência: das teorias clássicas à dispersão dos discursos**. São Paulo: Autores Associados, 2003.
- CAVALCANTE, M. M. Função discursiva dos elos coesivos referenciais. In: CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. (orgs.). **Gêneros textuais e referenciação**. Fortaleza: Protexoto, 2004.
- _____. A construção do referente no discurso. In: CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. (orgs.). **Gêneros textuais e referenciação**. Fortaleza: Protexoto, 2004.
- _____. O processo de recategorização sob diferentes parâmetros. In: CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. (orgs.). **Gêneros textuais e referenciação**. Fortaleza: Protexoto, 2004.
- _____. ; JAGUARIBE, V. M. F. A (re)construção da referência em contos literários. In: CAVALCANTE, M. M. ; BRITO, M. A. P. (orgs.). **Gêneros textuais e referenciação**. Fortaleza: Protexoto, 2004.
- CHEMAMA, R. **Dicionário de psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

- CIULLA E SILVA, A. **Os processos de referenciação e suas particularidades de uso no discurso literário**. Projeto de Pesquisa/ Doutorado em Lingüística/ Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2005.
- _____. **Os processos de referência e suas funções discursivas- o universo literário dos contos** - 2008, 203 f. Tese. (Doutorado em Lingüística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- CLEMENT, C. **Le sol freudien et lês mutations de la psychanalyse. Pour une critique marxiste de la psychanalyse**. Paris: Sociales, 1973.
- CHARADEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dictionnaire d'analyse du discours**. Paris: Éditions du Seuil, 2002. Edição brasileira de 2004.
- COSTA, M. H. A. **Acessibilidade de referentes: um convite à reflexão**. 2008, 177 f. Tese. (Doutorado em Lingüística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- COSTA, N. B. **A produção do discurso lítero-musical brasileiro**. 2001, 486 f. Tese. (Doutorado em Lingüística) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- CRYSTAL, D. **El lenguaje e Internet**. Madrid: Cambridge University Press, 2002.
- CUSTÓDIO-FILHO, V. **Integração de múltiplos fatores para a construção de referentes textuais em narrativas de suspense**. Projeto de tese. 2008.
- DISCINI, N. **A comunicação nos textos**. São Paulo: Contexto, 2005.
- DOR, J. **Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.
- ESPÍNDOLA, L. **A entrevista – um olhar argumentativo**. João Pessoa: EDUFPB, 2004.
- FARACO, C.A. **Linguagem e diálogo: as idéias linguísticas do círculo de Bakhtin**. Curitiba: Criar Edições, 2003.
- FLORES, V. & TEIXEIRA, M. **Introdução à linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2005.
- FONSECA, C. M. V. Escavando o discurso e encontrando o sujeito: uma arqueologia das heterogeneidades enunciativas. In: CAVALCANTE, M. M., LEURQUIN, E. V. L. F., BRITO, M. A. P. **Teses e Dissertações**, Grupo de Pesquisa Protexoto, Vol. 3. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2007.
- FREGE, G. Sobre sentido e a referência In: **Lógica e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Cultrix, 1978.
- FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos, I e II vol. 5**. Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- _____. **Psicopatologia da vida cotidiana, vol. 6**. Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- _____. **Os chistes e sua relação com o inconsciente, vol. 8**. Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- _____. **O recalque, vol.14**. Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- _____. **O inconsciente, vol.14**. Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- _____. **Sobre o narcisismo: uma introdução, vol. 14**. Obras Completas Rio de Janeiro: Imago, 1993.

- GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**, Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- ILARI, R. O estruturalismo linguístico: alguns caminhos. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004.
- JAGUARIBE, V.M.F. **A recategorização no texto literário: as negociações discursivas em poemas**. Projeto de Pesquisa/ Doutorado em Linguística/ Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2005.
- JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, s.d.
- KOCH, I.G.V. **Introdução à Linguística Textual**. São Paulo, Martins Fontes, 2004.
- _____.; BENTES, A.C.; CAVALCANTE, M.M. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____.; MARCUSCHI, L.A. Processos de referenciação na produção discursiva. **Revista DELTA**, 14, nº especial, 1988.
- _____.; TRAVAGLIA, L.C. **Texto e coerência**. São Paulo: Cortez, 1999.
- LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.
- _____. **Seminário, livro 20. Mais ainda**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1982.
- _____. **Seminário, livro 4. A relação de objeto**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.
- _____. **Seminário, livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988.
- ____ (1962-1963). **seminário. Livro 10. A angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- LEITE, N. V. A. Linguística e Psicanálise : Uma Não-Relação, In: **Jacques Lacan : A Psicanálise e suas conexões. 1 ed.** Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- LEMAIRE, A. **Jacques Lacan, uma introdução**. Rio de Janeiro, Campus, 1988.
- LIMA, Silvana Maria Calixto de. **(Re)categorização metafórica e humor: trabalhando a construção dos sentidos**. 2003. 170 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- _____. **Entre os domínios da metáfora e da metonímia – um estudo de processos de recategorização**. 2009. 212 f. tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- LOPES, J. L. **Heterogeneidade enunciativa: uma proposta de reformulação**. Fortaleza. Dissertação em andamento, 2008.
- MARCUSCHI Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In. MARCUSCHI L. A.; XAVIER, A. C. (Org.) **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- MARCUSCHI, L. A. (2001). *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez.
- _____. **Atos de referenciação na interação face a face**. In: Congresso internacional da Abralin. Fortaleza: UFC, 2001. Disponível em: sw.npd.ufc.br/abralin/anais_con2int_mr10.pdf. Acesso em 20. nov.. 2002.
- MATOS, J.G. **As funções discursivas das recategorizações**. Fortaleza. Dissertação/ Mestrado em Linguística/ - Universidade Federal do Ceará (UFC), 2005. 145 fls.
- MATTOS, C. L. G. de. *A abordagem etnográfica na investigação científica*. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

- MONDADA, L. Le rôle constitutif de l'organisation discursive et interactionnelle dans la construction du savoir scientifique. **Romanisches Seminar**. Basel Universität, 2004. Disponível em: <http://www.mcxapc.org/docs/ateliers/ea3mcx.htm>
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. *Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referência*. In: CAVALACNTE, M. M.
- NÓBREGA, M. Lacan e a linguística saussuriana: um tiro que errou o alvo, mas acertou na mosca? In: FLORES, V. & TEIXEIRA, M. **Na fonteira do sentido**. Porto Alegre: Edpurcs, 2002.
- PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. São Paulo: Pontes, 1990.
- PIÈGAY-GROS, N. **Introduction à l'intertextualité**. Paris: Dunod, 1996.
- RODRIGUES, F. D. P. **O arbitrário do signo, o sentido e a referência**. São Paulo, 2002.
- SAFOUAN, M. **Estruturalismo e Psicanálise**. São Paulo: Cultrix, 1978.
- _____. **O inconsciente e seu escriba**. Campinas: Papirus, 1987.
- SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo, Cultrix, s/d.
- SETTINERI, F. F. **Quando falar é tratar: o funcionamento da linguagem nas intervenções do psicanalista**. (Tese). Programa de Pós-Graduação em Letras: Porto Alegre, 2001, 136 fls.
- TAVARES, D. F. **Processos de recategorização – uma proposta classificatória**. Fortaleza,. Dissertação/ Mestrado em Linguística/ - Universidade Federal do Ceará (UFC), 2003. 139 fls.
- THÁ, F. **Uma semântica para o ato falho**. São Paulo: Annablume, 2001.
- WITGENSTEIN, L. (1996). **Investigações filosóficas**. 2. ed. (Tradução de Marcos G. Montagnoli. Petrópolis, Vozes.
- ŽIŽEK, Slavoj . **Eles Não Sabem o que Fazem: o Sublime Objeto da Ideologia**. Rio de Janeiro, Zahar, 1992.